

ASCENSÕES HUMANAS

Autor: Pietro Ubaldi

**Tradutores: Erlindo Salzano,
Adauto Fernandes Andrade,
Medeiros Corrêa Júnior**

ÍNDICE

- I — O Princípio de Unidade**
- II — A Era da Unidade**
- III — Capitalismo e Comunismo**
- IV — A Unidade Política**
- V — A Unidade Religiosa**
- VI — Os Caminhos da Salvação**
- VII — Fazer a Vontade de Deus**
- VIII — Como Orar**
- IX — A Comunhão Espiritual**
- X — Paixão**
- XI — Ressurreição**
- XII — Cristo Avança**
- XIII — Uma Estátua se Move**
- XIV — Sinais dos Tempos**
- XV — O Atual Momento Histórico**

- XVI — Uma Parábola**
- XVII — A Desorientação de Hoje**
- XVIII — O Erro de Satanás e as Causas da Dor**
- XIX — O Erro Moral**
- XX — Medicina e Filosofia**
- XXI — A Ciência da Orientação**
- XXII — O Conceito de Poder em Biologia Social**
- XXIII — Crise de Civilização**
- XXIV — Como Funciona o Imponderável**
- XXV — Amor e Procriação**
- XXVI — Sexualidade e Misticismo**
- XXVII — Porque Amor é Alegria**
- XXVIII — O Problema da Castidade**
- Conclusão**

I

O PRINCÍPIO DE UNIDADE

Depois de haver, no volume precedente, examinado os problemas psicológico, filosófico e científico, encaminhamo-nos agora para novas regiões do pensamento.

Nos capítulos do volume precedente¹, desenvolvemos vários conceitos contidos em *A Grande*

¹ Problemas do Futuro. (N. do T.)

Síntese Foram assim confirmadas varias afirmativas científicas, que se podem encontrar especialmente nos capítulos XII, XIII e XLVI, bem como, no cap. XCVI, da obra citada. Vimos, desta forma, os últimos resultados da ciência objetiva confirmar os apontados pela intuição. Aqui procuramos fortalecer a previsão intuitiva com especulações em todos os campos, ainda os mais diversos. E de cada um destes obtivemos a confirmação desejada, para tornar valida a visão sintética fundamental. Dado que qual quer ramo do conhecimento humano não é senão urna visão parcial do universo, dado que o objeto observado, ainda que muitos sejam os pontos de vista diversos é único, inevitável se torna que estas visões parciais e particulares, se não forem torcidas por preconceitos e absolutismos, devem finalmente convergir e fundir-se numa única visão harmônica. É certo que o pensamento sintético de hoje deve possuir, senão nos detalhes, pelo menos em seus últimos resultados, todo o conhecimento moderno se; antigamente, o filósofo, desdenhando o contato com os fenômenos, reputados coisa impura, podia especular apenas no campo das puras abstrações da lógica hoje ele deve levar em linha de conta toda a riquíssima contribuição dos inúmeros ramos particulares em que se divide a ciência, contribuição esta que estes ramos oferecem, cada qual no seu campo de indagação como resultante da indagação objetiva. Estes ramos do saber humano, estas disciplinas em verdade nos aparecem circunscritas no âmbito restrito do particular, fragmentarias e mesmo divergentes por conseguinte, mas o objeto é único, é o mesmo universo unitário, em que todos os caminhos conduzem ao mesmo centro. Esta é a razão pela qual poderá haver discrepância, por exemplo, entre revelação, religião, filosofia, ciência etc., enquanto estes ramos do conhecimento forem ainda involuídos e se apresentarem no estado elementar atual. Mas é evidente que, progredindo eles, não acabarão dizendo senão a mesma coisa, visto que idêntico para todos é o livro em que eles se abeberam. Efetivamente estamos vendo na quadra presente, a ciência evoluindo além do materialismo, abrir caminho para a verdade do espírito, já proclamada pelas religiões e filosofias.

É justamente este sentido de unidade que domina a presente obra. Daqui resulta a grande dificuldade de isolar no todo um fenômeno qualquer, seja qual for a sua natureza, isolá-lo mesmo que seja dos fenômenos de uma ordem que pareça muito afastada Quem concebe o universo com mentalidade sintética e não analítica, encarando-o como um todo orgânico e não como um oceano de fenômenos separados, não pode deixar de sentir, qualquer que seja o ponto do mundo fenomênico que ele observe, que a multidão dos casos afins ao caso tomado por objeto de estudo, se acumula em derredor, para fazer ouvir também a sua voz. Um fenômeno isolado é uma abstração nossa por necessidade de estudo, que não corresponde a realidade. Assim como não é possível observar nenhum fenômeno completamente isolado, sem que nele repercutam e influam tantos outros fenômenos, compreendido o próprio fenômeno que o observador representa, também não é possível encarar um problema particular sem sentir a sua conexão com muitos outros problemas, e resolver um sem resolver todos os demais, até ao máximo que é o universo. Segue-se daí que não é possível tratar nenhum argumento isoladamente, porque cada um reclama a consideração de todos os outros com os quais tem pontos de contato, impondo-se assim a necessidade de localizá-lo com relação a todos os problemas do universo. Quando se passa para um novo problema, torna-se indispensável relacioná-lo a todos os precedentemente desenvolvidos, porque se sente a cada passo uma rede de contatos recíprocos que, em um universo uno, faz com que de qualquer ponto deste todos os demais pontos sejam notados. Esta impossibilidade de isolar um caso qualquer, é que faz com que este caso se nos apresente sempre circundado por um cinturão de outros casos que necessitam ser tomados em consideração. Por esse motivo é que nesta nossa exposição, com frequência veremos reaparecer os mesmos conceitos, o que poderá induzir o leitor desavisado a concluir ter havido repetições desnecessárias. Ao invés disto, trata-se do retorno ao mesmo caso observado diferentemente, ora de frente, ora de lado, ora de cima, ora de baixo, ora em função desse ou daquele fenômeno, ora em um ponto ou posição do organismo universal, ora em uma outra, pois que importa muito estabelecer as conexões e realçar as relações com os outros casos e com o todo.

As maiores descobertas podem nascer apenas por se terem encontrado relações novas entre fatos velhos. O universo é uno e não é possível, a cada instante, deixar de ser encarado como um todo. É difícil, pois, concatenar numa elaboração lógica e sistemática aquilo que se apresenta como um bloco único e compacto de coexistência de todos os fenômenos, a qual se rebela contra a exemplificação parcial e sucessiva. Esta volta freqüente aos conceitos básicos que, como dissemos, pode parecer repetição, é devida a nossa orientação convergente centrípeta e não divergente e centrífuga, é devida a nossa contínua preocupação de unidade, de modo a permanecermos coligados ao único centro de todas as coisas, encarando estas apenas em função do qual dependem. Em vez da concatenação lógica, o pensamento de quem observa o universo procede, no nosso caso, segundo a trajetória típica dos movimentos fenomênicos (cfr. *A Grande Síntese*, cap. XXIV, fig. 4), isto é, retornos cíclicos que progressivamente elevam a posições sempre mais altas o ponto de partida, seguindo as oscilações de uma onda. O pensamento também obedece a esta lei universal dos fenômenos. Todo conceito, realmente, é atravessado muitas vezes e cada vez se aprofunda mais, de modo a surgir ampliado e coligado a outros conceitos novos e mais afastados. Da primeira vez ele surge genérico, como vista panorâmica de conjunto, mas depois aparece diferenciado, com particulares que emergem e se distinguem com individualidade autônoma. O seu desenvolvimento detalhado não se pode verificar senão a seguir, pois que de outra forma teria prejudicado o aspecto conjunto da primeira visão. Por esse motivo também o desenvolvimento de tantos temas, apenas acenados em *A Grande Síntese*, não era possível nessa ocasião, sem que divagássemos em digressões que teriam fragmentado a unidade da exposição. Também não era possível porque a visão não havia adquirido os detalhes que só subsequêntemente poderiam vir a lume. Assim se compreende a necessidade de retomar cada tema em lances sucessivos para fazê-lo progredir. Desta maneira, progressivamente, dilata-se o nosso conhecimento, tanto em amplitude como em penetração, e, assim, partindo dos princípios gerais, cada vez mais nos aproximamos da atuação prática da nossa vida.

Finalmente, é ainda levado a encontrar repetições nesta exposição quem, em sua leitura, procurar apenas o conceito e pouco se preocupar em transforma-lo na própria vida como ação dela. Ora, estes escritos não foram feitos para ser somente lidos, mas sobretudo para serem aplicados, pois que não constituem uma ginástica intelectual, um treinamento literário e só começam a revelar sentido quando forem vividos, porque então, e só então, poderão ser compreendidos. Quem simplesmente os ler, sem aplica-los em si, não poderá dizer que os compreendeu. Sim; trata-se de vida, de conceitos-ação, de pensamento-força, trata-se de um verdadeiro dinamismo concentrado na palavra, à guisa de um explosivo capaz de imensa expansão em ambiente apropriado; trata-se de conceitos-germe, capazes de enorme desenvolvimento se caírem em solo fecundo. Quando pois, ao leitor parecer encontrar-se defronte a uma repetição, em vez de exclaimar: "mas isto já foi dito e eu já o li", diga: mas ainda não fiz isto e esta repetição deve me induzir a pô-lo em prática". Quem ler este livro como o fez com todos os outros, por curiosidade ou por cultura, sem realmente pensar em revivê-lo, perde o tempo. A leitura aqui consiste em assimilar e em aplicar. Ela se completa na maceração, aperfeiçoa-se na maturação e conclui-se na catarse e na sublimação.

Justamente pelo principio de unidade que domina em todo o universo, por aquele monismo em que nos aprofundamos nos capítulos precedentes², e que encontra confirmação na ciência, é que constatamos que os princípios universais e as grandes coisas estão coligadas com as pequenas do nosso mundo, de modo que a nossa limitada e efêmera vida do relativo adquire significados imensos e eternos. Assim é que a vida mais simples pode dilatar-se, agigantando-se no infinito. Se esta descoberta de novas reações entre

² O Autor refere-se ao livro *Problemas do Futuro*. (N. do T.)

as coisas velhas pode parecer uma repetição delas, porque não se consegue com isso nenhuma descoberta nova particular, no entanto empresta-se a cada uma delas um sentido e sabor novo. Assim, quanto melhor não se poderá compreender cada uma delas, por exemplo o fenômeno social, quando é visto do mesmo ponto de vista biológico, que repete no nível vida o que sucede nos agregados celulares, moleculares e atômicos da matéria! Este método universal dos agregados, ou unidades-sínteses que observamos por toda a parte, em todos os campos e em todos os níveis evolutivos, este procedimento em direção a unidades cada vez mais vastas, assim como a estrutura coletiva de toda a unidade, nos mostram a verdade dos princípios acima afirmados, ou seja, de um lado uma pulverização do todo em elementos cada vez menores indefinidamente e, do outro, a reconstituição da unidade no reagrupamento destes elementos em conglomerados continuamente maiores. Esta constatação da estrutura coletiva de toda a individualização, que é sempre uma síntese, é justamente uma demonstração ativa do processo supra citado da reunificação universal.

Calcula-se, afirma Lieck, que um homem adulto seja constituído, em cifras redondas, de 3 bilhões de células e que possua 22 bilhões mais ou menos, de glóbulos vermelhos. Pense-se agora, de quantas moléculas será constituída uma célula, de quantos átomos cada molécula, de quantos elétrons cada átomo e de quais e quantas ondas interferentes será constituído um elétron e então concluir-se-á da complexa estrutura coletiva e progressiva sobre a qual se eleva o edifício do ser humano. E, no entanto, embora nele exista uma série de mundos, a multidão de elementos que o compõem coordena-se tão harmonicamente que esta unidade-síntese, que é o homem, sente-se perfeitamente uno no seu eu. Mas o homem, por sua vez, não é senão um elemento da sociedade humana, e esta, a seu turno, de humanidade mais vasta, ao infinito. Atendo-nos a esta observação dos fatos, de um ponto de vista científico, poderemos imaginar Deus como a máxima unidade-síntese, em que se reúnem estes agregados que, gradativamente, progredindo de unidade-síntese em unidade-síntese, chegam até Ele. Se este é o esquema do universo, que da matéria ascende até o homem, o mesmo deve ceder também do homem para cima, pois que já vimos que o sistema é único em todos os níveis. Ele exprime exatamente o princípio da cisão e reunificação da cisão, confirmando com isto o outro princípio do equilíbrio universal. Deve-se compreender, ademais, que cada unidade-síntese não é apenas a soma dos elementos componentes, mas é a resultante da sua organização, isto é, alguma coisa qualitativamente em tudo diferente. E assim se prossegue até a unidade máxima, Deus, que ao certo não é a soma de todos os elementos do universo, mas algo completamente diferente, e muito mais, não só por ser unidade-síntese, mas também porque, neste ponto, o ciclo dos efeitos se esgota, confundindo-se com a causa, que assim permanece eterna e absoluta, transcendendo além de todas as suas manifestações imanentes, além de sua natureza exaurível, que opera no limitado.

A ciência e a lógica, que nos permitiram chegar a estes princípios, nos guiarão em suas importantes aplicações. O progresso é, pois sinônimo de unificação, ou seja, a evolução não se cumpre apenas individualmente, porque mal ela se tenha manifestado neste sentido, manifesta-se reorganizando rapidamente os elementos em unidades coletivas. Hoje, a identidade de interesses começa a irmanar, em grupos variados, os homens de todo o mundo, num sentido coletivo antes ignorado, pelo menos nas proporções e na extensão que se verificam agora. E o indivíduo pode encontrar, no respectivo grupo, qualquer que seja este, proteção e valorização. A unificação, sem dúvida, corresponde sempre a um interesse por enquanto mais alto e a evolução consiste em chegar a compreendê-lo. Assim, mal uma série de indivíduos progride, descobre a maior vantagem de viver organicamente que em luta recíproca.

Atualmente compreende-se isto para vastas classes sociais; ontem se compreendia apenas para grupos menores; amanhã se compreenderá para toda a humanidade. A organização será tão ampla quanto a compreensão. Quanto mais se caminha para o separatismo, tanto mais se desce. A unificação é o

caminho da ascensão. A nossa vida social é uma aplicação destes princípios. Quando um organismo qualquer, físico, biológico ou social se desfaz, é uma unidade-síntese que se fragmenta, verificando-se um retrocesso involutivo e ao contrario. No primeiro caso não permanecem senão as menores unidades ou elementos componentes que, isoladamente, retomam a vida num plano inferior, sem mais conhecer-se um ao outro freqüentemente inimigo. A rede das relações que formam o organismo superior se despedaça. Assim se dá na morte de um homem, como na de uma nação. A própria cisão do tipo humano, em dois sexos, é uma forma involuída, em que cada unidade procura completar-se na outra metade, sem a qual permanece incompleta. Um dia o macho atual, que compreende apenas a força, o trabalho, o dinheiro, a organização e a inteligência, devera completar este seu conhecimento com o da bondade, do sacrifício, da beleza e do sentimento, qualidades estas, sobretudo da mulher, atualmente. E ao contrario. E quando o tipo biológico houver reunido em si todas estas qualidades, então terá avançado. Entretanto, quando o homem e a mulher conseguem coordenar as suas qualidades em colaboração, na família, constituem-se já em organismo mais evoluído, uma primeira nova célula ou uma unidade-síntese coletiva. Mas, quando uma destas unidades se desfaz, ao mais evoluído estado orgânico segue-se um involuído estado caótico. Quando uma sociedade se desagrega, são em verdade os atritos que triunfam, em vez da colaboração e, na queda involutiva, são os mais primitivos que ganham projeção, valorizam-se e emergem, porque o funcionamento da vida coletiva desceu ao seu plano. No grau superior eles não têm oportunidades de ação. Estas desagregações se verificam mal a classe dirigente se esgota e entra em crise, como sucede depois das guerras e nas revoluções. Então, à ordem de um funcionamento orgânico sucede a desordem e a revolta que se justificarão chamando-se liberdade, até que se reconstitua uma nova ordem com uma nova disciplina que se justificara, com o nome de dever. A vida social jamais pode parar. Quando a classe dirigente, detentora da autoridade, se fatiga, perde-a e uma classe inferior a conquista, a classe mais involuída dos primitivos. São as classes inferiores que sempre fazem pressão de baixo, intentando subir. São elas que o poder, nos períodos de calma, mantendo a disciplina, coagem dentro da própria ordem, são elas que, aspirando sempre ao domínio, ao primeiro sinal de fraqueza saltam à garganta do velho patrão para estrangula-lo e substituir-se a ele no comando Mas também isto redunde em fadiga e também as classes inferiores se cansam em exercitá-lo. Por isso mesmo a nova ordem por elas construída será subsequente agredida por outros estratos sociais em uma luta, de que sairá vencedor o mais idôneo, aquele que melhor representar os interesses da vida.

Então, quando a unidade-síntese superior for reconstituída em condições melhores que a precedente (assim caminha a história) e firmar-se como poder, então os involuídos, representantes de um nível de vida inferior ao da maioria, devem subordinar-se à unidade superior e viver uma vida secundaria, apenas em função dela. Desta forma eles são enquadrados na ordem restabelecida e, dado que a vida agora funciona num plano mais elevado que o seu, não aparecem mais como heróis de uma revolução, mas como delinqüentes comuns, inimigos da ordem. Mesmo o micróbio-patogênico no organismo humano é uma forma de vida, que é mantida à parte, enquanto predomina a do organismo são. Mas apenas esta se desfaz, eis que o micróbio invade tudo, encarregado da liquidação da sociedade celular, que é o corpo humano. Eis o significado biológico e cósmico das lutas políticas e classistas hodiernas, vistas em relação aos dois princípios de cisão e reagrupamento dos elementos do universo. Em tudo isto há equilíbrio. As classes inferiores, como os micróbios patogênicos, são pela vida solicitados à ação somente enquanto for necessária e útil a sua presença e não mais. Trata-se de intervenções patológicas, de crises de transição (revoluções), de execução de uma tarefa de destruição necessária à reconstrução, da qual eles são condição. Mas a obra dos demolidores se extingue com eles logo que os interesses da vida reclamam a obra dos reconstrutores. É assim que as revoluções se exaurem, cumprida a sua função, e os seus autores são tragados pela sua própria revolta e na qual esta toda a sua missão. Assim se formam sempre equilíbrios novos. Mas nestes equilíbrios impera sempre a lei biológica pela qual quem for

biologicamente involuído deve permanecer automaticamente, pela própria qualidade, submetido ao evoluído.

Como nunca hoje no mundo se defrontam em luta os dois princípios opostos: o da cisão e o da reunificação. O nosso século é de transição, em que estão abalados os equilíbrios precedentemente estabelecidos e se esta na expectativa da formação de equilíbrios novos. É bem verdade que este estado de coisas é o mais criador, mas também é o mais perigoso. É o mais criador porque tudo desmorona, o velho mundo é removido e o terreno se torna desimpedido, desaparecendo as barreiras e dismantelando-se as defesas das posições conquistadas. Tudo é móvel e campo aberto a todas as inovações. Tudo é possível hoje. Mais do que a bomba atômica, temos sob os pés o fermento das idéias, que é muito mais explosivo. Tudo é destruição atualmente. Rolam por terra as velhas divisões nacionalistas, econômicas, religiosas, ideológicas. É a grande hora de joeirar e reconstituir todos os valores humanos. Na hora destrutiva são chamados em cena os demolidores de todo o campo, materiais e espirituais. É a orgia da destruição preparada pelo materialismo e este é a idéia que na quadra atual atinge a plenitude de sua realização. Mas justamente por se encontrar em plena realização, ela amadureceu e caminha para a sua morte, enquanto que pela lei do equilíbrio, desponta por baixo dela, ainda como um fraco dealbar de aurora, a idéia do espírito. As trevas e a luz se digladiam em plena batalha. E na verdade, se de um lado tudo desmorona, jamais como agora se observaram tão aguçadas as tendências as grandes unidades, Involução e evolução se contrastam. A capacidade destruidora, o materialismo, o ódio, o egoísmo, a avidez desacompanhada e individualista até a dos opostos imperialismos, representam a corrente involutiva. O imenso progresso científico que nos conduz até o espírito, o domínio sobre as forças da natureza, os grandes meios de comunicação, a formação de grandes unidades sociais, políticas, econômicas e religiosas, uma tremenda necessidade de orientação e de fé, nascida da dor, representam a corrente evolutiva.

As características da nova era serão a unificação e a universalidade. Isto por si só justifica, em face das finalidades da vida, a necessidade da ação destruidora atual. A nova era será, não de imposição mas de compreensão. O sistema da coação e da força, no último meio século, destruindo a Europa, isto é, o centro do mundo civil, nos forneceu a mais dolorosa e desastrosa experiência que um homem pode conhecer. Quem ainda acreditar em tal método e o seguir, devera fazer a mesma experiência e chegar ao mesmo fim, pois que isto esta implícito no sistema. Mas existe um outro sistema incompreendido e negligenciado e que é o único que poderá sobreviver: é o da compreensão e o da convicção. Os absolutismos as verdades exclusivistas e intransigentes, tendentes a dominar e coagir o indivíduo e a consciência, em qualquer campo, são métodos superados.

Da concepção matemática da relatividade de Einstein, o que todos compreenderam foi a idéia da relatividade humana. Avizinhandos-nos hoje, por evolução um passo mais do absoluto, sentimos em compensação a nossa relatividade, a princípio pouco notada, e percebemos melhor, em contraste, a natureza transitória e envolvente do nosso contingente. Sentimo-nos na pura função de ponto de referência. Desta forma, os absolutismos exclusivistas que antes possuíam o sabor de absoluto, agora não passam de obstáculos. A divulgação moderna do conceito de relatividade desferiu-lhes um golpe mortal. Por isso os nacionalismos estão em via da extinção e sobrevivem apenas quais imperialismos. E estes reduziram-se a dois apenas uma luta por decidir da supremacia final de um mundo só. Transforma-se o conceito de pátria. O que antes se apresentava como santo patriotismo, hoje só parece belo para efeito interno e além fronteiras desperta, nos outros povos, suspeitas contra a nação que o professa, porque uma tal forma de amor tende a resolver-se em ódio e em guerra contra outros países.

Ao lado deste amor surge concomitantemente a idéia do estrangeiro, inimigo que deve ser

combatido. Modernamente, com os grandes e contínuos intercâmbios e contatos, desponta uma tendência a fusão de todos os povos em uma humanidade e o conceito de uma grande pátria que abraça todos eles. É uma dilatação de egoísmo, como já vimos para o indivíduo, que evolui até abraçar outros povos. Deste modo as grandes unidades humanas se reagrupam em torno de outros conceitos mais compreensivos, e tanto ódio, antes justificado e santificado por separações nacionalistas, encaminha-se para a extinção. E o amor de pátria, limitado a um país, hoje pode parecer um obstáculo a um novo espírito tendente as grandes unificações.

Os caminhos são dois: subir ou descer. O mundo atual esta suspenso entre ambos. Ou robustecer-se construtivamente através da unificação que irmana, ou robustecer-se no separatismo e destruição num massacre alternado Ou construir um organismo humano mais vasto, sem exemplo no passado e só em nome deste destruir o atual, ou então destruir por destruir finalizando na barbárie. O homem seria capaz de seguir o último se a vida sabia não velasse por ele, que ignora. E por isto é fatal uma grande onda de ascensões que invada e eleve o mundo, mas que provas e dores isto implicará? E será o homem que devera suporta-las. Duas são as sendas na vida dos povos como na do indivíduo: a da progressão e a do retrocesso. Por elas se desenvolve o grande caminho do universo em direção oposta, como vimos. Hoje, como ontem, as criaturas seguem uma ou outra, como vemos. Os métodos por elas usados revelam o caminho de sua escolha, a sua natureza e posição. Quem procura a matéria, acredita na riqueza e na força, nos exércitos e no domínio, é um involuído subjugado pela ilusão. Na sua grosseira insensibilidade e ignorância, deve ainda atravessar duríssimas provas para compreender a vida, deve, sofrendo as conseqüências de sua ação, dado que o seu pensamento é concreto, conquistar o senso do bem e do mal. Encontrando-se em queda ele não sabe valorizar-se senão com a posse, a qual se aferra e pela qual luta. Por isso é ambicioso e insaciável. Não é capaz de compreender outra realização de si mesmo do que a que consiste em ligar a sua vida física efêmera, as coisas efêmeras da terra. Nada enxerga além disto. Permanece ainda excluído da vida maior, em que se é eterno, colaborador de Deus, cidadão do universo. Possui do bem um conceito limitadíssimo, circunscrito ao próprio egoísmo, no qual permanece aprisionado. Assim a sua alma se encontra excluída da grande e inexaurível riqueza de Deus, sempre insaciada e, por mais que possua, mais esfaimada se torna. Quanto mais possui tanto mais lhe cresce a avidez, e porque crê apenas na ínfima vantagem individual, e só por isto vive, é levado a menoscar o resto. Um mundo feito de tais seres não pode ser senão uma alcatéia de lobos. A sua involução, que lhe faz ter fé apenas na força, dá nascimento a um espírito egoístico universal de revolta, que faz do mundo um caos. E é por isso que o involuído é vítima de si mesmo. É a reação provocada pelo próprio método, que o fere: "Quem com ferro fere com ferro será ferido". Estamos assim na via descendente, que termina na pulverização.

Mas se o involuído assim age em seu prejuízo condenando-se a uma vida inferior, porque não compreendeu o escopo da vida, o evoluído caminha em sentido oposto, que o conduz para a unificação. Este compreendeu que há muitas outras conquistas a fazer do que a dos bens materiais, compreendeu a esterilidade de tantas lutas colimando a conquista de uma posse efêmera, insuficiente para saciar o desejo infinito da alma. A razão de ser da vida é outra. A procura de uma felicidade através de satisfações materiais é vã: ela cria inimigos, desencadeia lutas, verte sangue, desperta dores e nos deixa cansados e insatisfeitos, na sensação da inutilidade de semelhante esforço. Só o involuído, inexperiente, pode aceitá-la. Então tem-se nojo da terra que traiu e volta-se a olhar para o céu e então tudo se inverte. O desenvolvimento, que é lei de vida, atua não mais tomando, mas dando; o impulso não é mais para o exterior, mas para o interior; a riqueza que se procura não é mais a efêmera da forma, mas a eterna da substância. E o ódio se transmuta então em amor, a força na compreensão, o egoísmo isolacionista na unificação, a guerra na colaboração.

Ora, enquanto o indivíduo não evoluir de modo a compreender estas coisas, a aplicação de princípios de solidariedade não poderá passar de utopia e mentira. O irmanamento humano é o resultado de uma maturação e de uma convicção, não podendo sê-lo da força. É verdade que na terra foram feitas tentativas em todos os tempos para chegar-se a grandes unidades através dos mais diversos imperialismos, mas deles nada resultou. Com a imposição domina-se, esmaga-se, escraviza-se, mas não se unifica. Se as raças se misturam, isto depende de deslocamentos demográficos e não dizem respeito aos imperialismos. É a vida que tudo utiliza a seu modo. Não são a força e o egoísmo, dois impulsos separatistas, que podem conduzir a unidade. A verdadeira unidade é outra coisa que imposição violenta e sobreposição dos povos, ou das suas classes. Ela implica elementos espirituais que a política ignora. Trata-se de compreender e de sentir a Grande Vontade diretora do universo e conduzir-se neste de acordo com ela.

Neste plano de vida dominam princípios bem diferentes. Ao invés do egoísmo, o altruísmo, ao invés da lei do mais forte, a lei do sacrifício e do amor. No evoluído o involuído é transtornado nos seus instintos e métodos. Se no segundo a vida do espírito cede em favor da vida do corpo, no primeiro é a do corpo que cede em favor da vida do espírito. Então a terra, antes campo de realização e de conquista, torna-se teatro de sacrifício e de missão, porque a realização e a conquista se transferiram inteiramente para o plano mais elevado do espírito. E a vida terrena, em vez de enriquecer, espolia, porque para o evoluído ela se tornou sinal negativo, dado que o positivo é representado por uma nova vida que apareceu, ignorada ao involuído, a vida do espírito. Quem freme por dominar e enriquecer-se, não se iluda: esta' no caminho da descida em direção que conduz a pulverização. Só quem gosta de dar e sacrificar-se pelos outros esta no caminho da ascensão, em demanda da unificação. Poderá parecer utopista, mas só ele está habilitado a transformar um mundo de ladrões e assassinos, em um mundo de civilizada colaboração fraterna. O elemento coesivo de unidades maiores só se pode encontrar em quem concebe a vida como um encargo altruístico. Só uma massa de semelhantes indivíduos pode formar um organismo social. Querer organizar um coletivismo real com o tipo biológico involuído é mera utopia.

É neste coletivismo, atingido não por imposição exterior de força, mas pela dita maturação, que se pode verdadeiramente valorizar o eu, e não pelo domínio do próximo, como ainda hoje se compreende na terra. A hipertrofia da personalidade de um indivíduo a expensas dos outros representa o triunfo do princípio separatista, exprime um estado de pulverização da unidade. Se for obtida com a tirania, será apenas uma unidade às avessas, uma construção forçada, em equilíbrio instável, sempre pronta a desagregar-se. Tais são as pseudo-unidades, só na aparência construtivas, mas substancialmente destrutivas, obras de Satã. Nelas, o eu, por mais poderoso que seja, esta sempre entrincheirado no próprio separatismo, permanece um centro isolado e jamais abre as portas do amor para unir-se, a outros seres. Os liames impostos pela força são superficiais, não substanciam e só perduram enquanto existem forças para mantê-los. Em profundidade eles não ligam coisa alguma. Não é considerando todas as coisas apenas em função de si mesmas que estes liames se podem estabelecer, mas só considerando-as em função dos outros. Como se vê, os sistemas atuais empregados na formação de grandes unidades coletivas poderão servir como tentativas, como experiência e mesmo como meio educativo pela penetração de conceitos novos. Mas para atingir a sua real atuação mister se torna outro método inteiramente diverso: o da compreensão. Para tal fim é necessário um tipo humano diferente e outro caminho não existe para conseguir-se esta compreensão senão a que conduz à formação desse tipo. O mais acirrado adversário da unificação dos homens em um plano de justiça social é exatamente o homem hodierno, aquele que para servir a fins próprios mais a preconiza, mas que na realidade menos crê nela. Os programas professados e realizados com tal psicologia manifestam-se na realidade às avessas e efetivamente ocultam, sob bela roupagem, a luta comum pela vida, pela substituição de pessoas nas mesmas posições de domínio ou de

subjugação. A isto não se pode chamar progresso, porque é falência da unidade. A verdadeira unidade não repousa no equilíbrio instável carregado de reações, como o imposto pela força, mas na adesão livre e convicta.

Quando o eu intenta construir apenas pela via do egoísmo, ele tende, mais do que construir em unidade, a desfazer-se no separatismo. Quando o eu se torna centro no lugar de Deus e se apossa de tudo então caminha-se para Satanás e não para Deus. De tal método não podem surgir senão rivalidades e antagonismos, que só oferecem uma solução possível: a destruição de um dos contendores. Mas a isto não se pode chamar vitória, porque na realidade se trata de uma ilusão, visto que em uma guerra todos são prejudicados e vencidos. Isto é natural, de vez que nos mundos inferiores reina a traição. Tais métodos são próprios destes mundos inferiores, como o é o mal e é por isso que, carregados de atritos, dado que a força é a sua base, não podem resolver-se senão em destruição e dor, por mais que apregoem construção e felicidade. Este é o destino fatal de quem se encaminha para a matéria. Estas são as leis da vida que funcionam igualmente no campo das realizações sociais, pois que seria certamente ingenuidade supô-las excluídas do funcionamento orgânico do universo, onde seriam arbitrariamente plasmadas apenas pelo capricho do homem. Se este é invadido pela pretensão de tudo dominar, nem por isso o pode diante dos fatos. As leis da vida deixam ao homem também a faculdade de crer no que entenda, mas nos fatos elas agem de acordo com as próprias diretivas. Cada um pode crer e dizer o que queira, mas no modo de agir revelará sempre aquilo que realmente é. Se acredita na força e age de acordo com ela, é um involuído que nela encontra a sua lei. Se acredita e age na solidariedade, é um evoluído que na unidade encontra a própria lei. Força e justiça são dois extremos irreconciliáveis. Uma exclui a outra. Elas representam a lei e o sistema de dois planos de vida diferentes. Quem recorrer a uma não pode apelar para a outra.

II

A ERA DA UNIDADE

Eis que, partindo de uma visão cósmica e de conceitos universais, chegamos agora a aplicação destes nas mais longínquas conseqüências no nosso mundo e no momento atual. Referimo-nos as condições da hora histórica presente, as quais ainda que sejam conseqüências de princípios universais, na sua essência são transitórias e relativas. O mundo está atualmente dividido em duas partes separadas por um abismo intransponível: o oriente comunista e o ocidente liberal. Cada uma apoia-se em seu princípio idealístico. Eles são reciprocamente exclusivistas e irreconciliáveis. Isto porque por trás dos ideais esta o os interesses, que são irreconciliáveis. Os verdadeiros ideais são verdades universais, e não particulares e sobre esta base o acordo é natural. Se há conflito e porque as duas partes são rivais no mesmo terreno humano e os homens que o compõem pertencem ao mesmo tipo biológico e ao mesmo plano de vida. Cada uma delas pretende esconder atrás dos ideais apregoados os próprios interesses. Por isso eles se acusam reciprocamente sem cessar, cada uma tendo razão enquanto esta no campo do ideal e, tendo culpa, quando na prática aplica este ideal apenas em vantagem própria. O quanto de razão cada uma possua, ainda que pareça sacrifício, constitui a sua força e a parte de culpa que cada uma tem, embora

pareça vantagem, forma a sua fraqueza. Apliquemos sempre os princípios acima expostos, ou seja: evolução para a unidade é crescimento em potência, involução para a cisão é decréscimo em potência.

Observemos. A Democracia possui uma parte de razão que lhe é dada pelo princípio de liberdade. Isto representa a sua força, pela qual ela pode acusar a parte contrária. Mas também possui uma parte de culpa representada pela injustiça econômica, pelo egoísmo capitalista e pela desigualdade na distribuição dos bens. E isto representa a sua fraqueza, pela qual ela se expõe as acusações da parte contrária. O Comunismo, de outro lado, por sua vez tem uma parte de razão dada pelo princípio da justiça econômica, da igualdade e solidariedade social. Aqui está a sua força, que lhe faculta acusações a parte contrária. Mas também exibe uma parte de culpa, dada pelas limitações a liberdade e ao individualismo, expressas pelo absolutismo e pelo capitalismo de Estado. Nisto esta a sua fraqueza, que o expõe as acusações da parte contrária.

Assim cada um dos dois sistemas encontra justificação no fim a atingir, mas também possui as suas culpas e, por conseguinte, os seus pontos fracos no modo com que procura atingir este fim, visto que em ambos os casos realmente só existem em mira vantagens próprias. Trata-se, no fundo, em todos os quadrantes da terra, do mesmo homem involuído, que age com idênticos critérios. Assim, se um dos dois tem as suas reivindicações teóricas a fazer, com o que se justifica, possui também as vítimas que o acusam: de um lado as vítimas do cárcere e dos trabalhos forçados, de outro, as silenciosas e "livres" da miséria, aquelas que geraram a revolução comunista.

O que leva um sistema contra o outro é a sua parte de culpa e isto justamente porque a vida quer destruir esta parte, valendo-se dos dois antagonistas como um meio de recíproca depuração, de modo que deles não sobreviva senão a parte em que ambos têm razão. De um encontro entre os dois resultará a destruição daquilo que cada um possui de egoísmo separatista, anti-vital para a coletividade! pela qual, efetivamente, todos trabalham. É inerente à natureza humana que culpa e razão, méritos e defeitos se apresentem conjuntamente imiscuídos, e é lei de vida que, embora o homem seja separatista, tudo seja comum entre os homens. A solução não pode estar senão em uma recíproca depuração que elimine em cada um a parte de culpa. Sobreviverá aquilo que de melhor existe nos dois. Deste modo vencedora será unicamente a vida, que conseguira o seu fim de fazer progredir a humanidade e com este objetivo utiliza ambos os antagonistas, confiando a cada um deles um princípio a ser afirmado. Neste sentido o Comunismo possui uma função vital, que é a de lançar no mundo uma idéia de justiça com métodos de tal ordem que ela possa ser lembrada bem claramente por aqueles que, embora tendo-a recebido do Evangelho há 2.000 anos, acharam mais cômodo não tê-la posto em pratica. Neste sentido o Ocidente começa hoje, queira ou não, por prevenir o inevitável que ia esta iminente pela imposição das massas em plena arremetida, a aplicar vários princípios do Comunismo, ainda que sob bandeiras diferentes. E assim caminha no mundo a idéia da justiça social.

Cristo pregou há tempos, mas visto que a palavra d'Ele continuava letra morta e as gerações não pensavam de modo nenhum em atuá-la, a vida teve necessidade de servir-se para isso de inferiores meios de coação. Há maturações biológicas que não se podem conter.

O atual movimento do mundo, que caminha em demanda da justiça, concentrou-se em um dado país que se fez dele promotor em virtude de contingentes razões históricas. Mas ele é um movimento de toda a vida humana planetária e, se não se tivesse configurado em um país, te-lo-ia feito em um outro. Não importa que seção política do globo assuma o encargo, contanto que este seja desempenhado. É natural que um agregado de interesses logo enquadre e limite qualquer movimento. Mas este se propaga além dos

confins do enquadramento, porque tudo é comunicante e universal na vida. E assim o inimigo absorve as idéias do inimigo, que ultrapassa os confins políticos; e assim estas se purificam, se adaptam e se tornam vida em toda a parte. Desta forma a idéia nascida em um ponto, sendo pela própria natureza universal, avança e alcança até onde não se sabe, intensifica-se, expande-se e os mais diversos agentes são chamados a desempenhar cada qual a sua parte de trabalho. Eis por que a idéia de uma justiça social ganha corpo atualmente, desenvolve-se e floresce, na realidade mais como um princípio geral da vida, do que como uma particular idéia política além de todas as barreiras, para alcançar as finalidades da vida e não apenas as de um só povo ou partido, cada qual devendo rejubilar-se da contribuição que deu para o avanço de uma idéia que é de todos.

Encontramo-nos em verdade, atualmente, na maturidade dos tempos e está próxima a aurora de uma nova civilização, em que o Evangelho deverá ser aplicado plenamente. Quem dirige a história são as forças da vida e não o homem. O Comunismo não foi criado por uma doutrina econômica, por um partido ou povo que o tenha proclamado e aplicado. Ele não é senão o efeito da maturidade dos tempos que conduz ao Evangelho. Tudo o mais não passa de meios materiais, e por conseguinte transitórios, que cairão, uma vez preparadas as vias para a referida realização.

Assim ficarão neutralizadas pela recíproca eliminação as duas zonas de culpa e se fundirão as duas zonas de razão, em uma nova formação, em que nenhum dos dois contendores do momento sobreviverá íntegro e exclusivo na forma que cada um pretende. Assim também se exaurirá a tarefa de ambas as partes, que é o de elaborar e ativar no contingente, uma idéia universal já expressa pelo Evangelho, que está acima do contingente e de suas lutas. Este já contém, numa fusão conjunta, quanto de razão há nos dois princípios opostos sem aquilo que de errado existe presentemente na sua aplicação. O Evangelho também encerra comunismo, mas de amor e não de força e sustenta a: liberdade individual, com a justiça do: "quod superest date pauperibus"³. Compreende-se que se deve tratar de um Evangelho vivido e não apenas teoricamente pregado. O movimento atual é de ascensão biológica e a vida trabalha com fatos e não com palavras. Não se trata, pois, de um Evangelho situado em uma religião particular, utilizado como substrato de uma hierarquia de homens. Cristo é universal e, como o ar e o sol que devem vivificar tudo, não podendo encerrar-se em divisões humanas, supera todas as barreiras. Algumas poderiam dizer: nós representamos Cristo oficialmente. Ninguém o nega, se por ventura o Evangelho for vivido. E muitos de vós vivem-no de fato, porém Cristo é realmente representado somente por quem vive a Sua lei. O resto possui escopo diverso e uma função que não é a de fazer representantes de Cristo.

Assim, o Comunismo depois de trazer a' lembrança dos homens o Evangelho, sobreviverá como Evangelho, pelo qual trabalha sem saber, e cairá como Bolchevismo, que é contingente; sobreviverá como justiça econômica e, com isto, esgotada a sua missão cairá como absolutismo de Estado e escravidão coletivista. Também a Democracia, após haver defendido a liberdade humana e salvo o individualismo nas novas e grandes unidades coletivas, sobreviverá nestes princípios do Evangelho e cairá como injustiça econômica e egoísmo capitalista. Tudo passara, exceto o Evangelho. Quem está cego pela luta vivendo no particular não pode perceber estes equilíbrios. A vida ressurgirá no Evangelho, agora não mais apenas pregado, mas vivido. O homem hoje não se contento mais apenas com palavras e quer olhar os quadros que estão atrás. Para isto foi educado por duras lutas de milênios, de modo a ver atrás de cada verdade uma mentira. Tem sido uma escola constante, a única forma de educação que todos os dirigentes, em todos os tempos e lugares, em todos os campos, concordaram, durante séculos e séculos, em conceber.

³ "Dá aos pobres o que te sobra". (N do T.)

Não sabemos se o Evangelho vivido coincidirá com a Igreja de Roma que o professa, e com a sua forma atual, ou se poderá coincidir com uma outra forma que venha a revestir, ou também com um Cristianismo mais vasto e não apenas católico, ou simplesmente com os homens de boa vontade, aos quais foi anunciado. A hora histórica do momento é apocalíptica e tudo está abalado desde os alicerces. A verdade é que as duas grandes forças ora em ação, Democracia e Bolchevismo, tornaram-se fracas pela recíproca inimizade, pois que cada um dos dois impulsos é neutralizado, quando se defronta com outro igual e contrário. É este antagonismo que pode destruir a ambos, deixando somente aquilo que eles possuem de Evangelho. É certo também que o ciclo da matéria está para esgotar-se, encaminha-se para a morte e, na ânsia de sobreviver, recorre aos meios extremos da desesperação. A matéria vive no tempo e o tempo não pode parar. Vimos que pelas leis da vida, o materialismo é um sistema fatalmente autodestruidor. Isto significa a destruição dos valores materiais, únicos aos que hoje se tributam reverências. Só os valores superiores espirituais, que são inatingíveis pela destruição, serão salvos. Salvar-se-á também unicamente quem vive neles. Os que se apegarem a tudo que for terreno, em qualquer campo serão tragados. Tais são e assim querem as leis da vida atualmente e ninguém poderá contê-las.

É interessante observar a sutil mecânica que um sábio jogo de impulsos, na luta entre o bem e o mal, conduz ao triunfo do primeiro.

No Comunismo, as forças do mal, dada a sua natureza negativa, operam naturalmente as avessas e, conseqüentemente, aplicam o Evangelho desfigurado. Elas não sabem agir senão com inversão de valores. Efetivamente não há nada mais anti-evangélico que o método com que é o Evangelho aplicado, ou seja pela força, dado que a essência do Evangelho é o amor. É lamentável que na terra não se procure atingir a justiça senão através da injustiça. E isto macula tudo. Que faz então a vida destes impulsos negativos? Se os deixa agir é sinal que de qualquer modo eles são construtivos, porque todos convergem para um centro diretor que é Deus, e não para um segundo centro anti-Deus, Satanás. O fato é que o mal em última análise é enganado, porque esta inversão depois se retifica em favor do bem. O mal é ignorante e querendo imperar pela força, excita reações, por toda a parte, de modo a levar todos a se unirem contra ele. Ele gera mártires que depois formam a potência e a grandeza moral do inimigo. Sempre foi assim, e o mal, que é cego, recai permanentemente nos mesmos erros. E assim faz o jogo do inimigo, o bem, que ele combate. Ei-lo, desta forma, a desempenhar a função social de purificação da Igreja e a de vivificar a fé. O mal é assim utilizado para divulgar o Evangelho com a idéia da justiça social e aquele pobre mal, que tanto se esfalha para conseguir os seus fins, nada mais faz do que preparar, sem compreender, os fins que o bem colima. Depois disto as forças da vida o liquidam em favor do bem que ele acredita desfrutar e que o deixa agir somente enquanto é um meio para o próprio triunfo.

Na sabedoria divina o mal está a serviço do bem. É natural que para mover o homem de hoje, indispensável se torna impelir a mola do seu egoísmo. É preciso que ele creia agir em seu imediato interesse. Por esse meio a Lei o manobra para seus próprios fins mais sábios, fazendo-o em benefício de todos porque o tipo biológico atual jamais seria levado a trabalhar por tais fins se conhecesse o real funcionamento da história. E assim, sem sabê-lo, uns e outros dos dois grandes inimigos, Capitalismo e Comunismo, trabalham concordes pelo louvável fim comum do progresso humano. Eles crêem que dirigir-se ao povo seja uma mentira útil e astuta, de que habilidosamente se valem para conseguir os próprios fins egoísticos e não compreendem que, inversamente, é este o verdadeiro escopo pelo qual, a sua revelia, a vida os põe em movimento, e será o único que conseguirão enquanto que a consecução do próprio interesse é muito problemático que se verifique. Quem participa só de um ou de outro destes dois pólos na luta comum pelo progresso, não pode ser senão o dominante tipo biológico involuído que só pode pensar em função do contingente. O evoluído está acima do embate e admira a perfeição da obra

divina, na qual a Lei mobiliza para conseguir os grandes fins evolutivos da humanidade, homens aos quais é necessária a forma de luta para que eles se ponham em ação.

Tudo que presentemente acontece no mundo é simplesmente a conseqüência natural do grau de evolução em que o homem Vive. Se ele fosse mais evoluído a sua vida seria inteiramente diversa. Mas evolverá e, evoluindo, tudo mudará.

Os grandes imperialismos atuais do mundo com poderosa tendência expansionista, que se tornou possível em tais proporções em virtude dos novos e grandes meios de comunicação, se reduzem a manter em contato, quer em paz, quer em guerra as nações e raças mais distanciadas. Entrar em contato significa o início da unificação. A humanidade está para tornar-se una. Assistimos a um esboroamento universal de barreiras. Transpõem-se todos os velhos limites. O contato, na posição de vencedor ou de vencido de senhor ou de escravo, leva sempre ao mesmo resultado: a fusão. Tudo termina sempre com a unificação. Esta é a essência das tendências políticas modernas: a formação de unidades cada vez maiores. Essa será a conclusão do nosso período histórico. Parte-se para conquistar e acaba-se com irmanar-se hodierna tendência universal em todos os campos. Assim como no fim da Idade Média as cidades transbordaram com alegria da angústia das estreitas muralhas circundantes, estendendo-se desafogadamente além de confins acanhados e de barreira, desfrutando um senso de liberdade onde antes ninguém podia circular sem esbarrar a cada passo em obstáculo inimigo, assim também hoje, no fim do II milênio, a humanidade jubilosa começa o transbordar com alegria das angústias psicológicas que a asfixiam. Cairão as barreiras que dividem partidos, filosofias, religiões, isolando e sufocando em absolutismos que paralisam a circulação da vida do espírito. São superações que redundarão em benefício de todos. Cada atrito social pesa e custa. Então a máquina coletiva poderá funcionar mais desembaraçada, sem atritos e conflitos econômicos, políticos, religiosos, filosóficos, demográficos, raciais etc. É um grande obstáculo à vida ter de, a cada passo, esbarrar com uma parede divisória. Hoje os homens vivem agrupados em castelos inimigos, prontos a combaterem-se. Se isto é útil para a sua seleção, que outro não é o objetivo, também torna a vida bem fatigante. A nossa época quer abater estes obscuros castelos medievais do espírito que, se são defesa, são também prisão. Esta é outra forma de expressão vital que acabará na unificação.

Entrementes toda força social presentemente em ação possui uma função na vida. O Comunismo tem a função que em todas as assembléias tem a oposição: a do controle que induz aos exames de consciência perante a opinião pública e a história, e determina o aperfeiçoamento das armas, elemento de luta para a seleção. De um modo particular, o Comunismo desempenha a tarefa de despertar o espírito de massa e de educação ao funcionamento coletivo. A luta enquanto não se torna cruenta, será pelas conquistas das massas e, nesse sentido, as duas partes colaborarão na educação delas, obrigando-as a pensar. Estas, feitas de carne insensível, serão obrigadas á fadiga de compreender para saber escolher um guia, qualquer que seja. Toda luta se reduz a uma escola e os tempos de luta são tempos de aprendizagem e, consequentemente, de progresso.

O Comunismo serve para forçar o Capitalismo a admitir alguns princípios de justiça, pelos quais, de outra maneira, jamais se decidiria. Dado que a criatura humana é por natureza egoísta e a mesma em ambas as partes, se a justiça não fosse imposta, jamais seria obtida. Esta é a razão biológica pela qual a vida atira o Comunismo contra o Capitalismo. Sem a violência não se teria dado a Revolução Francesa e o mundo estaria ainda na fase feudal dos privilégios da aristocracia e do clero. A violência por certo o que revela o involuído porque o evoluído jamais recorre a ela. Mas é preciso recordar que nos encontramos no plano biológico animal-humano, e não além, plano em que as coisas só se podem resolver desta maneira primitiva. Certo é também que se não tivesse ensejado motivo para o surgimento desta violência, e isto

por uma injustiça inicial que está no fundo dos atos de todos os homens deste plano, então esta violência não teria oportunidade de se formar.

Como se vê, trata-se de um jogo de forças que, contrastando-se, concorrem ao mesmo fim: o progresso. A carne é preguiçosa e a maioria dos homens é carne e não espírito. Eles se furtam ao trabalho de evoluir. Então a Lei os alcança, envolve e agita, lanando-os uns contra os outros, iludindo-os com miragens de interesses pessoais que jamais conseguirão e que desaparecerão logo que seja atingido o escopo prefixado pela Lei e que eles ignoram. Assim age a Lei. Por isto os animais possuem uma carne que, se para um é corpo, para outro é alimento. E por isso eles são levados a contender, o que é útil para que aprendam na luta a formar a inteligência, postos na contingência de empregá-la no ataque e na defesa foi assim que surgiu o **homo sapiens** e desta maneira foram conseguidas as finalidades evolutivas da Lei.

Como a química e a física, também a vida possui as suas leis e os seus fins dos quais não se pode fugir. Essa necessidade de luta é imposta pela Lei, em vista de suas finalidades seletivas e evolutivas. Tal finalidade têm as guerras, que estão antes no instinto dos povos do que no comando dos chefes. É tão forte esse instinto de guerra que, não podendo satisfazê-lo na verdadeira luta cruenta, as massas dão desafoço ele no sucedâneo das competições esportivas. Assim graças às contínuas competições necessárias ou supérfluas, sanguinolentas ou incruentas, o homem se manteve sempre vigilante ao assalto de qualquer rival, que pode surgir a qualquer instante, movido pela miragem de um benefício pessoal. E assim também se cumprem os fins de evolução.

O atual antagonismo entre os dois grandes imperialismos do mundo é problema seletivo. Eis o verdadeiro jogo mundial da história do momento. Jogo inerente ao plano do tipo biológico atual. Dado o que ele é, os problemas só são solúveis através da luta e da destruição recíproca. Nesse plano a substância da vida é de natureza econômica. Nele domina a economia limitada e egoísta do “do ut des”⁴, isto é, interesse e materialismo, armamento e destruição. Mas já dissemos que existe para cada plano de vida uma biologia e uma economia diferente. Ambos os antagonistas terrenos ignoram que existe uma biologia e uma economia mais elevada, em que nenhum dos dois penetra, porque ambos pertencem a um plano de vida inferior. O ser encontra-se encerrado em sua forma de consciência. Além desta existe o infinito, rico de poderes, de bens ilimitados, ao alcance da mão. Mas separada desse infinito está a impossibilidade de compreender, pelo menos enquanto não evolva. Explicar a este tipo biológico que os seus problemas serão rápida e automaticamente resolvidos, logo que se eleve em evolução é obra inútil. Ele não poderá compreender enquanto essa ascensão não se der, razão pela qual realmente ele hoje vive e luta, destrói e sofre. Observado de um outro plano, toda esta luta se torna unidade e o problema se transforma completamente, pois que cada problema é verdade sempre em função da inteligência que o propõe e dos limites da mesma. Mais acima, vê-se a luta entre o bem inteligente e o mal estúpido, luta em que este, pela sua estupidez, cumprida a função que lhe cabe, é vencido e eliminado como um mal, restando dele apenas os efeitos, que ele, sem saber e querer, produziu para o bem.

Então a visão se perde naquela que configurou as tentações do Cristo. Ele, após haver jejuado 40 dias, sentiu fome, e Satanás, o tentador, acercando-se, lhe disse: "Se és filho de Deus, dize a estas pedras que se transformem em pão" Mas Jesus respondeu: "Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra saída da boca de Deus". (Mateus, 4: 3-4). Eis em que se torna o problema econômico que atormenta o mundo de hoje, se visto de um plano mais elevado. O diabo então conduziu Cristo ao cimo de um monte assaz elevado e, tendo-lhe mostrado todos os reinos da terra e sua magnificência, lhe disse: "Eu

⁴ Dou para que dê. (N. do T.)

te darei tudo isto, se te prosternares e me adorares". Mas Jesus respondeu: "Arreda-te, Satanás, porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás". O diabo então o deixou e os anjos o rodearam e se puseram a seu serviço". (Idem, 4: 9-11). Com isso estão fixados os limites ao mal, que nada pode além deles. E todas as grandes lutas terrenas pelo domínio material e pelo bem-estar econômico se reduzem a agitações de um mundo inferior, além do qual a vida é completamente diferente. Então desaparecem os temas relativos da luta moderna, Comunismo e Capitalismo. Eles se reduzem ao que são todas as coisas humanas: uma transitória e ilusória forma exterior, neste caso, de um único e idêntico movimento de progresso, para o qual concordemente colaboram. Assim quer a unidade da vida. Somente que, dada a psicologia do homem atual, esta colaboração não pode encontrar outra forma que a da luta. O que realmente se dá hoje é uma formação de consciência coletiva e um despertar de massas movimento universal de maturação biológica, que na vida se coloca acima das divisões humanas. Pouca importância tem que ele hoje se vista de Comunismo ou Capitalismo. O movimento existiria mesmo sem estes nomes e teorias, vestido com outros nomes e teorias. De tal maneira ele de fato se iniciará e continuará, ainda que estas vestes desapareçam. Deste modo pode-se concluir que as novas ideologias e as concepções modernas não constituem tanto a causa dos presentes e grandes movimentos coletivos, mas que aquelas são a forma relativa e transitória que, no atual momento histórico, assume no nosso mundo o eterno movimento ascensional da vida.

III

CAPITALISMO E COMUNISMO

Depois de havermos visualizado o problema da unidade em suas linhas gerais, focalizemos, de maneira particularizada e concreta, o que sucede atualmente no campo político do mundo. Para principiar, perguntamos: corresponde as leis do universo o princípio de igualdade que se pretende impor presentemente pela força?

Na estrutura atômico-eletrônica da matéria, os diversos elementos componentes não são iguais. É o que nos desvenda a indagação submicroscópica. Em seguida, se a observação analítica substituirmos uma observação sintética macroscópica e constataremos uma homogeneidade de conjunto, é porque esta resulta das características comuns aos elementos diferentes que só assim conseguem uma identidade de conjunto. E isto se dá sem prejuízo de sua individualidade e livre manifestação, segundo a estrutura de cada um. As leis da existência nos dizem, pois, que a vida atinge a homogeneidade sem prejudicar a individualidade, atinge a igualdade que unifica, sem destruir as diferenças que distinguem. Os elementos conservam, pois, a individualidade inviolada, sem com isto impedir que todas as semelhanças equilibrem estas diferenças, reconstituindo assim a unidade segundo as qualidades coletivas que estão na base de uma individualização mais vasta do que a dos simples elementos. A igualdade se constitui, deste modo, não como uma violação imposta a individualidade, mas como uma espontânea reordenação dessas unidades. A igualdade não é, assim, uma superposição forçada da realidade, mas uma organização desta em um plano evolutivo mais elevado.

Naturalmente é inútil falar dessas leis universais a quem não compreendeu o funcionamento orgânico e unitário do universo. A igualdade que a natureza nos oferece é o resultado espontâneo, um produto das próprias individualidades, erguido sobre a linha de suas semelhanças, sem alteração da linha de suas diferenças. O mesmo que se dá com os agregados celulares se passa com os agregados sociais de que agora nos ocupamos. Nós existimos em um universo unitário, de princípio único que se repete em todos os níveis evolutivos, e o fenômeno social, para ser compreendido, deve ser tomado como um momento do fenômeno biológico.

A homogeneidade celular nos tecidos é efeito de qualidades dominantes comuns, que deixam intactas as diferenças individuais sem forçá-las ou suprimi-las porque, tanto no indivíduo como em sociedade, elas são necessárias e possuem função própria. E, se o princípio é sempre o mesmo, e a sociologia é biologia, por que se deveria aplicar nos agregados humanos um princípio diverso do que a natureza aplica a todos os seus agregados? E então, o que representa neste sistema de vida a igualdade forçada imposta pelo Comunismo?

Todavia assistimos ao fato de que um Comunismo atualmente está se desenvolvendo no campo social. E se tudo que existe tem uma razão biológica, neste caso qual será esta razão? Ela é dada pela atual fase da evolução humana que assume a forma coletiva, quando tende a formação de grandes unidades de massa, isto é, de grandes organismos biológicos coletivos. Esta é a tendência moderna de toda a vida humana sobre o planeta terreno, ativada, pois, em todo o mundo, ainda que resista formas e normas diferentes. É uma tendência que implica a ânsia em demanda da justiça social. O mundo, que atingiu através da ciência um inaudito domínio sobre as forças da natureza, tende a reordenar-se em novos equilíbrios econômicos. Este é o conteúdo que nesta sua atual fase evolutiva a vida empresta à luta pela seleção. Sendo assim, é natural que o Comunismo tenha surgido primeiramente nos países pobres, onde é maior a luta da qual ele deriva. É lá, onde mais cruciante é a fome, conseqüentemente mais sentida a inveja, que mais intensa se torna a luta para destronar os que possuem mais. Onde mais elevado é o nível econômico, não existe ódio contra quem possui, porque todos possuem.

O fenômeno só é compreensível se atentarmos para a realidade biológica que ele representa. As ideologias podem sobrepor-se às leis da vida, podem envolvê-las e intentar recalá-las, mas não podem destruí-las. Eis o que representa o Comunismo moderno. A causa ocasional que fez com que o movimento universal da vida no sentido da justiça social, se localizasse na Rússia, foi a miséria tradicional do seu povo. A necessidade de igualdade econômica e de justiça social, foi sentida antes e mais acentuadamente na terra da clássica desigualdade econômica e da injustiça social. Na superfície da terra esse povo representou o "locus minoris resistentiae"⁵ para a explosão da crise. As características da vida nesse país permaneceram as que eram de há muito: a pobreza, a dor, os desnivelamentos sociais, os ódios, a constante ameaça da Sibéria, a própria desolação que encontramos em Gorki, Tolstoi, Dostoiewsky e outros. Parece que toda nação do planeta possui uma função, e no presente caso é a dor. O povo russo sempre sofreu um duro destino, e as convulsões sociais freqüentes, em vez de atenuá-lo, agravaram-no. O fenômeno é, pois, antes de tudo, russo, caracterizado pelas condições deste povo. Ainda que a ideologia comunista seja universal, a sua forma de bolchevismo russo não é aplicável a povos tão diversos, com destinos e funções biológicas diferentes. Ainda que a idéia comunista se divulgue, não poderá ser senão assumindo alhures formas diferentes. É natural que os povos não se adaptem quando ela queira permanecer russa, para tornar russos povos que pela própria natureza não o são e que, biologicamente,

⁵ "Lugar de menor resistência" (N. do T.)

não podem sê-lo.

Se, pois, a idéia comunista não souber despojar-se da forma contingente da terra em que se originou praticamente, a sua expansão reduzir-se-á como a de todos os imperialismos, despertando, ao certo, as reações naturais e resistências por parte das outras formas humanas de vida. Se ela quiser permanecer russa, para tornar russo o mundo, o problema efetivamente oculto sob a ideologia, será o de qualquer invasão demográfica e predomínio racial, velhíssimo motivo da história. A guerra deflagrada seria apenas de raças e de interesses, e não de idéias. Possui o Comunismo atual capacidade de universalizar-se, erguendo-se acima das suas características particularmente russas? Saberá ele permanecer não russo em outros lugares, com psicologia e métodos totalmente diversos? A vida para atingir o universal, deve antes atravessar o particular. Antes da ideologia que tende à formação de unidades universais, a vida sente, muito mais vivida porque mais próxima, menor unidade biológica nacional. Esta é a realidade, e nenhum povo pode mudá-la. Se o trabalho obrigatório pode ser uma necessidade para um povo paciente e sonhador em um país imenso e triste, onde o homem se habituou a ele desde séculos, como poderá ele aplicar-se a povos de hábitos secularmente diversos que jamais viveram de tal forma sob regime algum, qualquer que fosse o gênero deste? O que decide não é somente o tipo de governo, mas sobretudo a natureza do povo sobre o qual atua. A forma de governo não é mais do que um dos tantos elementos de vida de um povo, que com freqüência são antes a causa ao que o efeito desta forma. Desta maneira se vê como o Comunismo atual é resultante de tantos fatos diversos. Primeiro: o presente momento histórico ou fase biológico-social, que avança para a formação de grandes unidades coletivas e amplos organismos biológicos de massa, o que impõe a implantação da justiça social. Segundo: a natureza particular do povo russo que fez com que este fenômeno fosse mais sentido e se verificasse naquele país mais pobre e sofredor que os outros. Isto explica um terceiro ponto: porque este Comunismo, cujo aparecimento hoje no mundo, biologicamente significa a aproximação da ação evangélica esperada há 2.000 anos, tenha nascido na Rússia às avessas, isto é, como ódio de classe ao invés de amor evangélico.

Tivemos de nos referir ao Evangelho porque no seu atual lance evolutivo a vida está prestes a dar um passo decisivo para aproximar-se da realização da Boa Nova, que há 2.000 anos foi simplesmente anunciada. A idéia comunista, mesmo se em principio o aplica invertidamente, representa do Evangelho a primeira e vasta aproximação no plano econômico e político. Disto deriva que, se o Comunismo quiser continuar a desenvolver-se segundo a linha traçada pelas leis da vida, deverá completar-se, desenvolvendo-se amanhã além da sua atual fase materialista, com um novo aspecto espiritual evangélico, de que hoje carece.

Ninguém nega a bondade e a verdade do Comunismo como justiça social. Mas para que uma idéia seja aplicável em toda parte, é necessário que seja universal e não o produto apenas de um dado povo ou regime. Ora, somente o Evangelho, que não é filho de nenhum governo e que, nascido de um povo dele se destacou, possui não só as características de universalidade, como se apresenta completo no campo espiritual, que é necessário a vida. A história nos mostra que quando o catolicismo se nacionalizou em um povo e em um governo temporal, originou a reação nórdica e antilatina do protestantismo. Assim sendo, para evitar cismas em um Comunismo universal, não restaria outro caminho que o de um imperialismo tirano e escravagista, o que também significaria chegar-se a pior injustiça social por meio da teoria da justiça social. E assim um processo tão deformado não estaria de acordo com a atual tendência evolutiva da vida, mas contra e, portanto, destinado por esta que é mais forte, a ser destruído, uma vez que o Comunismo não se universalize e não se espiritualize, isto é, se não conseguir aproximar-se em tudo, mesmo como método, do Evangelho. A acusação movida pela Democracia ao Comunismo é a de que ele não é Comunismo mas capitalismo de Estado, não é justiça, mas uma forma de injustiça social pior do

que aquela que ele aponta e pretende corrigir. De fato, o Comunismo se implantou como luta de classes, pelo que não pode concluir senão como imposição de classe, velha lei biológica do mais forte, que ele aplica como a vida sempre fez desde que o homem existe. Em escala mais ampla, luta de classe significa luta de povos e domínio de povos, imperialismo e imposição pela guerra. Onde está a justiça social? Pode-se alcançar a justiça pela força? Ou então a ideologia é pura forma e aparência, por trás da qual vigora a velha realidade biológica peculiar ao involuído que não sabe afirmar-se senão pela força? Então a novidade consiste apenas em acobertar o velho sistema da lei elaborada e imposta pelo mais forte em sua vantagem, com um manto de teórica justiça social? Então é preciso confessar que a vida, dado o que é o homem atual, não pode empregar outros sistemas para alcançar esta justiça, que, entretanto, representa a conquista a ser feita nesta nova atual fase de evolução.

Falamos da necessidade que o Comunismo de amanhã tem de universalizar-se, desnacionalizando-se para supernacionalizar-se como idéia, e não como imperialismo de guerra, da necessidade de superar a fase de imposição de força, para ceder lugar a livre persuasão, de substituir a luta de classe pela do amor Evangélico. Acenamos também sobre a necessidade, para o Comunismo de amanhã, de espiritualizar-se completando, assim, a sua inicial unilateralidade materialista. No seu aspecto atual ele é incompleto, porque a vida não é feita apenas de matéria e os seus problemas humanos não são unicamente os do mundo econômico. E ninguém o impede de poder encontrar no seu caminho, ensinamentos do gênero de **A Grande Síntese**, que estejam em condição de fornecer-lhe um sentido orgânico e uma orientação universal da vida, que as teorias de Carlos Marx são insuficientes para dar-lhe. A vida caminha atualmente, e tudo o mais com ela, para o plano supermaterial. Para ele está se dirigindo a ciência, para aí deve dirigir-se por força todo o pensamento humano.

O ateísmo se torna cada vez mais absurdo em um universo que a físico-matemática revela cada dia mais ser pensante, isto é, feito de pensamento na sua mais profunda realidade. Os míopes, que não se orientam e não se atualizam, que se fixam nas conquistas do momento e do contingente, sem conseguir vislumbrar um amanhã mais vasto, sem poder pressentir a continuação do presente no futuro, da matéria no espírito, arriscam-se a ficar em meio do caminho. Não se pode existir na vida em estagnação, mas como vir-a-ser. E ninguém pode mudar as leis da vida, que assim pensa e assim quer.

O homem pode crer nas ideologias que mais lhe aprouverem, mas aí da ideologia que tenta sobrepor-se as leis biológicas, procurando violentá-las! No conflito entre ideologia e biologia, vence sempre esta última que é a mais forte. A vida é um fenômeno muito mais vasto e complexo do que o simples fenômeno econômico. O homem não é senão em parte um fator de produção. No dia em que a atual ideologia não for mais concorde com os planos inteligentes que a vida quer realizar, será logo arredada do caminho, não pelos homens, não pelos governos ou exércitos, mas pela própria vida que é a única força que, com a sua inteligência e poder, verdadeiramente domina o planeta. Em suma, não é o Comunismo ou a Democracia que comandam a vida, mas é esta que comanda a ambos. É ela a única e verdadeira senhora do mundo e lhe impõe a própria vontade, que hoje é a de subir.

A respeito deste domínio das leis da vida prepostas como guia dos eventos históricos, é este o ponto mais oportuno para que se responda a algumas objeções propostas ao Cap. XCIX: "O Chefe", de **A Grande Síntese**. Quem, na Itália e no exterior, quis ver nele uma referencia particular a exaltação de um dado homem e de um dado regime, não compreendeu o significado universal dos conceitos aí expostos, aplicáveis a qualquer tempo, em qualquer lugar e a qualquer chefe, visto que eles exprimem universais leis biológicas. E a primeira entre elas é a da autoridade-função, o do poder-missão. Função e missão, que são o único verdadeiro sustentáculo da autoridade e do poder, de modo que se eles caírem, a vida arrebatada

estes últimos, e toda a posição, qualquer seja a força que queira protegê-la, automaticamente cai. Repetimos sempre que a sociologia não é senão um momento da biologia, e a política não é uma criação humana mas um efeito das leis da vida. Defronte a estas realidades, o regime representativo não é senão uma das formas pelas quais essas leis podem exprimir-se.

Quem apresentou, pois, tais objeções, não leu o que está escrito em *A Grande Síntese*, no fim do capítulo XCVI: "concepção biológica do poder". Aí está dito: "As forças biológicas não garantem o homem, mas a função, e o destroem apenas ele deixe de corresponder a esta. (...) Assim, sempre a história chama os seus homens. (...) Rejeita-os, sem remorsos, apenas a função cesse ou quando eles exorbitem ou se entibiem". E o referido capítulo se encerra dizendo: "Assim nasce Napoleão, simples instrumento de uma guerra, difusora de novas idéias, e foi posto a margem pelo destino, como inútil, mal se esgotara a sua função, da mesma forma como o último rei da França, do qual ele se rira".

Trata-se, pois, de leis biológicas, prontas a entrar em ação, mal se verifiquem alguns precedentes determinantes, seja no passado, no presente como no futuro, independentemente da pessoa, tempo e lugarem que elas se aplicam. A história confirmou e confirmara sempre estes princípios. Deste modo se compreende quão instáveis são todas as posições de mando baseadas na força e não na função. É natural então que se pergunte que estabilidade podem ter hoje os poderes humanos considerados genericamente como uma conquista em seu próprio benefício. Daqui as desconfianças e lutas entre governantes e governados, daqui a clássica forma de rebelião que parece hoje implícita a toda forma de autoridade, e que assume o aspecto de legítima defesa.

Por tudo isto se vê como os critérios através dos quais a vida nos dirige são diferentes daqueles pelos quais o homem desejaria mandar, e também como a distinção entre Capitalismo e Comunismo só possui valor contingente e transitório, em função de certas finalidades, conseguidas as quais, tudo se transforma. A distinção biológica é de alcance bem diverso e se opera entre involuído e evoluído, diferença evolutiva, de substância, da qual tudo deriva e da qual o problema social atualmente não se ocupa. Assim, praticamente este se reduz a um conflito de interesses em que os homens de ação, preocupando-se com objetivos imediatos e concretos, permanecem imersos na peleja, privados de qualquer visão de conjunto, a qual, se é de realização mais remota, não deixa de ser um fim a ser atingido depois.

Quem estiver envolvido na ação política, deverá assumir a atitude o encargo de agir, o que é indispensável, mas não pode dispensar o homem de pensamento, único capaz de indicar-lhe as grandes linhas de orientação. Quando se está encerrado no horizonte estreito das realizações concretas, não se pode enxergar o amanhã distante que também deve chegar, ver o pensamento da vida e a vontade de história que, na realidade, guiam o homem, ainda quando ele se julgue dirigente autônomo. Quem se limitar a visão e realização imediata, poderá certamente atingir os seus fins próximos, mas não poderá saber que realizações mais distantes alcançará. A elas chegará, embora não queira e não saiba. Acenamos acima para onde é muito provável que vão ter as tendências sociais modernas.

O homem prático age em política em um outro plano. A imparcialidade e a universalidade para ele não têm sentido. No entanto, o tem, bem acentuado, o enquadramento dos próprios interesses em um dado partido, com exclusão dos outros e contra os outros. Sua psicologia de ação se reduz, pois, a uma psicologia de luta e no exercício desta. De posições que correspondem apenas a um relativo que lhe é próprio, particular e transitório, faz um absoluto. O problema social e político se transforma então em problema particular, isolado, limitado, jamais fundido com o problema universal, do qual ele mesmo depende. Surgem, desta forma, nos primeiros planos as questões secundárias, perdendo-se de vista os

projetos de ação mais vastos; nos quais justamente opera a mais vasta inteligência da vida. E assim é que nos engolfamos em uma técnica de pura batalha..

Desta forma o Comunismo; que se justifica com a injustiça social, procura-a e amplia-a para também justificar a sua intervenção. Cessa, desta forma, esta ideologia de justiça, dado que prospera melhor na desagregação social, que ele incentiva para se servir dela. E assim uma ideologia de ordem e justiça começa a agir como desordem e injustiça. Mas decorre daí um fato estranho. As nações capitalistas, para impedir o crescimento do Comunismo, são coagidas a obstar a formação dessas condições de miséria, que são as que justificam e atraem o Comunismo. O resultado do assalto comunista, porque tal é a sua forma de ação, em face da técnica de luta que adota, torna-se o de compelir os Estados capitalistas a uma produção e distribuição de riqueza que facultam um elevado nível econômico em todos os países não comunistas, de modo que o Comunismo não encontre neles um pouco de apoio, nem razão e maneira de interferir. Eis então que, superando os limitados planos dos homens de ação, os mais vastos planos da vida, eles desenvolvem um programa inteiramente diverso, isto é, o de transformar um agente revolucionário de desordem em um gerador de bem estar, e o de forçar o Capitalismo a ser o primeiro a aplicar a justiça comunista, para não ser por esta suplantado num desígnio hoje universalmente sentido e reclamado. E assim, nas mãos sábias da vida, a desorganização transmuda-se em organização, o mal em bem, e assim também o Capitalismo conservador é obrigado a ativar o progresso. Desta maneira o assalto comunista resolve-se, a sua revelia e contra a sua vontade, nas mãos da vida, na consecução daquilo a que ela aspira e não nas dos diferentes chefes: um universal progresso de todos, mesmo das nações capitalistas, rumo a justiça social.

A vida atinge então essas suas finalidades pelo método da reação. Quando ficamos no contingente, onde ferve a luta, desencadear o assalto significa excitar uma reação equivalente em virtude da lei universal do equilíbrio. Uma benéfica reação dos Estados capitalistas consiste, pois, no império a que eles se vêem sujeitos, de desenvolver, eles mesmos, os princípios de uma justa distribuição da riqueza e da justiça social, proclamados pelo Comunismo, ainda que o façam gradativamente. Uma outra reação consiste no fato de serem obrigados a cuidar do nível econômico dos novos amigos por toda a forma de auxílio. Efetivamente, como consequência da reação, surge neles esta objeção: se o fim é melhorar o próprio estado econômico, por que, em vez de melhorar-se o problema através da distribuição, não o fazer através da produção da riqueza? O mesmo problema universal da melhoria econômica pode assumir, realmente, segundo a natureza dos diferentes países, aspectos diversos. Um país pobre, incapaz até de explorar o seu território, ainda que rico e vasto, e por isso mesmo ainda pouco adiantado, sentir-se-á mais impelido a resolver o problema pelas lutas de classes, disputando as riquezas já produzidas. Um outro país, rico de história, de temperamento e clima diferentes, jovem e dinâmico, cheio de recursos próprios e alheios, será levado a encarar o método precedente como um contra-senso e achar muito mais conveniente resolver o mesmo problema por meio de uma maior produção de riqueza para todos, relegando a um segundo plano a questão de sua distribuição mais ou menos justa, ou a do nivelamento econômico. As nações não comunistas podem proclamar que elas acham mais conveniente resolver o problema deste modo e que assim o resolvem. Isto é, sem luta de classe o regime capitalista pode ser meio de uma abundância geral julgar que supera as desigualdades distributivas, enquanto que o regime comunista, mesmo distribuindo com justiça, deixa todos na miséria. Por que então perder tempo em uma luta intestina de classe, com todas as suas consequências destrutivas e corrosivas, quando o fim se pode mais facilmente atingir mercê de uma produção mais aumentada, que é capaz de elevar o nível econômico de todos de modo a contentar a cada um? Ao invés de lutar contra o semelhante, possuído de ódio, por que não lutar apenas contra as forças da natureza para dominá-las? O problema não é o de distribuir, mas o de produzir. Só assim se pode verdadeiramente melhorar as próprias condições. Não é preferível um sistema

de bem-estar geral, que exista para todos, ainda que desigualmente distribuído, a um sistema de igualdade na miséria?

Por aí se vê quanto é difícil o transplante de ideologia feita para um país e outros climas, difícil de aplicar a outras realidades biológicas, que naturalmente reagem. O que pode ser verdadeiro junto a um povo pode parecer absurdo a um outro que possui qualidades muito diferentes. Como mandar um urso polar para o Equador? Ou morre ou se transforma. A vida, com as suas férreas exigências, impõe adaptações dentro de férreos limites de tolerância. Por este motivo, como dissemos, o Comunismo se quiser ganhar o mundo, deve desnacionalizar-se, adaptar-se e transformar-se, porque existem leis biológicas que nenhuma força pode mudar. O resultado final da realização da ideologia não sabemos a que distancia está do ponto de partida, porque para atingi-la, a ideologia originária deve defrontar-se com as leis e com a vontade da vida, que a amoldarão inexoravelmente as próprias exigências, e, se por ventura ela não se quiser dobrar, será despedaçada. Já dissemos que o pensamento da vida é bem diverso do pensamento dos homens. É aquele e não este o verdadeiro pensamento, que necessita de ser lido, para que se possa compreender os fenômenos sociais. Existem jogos universais mais profundos que o indivíduo, imerso nos seus problemas particulares, não vê e que, entretanto, atuam. É, pois, natural que no mundo imperem motivos diversos repetidos no fragor das armas, mas que, embora guerreando, colaboram todos para os mesmos fins evolutivos da vida.

Momentaneamente, pondo-nos do lado do Capitalismo, podemos indagar se a desigualdade econômica, contra a qual só hoje a psicologia coletiva se insurge em massa, foi historicamente considerada uma injustiça. Se ela existiu, se a vida lhe permitiu existir, isto significa que deve ter cumprido uma função que hoje teria desaparecido, não se sabendo qual será o seu substituto. Só hoje a vida, em um momento excepcional, decidiu o progresso das massas humanas em bloco. Antes, com a sua habitual parcimônia, ela permitiu o avanço apenas de grupos limitados, que formavam as aristocracias. Este sistema persistia, ainda que se lhe mudassem os componentes, porque estava adequado a função de criar modelos de civilização mais avançados, formas de existências mais refinadas, de modo que os menos abastados, a seguir, pudessem por sua vez, imitando-os, ascender. Estas formas mais adiantadas, quer em razão do meio, quer pelo preparo educativo, o grosso das massas não podia alcançar e assim se tornavam elas necessariamente limitadas a uma classe e reduzido número de pessoas. Estas possuíam uma função educadora e diretora, representavam uma antecipação, ou modelo. A Europa admirou, desta maneira, as loucuras luxuosas de Luís XIV que, depois constituíram o modelo para a civilização aristocrática do século XVIII e, exaurida a sua função, justificaram o assalto demolidor da revolução francesa. A mesma plebe que se sentiu honrada e se extasiava quando era admitida a contemplar a opulência daquela corte, nos banquetes reais, nos jardins etc., um século depois considerava tudo isso um escandaloso insulto.

A vida, que se expressa através das pessoas, utilizara o egoísmo da classe aristocrática enquanto esta servia para lhe criar um modelo. Mas quando esta classe, egoisticamente pretendeu monopolizá-la para seu usufruto exclusivo, a própria vida se insurgiu e, manifestando-se através de todos os que haviam sido excluídos, lançou-se contra os monopolizadores. A vida é por si mesma coletivista e não admite injustas exclusões. E então, ela grita pela boca dos deserdados: “também nós!”

O erro humano, que a vida pune e que, para não ser pago, deve ser evitado, está inteiramente no egoísmo e no monopólio. A moral está em que, segundo o verdadeiro coletivismo, que é o da vida, todos devemos ser irmãos.

Hoje, com a igualdade, obteremos certamente a justiça social, mas também o nivelamento de toda

distinção e refinamento, perdendo completamente o modelo do senhor que, se era rico, também deveria ser educado, culto e bondoso, pelo menos em teoria; Teoria hoje perdida, embora justamente, porque traída pelas classes altas, mas perdida. O povo está pronto a apropriar-se de todas as vantagens materiais e igualmente dos vícios das classes superiores, mas não se preocupa com os deveres, educação e encargos inerentes a esses níveis. Daí decorre um rebaixamento geral do nível de vida a plano inferiores. Erigirem como modelo o homem da rua, o camponês, o operário, significa um nivelamento também espiritual e está em correspondência com o atual materialismo, com a psicologia do ventre, própria do tipo menos evoluído, assim como com a tendência destruidora atualmente em ação em todos os campos mais elevados da mente e do coração. O problema é muito vasto. Hoje nos encontramos em fase universal de nivelamento que não é apenas econômico. É natural que os extratos inferiores da sociedade humana, despertando, nivelando-se e afirmando-se, carreguem consigo aos primeiros planos todas as características do involuído.

O princípio igualitário não interessa apenas ao mundo econômico, mas é fenômeno que investe sobre todas as manifestações da vida, mesmo aquelas que não lhes dizem respeito. Puseram-se em movimento para sentir a vida todas as células sociais, mesmo aquelas adormecidas em expectativa. É certamente um fermento de vida, extenso, mas rude, primordial. Desta maneira, na quadra atual cada vez mais decai a raça do indivíduo evoluído selecionado, porque uma emergente maré de vida inferior se impõe, conquista todo o espaço e submerge qualquer superelevação biológica.

Tal é o momento histórico, do qual o Comunismo não é senão um aspecto no plano econômico-político. Em seu âmbito, o nivelamento talvez satisfaça o sentimento de inveja dos menos abastados, mas é indubitável que a nossa época deverá pagar esta conquista com um rebaixamento do tipo mais elevado de civilização. Porém este tipo era de poucos e o nivelamento agora é de todos, e por isso faltar-nos-ão modelos elevados, a não ser o da mediocridade. Teremos um estado de semi-cultura, de semi-riqueza, de semi-educação e finura, mas igual para todos. É verdade que na alma do pobre que sonha, o Comunismo é bem diverso de um ideal de justiça social, ou pelo menos essa justiça deveria ser, no seu modo de ver, uma substituição de pessoas, da sua pessoa nas posições de favor dos velhos esquemas sociais. E assim ele está pronto a aceitar o Comunismo somente enquanto houver o que ganhar, e, se por ventura tiver que resignar-se a uma paridade econômica, só admitirá no caso em que ela signifique para ele uma melhora. Com o que ele verdadeiramente sonha é o desnivelamento de antes, mas em seu favor. Mas esta possibilidade de emergir, distinguindo-se da plebe, está definitivamente eliminada da atual fase histórica, mesmo para a plebe. Esta, no igualamento, terá o gosto de não ver mais diante dos olhos esta exibição de riqueza, não terá ao menos quem e que coisa invejar, não poderá mais admirar, ainda que seja invejando, as cenas de que ela mesma sempre foi tão ávida. E, no entanto, poderia ser-lhe útil explorar alguns dos aspectos da riqueza que lhe foge, percorrer as experiências das classes refinadas que conhecem também outras formas de dor, que a justiça da vida mantém distanciadas daqueles que já se encontram abundantemente gravados com a dor da pobreza.

Em face destas mais profundas realidades da vida, todos os nossos nomes de partido e de governo passam para a segunda linha e parece até inútil amofinar-se com distinções atrás das quais, sob a forma especiosa de palavras novas, esconde-se o velho homem de sempre. Então se desce ao terreno da luta, em que é baldado procurar a verdade. Esta situa-se alhures, nas leis da vida. E por esta, as diferenças individuais existem e persistem e como tais voltarão a manifestar-se. Nenhum nivelamento econômico poderá impedir ao mais inteligente e voluntarioso de aparecer, e ao mais obtuso e preguiçoso, de ter que se submeter a ele. A distância entre servos e senhores corresponde a uma realidade biológica e está sempre pronta a reconstituir-se, mesmo na sua manifestação exterior de posições sociais diferentes.

Nenhuma disciplina de estado pode alterar estas posições substanciais. Nos indivíduos como nos grupos, o mais forte se torna sempre centro em torno do qual, como planetas, gravitam os mais fracos, e seguem a lei e a ordem que ele lhes quiser impor.

O movimento da vida é o mesmo hoje como foi no passado: a ascensão das classes sociais inferiores. O nivelamento não tem outro sentido. Verificar-se-á uma retração das distâncias, sobretudo formais, mas as diferenças são insuprimíveis. A plebe ainda agora é menos evoluída do que os chefes, constituindo campo de luta favorável aos dominadores, os quais continuarão a instruir as massas sempre com novos truques, pois que é verdade que cada povo possui os dirigentes que merece e que pode compreender. Desta maneira as massas aprenderão melhor a pensar e, de desilusão em desilusão, sofrendo duramente de cada vez, irão formando, como é natural, a própria custa, a consciência coletiva. E assim a vida, permanentemente através da luta, consegue os seus objetivos evolutivos. Como se vê, a tendência destruidora universal do presente não passa de uma fase. Em biologia a destruição tem sempre uma função renovadora.

A substância de todos estes movimentos é a luta biológica em que cada um se comporta segundo a própria natureza. Toda ideologia tem de se ajustar sempre aos insuprimíveis instintos que fazem o homem agir, e ante estes instintos é fundamental o de posse, o de propriedade, meios poderosos que o ajudam a subir. O verdadeiro Comunismo presumiria o homem angelical, desinteressado, altruísta, disposto a renunciar as próprias vantagens individuais em benefício de todos.

Existem hoje exemplares de tal homem? E se existem poderão sobreviver no mundo atual? E então como podem subsistir tais qualidades? Com o espírito de grupo e o interesse de partido? Mas então da ideologia não estará em atividade, senão a habitual e antiga luta pelo domínio, a união para gerar a força. Esta culpa não cabe ao Comunismo ou ao Capitalismo, mas ao próprio homem que em toda a parte é sempre o mesmo. Na verdade a meta é o Evangelho e a sua justiça. Mas, dado o que o homem ainda é hoje, mais avançada aproximação em massa não se pode obter presentemente. Tudo sucede em virtude de uma razão profunda e colima num objetivo na vida, e este ainda está muito distante, para que os homens da atualidade o percebam. Amanhã a fase atual de Capitalismo e Comunismo estará superada. Sem dúvida nenhuma, a consciência coletiva foi despertada e as massas sentem com maior clareza a voz da vida. Os erros serão pagos e na dor serão corrigidos e, deste modo, por eliminação, sobreviverá apenas o melhor, que passou pela seleção das provas.

Todos os movimentos hodiernos, ainda que em parte naufraguem, possuem uma grande função como escola e prova. Começará a formar-se um egoísmo de classe, que é mais vasto que as unidades psicológicas que se haviam formado no passado. Tudo quanto arvorar-se em coordenação e unificação, é uma forma de progresso. Estrutura-se a organização de classe. É um sentido de unidade por parte de células que ainda não se conheciam. E a coordenação dos egoísmos de classe em mais amplos egoísmos de povos e humanidade, um dia levará a novo progresso. Já vimos no volume: ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio*** os métodos de aquisição do involuído. Ele é levado a considerar "legitimamente seu" qualquer coisa em que, de alguma forma, tenha arriscado a pôr as mãos. As atuais macerações sociais levam-no pelo amadurecimento a conceber uma propriedade cada vez menos egoísta e exclusivista, cada vez mais coletiva e social, até a sua negação no Comunismo. Esta é uma maneira de conduzir o involuído a concepção que o evoluído possui de propriedade, que em outra parte veremos ser muito diferente.

Muitos são hoje os modos pelos quais a vida procura eclodir das suas velhas formas. Não nos resta mais que confiar na sua sabedoria e limitarmo-nos a segui-la, lendo-lhe o pensamento que se inscreveu

nos eventos da história. Respeitemos os homens de ação, que são necessários, mas não nos deixemos empolgar demasiado pela sua miragem. Atentemos para a vida que é a única que não mente e pode inspirar-nos confiança. Ela, dividindo o mundo entre Capitalismo e Comunismo, não faz mais do que aplicar o seu universal princípio de dualidade. Nós sabemos que o dualismo é a base do monismo, porque cada unidade que existe é o resultado de duas metades inversas e complementares. Essas duas metades são hoje no mundo: Capitalismo e Comunismo. Estes formam, por conseguinte, uma unidade. Eles representam a forma atual dos equilíbrios da vida. Isto é, as duas metades são, como sempre e em toda a parte, equilibradas, como o é o positivo com o negativo em todas as coisas, como dois pólos do circuito elétrico aos dois termos do sexo. Assim como a história possui os seus períodos românticos e clássicos, a política as suas formas de democracia e totalitarismo, assim também é que o Capitalismo e Comunismo devem ser encarados. O primeiro é produtor, logo armazenador e conservador, estribando-se na riqueza e no bem-estar material. O segundo é revolucionário, logo expansionista e guerreiro, baseando-se na conquista e na idéia. Eles lutam hoje como o macho e a fêmea no amor, acreditando como estes poder impor o seu próprio eu, para a própria e exclusiva vitória. Mas o terceiro elemento, o filho, que nascerá desse encontro, não será exatamente nem um nem outro, mas, ainda que se lhes assemelhe, será apenas ele. E para a sua gênese o que será mais necessário: o macho ou a fêmea? A vida age sempre em toda a parte com os mesmos princípios.

Antigamente pobres e ricos viviam na mesma cidade. Hoje esta cidade é o mundo, e como todos os pobres se uniram, o mesmo fizeram os ricos. Assim o mundo se dividiu em dois. A Rússia, que é pobre; fez-se mãe de todos os pobres e está abraçando a China, que também é pobre, em uma ideologia que justifique a todos. A América, que é rica, fez-se mãe dos ricos e está abraçando a Europa que até ontem pertencia a casta dos ricos. Se no passado todo pobre pedia esmola ou pretendia extorqui-la ao rico a força, cada um cuidando de si mesmo, sem pensar em outro pobre, e cada rico dava isoladamente, hoje em consequência da atuação do princípio das grandes unidades, o mesmo gesto de um de uma parte ou de outra, é repetido em grandes massas. Hoje não é mais um pobre ou um grupo deles, mas é uma metade do mundo que pede e impõe justiça econômica a outra metade. A realização do princípio das grandes unidades, ao qual o progresso nos conduziu, nos faz alcançar a unificação em todos os campos, começando pelo econômico.

IV

A UNIDADE POLÍTICA

Nos capítulos precedentes observamos o principio da unificação e a sua atual atuação no mundo, que representa a fase presente do seu progresso. Trata-se da coordenação de múltiplos elementos antes heterogêneos em novas unidades-sínteses, o que significa uma ascensão na hierarquia do ser, dado que este é um momento de reordenação progressiva do caos, através do qual tudo tende a voltar a Deus. Qualquer que seja a atitude que o homem queira presentemente assumir, no bem ou no mal, o fato novo que exprime o progresso atual é que tudo hoje começa a suceder em escala sempre crescente, em razão de que os homens se compreendem a distâncias cada vez maiores, agrupando-se, consequentemente, em unidades mais amplas.

Falando em *A Grande Síntese* (Cap. XXVII) da lei das Unidades coletivas, constatamos simplesmente esta estrutura analítico-sintética, isto é, coletivista, através de reagrupamentos orgânicos no universo. Aqui estamos observando alguns casos particulares situados no campo social da presente fase histórica, analisando algumas unidades coletivas, sobretudo no seu processo de formação, ou seja no aspecto, não estático, mas dinâmico de sua transformação.

No capítulo anterior verificamos assim o fenômeno hodierno das grandes unificações mundiais na fase de interesses econômicos.

Passamos agora a observar o mesmo fenômeno no campo político e finalmente no religioso. No estudo destes casos particulares de unificação, encontramos ainda uma explicação e uma confirmação do monismo que sempre nos guiou, nesta obra. Por este estudo o leitor verá que todos os problemas são sempre orientados para o mesmo princípio universal. Mesmo agora, partiremos tendo um ponto de referência de caráter universal.

A criação não é o resultado da intervenção exterior por parte de um Princípio transcendente que do nada cria tudo de uma vez. A realidade fenomênica nos mostra universalmente que a criação é o resultado de uma contínua e íntima atividade de um princípio imanente, cuja faculdade criadora deriva do fato de dispor de um modo permanentemente novo e diverso de formas transitórias e caducas, numa substância que é indestrutível. O que muda e se destrói é apenas a forma. É apenas esta que nasce do nada, e não a substância. Esta é envolvida por uma cadeia de contínua composição e decomposição, segundo modelos diferentes. Tudo se individualiza em tipos definidos. Compondo-se, passa a existir. Depois desintegra-se, para recompor-se de novo, em uma existência mais completa e perfeita, consoante a marcha da evolução. Através deste florir e fenecer para reflorir, nascer e morrer para renascer, a vida avança — movimento que, se é esforço e parece instabilidade, é meio de inexauríveis conquistas. Por isso é certo que quem toma por realidade definitiva a forma transitória e a ela se fixa, abraça apenas uma aparência e se perde na ilusão. Isto não acontece a quem se fixa na substância.

Dito isto, vejamos a aplicação. A nova era, na qual o mundo esta para entrar, não é uma criação nova do nada, mas somente uma forma diversa e mais elevada de vida, em que os elementos individuais e sociais da humanidade, hoje existentes, serão dispostos diversamente, isto é, mais harmônica e organicamente, com maior amplitude e profundidade de fusão, com a supressão de tantos atritos dolorosos, de modo a que se possa formar uma individualidade biológica coletiva mais harmônica, extensa, complexa e perfeita, ou seja, uma civilização mais avançada.

Há milênios que os indivíduos sofrem uma elaboração dentro das mais variados acontecimentos históricos, que de modo nenhum se podem repetir igualmente. Ainda não existe a compreensão, mas há a possibilidade de ser alcançada. Indiscutivelmente o homem é na maioria dos casos, um involuído. Mas dois fatos novos surgiram: a extensão das suas faculdades racionais, mercê da ciência e da cultura, e o progresso mecânico, que libertou o homem do trabalho material e lhe facultou fáceis e rápidos meios mundiais de comunicação. Formou-se, pois, na humanidade, a capacidade e o meio para que ela se sinta em qualquer dos seus pontos. Não existe ainda o senso da organicidade, mas as suas premissas já estão plantadas. O mundo esta maduro para começar a compreender movimentar a idéia nova de unidade.

A velha mãe Europa completou grande parte da sua tarefa irradiando a própria civilização para as duas Américas, as suas duas filhas, a latina e a anglo-saxônica, nas quais se expandiram e revivem as duas

grandes raças européias. O mundo esta dividido hoje entre as duas únicas grandes potências: Rússia e América. De qualquer maneira deverão defrontar-se e decidir da supremacia mundial, alcançada a qual, tudo girara em torno de um único centro, aquele que demonstrar como potência, justiça e inteligência, ser o melhor. Somente a formação de um único governo central poderá estabelecer uma ordem que isole e elimine a violência bélica dos Estados separados. Os idealismos antibélicos podem exprimir um desejo e preparar o terreno à paz, mas não são por si sós suficientes para eliminar a guerra.

No nosso século de movimento e velocidade, assistimos a um contínuo desmoronar de barreiras. As paredes divisórias, erguidas pela ignorância humana, por mais que resistam, vão sendo paulatinamente demolidas. No campo político revela-se absurda e ofensiva para os excluídos a idéia de uma superioridade racial, como o é também a de uma absoluta superioridade racial, como o é também a de uma absoluta superioridade individual. Tanto mais perniciosa é semelhante idéia, quanto ela tende à escravização e ao extermínio de outras raças ou povos. Toda raça possui qualidades que não se formaram ao acaso e que têm uma função coletiva. Cada povo pode oferecer uma contribuição útil à formação do novo organismo da humanidade. E se existe uma raça mais evoluída, esta tem, por isso mesmo, o dever de educar e fazer evoluir, e jamais o direito de esmagar e desfrutar.

A mentalidade moderna, especialmente depois das últimas experiências bélicas, é impelida a fazer a crítica do velho conceito de nacionalidade, que dividiu e prejudicou o mundo por milênios. Então interroga: que interessa a qualquer um, matar, por motivos de estratégia política, homens que não conhece? Em face de qualquer afirmativa o espírito crítico moderno vai espiar por trás dos cenários, originando-se então a dúvida de que as exaltações heróicas, as honorificências bélicas podem ser criações artificiais dos governos ou classes sociais, a serviço dos seus objetivos egoísticos, e que efetivamente não interessa aos povos assim conduzidos ao massacre, para vantagem de alguns. O racionalismo moderno abalou a confiança simples de antanho. Os últimos desmoronamentos de grandes potências e os rápidos transtornos que sofreram as pregações e os ideais, puseram a mostra o desgaste de muitos políticos que em geral antes se mantinham ocultas. O lamentável aspecto dos governos desnudados desacreditava a idéia de Estado. A proclamação feita aos quatro ventos do abusos praticados pelos dirigentes soou aos ouvidos do cidadão, inimigo natural de seu patrão estatal não mais como uma reivindicação de justiça, mas como uma simples acusação pública contra toda autoridade, razão e justificativa de desordem e conseqüente incentivo à rebelião. Degringolou assim o prestígio da autoridade em si mesmo, personificada em quem quer que fosse. O homem, tornado o mais astuto e suspicaz pela constatação de tantos enganos, começa a compreender os truques de todos os governos, de todos os programas, de todos os partidos e sabe agora por que método a imprensa fabrica a opinião pública, e em meio a tantos mestres, aprendeu a desconfiar de todos. O homem de vida privada quer os seus negócios, a sua paz. Os povos estão cansados de guerra. Eles não admitem hoje senão uma guerra: a guerra contra aqueles que pretendessem desencadear novas guerras. Por este motivo, quem deseja fazer a guerra, antes desempenha o papel inocente do agredido, proclamando ao mesmo tempo que é o defensor da paz.

No entanto, murmura-se: o pacifismo abre as portas ao inimigo. É verdade, mas o atual transtorno e relatividade de fronteiras e com os meios aéreos que os podem superar, com a moderna tendência a grandes unidades mundiais, tal frase perde dia a dia em significação. A guerra se faz, cada vez mais, com capitais e indústrias, e, cada vez menos, com patriotismo e espírito heróico; cada vez mais com a capacidade técnica e cada vez menos com o valor militar. Por isso tem mais ação protetora para o povo o senso orgânico industrial do que sentimento bélico. O mundo se transforma, caminha para a fase orgânica coletiva. Ora, o coletivismo é, pela própria natureza, colaboracionista, anti-agressivo e pacifista. Pelas suas naturais destruições, a guerra encaminha-se para destruir a si mesma. A técnica a tornará tão

destruidora que o mundo entrará em coalizão, em autodefesa, contra quem quiser recorrer a ela. E assim o espírito belicoso de virtude se transformará em culpa. Tudo isto hoje pode parecer desmoralização mas, com a evolução, as necessidades e os valores éticos sociais mudam. A vida avança e abandona os valores que não mais a servem. O que servia em um mundo de paz temporária, permitida por um equilíbrio instável entre tantas nacionalidades distintas e rivais, não serve mais para um mundo que gravita em torno do único poder central, para um mundo orgânico ligado assim ao pacifismo. Os meios técnicos conquistados, assim como o emancipam dos esforços animais, o levam a aplicar as suas energias em lutas mais elevadas, para servir a uma seleção espiritual e não material.

O patriotismo, sentimento tão fundamental no passado, para a defesa nacional, ressen-te-se da mutação condicional da vida e se transforma. Ao invés de surgir como exaltação heróica, ele se nas revela em outros aspectos que lhe são peculiares, em conexão com sentimentos de intolerância, rivalidade, agressividade, guerra e destruição. Cada um desses sentimentos encadeia-se com outro, numa seqüência de raízes profundas. A elevação do nível de vida, a progressiva evolução do ser humano, tornaram este mais sensível a tudo, especialmente em face da destruição cujas dores se tornam cada vez mais insuportáveis. Se o patriotismo é belo dentro dos limites pátrios, no exterior constitui uma ameaça, e a cada exaltação patriótica interior, corresponde uma recrudescência de ódios nos países vizinhos. Estes isolamentos egocêntricos se tornam gradativamente mais absurdos em um mundo tão intercomunicante nos seus interesses e relações de qualquer gênero.

Hoje sentimos o peso das barreiras às quais nos sujeitávamos no passado, resignados como a um fato inevitável. Tem-se sede como nunca de liberdade, de uma liberdade mais ampla que a precedente, de mais espaço, porque o mundo de crianças transformou-se em adulto. Como nunca, hoje o homem sente que a vida é tanto mais bela quanto mais livre. A intensificação do dinamismo moderno e dos meios de movimentação que satisfazem a este dinamismo, exige liberdade. E uma maior liberdade não se pode obter senão com uma tolerância e compreensão proporcionalmente maior. Do princípio de que é grande quem ama apenas a própria pátria, odiando todas as outras, chegar-se-á ao de que é grande quem ama ao próximo como a si mesmo. Aquilo que perante a velha mentalidade parece desmoralização e, inversamente, uma queda de barreiras. O patriotismo do futuro abraçara todo o mundo, e um homem não será cidadão a não ser da nação humanidade. O tipo biológico do futuro, senhor do planeta, o vencedor da luta pela vida nas suas novas formas, não será o homem belicoso, violento e feroz de antanho, mas um ser orgânico, "o homem social", célula de um imenso organismo humano, cuja vida nada mais terá a ganhar com a extorsão do indivíduo pelo indivíduo até agora praticada, mas se baseará no desfrute das inexauríveis riquezas e energias que transbordam da natureza.

V

A UNIDADE RELIGIOSA

O mundo atual não caminha apenas no sentido da unidade política internacional em que está implícita, numa relação de causa e efeito — a unidade econômica, mas avança também para a unidade

religiosa. Neste campo igualmente tão importante como o político e econômico, lavra uma tendência, em meio a tantos grupos distintos e hostis, a unidade! Isto é, a formação de um só rebanho com um só pastor mas é necessário frisar que isto não se deve interpretar, como não se interpretava para as raças e nações, como supremacia de uma religião e seus representantes, com exclusão das outras religiões e seus representantes. Assim como a futura humanidade será uma unidade racial e nacional acima das diferentes unidades raciais e nacionais, assim também a religião do futuro será uma unidade espiritual acima das diferentes unidades religiosas. Em outros termos, da mesma forma que no campo político, social e econômico, igualmente no campo religioso a unidade não pode ser dada senão pela compreensão e fusão em um todo harmônico das verdades religiosas existentes. Compreensão não significa sujeição do superior ao inferior e, muito menos do inferior ao superior, mas coordenação, segundo o valor intrínseco e peso específico de cada unidade, para a formação de um todo orgânico e único. Cada religião na sua justa posição, consoante a sua elevação espiritual. Há lugar, pois, para os budistas, maometanos, hebreus cristãos de toda a espécie, inclusive os católicos. Há lugar para cada religião, para cada seita que supere o espírito sectário, para cada forma de fé, filosófica ou científica, contanto que seja livre e que tenha tendência sincera para o espírito e para o divino.

Também isto pode parecer desmoralização. Mas tantas subdivisões humanas do mesmo sentimento de adoração a Deus, com as quais acredita-se, ciosamente, conservar a fé; são mais questões de forma do que de substância e atingirão a unidade quando souberem superar a forma, atendo-se precipuamente a substância. Dê-se a forma o valor que merece e não mais. Quantos delitos se cometeram por ela, quantos massacres se fizeram em nome do mesmo Deus, que a cada qual parecia tão diverso, sendo sempre o mesmo. É evidente que tudo quanto divide é satânico e que os caminhos de Deus, que são amor, conduzem a unidade. O espírito egocêntrico e sectário é uma expressão do mal. O espírito de compreensão, altruísta, é expressão do bem. Em todas as igrejas se adora Deus, e é o mesmo Deus. E, entretanto, queremos dividir-nos com a pretensão de definir o indefinível infinito, de conceber o inconcebível, de dar ao relativo uma forma a quem, podendo assumi-las todas, está acima de todas as formas! Se a Verdade absoluta é uma só e jamais muda, é natural que no relativo humano não possa caber senão uma Verdade relativa, limitada e em evolução. É natural que a capacidade humana de compreensão não possa abarcar a Verdade absoluta, que está além de toda a inteligência humana e que, pois, a esta Verdade, não se pode subir senão por graus, por aproximações sucessivas. Na livre atmosfera espiritual do universo, todo isolamento fechado de uma verdade particular, é estiolamento e morte. Cada profeta, cada fundador de religião, levou a sua mensagem do mesmo Deus, em formas diversas adaptadas ao homem e proporcionada aos tempos. Não confundamos a forma com a sua essência. As diversas mensagens de Deus não são Verdades diferentes e inimigas, mas sim as formas sucessivas com as quais se exprime a palavra de Deus aos homens em um mesmo progressivo plano de educação.

Não basta a tolerância, que é atitude passiva. É necessário alcançar a compreensão, isto ó, a fraternidade entre as várias religiões. Não se trata de suportar um inimigo tolerando-lhe o erro com um tácito espírito de condenação, mas se trata de ir ao encontro de todas as formas de fé, de coração aberto, procurando mais do que aquilo que os divide, aquilo que as pode unir. É necessário compreender que elas não são mais que diferentes estádios históricos, fases evolutivas ou formas étnicas de uma mesma religião única, que evolve paulatinamente e se completa de período em período. Por que deve o adulto ser inimigo do jovem ou da criança, o fruto inimigo da flor ou do botão ou da semente, se é sempre o mesmo eu que marcha no tempo, evoluindo? A atual mania separatista no campo espiritual, torna-se dia a dia mais ilógica e prejudicial. As barreiras que dividem o mundo são ainda grandes, mas na época atual elas deverão desmoronar. A luta entre as religiões esteve até agora unida à luta racial, política, econômica e nacional. É evidente que, conseguindo-se a unificação nesses últimos campos, deve-se conseguir a

unificação também no campo religioso. Visto que a realidade fundamental das religiões é uma e a mesma, e que a luta religiosa é freqüentemente a expressão de rivalidade de outro gênero, é certo que, desaparecendo esta, a tendência a unidade em todo campo acarretará a fraternidade também no campo religioso. Esta fraternidade fará com que o mais evoluído compreenda e ajude o menos evoluído, ao invés de condená-lo e combatê-lo. Não é nociva a disputa inteligente quando acarreta cisão e ódios? Não é a essência da religião a união, a fraternidade, a aproximação de Deus amando o próximo? A mais profunda erudição sem o ardor de sacrifício e de fé é puro farisaísmo. É evidente, já o dissemos, que em nosso tempo assistimos a um desmoronamento de barreiras em todos os campos. O instinto expansionista, sempre fundamental e ativo ria vida, jamais como agora, atira uns nos braços dos outros, ainda mesmo que o seja por instinto de violência bélica e um amplexo de ódio. Não importa. Os fins da unificação em um mundo involuído se manifestam, sobretudo, em forma de luta, que é a primeira fase, do avizinhamento. A vida é sempre expansionista em todo nível, desde as invasões bárbaras, que reduzem os povos á servidão até aos imperialismos políticos, econômicos e á ordem evangélica que diz: "Ide e pregai a toda a gente". Tudo tende sempre a dilatar-se e, por conseguinte, á unidade.

No campo religioso ocidental esta dilatação não é exequível, pela segregação dos dissidentes, mas pela expansão além das formas atuais. É necessário encontrar, para lá do Cristo, chefe de uma única religião, o Cristo universal, conexo a todos, no qual, pois, pode concentrar-se o consenso de todos os justos que seguem os princípios do Evangelho, ainda que formalmente se filiem a outros ritos e hierarquias. Uma verdadeira expansão não pode verificar-se a não ser neste sentido, porque é o único que não gera reações de defesas naturais. Os obstáculos nascem do que é material e terreno. As cisões religiosas nasceram, com freqüência, das rivalidades nacionais e raciais. Quando a idéia assume forma concreta de homens, hierarquias e interesses terrenos, entra-se no campo biológico, com seus absolutos antagonismos. Quanto mais a religião assumir forma material, tanto mais ressentir-se-á das lutas que dominam a vida terrena e delas dependerá. Se esta pode ter sido uma dura necessidade do passado, pela qual a religião, o poder temporal, a força e a guerra tiveram que misturar-se, é também verdade que tudo evolui e que, com o tempo, tudo se espiritualiza. Quanto menos a idéia penetrar no árduo terreno biológico, tanto mais independente ela se torna de todas as limitações que daí derivam e tanto mais possível se lhe torna a expansão e a conseqüente unificação. Estas estão a serviço da espiritualização.

Tal é o processo evolutivo das religiões, que nas suas formas exprimem as etapas seguidas pela ascensão biológica dos povos. Essas formas são o efeito da formação mental dominante nos vários séculos. As culpas e erros que se atribuem a uma hierarquia humana, não passam de culpas de um século, mais ou menos de todos os homens. Quando a evolução biológica tiver civilizado o mundo, a religião ter-se-á libertado da forma terrena e então poderá expandir-se sem reações da parte de outras formas terrenas, rivais apenas porque são formas terrenas. Quando a religião se fundamentar no céu, não haverá, como não há para os santos, razão de rivalidades na terra e desaparecerão todos os males que dela derivam. Céu e terra são dois opostos. Toda potência terrena é uma impotência no céu e toda derrota na terra é uma vitória no céu. Assim, quando a religião for apenas espírito, então automaticamente será universal. A unificação só pode vir fora da terra no único Deus universal que, acima de todas as divisões humanas, domina-as todas.

Em outros tempos, não maduros para tais conceitos, era uma necessidade histórica fixar o verdadeiro na forma, restringindo a liberdade de pensamento no campo da fé, para impedir o seu fracionamento em heresias. O misonéismo possui funções conservado-as também necessárias. O cisma era o terror de toda a unidade religiosa que representava uma laboriosa e precisa construção, custara milhares de mártires para formar-se e exigia uma plêiade de pensadores e uma legião de ministros para manter-se. Insurgiu-se

contra tal espírito conservador. Mas ele em a sua função e de fato não freia a evolução. Não obstante a sua aparente imobilidade, as religiões caminham em relação com o progresso humano. De outra forma teriam perecido. Elas avançam com a psicologia dominante. Idéias que há poucos anos pareciam heresias, como o conceito de evolução, hoje são admitidas. Assim será também amanhã para estas páginas. Deixemos que no homem o finito caminhe gradativamente para o infinito, pois que jamais o atingirá. Deixemos que o homem faça de Deus a representação admissível pelo seu poder de concepção. Tudo quanto ele disser de Deus jamais será Deus, mas a Sua limitação para uso humano. A essência da divina realidade é para nós inconcebível, e qualquer especulação filosófica e teológica não pode nos dar dela mais do que uma longínqua aproximação. O homem não pode ver Deus senão em Seus espelhos. Passam pela terra seres como o poeta, o gênio, o santo, o herói, tão avançados nos quais podemos ver um reflexo de Deus; alguns tão perfeitos que nos aparecem como semelhantes a Deus. Se a Essência divina não é cognoscível as manifestações da Sua qualidade são visíveis por toda a parte, e nada existe que não nos fale d'Ele. Então poderemos vê-Lo em todo rosto e forma, amá-Lo em toda criatura, encontrá-Lo em toda parte. Então compreenderemos que Deus não se atinge senão amando o próximo e que, se agredirmos e detestarmos ainda que seja em nome de uma fé, estamos nos distanciando d'Ele. Acima das diferentes formas religiosas está, pois, a substância da verdadeira religião de Deus, que só pode ser única.

Hoje vivemos ainda em um mundo de cisões se pode dar um passo sem tropeçar numa parede divisória. Nenhuma fé verdadeira pode existir com o espírito sectário de domínio e entretanto é este que se encontra em todo campo. É o mesmo espírito humano de luta e exclusivismo que impera. Deus, o bem, o justo, estão sempre desse lado; Satanás, o mal, a culpa estão sempre no lado oposto. É sempre o homem que age por si e não o homem que se faz instrumento de Deus. Os métodos de Deus são opostos: aqueles que o seguem, antes de pregar, praticam; convencem com o amor e com o exemplo antes de constranger com as argumentações, ameaças de sanções e de condenações morais. A guerra santa é uma contradição. Matar é sempre um delito, mesmo que se cumpra em nome de Deus. A guerra religiosa não se faz com a espada, mas com o exemplo e o martírio. Jamais puderam as perseguições sufocar a verdade, tornando-se, pelo contrário, instrumento de divulgação. Para cada crente, morto pela sua fé, formam-se centenas de novos crentes. É uma estratégia de guerra esta também, ainda que oposta á estratégia bélica humana.

No limite extremo do nosso ciclo histórico os conceitos se tornaram mais ásperos. Se ciência e fé não estão de acordo, significa isto que em alguma delas deve existir algum conceito errado e, por conseguinte, uma delas deve não ter razão. Isto porque uma religião e uma ciência que sejam verdadeiras e completas não podem deixar de acordar, devendo ambas dizer de maneira diferente o mesmo pensamento de Deus. É necessário que essas duas asas do espírito humano se movam sincrônica e harmonicamente, sem o que o vôo não será possível. Não se voa com uma asa só. Com a religião apenas, se cai na superstição, só com a ciência, resvala-se para o materialismo.

Hoje, Oriente e Ocidente estão divididos, não comunicam, não se compreendem. Entretanto, o primeiro tem necessidade dos conhecimentos científicos do Ocidente e este precisa dos ideais espirituais do Oriente. Um simples intercâmbio preencheria as duas lacunas Presentemente as religiões e as várias formas de fé são, com freqüência, causa de separações e de ódio. Quem professa qualquer religião ou fé com estes sentimentos é anti-religioso e toda a religião que não gerar amor, harmonia e união não é verdadeira religião. A verdade que se fundamenta em anátemas e acusações recíprocas de falsidade está muito longe do espírito de verdadeira religiosidade. O progresso do conhecimento exige colaboração em todos os campos, porque cada um está conexo ao outro e toda descoberta, qualquer seja ela, ilumina a todos. Assim, o astrônomo, o químico, o físico, o biologista o psicólogo, o sociólogo, o filósofo, o teólogo etc. se auxiliam constantemente. É necessário que eles se compreendam e se completem fraternalmente. A

síntese universal do saber só poderá surgir de tal unificação, em que o intérprete da divina revelação dos textos sagrados concorde com o intérprete do mesmo pensamento de Deus, escrito na realidade fenomênica.

Todos esses dissídios constituem um contínuo óbice às pesquisas e manifestações do pensamento. Cada seção, cada fé, possui uma terminologia própria com que pretende enclausurar a verdade nos limites do seu monopólio. Apresenta as formas, que constituem simplesmente as vestes da própria Verdade, acreditando com isto apresentar a própria verdade. Quem tiver espírito de separatismo se escandaliza com quem, possuindo espírito de unidade, diz a mesma Verdade indiferentemente, de qualquer maneira. Este último, na realidade, acredita dar um bom exemplo de unificação, quando, no campo religioso, animado de fé fala e escreve sobre as mais disparatadas questões como se fossem uma coisa só, quando demonstra que se sente igualmente bem entre crentes de qualquer fé, sejam católicos, protestantes, hebreus muçulmanos, budistas etc., contanto que sejam sinceros, e que sabe venerar a Deus tão bem em uma igreja como em uma sinagoga ou em uma mesquita ou num templo hindu, ou mesmo a céu aberto. Deus, em toda parte, não é o mesmo? Quem possui espírito de unidade, que é muito mais do que tolerância, desfruta dessa confraternização, que ofende o espírito de exclusivismo e intransigência de tantos. As vezes acontece mesmo que uma verdade aceita por uma crença é condenada por ela porque exposta com a terminologia de uma outra e divulgada com a configuração desta. E assim surgem estranhas contradições: um livro ou uma idéia são exaltados, sobretudo porque condenados pela parte oposta, que é sempre de Satanás, e o mesmo livro ou idéia são expulsos como satânicos mal sejam aceitos e subscritos por essa parte. Pobre verdade! Efetivamente, quando se expõe um conceito é necessário manter-se no princípio abstrato, no qual todos estão de acordo porque ele não toca em pessoas e interesses. Mas se se entrar em particulares, até alcançar os representantes terrenos dessa idéia, então a controvérsia é inevitável e a condenação da parte oposta é certa. Isso demonstra que aprovação e condenação são com frequência frutos de interesses e preconceitos. Muitos concordam hoje em seguir o Cristo da história porque pode parecer estar longe e afigurar-se teórico, mas quantos o seguiriam se Ele voltasse à terra e ferisse os interesses terrenos?

Aqui esboçamos a unificação, sobretudo no aspecto religioso, porque a religião é a base da civilização. Mas neste aspecto estão implícitos todos os outros. Os sinais dos tempos nos revelam a aproximação de uma nova era para o mundo. Esta será a era da unidade. Isto quer dizer era do espírito, do amor, da consciência. E só quando tudo isto existir, poderá haver também liberdade. Esta é algo que o homem procura e que ainda não aprendeu a conseguir. A nova civilização nascerá da substituição progressiva da animosidade recíproca pela ajuda recíproca.

É lei de vida que a crisálida se transmude em borboleta, que a criança se torne adulto e que a flor desabroche e origine o fruto. Tudo deve fatalmente maturar. É verdade que sempre estivemos e todos já nos encontramos unidos em um organismo universal, ainda que muitos não o saibam. Mas hoje estamos unidos mas por vínculos de ódio e de luta do que de amor e compreensão. Que vínculos duros e tristes são estes. O homem do futuro será consciente desta unidade que hoje não compreende. Presentemente estamos unidos mais pela dor do que pela alegria, unidos sem querê-lo, unidos sem compreendê-lo, unidos pela força. União suportada, não sentida e conhecida, vivida sem a co-participação consciente desta divina unidade de tudo quanto existe no universo, a qual é a mais evidente expressão de Deus e a maior maravilha da vida.

VI

OS CAMINHOS DA SALVAÇÃO

O leitor que seguiu a vasta orquestração ascensional com a qual procuramos dar um eco apenas da que realmente vive e soa no infinito, ver-se-á agora, gradativamente, conduzido ao mundo místico. Uma vez neste, teremos nos avizinhado do ponto culminante deste trabalho para depois, novamente, descendo de grau em grau, atingirmos o seu termino. Ao vértice o leitor será guiado por uma real experiência do autor. Essa, como aqui esta exposta, representa dele uma nova maturação, cujo trajeto preparatório esta nesta obra delineado nos quatro capítulos que se seguem, desde o VI ao IX, do qual se tem a base para o salto até o capítulo XI: "Ressurreição", que conclui a fase. O capítulo XI pode ser considerada o ponto culminante deste volume.

Estes quatro capítulos foram sentidos e registrados na Quaresma do ano de 1947, em um lance instintivo que representava uma preparação à eclosão da Páscoa do mesmo ano, na "Ressurreição", que se segue. Entraremos em mais detalhes à medida que lermos nos aproximando deles, atingindo a "Paixão", que se apresenta como uma elevação precedente, assinalando o harmônico retorno ao ritmo de uma vida. Estes quatro capítulos foram escritos para em opúsculo individualizado, cujo capítulo seria "A Comunhão Espiritual" que deveria narrar completamente uma experiência mística, logicamente apresentada e enquadrada. Não tendo sido, porém, possível encontrar um editor religioso que quisesse publicar o opúsculo sem antes obter o "imprimatur", e como este grupo de capítulos representasse a fase espiritual vivida pelo autor a meio caminho da gênese do presente volume, ele foi aqui incluído no seu ponto mais natural e lógico, como verdadeira exposição de estudos místicos vividos neste ponto e neste momento.

Todavia resta o fato que esses quatro capítulos, tendo sido escritos para um opúsculo separado, tiveram, nessa ocasião, que serem refeitos, para adaptar-se a conceitos gerais, que deviam ser escritos, resumidamente, para melhor conhecimento de um leitor novo, mas que se tornam repetição supérflua para quem tenha acompanhado este volume. Não obstante, dado que se trate de poucas páginas, aqui nada alteramos na sua original espontaneidade, seja porque qualquer alteração seria difícil hoje em face do estado de alma superado e longínquo que os criou, seja porque somente de um texto assim deixado íntegro, poder-se-á, em seguida, construir para as almas pias um extrato autônomo, em si completo, em opúsculo. O leitor que já conhece os motivos gerais que nesses quatro capítulos aparecem como ponto de experiência para uso de um novo leitor, ao qual o opúsculo era destinado, poderá facilmente dispensar a sua leitura. Mas nem mesmo aqui, de resto, será completamente inútil projetar aqueles conceitos complexos sob um ponto de vista diferente, isto é, de uma forma prática para as almas simples, mais como aplicação vivida do que como teoria ou demonstração.

Pode saltar esses quatro capítulos o leitor que não aprecia a psicologia do tipo místico-religioso, para satisfazer-se com os de caráter filosófico ou social ou científico ou psicológico. Todavia devera admitir que, em nome da imparcialidade e universalidade que aqui foram sempre profundas, não se pode excluir a priori nenhuma forma de pensamento, e, por isso, nem mesmo a místico-religiosa, dado que alguns estados de alma não se podem exprimir de outra maneira. Os aspectos da verdade apresentados neste

volume são variados e cada um traz consigo a sua forma mental e a terminologia que lhe corresponde. Quanto menos formos universais, tanto mais nos encerraremos em um ponto de vista particular e tanto menos podemos obter a visão conjunta do verdadeiro. Para compreender este é preciso saber pensar nas mais díspares formas mentais, e exprimir-se segundo as mais diversas psicologias e terminologias. Quem se fecha no seu particular aspecto do verdadeiro e se escandaliza quando se lhe mostram outros aspectos do caso, não pode compreender estes escritos, animados pelo princípio da mais imparcial universalidade.

Sob a orientação que aqui se segue foi escrito: "A religião universal de Cristo". Acompanha-o quem vive na disciplina do espírito, tremenda, mas livre, porque é consciente e convicta. Não há nisso nenhuma anarquia, mas uma ordem maior, porque além de exterior é também e, sobretudo, interior.

Só a universal religião do espírito nas pegadas de Cristo vivendo o Evangelho, reunindo todos os justos da terra, de qualquer religião, pode dar ao mundo uma unidade religiosa que não se pode obter por imperialismos e imposições morais, mas apenas por compreensão e confraternização.

Isto dito, quem escreve pode afirmar que quanto segue, antes de ser exposto, foi por ele experimentalmente vivido, objetivamente estudado, cientificamente compreendido. Não se trata, pois, de vagas aspirações, mas de realidades controladas com o método da observação e da experimentação, ainda que tenhamos que nos avir com realidades imateriais que fogem à sensibilidade comum do homem atual. Se este as nega porque não as percebe e não as compreende, isto não obsta a que elas existam.

Quem aqui escreve deu-se conta das atuais e desastrosas condições espirituais da maioria. Mas ele sabe que nesta babel infernal que é o mundo de hoje, existem também almas eleitas, ainda que em minoria e que a estas está confiada a salvação e o futuro de todos. A nossa terra é reino ainda involuído no qual ramificações providas de baixo, da grande árvore do mal animada por Satanás, se entrelaçam, freqüentemente vitoriosas, com as ramificações descidas do alto, da grande árvore do bem animada por Deus. Em nosso plano material, onde reina a forma, Deus se manifesta através de Suas criaturas. É certo que toda criatura é um canal para as manifestações divinas, mas os bons constituem o mais elevado, o meio melhor, o mais permeável pelo qual Deus pode exprimir-se com maior evidência. Assim eles representam o ponto de apoio do bem na terra, constituem o canal através do qual a ação benéfica de Deus pode melhor operar entre nós, e são a única via aberta para que o mundo possa atingir a divina fonte da vida que esta no centro — Deus, e nutrir-se nela, estabelecendo uma comunicação com o princípio afirmativo e construtivo do bem. Do outro lado, os malvados representam o ponto de apoio do mal na terra; constituem o canal através do qual a ação das forças do mal podem agir entre nós, e são a via comunicante com o princípio negativo e destrutivo que personificamos em Satanás. Se aos malvados, pois, esta confiado o encargo de tudo massacrar, espiritual e materialmente, aos bons esta cometida a incumbência de tudo salvar e construir. O terreno de seu encontro e luta é o nosso mundo.

Estas paginas se dirigem imparcialmente a todos os bons, que representam na terra a obra divina do bem. Os outros não podem compreender e obedecem a outros impulsos e encargos. Palmilham a sua estrada. Agora, quem compreendeu a vida, sabe, com absoluta certeza, que só as vias do bem são as que conduzem à felicidade e que as forças do mal, prometendo-a, em verdade traem depois a promessa e, cedo ou tarde, acabam infalivelmente na dor. O escopo desta obra é de ajudar, ensinando os espíritos evoluídos a alçar-se sempre mais para o alto, de modo que a felicidade, que esta no bem, com a qual Deus permanentemente quer nos inundar, contanto que saibamos e queiramos, possa, por caminhos inteiramente independentes das coisas terrenas, baixar e entrari neles para neles permanecer, instaurando a sua paz interior. Ajudar as almas dispostas a alçar-se sempre mais para o alto, tem, pois, também por

escopo, multiplicar os canais de comunicação com o divino, ampliar as estradas, verificar os meios para que, mais rápida, ativa e abundante, por eles flua e possa descer a linfa vital do bem, único meio de salvação.

Como se vê, aqui se fala em termos de psicologia utilitária, pois que sabemos bem que o homem não compreende e não se move senão em função de uma dada vantagem. E a vantagem neste caso é, para cada um, um estado de felicidade dependente apenas de si mesmo e não das condições ambientais e da vontade alheia. Para o mundo, a vantagem está em receber a mais válida contribuição hoje possível para conseguir a sua solução em uma hora histórica de tremenda gravidade.

O nosso mundo de hoje é materialista. Projeta-se pelas vias sensórias, a que chama objetivas, completamente ao exterior e só aí procura a solução dos seus problemas. Nós seguimos uma via oposta. Ao invés de agir sobre os efeitos, penetramos nas causas, na substância espiritual das coisas e dos problemas, havendo antes bem compreendido como tudo funciona. Trata-se de compreender, para depois agir de maneira inteiramente diversa da habitual. As fontes do conhecimento e do poder, da riqueza e da saúde não estão, como a maioria crê, no mundo material, exterior a nós, mas no mundo espiritual. E tudo o que se realiza naquele não é mais do que uma consequência daquilo que primeiro se realizou neste. Tudo deriva de um centro do universo, que tudo rege, e se chama Deus.

Colocar-se e manter-se por vias espirituais em contato com Deus, significa poder atingir tesouros mantidos e alegrias desconhecidas. Nós somos livres e podemos, se quisermos, alcançar a felicidade. Mas tudo provém do interior e nada poderá andar bem no exterior, se antes não tiver marcado bem no nosso interior. Só nos mudando para melhor é que poderemos transformar para melhor toda a nossa vida. Não se pode pretender que negócios, saúde e os acontecimentos se tornem nossos amigos ao invés de inimigos, se antes não tivermos estabelecido a ordem dentro de nós, em harmonia com Deus e a Sua lei.

Quando as coisas vão mal, ninguém quer admitir ter sido ele próprio a causa disso. Não compreende que atribuir isto ao próximo de nada serve, que este desafogo a que tantos recorrem na dor não só não a elimina, mas, pelo contrario, agrava-a pelo novo mal que se lhe acresce, pois que quem faz o mal aos outros o faz a si mesmo e, para fazer o bem a si mesmo, necessário se torna praticá-lo em primeiro lugar com outros. A vida provém de Deus e é irradiada desse centro em forma universal. Para que ela possa ser fecunda de alegria, tudo deve circular livremente com espírito fraterno. O egoísmo atualmente dominante, com o seu separatismo, é antivital. Ele obstrui os canais da linfa vital, e as barreiras que desta maneira opõe produzem congestões e estagnações aqui superabundância inútil e ali dolorosa miséria, e por toda a parte tristes diferenças e penosos desequilíbrios de todo o gênero, econômicos, demográficos, orgânicos, espirituais.

Aqui procuramos orientar-nos de maneira diversa, procuramos compreender que a vida funciona de modo inteiramente diverso daquilo que se crê e que se segue, e que a maior parte das nossas desventuras depende de não sabermos comportar-nos. Procuramos a felicidade onde ela está verdadeiramente e a encontraremos se soubermos pensar e agir. Poderão, desta maneira, começar a formar-se no oceano das dores humanas ilhas de felicidade e no espinheiro universal tufos floridos. Na tempestade do mundo, algumas almas poderão, desta maneira, formar em derredor de si uma atmosfera de bondade e de paz, e nela repousar. Nesses castelos, protegidos por forças espirituais, ainda mesmo que isolados, o princípio, no inferno terrestre, poder-se-á ter, aqui e ali, uma antecipação do paraíso. Deste estado de ordem e harmonia interior, não pode deixar de derivar espontaneamente, um símile estado de ordem e, por conseguinte, de bem-estar nas próprias coisas terrenas também.

Cada um desses indivíduos reequilibrados dentro de si, não poderá deixar de irradiar em torno de si mesmo equilíbrio e paz, carregar consigo para onde quer que vá a sua atmosfera de harmonia, e assim ela saturar o que quer que toque, sanando o mal e a dor em seu derredor, depois do havê-lo sanado dentro de si mesmo. Formar-se-ão, desta maneira, na desordem geral do mal, núcleos de atração de bem, do Alto para a terra e de irradiação neste, para o bem de todos. Isto permitirá formação de correntes benéficas e salvadoras, uma gradual reordenação do caos, uma progressiva transformação da infernal dissonância terrena, na música divina do paraíso. A vida poderá então, cada vez mais, expandir-se pelas largas estradas do amor. A vida tem necessidade, para prosperar, não das barreiras do egoísmo, mas dos canais abertos do altruísmo. E é lei de Deus que nestes canais ela se atire triunfante apenas eles formem, para levar nutrição vital onde existe mal, amor onde domine o ódio, paz onde predomine a guerra, alegria onde reine a dor. É a bondade de Deus que fez pressão para verter-se nestes canais e por eles circular. São as forças do bem que por eles querem descer até nós, para, entre nós, contrapor-se as do mal e vencê-las, esparzindo a felicidade. As graças divinas procuram as portas abertas e requerem almas dispostas para poder chegar até nós e salvar-nos.

É a estas almas que aqui nos dirigimos, a fim de que atinjam o centro divino e sirvam de canal à terra e, desta maneira, não só conquistem a felicidade para si mesmas, mas também a irradiem em derredor de si cumprindo a sua missão, que é a de receber do Alto e de irradiar para baixo. Elas formarão uma rede de correntes benéficas que envolverão o mundo e, vencendo as influências maléficas, que ao funcionar em sentido contrário querem transtorná-lo, salvá-lo-ão dos cataclismos que hoje o ameaçam.

VII

FAZER A VONTADE DEUS

Tudo isto é possível, mas é necessário saber alcançar as fontes da vida que estão em Deus. Para tal conseguir, começaremos procurando compreender algumas coisas elementares. Ei-las. O universo é um movimento contínuo que não se desenvolve ao acaso, mas segundo normas precisas, estabelecidas por uma lei que representa o pensamento e a vontade de Deus.

Quanto mais avança a ciência, tanto mais deve constatar em todos os fenômenos um princípio orgânico que rege o universo e que revela a presença de uma mente diretriz. Segue-se daí que o nosso livre arbítrio não é absoluto, ilimitado. Se podemos agir como loucos, praticando o mal e, conseqüentemente, provocando para nós mesmos a dor, enquanto a lei de Deus quer o bem, para a nossa felicidade, esta nossa possibilidade de violação, em um sistema universal de ordem, está providencialmente confinada dentro dos limites dados pelas necessidades de nossa experimentação. O homem vive para aprender. Ele deve construir-se espiritualmente, conquistar, não como um instrumento cego e autômato de Deus, mas em plena consciência. É-lhe, pois, feita a concessão de agir em plena liberdade. Mas, para que esta liberdade não possa redundar em sua destruição, ela é regulada pelas

reações da própria lei, que permanece inviolada, e que, com a dor, fere o homem com o único escopo de corrigi-lo e iluminá-lo para o seu bem mal ele se aparte da referida lei pelo erro ou pela culpa. Se ele é livre, é, pois, também responsável deve fatalmente sofrer as conseqüências de suas ações.

No mundo atual o homem, na sua ignorância, engana-se, tomando como poder absoluto esta limitada liberdade de agir, que Deus lhe concedeu apenas para os referidos escopos. Ele não compreende que se trata de uma liberdade enquadrada nas férreas reações da lei de Deus, que lhe inflige dor quando ele erra. Assim o homem engana-se ao crer-se árbitro de tudo, quando na realidade não é, senão, árbitro do próprio destino. O homem atual efetivamente não compreende a vida e por isso a emprega quase que inteira a cometer erros e a provocar dores. É natural então que na terra a dor seja dominante, pois que o homem se dedica hoje, sobretudo, a sua construção intensiva.

Quem guia tudo não é o homem, mas Deus. E como poderia o homem guiar em um mundo em que ele procede tão mal, tão pouco pode e de que nada sabe? Se lhe fosse confiada a direção, por orientar-se mal, por impotência ou por incapacidade, o desastre dar-se-ia de imediato. O homem é relativo na evolução, imperfeito e contingente. A Lei é eterna, perfeita e resoluto. O homem é capricho inconsciente, a Lei é disciplina sábia. O homem é desordem, a Lei é ordem e harmonia. A primeira coisa, pois, que devemos compreender é que, acima da vontade do homem, está esta norma que tudo regula, feita de bem, de liberdade e de amor, representando a perfeição. Nada há que se lhe possa acrescentar e nada a modificar; Então, quando o mal triunfa e a dor nos fere, ao invés de culpar a Deus e a Sua Lei, devemos compreender que isto não é Sua obra, mas da criatura que sendo livre e ignara, enganou-se no caminho, e que é justamente por meio da dor que Deus fá-la compreender que errou e a induz a procurar o caminho certo, onde encontrará alegria. Assim, pois, ao invés de rebelarmo-nos ou maldizer, o certo é procurarmos compreender qual foi o nosso erro para corrigir. Se se pudesse chegar ao absurdo de suprimir a dor, como desejaria o homem, a vida se frenaria no seu caminho ascensional, que a conduz à perfeição e à felicidade, porque então viria a faltar a sua maior mestra e o seu mais poderoso corretivo. A grande coisa a compreender é que nós não vivemos num caos mas sob a guia de um Pai sábio e amoroso que, com a Sua Lei, tende a conduzir-nos, com todos os meios compatíveis com a nossa liberdade, também necessária a nossa felicidade. É necessário compreender que Deus não nos faz sofrer por egoísmo ou vingança, mas para o nosso bem, porque nos ama; que a Lei não faz mal, e inflige dor a quem a transgride, e isso para ensinar que ela é a única e verdadeira via da felicidade. Certamente o homem é tremendamente ignorante e se atira de um lado e de outro, iludido por miragens, cuja falsidade ainda não conhece. Somente sofrendo pode compreender onde foi que errou. É justamente a dor nos mostra quão amorosamente Deus vela por nós, como ele nos guia e age sempre, ainda quando nos fere para o nosso bem. Em vista disto, compreende-se agora que não só a felicidade é possível, mas que nós somos realmente feitos para ela e que o nosso instinto, que no-la faz procurar em toda parte, não nos engana. Compreende-se também que há uma via para corrigi-la, mas que não bastando isto, Deus emprega todos os meios compatíveis com a nossa liberdade para fazer-nos enxergar esta via e forçar-nos a atingir essa felicidade. A Lei de Deus indica esta via. E então, a melhor posição possível na nossa vida, a que exprime o máximo grau de perfeição atingível para cada um, relativamente ao que ele é e deve ser, é dada pela vontade de Deus e pela fusão da nossa vontade na d'Ele, numa adesão tão completa que ambas se fundam numa só. E que mais se pode desejar se não aderir a uma vontade que só procura o nosso bem? Se o homem compreendesse Deus, veria claramente que Ele deseja o seu benefício muito mais do que ele mesmo o desejaria.

Muitos se quedam, todavia, perplexos, porque não sabem qual possa ser para eles a vontade de Deus. Antes de tudo, nós, mais ou menos dependentes de nosso grau de evolução, possuímos todos o senso do

bem e do mal. A vontade de Deus está sempre sobre as sendas do bem. Uma regra mais precisa é esta: cumpramos o nosso dever, como nos é ele apresentado pelas condições da nossa vida, e teremos leito a vontade de Deus. Mas o que é que se entende por dever? Para estar de acordo com Deus e assim aproximar-se do infinito, não são necessários atos heróicos. Trata-se de estabelecer uma harmonia e isto se pode atingir muito bem pelos meios mais simples e humildes. Para cantar a música divina não é necessário aquela altissonância que fere os sentidos e na terra faz tanto efeito, mas basta apenas executar bem o próprio trabalho, com amor e com consciência. Tudo consiste em saber enquadrar a própria atividade no funcionamento orgânico da vida e do universo. Nós nos valorizamos ao máximo apenas se soubermos desincumbir-nos da função que nos toca. Desta maneira, a corrente vital nos impelirá, pois de outro modo ela estará contra nós e procurará destruir em nós o rebelde e o inimigo.

Não é, pois, a importância e a nobreza de trabalho que decide, mas é o modo pelo qual ele é por nós executado. Este trabalho pode até assumir a forma apenas de dor, isto é, algo que pareça não apenas improdutivo, mas mesmo prejudicial. Na sábia organização da vida, tudo e todos são úteis em seu lugar, cada um ocupa a posição mais justa, segundo a capacidade e o mérito que lhe é peculiar, a mais adaptada para sua vantagem, a mais útil para o seu bem, ainda que seja a mais humilde, desprezível e dolorosa. Observando-se, verifica-se que a concepção do mundo é exatamente inversa de tudo isto, e que tantos males derivam justamente do fato de que ninguém quer executar bem o próprio mister, qualquer seja ele. Todos se sentem deslocados e querem muda-lo, tornando o mundo cheio de descontentamento e de luta. Cada qual pretende valer muito mais do que realmente vale e acredita que o mais certo esteja em mudar de posição, enquanto uma realidade se impõe: mostra saber mais e acaba ficando melhor, aquele que sabe permanecer fiel no lugar que lhe cabe. Hoje considera-se falido quem não triunfa de qualquer modo, não importam os meios que utilize; admite-se que a dor seja um insucesso e uma perda enquanto há possibilidade de uma vitória e de um ganho, não se trabalha senão com o espírito de avidez, reputando-se bravura saber fazer o menos possível dentro do próprio dever, em aparente vantagem própria e prejuízo dos outros. A vida, ao contrário, é para todos uma missão, com objetivos, realizações e mercês ultraterrenas. Antes que operários humanos, somos operários de Deus, igualmente grandes, qualquer seja a posição social. Desincumbir-se da própria função no imenso concerto universal, qualquer seja ela, como nos é oferecida por Deus e executá-la bem, eis a perfeição, porquanto isto é fundir-se na perfeita Lei de Deus.

Este é o segredo da felicidade: enquadrar-se na ordem divina. Quando tivermos desempenhado nosso posto todo o nosso dever, teremos feito o suficiente para que tudo caminhe bem por si mesmo. Podemos então repousar tranqüilos. Quando tivermos obedecido em tudo a Deus, conformando-nos à Sua Lei, propriamente deixamos de ser responsáveis, porque na realidade não agimos por nós mesmos e também não somos passíveis de reações dolorosas como quando nos substituímos a Deus e Sua lei, agindo independentemente. É natural que quando a escolha seja nossa também as conseqüências e males sejam nossos. Mas é natural também que, quando não sejamos senão executores da vontade de Deus, tenhamos direito à Sua proteção e providência. A nossa vida encontra então de novo um equilíbrio, uma sensação de segurança que o mundo de hoje ignora. Desta maneira, fluiremos aquele profundo sentimento de paz que é o primeiro passo em direção a felicidade interior, que é a substância do paraíso. E assim a nossa vida se torna rica, e a nossa obra coordenando-se em um plano universal, torna-se infinita. Se, ao invés, nos isolarmos em nosso egoísmo, permaneceremos destacados e sós e, distanciados de Deus, parecemos perdidos. É necessário abdicar do separatismo e, através da caridade para com o próximo, tornar-se uma só coisa com o todo. E abraçando os nossos irmãos que conquistamos a unidade. Em um universo de princípio unitário é a via da unificação que conduz a Deus. É indispensável olhar com amor todas as criaturas irmãs, porque cada uma delas é um canal através do qual Deus se exprime e nos fala. Para

chegar a abraçar Deus, o caminho mais fácil é o de começar por abraça-Lo nas Suas infinitas manifestações da Criação. Em toda parte e sempre, devemos ser executores da vontade de Deus que é bondade e amor. Só nisto é que está a vida. Assim como um órgão ou célula não pode ter uma vontade diversa da de todo o organismo, assim também nós não podemos ter uma vontade diferente da de nosso Pai. E assim como o organismo provê, através de uma sábia distribuição, a que cada célula e órgão execute o seu trabalho e auxilie os outros elementos com os quais está em conexão para a vantagem de todos, assim igualmente Deus proverá a que cada indivíduo quando este tenha cumprido o seu dever, isto é, tenha desempenhado as suas funções com relação aos seus semelhantes.

Esta é a economia da criação. Bem-aventurado é o que sabe amoldar-se a ela. Nessa economia o trabalho é remunerado com justiça e o parcimonioso pode depositar o fruto desse trabalho em caixas seguras, que lhe proporcionarão uma renda garantida para a hora da necessidade, em proporção ao mérito que adquirir. Só assim se pode encontrar uma forma de investimento seguro, que assim é, porque depende apenas de Deus, que é justo, e não dos homens, nos quais não se pode depositar confiança alguma. Consegue-se dessa maneira um pecúlio tranqüilo e pacífico, porque é harmônico, e harmônico porque está contido na sua verdadeira função, que é a de ser um meio aos fins da vida. O homem, universalmente, coloca a riqueza fora do lugar, fazendo dela um fim e não um meio. E assim se torna ambicioso e ansioso pelo dia de amanhã, e, em meio à abundância acaba por debater-se em tormentos. Deus não nos quer ávidos e ansiosos, mas confiantes n'Ele. “Para cada dia baste a sua pena”. Por que haveremos nós de pretender dominar o amanhã, se dele nada sabemos? Não é pelo vontade que poderemos nos impor a ele, mas pelo obediência à Lei, merecendo. Poderemos assim formar em nós um oásis de paz, não importa qual seja o inferno que nos circunde na terra. Não é o mundo que no-lo poderá dar, com as suas fascinantes mentiras, mas somente a adesão á vontade de Deus. Obedeçamos á Lei e o auxílio está garantido, porque a vida foi querida por Deus e com ela ganhamos o direito aos meios para vivê-la. Todos temos direito á vida perfeita, mas somente quando tivermos antes cumprido os nossos deveres para com Deus. Se não fizemos isto, este direito deixa de existir ou existirá apenas na medida pela qual tivermos atentado para os deveres. O mundo não quer compreender tudo isto, está destorcido e fora dos trilhos. É lógico que sofra e caminhe para a ruína.

Mas para tantos tudo isto ainda não basta para conhecer a vontade de Deus no seu caso particular. Se Deus está presente em toda a parte, no entanto não o vemos jamais manifestar-se por ação direta, mas apenas por meio do pensamento e ação das suas criaturas, por meio dos eventos, e agir, mais do que no exterior, no profundo ou pela profundidade das coisas. É a isto que é necessário atentar. Quando Deus faz uma flor, cria um órgão, matura um fenômeno; não age com as próprias mãos, como nós o faríamos; pelo exterior, mas opera silenciosamente do interior, justamente porque, se Satanás é exterior e periférico e age em superfície, Deus é interior e central e opera em profundidade. A vontade de Deus reside, pois, no interior da vida e daí aflora nos fatos. É uma tácita e lenta transformação que só por fim aflora à realidade sensória, quando todo o processo da gênese estiver completo. Por isto a maioria não a percebe e assim acredita que Deus não esteja presente na Sua obra contínua. É, pois, necessário saber enxergar profundamente com olhos não materiais, mas espirituais. É necessário permanecer com ouvidos vigilantes para ouvir como falam os fatos em derredor de nós, sobretudo como significado espiritual, que não é quase nunca aquele significado próximo e utilitário que nós lhes damos. Se soubermos ouvir, perceberemos que realmente Deus nos fala. Ele se manifestará indiretamente, através de outras bocas e outras ações, mas se manifestará. Efetivamente, através dos infinitos seres viventes e pensantes não lhe falecem as vias para exprimir-se em qualquer linguagem e caso.

Nós nos fazemos iludir pela voz do mundo. Esta é muito diferente. É verdade que fere muito mais os

ouvidos, mas não atinge a alma. O mundo tem sempre pressa, porque está encerrado no tempo. Deus fala calmo, porque é senhor do tempo. Por mais que a mundo corra nunca chega exatamente. Deus com a paz das coisas eternas, jamais se engana na hora. O mal clama estertorante nas praças, faz-se ouvir bem materialmente e, por isto, parece prevalecer. O bem, que vem de Deus, enxerga-se mais dificilmente, porque está oculto no interior, onde silencia e espera, mas amadurece na raiz das coisas. As vias de afirmação são opostas, mas as interiores produzem efeitos bem maiores. Os homens escrevem na superfície, mas Deus esculpe nas profundezas, de onde tudo nasce. Assim os bons não aparecem, porque não fazem ruído. O bem move-se mais lentamente, mas produz transformações mais substanciais, por conseguinte mais duradouras. Ele se propaga pacificamente, quase invisível, ramifica-se, infiltra-se no interior sem aparecer, porque obedece aos tenazes e profundos impulsos da vida que o quer. Aflição, alarido e também instabilidade estão no exterior, no reino periférico de Satanás, não nas fontes, onde se encontra Deus. Ali há paz e silêncio: uma atividade imensa e silenciosa que só surge, por fim, quando tudo está feito. Deus opera sem rumor. A Sua ação é tranqüila, igual, segura e tenaz e em paz tudo vence, como uma lenta inundação. Diferentemente da afanosa evolução do mundo, Deus “É” e silencia, e, no entanto, está sempre presente com a Sua ação íntima, constante, benéfica. Só com essa Sua silenciosa presença, Deus alimenta e renova o universo, não da periferia ou superfície, mas do centro, não da forma, mas a esta chegando pela substância onde Ele é fonte da vida. Por isto é que Deus se nos revela em uma sensação de grande paz. É nesta direção, pois, isto é, na profundidade, no espírito, que devemos procurar ouvir as vozes que nos dizem qual é para nós, no nosso caso e em cada momento, a vontade de Deus.

VIII

COMO ORAR

Não basta ter estabelecido as nossas relações com Deus. É necessário entrar em comunicação com Ele, é necessário a oração. Eis aqui uma outra coisa elementar, comumente não compreendida e que também é necessário compreender, para não se alcançar o conhecimento da vontade de Deus, mas também a adesão a ela e, com isto, a união mística da alma com Ele. Em geral não se sabe orar e assim se explica o escasso resultado que obtemos com as nossas orações.

A lei de Deus, que tudo regula, inclusive a nossa vida, não é e não pode ser ilógico capricho, como freqüentemente cremos e como, tais somos nós, assim desejaríamos, para que a pudéssemos submeter à nossa vontade. Nesta lei que guia e rege o universo tudo é ordem, lógica, método, disciplina. O contrario esta apenas em nós, que somos um grosseiro esboço de sua realização e, por conseguinte, nos encontramos muito longe da sua perfeição. À desordem não está na Lei, nem em Deus, mas somente em nós e a dor que lhe é conseqüente, não é uma absurda condenação de um Deus malvado, que nos criou

para atormentar-nos, mas é uma prova da Sua bondade, sabedoria e cuidado que nos dedica, visto que por intermédio dela, Ele nos conduz ao único caminho que nos pode proporcionar felicidade, sabiamente corrigindo-nos e ensinando-nos na escola da vida. A dor que tanto nos azorraga não é uma violação da vida divina do universo, mas é justamente uma reintegração nela, ainda que seja as nossas expensas, o que é justo, porque fomos nós que livremente quisemos viola-la.

Ora, o que sucede freqüentemente, ao nos apoiarmos em Deus, através da comunicação com Ele pela prece, é que ao invés de aderirmos a disciplina que Ele criou e da qual nos dá o exemplo em Suas manifestações, procuramos alterá-la em nossa vantagem. Então, ao invés de unir-nos a Deus, fundindo a nossa na Sua vontade, procuramos as vias de separatismo egocêntrico no qual pretendemos nós, ser os senhores e dirigentes, vias estas pelas quais justamente mais nos distanciamos de Deus que é unidade, e, por conseguinte, fusão e não cisão. E quando nos fere a dor, em lugar de procurar compreender o seu significado profundo, e aceitá-la, reconhecendo que o que Deus nos envia não pode deixar de ser justo; em lugar de admitir que, se ela nos fere, é sinal de que a merecemos em lugar de procurar, sobretudo, superar essa prova salutar para aprender, evitando recair em novo erro, nós tentamos iludir essa ordem em nosso favor, com a pretensão de dirigir e violentar a vontade divina. E é por isso que ao contrário de repetir as grandes palavras de Cristo: “Fiat voluntas tua”⁶, que nos mostram a consciência da divina ordem do universo, nós nos tornamos advogados de nós mesmos, com o único objetivo de evitar danos ou ganhar graças em nossa vantagem, e isto quase sempre no campo material que mais de perto nos toca e interessa. Em suma, na oração nós nos conduzimos diante de Deus com a psicologia de luta e utilitarismo, que é própria da terra e das coisas terrenas. Ora, se essa mentalidade pode estar adaptada ao nosso mundo inferior, ela está inteiramente deslocada, quando nos elevamos para o Alto. A atitude egocêntrica, para não dizer egoísta, e o exclusivismo constituem um grave erro, quando se fala com Deus. É, pois, ilusório que semelhante gênero de oração possa produzir frutos reais. Certamente Deus permite que falemos. A diferença esta que nós não obtemos aquilo que pedimos. E é lógico. Deus não nos dá senão o que merecemos, senão aquilo que é justo e que, segundo a Sua lei, nos seja dado. Que grandes tolices nós cometemos quotidianamente, agindo assim em um ato tão vital quanto e o de pormo-nos em comunicação com Deus. Que resultados poderemos obter quando transportamos para planos de vida mais elevados a psicologia do nosso plano, quando levamos para eles aquela mentalidade de luta e usurpação, se na terra parece tão verdadeira e útil, porque corresponde às necessidades seletivas animais, e um pouco acima não tem o menor sentido?

A atitude fundamental da prece deve ser de obediência, de adesão à vontade de Deus, de harmonização entre nós e a Sua Lei, que é perfeita. E no entanto mesmo na prece, recaímos na primeira culpa do homem, que foi também a de Lúcifer: erigir o próprio eu em lei da vida e antepor essa lei, em que o eu é centro, àquela em que o centro é Deus. Desta maneira ora-se às avessas, com um impulso de afastamento, ao invés de aproximação a Deus. Nós nos erigimos em juizes de nós mesmos, de nossos semelhantes, do mundo, da própria ação de Deus e pretendemos indicar-lhe o caminho a seguir para o nosso bem. Pretendemos salvar tudo e não sabemos nada. Justamente nos dirigimos a Deus, mostramo-Lhe todo o nosso orgulho e a nossa presunção. Exatamente na oração provamos desconhecer a Sua bondade e o Seu amor por nós. Tomamo-lo, universalmente, por um chefe caprichoso, que podemos propiciar com ofertas, por um Deus de vingança, capaz de ser aplacado com sacrifícios. Imaginamo-lo um senhor despótico e O respeitamos porque apenas é o mais forte. O insensato chega mesmo a manifestar na blasfêmia com que O desafia, uma prova da própria força. E muitos oram apenas porque não podem mandar. Desejariam poder mandar e não o podendo, entregam-se a uma total sujeição. Tornamo-nos, às

⁶ "Faça-se a tua vontade". (N. do T.)

vezes, petulantes no pedir e insistir em vantagens imediatas e materiais que, se coincidem com o nosso prazer, nem sempre representam o nosso bem. Por que esta atitude de mendigos enfadonhos, que pretendem impor-se mais com a insistência de que com a humildade com a longa repetição vocal, mais de que com a expectativa confiante? Mas Deus tudo sabe a nosso respeito, sabe de que necessitamos, sabe melhor de que nós aquilo que é benéfico ou maléfico para nós. Devemos compreender que Ele é Pai que nos ama e que, por conseguinte, antecipa-se em oferecer-nos todo o bem que não seja para nós um dano, antes que nós mesmos saibamos ou pensemos. Como podemos presumir que possamos ensinar-Lhe o que é melhor para nós e corramos a oferecer-Lhe esse belo aspecto de soberba atitude, justamente na oração?

Não. A oração deve ser diferente. Nela não devemos ter a pretensão de ensinar nada a Deus. Não é a lei de Deus que deve alterar-se, adaptar-se a nós, mas somos nós que devemos mudar, curvando-nos a ela. Não devemos pretender, com a oração, tornar Deus um nosso servo a trabalhar para nós, e fazer de Cristo um redentor que tenha sofrido em nosso lugar. Não se deve inverter, porque é cômodo, a ordem divina. Cada um conquista a felicidade, com a própria dor. A verdadeira oração é avizinhamo e adesão, é dócil aceitação. Nem também por isto ela deve ser confundida com uma passiva e inerte resignação. Ao contrario, ela é consciência da ordem e vontade de Deus, e cooperação ativa na Sua ação de bem no mundo, é aceitação operante, dinâmica e fecunda. Aceitar significa colaborar com Deus segundo os Seus desígnios, significa corresponder ao Seu amor, compreendendo que toda a alegria que Ele, segundo a Sua bondade e justiça pode nos dar pelo nosso verdadeiro bem, já nô-la deu antes que fosse por nós pedida, e que se não nos dá um bem, é porque este nos faria mal. Mesmo uma privação pode ser um dom em vista de uma maior felicidade futura.

Se quisermos, pois, que a oração seja uma verdadeira prece e dê os seus frutos, não peçamos o impossível, porque por mais que seja pedido e rogado, nos será negado. Ela não deve ser uma ordem, nem uma petulante mendicância, nem também um modo de aconselhar Deus quanto ao que deve fazer, mas deve ser um ato de humilde adesão à Sua sábia vontade: "Fiat mihi secundum verbum tuum"⁷. E se quisermos reduzir a oração a um pedido de graças, recordemos que o melhor meio de obtê-las é tornarmos-nos merecedores delas. Nós somos livres de fazer o que mais nos aprouver e de aceitar ou não, no momento, a vontade de Deus. Mas, se não aceitamos hoje, teremos que aceitá-la amanhã, em condições mais onerosas, pois que a vontade divina é que nós consigamos, por todos os meios e a qualquer custo, mesmo com dar, o nosso bem. Essa ativa adesão a tudo que Deus nos prepara, essa nossa compreensão e boa vontade de desenvolver os motivos que Ele nos oferece, sejam eles sofrimento ou alegria, esse superamento do nosso interesse imediato em vista de maiores interesses nossos por vindouros, enfim, essa anulação da nossa vontade individual na vontade divina, que guia os grandes planos da vida universal, tudo isto é essencial para atingir e manter aquela contínua união com Deus, que aqui nos propomos atingir.

Semelhante comunicação com Deus através da prece pressupõe em nós um estado de animo habitual, inteiramente diverso do comum. Na terra se acredita que valer e poder estejam em função de possuir, enquanto que o que realmente conta é o que se é e não o que se possui. Quanta gente possuiu os nossos haveres antes de nós, acreditou ser deles o verdadeiro dono, e no entanto teve que os deixar! Assim nós também podemos acreditar que sejamos os seus donos e, apesar disso, os deixaremos, e assim também outros, depois de nós, acreditarão sucessivamente ser igualmente donos e terão que os deixar. E cada um não levará consigo senão o que realmente é e vale, isto é, as obras e os méritos, isto é, somente aquilo que

⁷ "Faça-se em mim segundo a tua palavra". (N do T.)

possui em espírito. Deve-se, por isso, desligar o coração de qualquer coisa terrena, tratando-a com desapego de simples administrador, depositário que deve prestar contas a Deus dos bens que lhe foram confiados temporariamente para fins mais altos. Então, na verdade, não se possui mais nada para si mesmo. Tudo se torna propriedade de Deus e a Ele compete a defesa dos nossos haveres. Embora se canse e corra, é para mais segura recompensa e já sem a ânsia de perder, porque tudo é confiado ao verdadeiro dono, com a garantia de sua sabedoria e bondade. Então estamos seguros de que Ele nos enviará, com a Sua Providência, o necessário para que possamos cumprir a obra da nossa vida. Que paz se origina em trabalhar assim nos braços de Deus, na consciência do próprio dever cumprido! Quando se executou o próprio dever para com Deus, está-se seguro de que Deus cumprirá o Seu para conosco. E que grande fato, que expansão de toda a nossa vida é o tornarmo-nos assim Seus operários, e representar uma parte do grande organismo, uma função no funcionamento do universo!

A oração que se baseia em tal estado fundamental de alma deve ter por característica ser feita mais de aspiração que de palavras, sentida mais do que dita. Ela deve preferir as coisas espirituais, e só pedir as materiais, em função das espirituais. A oração só deve ser feita com escopo justo e altruísta, pois de outra maneira não pode produzir efeito, sendo contrario a lei de Deus, que quer o amor ao próximo e não o egoísmo, o bem e não o mal. A oração não deve ser egocêntrica, do eu que pede para si, mas uma adesão à vontade de Deus, um ato de harmonização com a ordem divina. Devemos estar dispostos a sofrer quando tivermos violado essa ordem, persuadidos de que o nosso bem e a nossa redenção residem nessa dor merecida, que nos reintegra na ordem que violamos. As formas inferiores de oração, próprias do involuído homem atual, poderão ser, por piedade a sua ignorância, permitidas por Deus, mas é certo que a verdadeira e que a elevada oração não exige, não julga, não aconselha, não pede, apenas escuta para depois aderir e obedecer. Cessa, desta forma, a exposição das necessidades e rogativas terrenas e domina uma atitude receptiva de audição, em que muito mais fala Deus do que nós, prevalece uma expectativa de conselho e de guia, de ampliação de energia e de potência para a nossa nutrição. A prece torna-se assim algo diferente: é um abrir de portas de alma para que Deus entre e para que o grande rio da vida, descendo das suas fontes nos inunde, e para que a divina irradiação do centro nos invada e vivifique Atitude de grande atividade espiritual, porque se trata de atingir as altas frequências e os potenciais necessários para sintonizar-nos com o centro transmissor, porque sem sintonia não há comunicação. Trata-se de dar-nos em amor, porque só então Deus pode dar-se a nós em amor, dado que Ele jamais se impõe a quem não O quer. E enquanto nós não O quisermos, porque ainda não chegamos a compreender, Ele permanecerá em expectativa, indiretamente estimulando-nos por mil vias, a fim de que sintamos a necessidade d'Ele, procuremo-Lo e O chamemos para que venha até nós. Quantos perdem os Seus imensos tesouros por andar à procura das pobres riquezas terrenas! E no entanto Deus não deseja senão tornar-nos ricos! Mas é necessário que O procuremos, fazendo-nos dignos, porque assim o quer a Sua justiça.

A verdadeira oração, a mais elevada e mais intensa, chega assim a não ter mais palavras e se reduz a um silêncio, de todo o nosso ser, em atitude de receptividade e de oferecimento, à escuta da palavra divina. A maior oração é tácita e consiste antes de tudo em ter agido bem e, depois, na simples sensação da presença de Deus. Quando tivermos compreendido e cumprido tudo quanto acima está dito, isto é, quando tivermos harmonizado em pensamento, palavra e ação na ordem divina, tornado a nossa vontade uma com a vontade de Deus, então provaremos esta sensação. Quando tudo tivermos dado a Deus e ao próximo e deixarmos de existir para nós mesmos, então tudo vira a nós espontaneamente e tudo possuiremos.

Preparemo-nos, pois, para essa oração. Ela se faz em silêncio, a sós com Deus, distante do alarido das multidões, tacitamente quanto espera a mão de Deus, como ocorrem na intimidade os maiores

fenômenos da vida. Abram os confiantes as nossas almas, como faz a flor à luz do sol. Assim como a lei de Deus quer que ele leve aos seres a vida orgânica, assim também quer que as radiações espirituais do sol divino nos inundem de sabedoria e felicidade.

IX

A COMUNHÃO ESPIRITUAL

Quando bem tivermos compreendido e assimilado os pontos acima expostos, suscetíveis de aplicação em qualquer religião, visto que possuem um significado universal, racional, e poder-se-ia dizer também, biológico e científico, poderemos entrar em uma fase mais profunda, fase mística e intuitiva, em que não se procede a luz da razão, mas da fé, fase de atuação dos referidos pontos no seio do Cristianismo, que é a mais elevada religião que o homem conhece. Deus, na Sua verdadeira essência, está tão acima de nossa capacidade intelectual e afetiva, que permanece inacessível a nossa natureza humana, nem somos capazes de amar e proclamar uma suprema abstração em fase da qual o coração e a mente se perdem. Devemos, por conseguinte, contentar-nos em aproximar-nos de Cristo, mais acessível a nós porque é também forma e forma humana.

Cristo, materialmente desaparecido da terra e aos nossos sentidos com a Sua morte física, fica entre nós sempre presente em espírito e, de um modo particular, na Eucaristia. Ele quis, com esta Sua instituição, deixar um canal aberto para que nós pudéssemos nos comunicar com Ele. Este é o maior dom da Sua paixão. Nós nos propomos aqui utilizar justamente este canal para conseguir a união com Cristo em uma forma que de resto não é nova e que, se já admitida, não foi muito praticada e sentida e que, se pode parecer materialmente mais livre, em compensação exige espiritualmente uma disciplina mais rígida, pelo menos se quisermos obter os resultados que lhe pedimos. As almas pias poderão recorrer a ele para integrar a forma material, renovando-a nesta forma espiritual, também quando a outra não seja possível praticar, quer pela hora, pelo lugar ou por estas infinitas circunstâncias. A comunhão espiritual pode efetivamente ser praticada em qualquer hora e lugar, sem necessidade de jejum, todas as vezes que a alma sinta necessidade, e, por conseguinte, não só nos momentos e circunstâncias mais próprios, nos instantes de maior urgência e fervor, mas também com uma freqüência que de outra forma seria impossível, até que se consiga assim, mesmo em meio às nossas ocupações, uma contínua e completa união em Cristo.

Esta forma de comunhão, sendo espiritual, por esta sua própria natureza, não pode deixar de assumir uma forma mais individual e espontânea, relativa a natureza de cada alma. É difícil assim traçar-se normas gerais, porque cada um a adaptará a si mesmo, e nem como guia se podem configurar preces com palavras e formas. Cada alma dirá, com plena sinceridade e efusão, o que ela mesma é, exporá de acordo com as suas necessidades, mas, sobretudo, ouvirá consoante a própria capacidade de ouvir. Nenhum constrangimento lhe é imposto, nenhuma linha lhe é traçada, senão os princípios gerais acima expostos, porque ela deve dizer as coisas que verdadeiramente sente, que brotam de si mesma, jamais abandonando-se a repetições mecânicas, trabalho de lábios e não de espírito. É justamente esta realidade interior que pode faltar na mais precisa execução das formas materiais de comunhão. É esta realidade interior que

deve, de maneira absoluta, ser posta em primeiro plano e tudo reger e, quando tudo o mais tenha caído, ela deve subsistir em toda plenitude. Não é, pois, possível conseguir a comunhão espiritual com o espírito ausente, com a alma errante, sem a mais completa e vibrante adesão de nós mesmos.

É lógico que, tratando-se de um puro ato de amor, como preparação, presume-se, de modo absoluto, o ato de dor perfeito com respeito as próprias faltas, isto é, uma dor verdadeiramente sentida por haver violado a lei de Deus e desobedecido à Sua bondade. Seria verdadeiramente ofensivo em um ato de amor tão puro introduzir, justamente no momento de cumpri-lo diante de Deus, cálculos de interesse referentes ao próprio prejuízo pelo inferno merecido e pelo paraíso perdido. Ao menos neste supremo momento de união com Cristo, deve-se banir completamente todo o egoísmo humano. Para alguns isto será difícil e só quem for capaz poderá consegui-lo. Mas, se quisermos obter resultados verdadeiros nesta comunhão, não há outro caminho a seguir. Quem não estiver amadurecido não pode compreender e deve ocupar-se com outra coisa. Para estes a Eucaristia é verdadeiramente um "mysterium fidei"⁸, algo de incompreensível que se pode avizinhar só com: "credo quia absurdum"⁹. É questão de evolução e relativa sensibilização. Mas quem atingiu a maturidade biológica e, com ela, a necessária sensibilidade nervosa e espiritual, quem conseguiu, contrariamente ao comum ser mais vivo no espírito que no corpo, poderá então "sentir" na Eucaristia a real presença de Cristo; e "sentir" a tal ponto que poderá estabelecer o colóquio. Esta é a evidência máxima que supera qualquer demonstração ou esforço de fé.

É justamente na prática da Comunhão Espiritual que a alma procura educar-se ainda melhor para esta sensibilização, estabelecer a comunicação, aprofundar a sensação, progredindo sempre para Deus. Esta prática pode ser, pois, para as almas eleitas, um grande meio de elevação espiritual. É certo que Deus, do centro, faz pressão para alcançar as Suas criaturas, mas frequentemente as forças do bem não podem passar porque os canais estão obstruídos por mil detritos e atravancamentos espirituais. É certo também que as forças do mal, que personificamos em Satanás, tudo fazem para manter esses canais fechados e cada vez mais acumular obstáculos à passagem das correntes benéficas. Mas é igualmente verdade que, simplesmente pela vontade humana, um e outro canal abre-se ao fluxo livre das radiações divinas, podendo se formar assim um bom condutor para a corrente espiritual, através do qual ela pode passar. Então as forças do bem precipitam-se álates e abundantes por essa via, que lhes permite a expansão, porque assim é a Lei. E a vida que fala no coração dos homens, constringe-os instintivamente a sentir e reconhecer nesses seres que servem de conduto à vontade divina, o mais alto e precioso valor biológico, ao qual está cometida a incumbência de alimentar-nos e de salvar-nos. Estas atividades espirituais aqui expostas são, pois, preciosas não só para o indivíduo em sua ascensão, mas também para o bem de todos.

Começamos, desta maneira, a aproximar-nos do ponto culminante da Comunhão Espiritual, que é a sensação do contato e da união com Cristo, reconstruindo em nós, isto é, revivendo espiritualmente como conceito e como sentimento, a cena sublime da Última Ceia. Quem não a tiver presente, já impressa na alma, pode recorrer à leitura dos Evangelhos. Estes contêm um imenso material para meditação. Pode-se chegar, assim, a atingir a formação em nós e em redor de nós de uma atmosfera espiritual em que vibre como que um eco daqueles sentimentos, que de um lado foram sublimes em Cristo e, de outro, comovidos nos discípulos sentimentos de alta paixão espiritual, como os que se agitaram no Cenáculo naquela hora suprema de amor e de ódio. Deve-se procurar alcançar um estado de identificação espiritual, em outros termos, alcançar a presença em espírito de todo o drama vivido, gradativamente começando da representação da cena material e aos poucos ascendendo, através dela, à sua penetração cada vez mais

⁸ "Mistério da fé" (N. do T.)

⁹ "Creio porque é absurdo" (N. do T.)

intima e compreensão cada vez mais profunda, até efusão espiritual. Começa-se por concentrar a própria atenção na figura de Cristo, observando o pensamento, o amor, a paixão d'Ele naquele momento, procurando penetrar o sentido do Seu supremo sacrifício. Aproximar-nos-emos, assim, paulatinamente, da visão da Eucaristia, da percepção do seu verdadeiro conteúdo e significado. Abriremos, desta forma, pouco a pouco, as vias à comunhão espiritual com Cristo, que então a nós se dá nesse momento.

Inicialmente, esta ascensão, a nossa gradual elevação de tensão será dificultosa e lenta. Tudo depende da nossa pureza. É necessário, como primeira condição, que a alma, antes de entregar-se a estes atos espirituais, que constituem uma verdadeira realidade e atividade no imponderável, se haja destacado de todas as coisas terrenas pela compreensão de tudo quanto foi acima exposto, encontrando-se já distanciada bem acima delas. É indispensável, para isso, estar-se habituado a concentração, saber-se isolar do ambiente na meditação. Nisto pode ajudar-nos a solidão, quer ao ar livre, quer em casa como também em uma igreja que seja silenciosa, recolhida, pouco freqüentada por perturbadores e, sobretudo, pobre. Tudo quanto é luxo humano profana esses contatos de espírito. Não importa tanto o lugar, quanto a atmosfera espiritual de que ele se constitui, as radiações de que esta saturado, pois que a base de tais fenômenos é a sintonização de vibrações. Há ambientes que parecem esplêndidos e que, no entanto, são espiritualmente surdos, e há ambientes paupérrimos, como por exemplo S. Damião, em Assis, riquíssimos de sonoridade e ressonâncias espirituais. Cada um deve escolher, de acordo com a sua natureza, todos os meios que sente que possam no seu caso coadjuvar o processo de sintonização com o centro para o qual se dirige e em torno do qual gravita. A alma pode seguir nisto as suas simpatias e atrações, mas deve lembrar-se de que aquilo que sobretudo forma a sintonia é a natureza dos seus pensamentos habituais, pensamentos de cada instante de sua vida, mesmo os que estejam fora do mundo; é o seu caráter e tipo; e a natureza das obras de que ele vive; é a sua afinidade conseguida com o Alto. Comunhão quer dizer de fato adesão, contato de espírito, ensimesmamento, fusão, identificação. Ela se baseia na afinidade. É necessário, pois, que procuremos avizinhar-nos o mais possível de Cristo desta maneira, tendo antes já nos avizinhado d'Ele em todas as manifestações de nossa vida. Pode-se alcançar tudo isto, mas é necessário uma disciplina que nos transforme radicalmente. O objetivo é exatamente uma maturação e ascensão de todo o nosso ser. O exercício e o hábito abreviarão e facilitarão essas fases iniciais.

Façamos, pois, o que saibamos e possamos para abrir, escancarar a nossa alma às radiações divinas deixando-nos inundar por elas, recebendo-as e tornando-as nossas, vibrando com elas em todo o nosso ser. Quando tivermos de nossa parte tudo feito para sintonizar-nos, quando tivermos sabido tornar-nos receptivos, mais por abandono do que por esforço, quando subindo em espírito tivermos conseguido abrir o canal e estabelecer assim uma corrente entre emissor e receptor, então é o suficiente, a nossa parte está feita e a nossa tarefa executada. Abertas as portas, a luz entra por si. Aqueles que não estejam habituados ao trato com coisas espirituais de tal profundidade, não se amedrontem. Deus, que no outro extremo deseja a união muito mais do que a próprio criatura, e pode muito mais do que esta, virá em seu auxílio, porque tudo isto está na linha da ascensão, que é o ponto mais vital e central da lei divina. A alma nada mais tem a fazer que secundá-la, permitindo-lhe a atuação. Sem dúvida, quanto mais se é evoluído tanto mais fácil é percorrer rapidamente e com mais sucesso esse caminho. As almas preguiçosas, gélidas, egoístas, fechadas em si mesmas e incapazes de um grande impulso de paixão, ainda que religiosas, ainda que carregadas de uma montanha de práticas formalísticas e mecânicas, são as mais distanciadas dessas realizações espirituais e as que mais necessitam de maturar-se. Mas tenhamos fé, porque Deus está presente em toda a parte e também a elas auxiliará.

Continuemos. Uma vez estabelecida a comunicação por meio do desejo e da prece, a comunhão é espontânea, calma, profundamente vibrante e sem choques. É como que um deslizamento pelo ar. As

sacudidas do desprendimento da terra cessaram e tudo se acalma parecendo imóvel. Nem sempre conseguimos estabilizar-nos na alta velocidade do vôo, e nele manter-nos em equilíbrio. Como quem sobe a vertente de um monte, em terreno irregular, escorregaremos às vezes para trás, nos deteremos às vezes, ora baixamos ora subimos, mas continuamos sempre, cada vez mais alto até atingirmos o cume desejado. Assim, também, quando tenhamos chegado a obter o estágio colimado, estabilizando a passagem do fluxo espiritual, por haver eliminado todo o material obstruidor, então sentiremos a radiação divina descer amplas ondas, enchendo-nos a mente de pensamento, o coração de sentimento, saciando-nos de potência, nutrindo-nos de energia, eliminando, confortando e alimentando todo o nosso ser. Nessa altura tudo se harmoniza e se potencializa dentro de nós. As mesmas energias, não mais se atritando entre si mesmas e divergentes, mas também convergentes e colaboradoras, não se reduzirão em lutas e conflitos entre si, produzindo um rendimento máximo. Adquiriremos então a potência que é propícia dos sistemas de forças equilibradas. Uma nova harmonia, que tem sabor de paraíso, começará a invadir o nosso ser, penetrando-o gradativamente, primeiro no plano espiritual, a seguir nervoso, depois orgânico, até atingir a medula dos nossos ossos, imprimindo todo o indivíduo um ritmo de vida mais elevado e benéfico. Isto permanecerá em nós como um eco doce e poderoso e se estabilizará, emprestando-nos uma vitalidade nova, que cicatrizará as nossas feridas, a princípio morais, depois materiais, começando por nós e invadindo a seguir o nosso ambiente. Uma nova força nos fará superar as dificuldades das provas e as angústias da vida. No mundo orgânico não é tudo regido, ainda que através de inúmeras passagens graduais, pela energia que desce do sol para a terra? Assim também no mundo das forças espirituais tudo é regido pela potência que de Deus desce as almas. Quando estes mais elevados planos do espírito forem atingidos é que a oração se torna audição e a alma não mais fala, mas ouve e recebe. Então ela nada mais tem a dizer ou fazer senão ouvir à voz de Deus, nutrir-se de Sua potência e deixar-se conduzir pela Sua vontade.

Quando a ciência define como alucinações semelhantes sensações relegando-as em massa, sem discriminação, para o domínio do patológico, não sabe o que diz nem o que faz. Como já dissemos, trata-se de realidades experimentais e objetivas, se bem que de uma realidade sobrenatural que escapa a quem não tem os sentidos para percebê-las, negando, por conseguinte. Mas o homem, com o tempo, evoluirá e então compreenderá. Hoje, faltando a sensibilidade necessária para a percepção, para a admissão de um fato que está além da razão, como seja o da presença de Cristo na Eucaristia, não há outra via que a da fé.

Dado que este escrito se dirige ao ser humano atual, é necessário insistir sobre o que para ele constitui a parte mais difícil a percorrer, isto é, a que prepara a sintonização. Para isto aconselhamos a reconstrução interior do ambiente espiritual da Última Ceia, no momento da instituição da Eucaristia, momento que seria de uma grandeza terrificante, se tudo nele não fosse feito de amor pelo qual Cristo se sacrificou e tudo dá, esquecido da própria grandeza, de tal maneira que desce até o nível da natureza humana. Ora, em nada encontraremos tão poderosamente reconstruída, atual e presente no seu sentir mais vivido e profundo a substância espiritual desse momento, como no sacrifício da missa. Basta apenas seguir-lhe o desenvolvimento em espírito, ainda quando materialmente não se pode estar presente. As próprias fórmulas do rito, pelo menos as mais importantes, repetidas com todo fervor, poderão ser um ótimo guia para o preparo da Comunhão Espiritual.

Sigamos, pois, o sacrifício da missa e concentremos a nossa atenção no momento culminante da elevação, repetindo as mesmas palavras do sacerdote, as mais vitais. aquelas que ele realmente pronuncia a baixa voz, como que para subtrai-las à profanação do público distraído. Repitamo-las, meditando, procurando senti-las em profundidade, em um crescendo de paixão e aproximação:

"Accepit panem in sanctas manus suas et elevatis oculis in coelum, gratias agens benedixit, fregit,

deditque discipulis suis dicens:¹⁰

"Accipite et manducate ex hoc omnes: hoc est enim corpus meum."¹¹

"Accipit et bibite ex eo omnes: Hic est enim calix sanguinis mei, novi et aeterni testamenti, mysterium fidei: qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum".¹²

"Haec quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis"¹³.

Cada qual procure "sentir" estas palavras na máxima profundidade possível que a sua natureza permita. Depois disto, a alma sensível começa a admitir a real presença de Cristo, tornando-se-lhe cada vez mais vizinha e perceptível, em um lento crescendo de sensações, cada vez mais claras e evidentes. Cada palavra, naturalmente, não deve ser dita com a boca como habitualmente se faz, mas com a alma, sentida como a própria paixão, profundamente. Extraordinariamente poderosa é a palavra a que corresponde um real estado de alma, a palavra que não é apenas som mas força viva da alma.

Eis que se avizinha o momento culminante em que Cristo, que pouco a pouco se aproximou como nossa sensação, pode comunicar-se com a alma que lhe soube abrir as portas. Saudemos esta aproximação com as palavras do sacerdote:

"Agnus dei qui tollis peccata mundi: miserere nobis".

"Agnus dei qui tollis peccata mundi: miserere nobis".

"Agnus dei qui tollis peccata mundi: dona nobis pacem".¹⁴

A esta palavra "paz", deixemos a nossa alma repousar tranqüila, longe de todas as tempestades e preocupações humanas, plácida como um lago límpido em cuja superfície o sol pode agora espelhar-se em toda a sua pureza, sem ofuscamento ou deformação.

Atingindo esse estado de calma e limpidez, abandonemo-nos agora a Cristo, deixando que Ele venha o nós e complete o restante. Mas antes que Ele chegue, ofereçamo-nos a Ele completamente, em perfeita fusão com a Sua Lei e vontade, ofereçamo-Lhe tudo o que sejamos dor e como miséria, já que nada mais possuímos. Repitamo-Lhe as grandes palavras.

"Domine, non sun dignus, ut intres sub tectum meum: sed tantum dic verbo et sanabitur anima mea".¹⁵

Após este último impulso de humildade e consagração, a alma que, em graus sucessivos, conseguiu subir até aqui, está pronta. Ouvirá então uma voz, atrás de si anunciando-lhe:

¹⁰ "Tomou um pão, em Suas santas mãos, e, levantando os olhos para o céu, deu graças, abençoou-o, partiu-o e o deu aos Seus discípulos, dizendo":

¹¹ "Tomai-o e Comei dele todos: isto é o meu corpo".

¹² "Tomai e bebei dele todos: este é o cálice do meu sangue, do novo e eterno testamento, mistério da fé, que por vós e por muitos é derramado em remissão dos pecados".

¹³ "Todas as vezes que fizerdes estas coisas, fazei-o em lembrança de mim". (N. do T.)

¹⁴ "Cordeiro de Deus, que tiras os pecados do mundo; tem compaixão de nós"

"Cordeiro de Deus, que tiras os pecados do mundo; tem compaixão de nós".

"Cordeiro de Deus, que tiras os pecados do mundo; dá-nos a paz". (N. do T.)

¹⁵ "Senhor, não sou digno de que entres em minha casa, mas dize uma palavra e minha alma ficará curada". (N. do T.)

"Corpus domini nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam aeternam. Amen"¹⁶

A alma deve seguir este pensamento três vezes, Na terceira, ela terá sensação de Cristo, não mais apenas vizinho, presente, mas dentro de si mesma. Se ela estiver amadurecida e pronta, freqüentemente a presença em si, para tornar-se sentida, não esperará a terceira vez, mas será notada desde a primeira, porque o espírito arde no desejo de unir-se ao espírito. Dentro de si, não significa material penetração de corpos, mas, como sempre acontece no mundo espiritual, fusão de centros de forças vibratórias e isto pela via da sintonização, que é vibração em uníssono, pela qual duas notas distintas; semelhantemente ao que sucede no campo acústico, tornam-se uma nota só. Esta fusão é a mística união com Cristo, isto é, a perda da própria personalidade egocêntrica distinta, que assim se abstraiu e se introverteu na de Cristo, com a qual daí em diante saberá pensar e agir.

Se a alma souber atingir este ponto, qualquer guia será para sempre supérfluo, e será mesmo um obstáculo. Deus agirá e falará nela e ela, silenciando, admirada e arrebatada, por-se-á à escuta, realizando assim a oração perfeita. Ela não necessita mais do guia, porque Cristo a guiará. Daqui por diante ela tudo possui e nada mais lhe pode ser dado pelo homem.

Neste ponto, o conselheiro que até aqui, nestas páginas, serviu de guia, deixa a alma que ele procurou conduzir a Deus, nas mãos de Deus, para que Ele apenas lhe fale, a ilumine, a conforte, a nutra e a fortifique. Ninguém pode interferir nesses colóquios e amplexos de espírito. A comunicação com Deus está estabelecida e toda a alma encontrará, segundo sua própria natureza, em plena liberdade, vias individuais de efusão. Neste ponto, o pobre conselheiro que a acompanhou até aqui, nestas páginas, cala, venera e em silêncio se retrai.

X

PAIXÃO

Agora que completamos o trajeto dos quatro capítulos precedentes e com isto, se não chegamos o realizar todos, pelo menos a compreender a união espiritual com Cristo, avancemos ainda no mundo místico, tremendamente real para quem o alcançou, mas dificilmente concebível para o homem apenas racional.

Chegados a este cume, não podemos deixar de voltar para trás e considerar que longo caminho percorremos, desde o Cap. 1.º: "A Verdade" do livro *Problemas do Futuro*, até aqui. Todas as formas mentais atravessadas foram verdadeiramente sentidas como reais por quem expõe isto, pelo fenômeno acima descrito da personalidade oscilante e pela sua ascensão em onda progressiva até às tensões elevadas. A medida que nos avizinhamos do cume, a racionalidade, embora progredindo até destilar-se nas abstrações físico-matemáticas, permanece no limiar do mundo místico, incapaz de penetrar em urna atmosfera tão rarefeita, em que ela se sente dissolver e onde apenas a intuição pode penetrar.

¹⁶ "O corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde a tua alma na vida eterna Assim seja". (N. do T.)

Após haver observado esse momento culminante e o seu reflexo nos problemas que lhe são afins, o leitor poderá observar o fenômeno da personalidade oscilante, na sua cômoda metade descendente, isto é, em uma coordenação mais calma, no plano da racionalidade normal, retornando aos problemas da terra. Com isto o volume se encerrará. Os dois capítulos: "A Verdade", e "Ressurreição", deste volume, representam os dois extremos da oscilação da vida percorrida pelo autor no período 1945-50, em que este volume foi escrito, no fim do qual ele retornou ao fundo, mas sempre em nível mais elevado, e assim par diante. Daí se pode concluir, que não é tanto o estudo ou o raciocínio que eleva o conhecimento, mas a maturação da personalidade. Aqui não se trata, assim, de aquisições culturais, mas de um fenômeno biológico mais profundo, de uma catarse de todo o ser, da qual deriva toda essa produção.

Antes de seguir adiante, será útil observar o ritmo destas oscilações ou ondas sucessivas e ascendentes, comparando-lhe os vértices que, como dissemos, com a maturação do indivíduo atingem níveis cada vez mais elevados. Um cume fora em primeiro lugar alcançado no fim da I trilogia, com a cena conclusiva: "Paixão", do volume *Ascese Mística*, como foi descrita na Páscoa de 1937, ao pé da tumba de S. Francisco, que esta na sua Basílica em Assis. O cume atual, na cena do capítulo seguinte: "Ressurreição", foi atingido na 2.^a parte do 1.^o volume da III trilogia na Páscoa de 1947, diante do Alverne. O conteúdo aqui não é de desolação na expectativa da guerra, e de oferta na dor, como em "Paixão", mas é triunfante na espera de uma nova civilização. Também o ambiente de inspiração, ao invés de uma tumba, escavada nas entranhas da terra, lugar de morte para o corpo, é o da contemplação radiosa de um monte sagrado onde Cristo apareceu, lugar de máxima realização Espiritual. Tudo se transforma e se inverte. O motivo de 1937, expresso no 3.^o volume com que se encerra a I trilogia, se transforma completamente, em 1947, no 1.^o volume com que se inicia a III trilogia, em perfeito equilíbrio em uma obra de três trilogias.

Há depois um retorno, com ritmo decenal 1937-47 que encontramos também nas *Mensagens Espirituais*,¹⁷ pelo qual, também aqui, "A Mensagem da Paz" (Páscoa de 1943), chegou inesperada, justamente dez anos após a "Mensagem aos Cristãos" (Páscoa de 1933), que encerrava a serie precedente. Retorno decenal de vértices, segundo um ritmo que parece inserido no fenômeno, pelo qual os dois cumes 1937 e 1947 seguem o primeiro, na vida do autor, do ano de 1927, ano em que fez o seu voto de pobreza e teve a primeira visão do Cristo. Como se vê, já em 1927 o fenômeno se verificara, embora a sua primeira manifestação exterior não haja surgido senão com a primeira "Mensagem do Natal", em 1931. Todas essas coisas não foram preparadas e nem previstas, sendo constatadas somente posteriormente e por um impulso íntimo, não controlado com vontade e consciência, por parte de quem o experimentava. É evidente que este, como tantos outros fenômenos biológicos, é regido por um seu ritmo inteligente e sábio, que o ser segue e não cria.

Eis, pois, que, assim como no volume: *Nova Civilização do Terceiro Milênio*, se verifica um desenvolvimento de *A Grande Síntese*, aqui também se encontra mais aprofundado o motivo final do volume *Ascese Mística*. Assim, os germes sumariamente aparecidos na primeira explosão, retornam amadurecidos com a progressiva catarse do indivíduo, da qual mais não são que um momento e uma expressão. Assim, através dos volumes das várias trilogias, toda a obra verdadeiramente ascende, elevando-se a uma atmosfera cada vez mais purificada. Aqui, cada palavra, cada capítulo, cada volume, enfim toda a obra, não pode deixar de espelhar e repetir o grande motivo ascensional que é a base de toda

¹⁷ Traduzidas em português com o título de *Grandes Mensagens* (N. do T.)

a orquestração da vida, que se expande para Deus. É um canto único de todo o ser, canto do qual estes escritos não são, senão, um eco na alma de um pobre homem que sentiu cantar em si o universo e, em uma férvida paixão, se tornou dele o humilde intérprete. Assim este canto, começando na forma racional das zonas inferiores da matéria e do nosso cotidiano contingente individual e social, eleva paulatinamente o seu potencial. Assim é que a racionalidade se torna intuição, a observação em contemplação, o pensamento se transmuda em prece, a visão do verdadeiro se faz êxtase, amor, arrebatamento. Então deixa-se de ser espectador, para se tornar ator no grande funcionamento orgânico do universo. Não mais se ouve apenas a divina harmonia do criado, mas nela se penetra, por ela se é envolvido e transformado. E nós mesmos nos tornamos assim um canto, o canto da vida, uma harmonia de Deus, uma harpa vibrante na divina orquestração do todo. E nos anulamos, desta forma, perdidos no ilimitado incêndio do amor divino.

Descreveremos aqui, em seguida, no presente capítulo e no seguinte, estes dois vórtices: "Paixão e Ressurreição". Esta última composição é nova, enquanto que a precedente é reproduzida do volume: **Ascese Mística**. Isto para que seja possível o confronto. Mas, antes, façamos algumas observações.

O novo impulso representado pela "Ressurreição" foi preparado como que por um prenúncio na noite que precedeu a terceira sexta-feira, anterior à sexta-feira Santa de 1947, com inesperados e intensos fenômenos místicos. Isto sucedia com a aproximação da Páscoa ao 60.º aniversário do autor, enquanto "Paixão" foi escrita na Páscoa do seu 50.º aniversário. Essa composição representa a dor e o voto expressos pelas três solenes promessas feitas na tumba de S. Francisco de Assis. Essas promessas foram aos cinquenta anos, em seguida repetidas todas as tardes, até que 10 anos depois se junta à "Comunhão Espiritual", atrás exposta, escrita em 1947, pouco antes de "Ressurreição". Esta, depois daquele período de maceração, representa a alegria que triunfa sobre a dor a vida que se sobrepõe à morte, o cumprimento da catarse. Após 10 anos de esforço e de dor, no Monte Alverne, onde Francisco se uniu a Cristo, veio do Alto a resposta e colocado o sinete da promessa final. O motivo negativo de "Paixão", reproduz-se aqui em posição corrigida, positiva. Não mais trevas e tormentas mas luz e vida.

É a retificação do mundo na nova era do espírito. A dor, compreendida, aceita e vivida cumpriu a sua obra de redenção e se transmuda em alegria. É a ressurreição do mundo através da sua atual prova e paixão, é a derrota do mal no triunfo do bem. Sobre as ruínas despontam as flores e a vida avança. O autor não vive aqui um motivo seu, individualizado, mas todo o motivo biológico da sua era histórica e começa a realizar primeiramente nele a metamorfose que levará o mundo para o novo tipo de civilização. É assim que nestas composições e nesta sua obra pode repercutir e vibrar o ritmo do grande fenômeno que a vida está agora vivendo. Ele teve que viver antes, sentindo em si a correção evangélica dos valores hoje invertidos no materialismo, como deve hoje vivê-lo o mundo em tragédia paralela.

Neste endireitamento, os três motivos da "Paixão" reaparecem, pois, em "Ressurreição", entre si correlatos, mas transformados de treva em luz, de tristeza em alegria. E o mesmo homem, que na Quinta-feira Santa de 1937, havia tornado sua a dor de Cristo moribundo e a dor que esperava o mundo, então ignaro da última guerra mundial, agora, na manhã da Páscoa de 1947, faz sua também a festa do Cristo que ressurge triunfante e a glória que está reservada para o mundo em uma nova civilização que ele ainda não vê. O fenômeno não se refere apenas a quem escreve, mas envolve a todos no mesmo ritmo e a todos conduz para a mesma meta.

Enquanto "Paixão" foi escrita na noite de Quinta-feira Santa, vigília de paixão, na treva, em baixo, junto a uma tumba, "Ressurreição" foi escrita na manhã da Páscoa, a luz, no alto, onde triunfou o

espírito em Cristo. Esta passagem representa o afastamento da pedra que fechava o sepulcro e a ressurreição do espírito, que, no terceiro dia, isto é, no III milênio, explode do seu invólucro corpóreo. Assim, quem escreve, instintivamente preparado pelo ritmo do fenômeno universal, que vai da vida de Cristo a vida do mundo, fenômeno no qual se encontrava preso sem sabê-lo, chegou a manhã da Páscoa de 1947, após um vago pressentimento da aproximação de um grande acontecimento espiritual. A visão exposta em "Ressurreição" se desenvolveu nas primeiras horas do dia, estando o seu espírito presente na Capela dos Estigmas, no Alverne, enquanto o corpo estava em Santo Sepulcro (Arezzo), aonde fora com a família. Voltando a si, ele registrou a referida visão, de jato, como uma explosão, ao mesmo tempo que podia ver com o olho físico o perfil do Alverne e o ponto onde se encontra a aludida Capela, visíveis de Santo Sepulcro. E aquela manhã, embora interposta entre duas semanas de mau tempo, estava verdadeiramente límpida e radiosa.

Eis o texto de "Paixão"¹⁸ Seguir-se-á, no capítulo subsequente, "Ressurreição".

*

* *

PAIXÃO

Assis, Quinta-feira Santa de 1937

Peregrino de dor e de paixão, eu me aproximo de Ti, Senhor.

Despedaçaste todos os meus afetos humanos, um a um: quiseste que somente o Teu amor permanecesse.

E quando o meu coração caiu por terra, ensangüentado, na estrada poeirenta, pisado por todos, Tu então o recolhiste e me disseste: "Eu sou o teu amor. Somente a mim podes amar.

Em mordida de ferro comprimiste minha paixão; quando ela desejava explodir no mundo, Tu lhe fechaste todas as portas e a lançaste dentro de mim, para que, na constrição, se tornasse mais profundo e mais potente o seu lume e ardesse num incêndio sempre maior, e no íntimo inflamasse, chamejando até encontrar-Te, Senhor.

Dosaste o meu tormento, proporcionaste asfixia lenta, quiseste que eu me aproximasse de Ti por minha procura e por esforço meu.

Agora compreendo que ao Teu amor divino eu não poderia chegar senão pela dilaceração de todo amor humano.

A Ti não se chega senão pela tempestade, por que és o turbilhão e o poder, és a essência da força.

Sinto que a chama do Teu incêndio se aproxima e lança labaredas sobre mim. De repente, uma delas me toca e se enrodilha a' minha alma, aperta-a e agarra-a para atraí-la a si, no centro do incêndio.

Afrouxa, em seguida, a pressão e me deixa recair nas coisas humanas, para retomar-me depois outra vez, ainda outra, sempre mais forte.

Aquele incêndio me espera e eu nele cairei.

* * *

É a Semana da Paixão e aproxima-se a hora santa em que Tu, Senhor, na Tua agonia, lançaste ao

¹⁸ Publicado, também, no volume *Ascese Mística, II Parte* — cap. XXVI, do mesmo autor. (N do A.)

mundo o grito da redenção e do amor.

Nestes dias espadelaste minha alma para que também eu vivesse a Tua paixão de dor e de amor.

Sobre minha sensibilidade, vibrando e ressoando, passaram o choque brutal e o insulto feroz, e nela pousaram, submergindo com alegria na minha dor.

Tu estavas presente e próximo, mas, por desgraça minha, eu não o senti.

A nova dor, porém, reergueu até Ti minha sensação e nas profundezas do meu desânimo eu Te encontrei, assim como tantas vezes eu Te perdi e na minha prostração vieste ao meu encontro e de novo me apareceste.- Que desejais de mim, Senhor?

* * *

Chego a Assis, ao anoitecer da Quinta-feira Santa.

Sete velas e mais sete, em duas ordens bem visíveis, ardem, solitárias, na basílica de Francisco.¹⁹

Apagam-se lentamente, uma a uma, com um salmodiar longo e triste, em que chora a Igreja e o mundo suplica; lá fora, tristemente o dia se extingue, filtrando sua agonia através dos históricos vitrais.

A sinfonia de liturgia, de luzes, de pranto, canto concorde com a lenta sonolência de morte em que se extingue a agonia da paixão.

Quando, porém, com a derradeira luz do dia se apaga a última vela, o último cântico do salmo explode tão trágico e dilacerante, interrompido pelo triste batido das vergas no solo, que minha alma tempestuosa se abate, porque então ouço dentro de mim gritar a dor do mundo que, súplice, chora com o Cristo que morre.

Já é noite. Ensombram-se os vitrais luminosos. Tudo está apagado nos altares nus. A Igreja, que nesta hora agasalha a dor de um Deus e a dor do homem, depôs seus ouropéis e se abate desnuda aos pés de Cristo.

Neste ar triste, mas, calmo; nesta atmosfera de dor, grande, mas consciente e resignada, ouço o clamor das multidões distantes, que não querem e não sabem sofrer; sinto o espasmo das marés humanas que a dor e a paixão perseguem e atormentam.

Minha alma treme.

Jaz abatida ao pé da cruz e olha, no alto, o drama de um Deus agonizante por amor. Somente o seu olhar me dá força para viver.

Vivo o Teu tormento, meu Senhor. Subi Contigo até a cruz; Tua dor é minha dor. Agonizo e morro Contigo.

Desejaria invocar piedade para todos, mas, na tenho coragem. Não tens mais sangue para dar; morres nu e amaldiçoado e és inocente. Que posso pedir-Te mais por amor do homem?

Eu o sei: dar-me-ias ainda lacerações tremendas; mas, a cada novo rasgar-se de minha carne, eu Te direi: "Por amor de Ti, Senhor".

E quando, já sem forças, cair, e vir chegar até mim a carícia sedutora das coisas humanas, minha alma deverá recusar qualquer repouso ou conforto e dizer: "Por amor de Ti, Senhor"

Flagela diariamente meu espírito, para que eis seja desperto e pronto, ao Teu comando

Com a minha renúncia alimentarei todo o dia o chama de amor por Ti.

Não! Não é renúncia, não é dor: é expansão e alegria. "É pelo meu amor, Senhor".

Que posso eu fazer? Agora, é inútil resistir. Precipito-me em Ti, Senhor; as órbitas se comprimem

¹⁹ Nesta basílica gítesca, ao anoitecer de Quarta e Quinta-feira Santas, se faz o "Ofício das Trevas", extremamente sugestivo pelo ambiente artístico, a liturgia e o canto solene, e, sobretudo pela quase ausência do povo, que perturba sempre com a sua distraída incompreensão. (N. do T.)

vertiginosamente; a maturação prossegue no mundo e em mim por caminhos opostos.

A hora é intensa para todos. Não se pode detê-la. Preparada, já há tempo, precipita-se. Eu temo olhar.

* * *

O círculo se aperta. O drama da paixão de Cristo se faz intenso dentro de mim; o drama das tempestades humanas acossa quem está lá fora.

Desço a cripta e me abato aos pés do túmulo de Francisco.

Apossa-se de mim, plenamente, o espírito do lugar, tão forte que me lança por terra. Apoio sobre a pedra desnuda a fronte em chamas, para acalmar a febre e abrandar o incêndio.

Conduziste-me até aqui. Para que? Que queres de mim, Senhor?

Começo a balbuciar: "Toma minha alma". Estou a espera, vibrando, em tensão, sem palavras.

Recordo. Já me disseste numa hora de trevas: "Segue-me, seque-me".

Paira sobre mim algo de grave e de grande que eu não sei. Sinto solene a hora. Estás perto de mim, ó Cristo, eu Te sinto. Francisco é uma força viva, vibrando daquele túmulo, e me contempla e me ajuda.

Algo de potente, de imenso, quer subir das profundezas de meu coração e não pode. É intenso demais para suas forças. A idéia se agita, comprime-se para explodir, busca a palavra que a expresse, que a engaste em sua última forma.

Finalmente, emerge a voz e minha alma grita:

"Senhor!. Eu Te seguirei até à cruz".

Então, sinto dentro de mim, a cantar: "Tu estás no centro de meu coração".

Minha alma, liquêfeita em lágrimas de júbilo, de mor e de paixão, prostra-se, sem forças.

Naquele instante, porem, ressoa do alto, do templo superior²⁰, da igreja baixa pintada por Giotto, no cântico que salmodia, até ao vértice de sua paixão ressoa, como raio a ecoar toda a explosão do meu tormento, condensando minha tempestade, ressoa, no clamor da musica e das vergas batendo no solo, o grito derradeiro do Cristo que morre.

Esse grito me atinge e me fere. Alguma coisa se dilacera em mim; abre-se uma fenda em minha alma.

O extremo apelo me convoca: é o lamento de Cristo, é a dor do mundo, é uma convergência, em mim, de forças superiores e inferiores; sinto minha alma fugir-me, arrebatada num vértice de forças titânicas, sinto a voz instar dentro de mim e repito: "Senhor, seguir-Te-ei até à cruz".

Estou esmagado pelo peso de uma promessa solene.

* * *

Torno a subir à igreja média, pintada por Giotto.

Apaga-se a última vela. É noite. Ouço ainda mais perto, dentro de mim, a repetir-se, o grito do Cristo a morrer.

Ele aqui está, atual, presente.

Rasga-se, então, ante meus olhos, a visão da terra e do céu.

O céu chora a agonia e a paixão de amor de um Deus, a terra treme, convulsa, no pressentimento de um vendaval sem noite.

O drama do homem e o drama de Deus se conjugam nesta hora suprema de paixão

Olho, atemorizado. Vejo um turbilhão de forças que se projeta para a terra e vejo a terra sacudida, agitada, submersa num mar de sangue.

²⁰ A basílica de S. Francisco é composta de três igrejas superpostas. A cena realiza-se na igreja do meio e na cripta embaixo, onde está o túmulo do Santo. (N. do T.)

É a hora tétrica da paixão do mundo. E, parece, sem esperança. O círculo estreita-se cada vez mais; bem depressa estará fechado e tarde será para escapar á compressão.

A mão do Eterno empunha o destino do mundo; estão prontas a desencadear-se as forças para o choque fatal. Está próxima a hora das trevas, do mal triunfante, da prova suprema. Feliz quem não for vivo, então, sobre a terra.

O amor de Deus deve retrair-se um momento, para que a justiça seja feita e o destino, desejado pelo homem, se cumpra.

Há algum tempo, eu já disse — preparai-vos, preparai-vos — e não ouvistes. Em breve, será demasiado tarde.

O drama está próximo, eu o sinto, torna-se meu, toco-o, ressoa desesperadamente, no mais íntimo de meu espírito.

Repito: "Toma, Senhor, minha alma"

E três vezes repito: "Senhor, ofereço-Te a mim mesmo pela salvação do mundo".

"Seguir-Te-ei até à cruz".

Três vezes repito e sinto que Tu, Cristo, me escutas, me aceitas e que estou unido à Tua Paixão. Compreendo que me guiaste até aqui, ao templo de São Francisco, para que, sobre Seu. túmulo, próximo Dele, eu Te repetisse esta nova promessa solene, decisiva, após a primeira, após cinco anos de duro caminhar.

Compreendo que Tu esperavas esta minha nova dação porque agora um peregrinar mais áspero se inicia e um esforço mais árduo me espera.

O cântico cessou depois de seu último paroxismo

Todas as luzes se apagaram. O templo está em silêncio, no escuro.

Minha alma atinge, junto à alma de Cristo no Getsêmani, sua última desolação.

Abala-me o último estalido das vergas batendo no solo.

Naquele instante, verdadeiramente senti a terra tremer.

* * *

Como era belo contemplar, lá fora, antes do ocaso, sobre o doce e extenso vale umbriano e os reflexos do Tescio²¹ os pinheiros ondeando ao vento, contra os diáfanos esplendores da distância!

E, mais tarde, a lua cheia surgindo do Subásio a mole do templo, irreal entre pálidas luzes, e a imensa campina adormecida.

Hora de doces colóquios de espírito com a alma do criado no intenso pressentimento de primavera. Hora de ternas recordações para mim, nesta doce terra de Assis, onde tão profundamente vivi e que tanto amei. Hora em que o céu e a terra refletem, amigos, um sorriso comum e se estreitam num fraterno amplexo.

Parecem em paz, mas é aparência do momento.

Vive dentro de mim a visão da realidade.

Eu senti verdadeiramente a terra tremer.

²¹ Rio perto de Assis (N. do T.)

XI

RESSURREIÇÃO

Alverne — Páscoa de 1947

É manhã de Páscoa, manhã radiosa da minha ressurreição em Cristo e eu cheguei em espírito aqui em cima do Alverne . E aqui, na Capela dos Estigmas, no lugar em que Francisco viu Cristo, a minha alma escreve no livro da sua vida eterna, em caracteres que não mais se apagarão. Escreve e exprime em si este novo grande dia da sua eterna transformação, dia de alegria depois de tanta dor, dia de vitória e de paz, depois de uma caminhada tão exaustiva. Sinto o olhar de Cristo sobre mim, que imprime um sinete de fogo à minha palavra.

Deste alto cume ao Alverne contemplo a terra adormecida lá em baixo, longínqua e vaga na névoa matinal, tão cheia de ânsias e de dores, e apesar disso aquecida e fecundada pela divina luz do sol.

Deste cume espiritual também repasso a história do mundo, ainda imerso no paul da ignorância e da barbárie, perdido na névoa da involução, história cheia de aflições e destruição, e apesar disso, guiada e regida pela lei de Deus.

Deste cume do meu destino miro a infinda alternância de minha transformação, que finalmente hoje emerge da prova e da dor e, por esta impelida a um ancoradouro mais firme e elevado, pode arremessar-se agora de um salto para Deus. O espírito, redimido pela dor, pode, finalmente, escancarar as portas cerradas pelo egoísmo e pela culpa, pode abrir-se a fim de que a luz do alto o penetre e o inunde.

Eis que hoje, não mais na tumba de Francisco de Assis²², tumba de Seu corpo morto, mas no Alverne, a apoteose do Seu espírito vivo e presente, confirmam-se e se concluem, amadurecidos no tempo, os meus pactos com Cristo, já cumpridos em uma hora de paixão e de treva para o mundo, no claro pressentimento do iminente último conflito mundial. Tudo caminha e tudo fatalmente deve maturar-se na vida. O bem como o mal estão enquadrados no ritmo de sua transformação e eis-me aqui chegado, chegado aqui em cima, de onde contemplo a terra, a história e a mim mesmo.

Dez anos faz, na Quinta-feira Santa de 1937, que chorei em Assis e pranteei a minha dor e a dor do mundo que tornei minha. E como agora ressurjo da minha dor na alegria de Cristo, assim ressurgirá o mundo em uma nova civilização. Vejo-a do alto deste cimo, que domina o tempo, última meta de tanta

²² Veja "Paixão"; Assis, quinta-feira Santa de 1937, capítulo anterior. (N. do A.)

luta e sofrimento. Hoje, aqui, neste cume do Alverne, não choro mais a minha paixão em Cristo e a paixão do mundo, mas canto a minha ressurreição em Cristo e a ressurreição do mundo. A esta dediquei a vida.

* * *

Senhor, semeei segundo as Tuas pegadas, como me ordenaste. Semeei por toda a parte, em todos os campos do mundo, rivais e ciosos de vãs posições terrenas. Entrei lá, onde, com bondade e compreensão, me foi aberta a porta, seguindo o Teu Evangelho, que nos ordena amor. Permaneci contristado em silêncio, no limiar das portas que me foram fechadas. Fui expulso por aqueles que mais amava e que melhor deveriam ter compreendido. Senhor, ofereço-te esta minha dor. Eles não me quiseram. Oro por eles. Outra coisa não posso fazer. A obra da qual eu sou o servo é Tua. Somente Tu possuis os meios para fazê-la triunfar. Eu nada sou. Repito-Te o meu voto: **"Senhor eu sou o Teu servo. nada mais quero do que isto"**.

Senhor, pela salvação do mundo, para aliviar, se possível, a sua merecida dor, para dar à Tua justiça uma contribuição qualquer de amor, ainda que seja quase nula, para encher o horrendo vazio produzido pelo ódio, ofereci-Te a minha dor. Somente Tu a viste e aqui em cima quase que sangrando e esvaído. Tu o sabes. Jamais peço para mim. A minha prece não pede, mas ouve. Ouve a Tua voz. Mas se para os outros eu posso implorar, faz com que o mundo seja salvo da medonha catástrofe que o ameaça, faz com que ele possa aportar a salvo à outra margem, que se encontra além da sua atual prova de dor e faz com que a meta da sua ressurreição, pela qual Te ofereço em vida, seja logo plenamente alcançada. Faze que não seja vão tanto sofrimento, faz com que a dor abra as mentes e os corações, faz que esta destruição na matéria construa no espírito. Também Tu, Cristo, ressurgiste da Tua paixão, e também ressurgi agora em Ti da minha dor. Faze que igualmente o mundo, redimido pela sua tribulação, ressurgja em Ti, álaure e triunfante, como Te vejo ascender hoje aos céus, vencedor da dor e da morte, como me apareces neste radioso cume do Alverne, nesta gloriosa manhã de Páscoa. Faz com que isso aconteça. Sei que tudo é perfeito no universo, segundo a vontade do Pai, que Lhe acena a marcha fatal e que eu, orando, não posso e não devo nem ajuizar nem aconselhar, mas apenas obedecer. Deveria dizer somente: "seja feita a Tua vontade". Mas esta minha imploração é a explosão do meu amor pelos irmãos em perigo, e é mais forte do que eu. Vejo o báratro da barbárie, que ameaça as multidões inconscientes. Entre tanto apregoamento de sistemas, salva-os, Senhor Repito-Te o meu segundo voto: **"Senhor, eu Te ofereço a mim mesmo pela salvação do mundo"**.

* * *

Senhor, ao terceiro ponto, permaneço só diante de Ti. Separam-se os destinos do mundo do meu destino. Cada qual é livre e responsável por si, isoladamente. Um dia me chamaste para dizer-me: "Segue-me, segue-me!" Obedeci ao Teu apelo e procurei seguir-Te Senhor, como a minha infinita fragilidade e fraqueza permitiram, como a minha pobre e culpável humanidade facultam. Mais não pude fazer. Segui-Te de longe desesperadamente chorando o meu amor perdido, para manifestá-lo, tornando-me querido. E caminhei sangrando entre as sarças caindo e levantando, levantando apenas porque Tu, que conheces a miséria, tiveste piedade de mim e me estendeste a mão. Segui-Te de longe, como convém a um servo indigno. Procurei ver-Te do fundo destas trevas terrenas. Procurei ouvir de novo a Tua voz amiga no Evangelho, esquecido dos homens Escutei com a minha pobre razão os passos por Ti impressos na história, sentindo embora que a pobre análise feita pelos sentidos não poderá jamais reconstruir a Tua figura, que está acima de toda a forma humana. Segui-Te chorando a minha insensatez, envergonhado por não saber Te dizer, porque Tu estás no alto, em tão ofuscante glória de perfeição, que eu me desoriento. Senhor, juntei esta dor que é a consciência da minha miséria às outras dores e também isto Te ofereci, para que Tu tivesses piedade de mim. Tudo isto Tu sabes e eu o sei. Nada fiz do que devia e do que

desejaria. E no entanto o meu coração enamorado de Ti, sem medir mais nada, nem a Tua grandeza, nem a minha indignidade, o meu coração, ardente do desejo por Ti, incapaz de resistir à Tua chama que o envolve e queima, incapaz de compreender o alcance das suas próprias palavras, a imensidade da sua ardência, o absurdo do seu impulso, o meu coração Te repete, irresistivelmente transtornado à Tua luz, repete o seu terceiro voto: "**Senhor, seguir-Te-ei até à cruz**".

* * *

Eis que aqui, no cimo do Alverne, nesta manhã de Páscoa, o meu drama se cumpre. Por dez anos repeti, toda tarde, os três votos. E Tu permaneceste ao meu lado, Senhor, e guiaste cada passo meu no mundo, procedendo-me com a Tua cruz, coroados de espinhos. Mas tudo é transformação e a transformação possui um ritmo. A Lei que rege o universo é um pacto que Deus fez com o homem, no qual está garantida assim a estabilidade fenomênica. Nesta Lei o mal está enquadrado a serviço do bem, a dor é permitida como instrumento de felicidade, assim como em Ti, depois da paixão, a ressurreição. Tudo é ordem em uma harmonia sublime. Como Tu já nos mostraste como sucederá para o mundo, assim também a minha dor cumpriu a sua redenção.

Na redenção não Te vejo mais coroados de espinhos sangrando na crucificação, na primeira fase que é de sacrifício do corpo-matéria, crucificado, em que o homem, ainda todo carne, se detém demasiado e permanece ainda. Mas vejo-Te na segunda fase, a mais alta e vital da redenção, que é a ressurreição no espírito, ressurreição em que o homem, ainda pouco evoluído, muito pouco assimila e compreende. Vejo-Te, pois, quão diverso de ontem Vejo-Te emerso da dor, em um esplendor de glória, de beleza e de potência, projetado na amplitude dos céus. Esplendores e irradiações, todo feito de luz. És o sol da vida. A Tua chama aquece e nutre o universo. Neste esplendor, aqui no Alverne, onde agora me encontro presente em espírito, Te viu Francisco, aqui onde está escrito: "*Signasti, Domine, Hic servum tuum Franciscum, Signis Redemptionis nostrae*"²³. Nesta alegria, como se acabou a Tua dor, ó Senhor, deve ter fim pela mesma lei que Tu nos mostraste, toda dor, a dor do homem, a dor do mundo.

* * *

Na mata em derredor do sacro monte do Alverne canta a voz das grandes árvores meditativas, projetadas para o céu, a voz das minúsculas criaturas aladas que aí se aninham. Mais além canta a voz do homem ocupado nos labores da terra, canta a voz das rochas e das águas, das nuvens e dos ventos em tempestade, e tudo domina o canto imenso dos céus. Tudo é festa. Os sinos anunciam para o mundo a Tua ressurreição. E Tu sobes glorioso no esplendor do sol. A Tua ordem triunfa. É a vitória final do bem sobre o mal.

O meu destino se cumpre. Eis-me junto a Ti, Senhor, última meta. As trevas da noite se desfizeram, a névoa se diluiu ao sol. Tu me apareces intensamente mudado, assim vestido de glória, visto nesta outra margem da minha vida, depois de uma caminhada bem longa e dolorosa. Vejo-Te, não mais aflito, mas amorosamente reclinado ao meu lado, para dizer-me: "Estás fatigado. Apoia a tua cabeça em meu peito e repousa". Mas, vencedor do mal, Tu me dizes, como ao bom ladrão porque com ninguém mais tenho semelhança: "Amanhã estarás comigo no paraíso". É a Tua resposta aos meus votos, por dez anos repetidos e seguidos. Tantas outras coisas depois me dizes, em linguagem não humana, no segredo da alma. Mas estas não se podem repetir porque não seriam compreendidas. Estas não se devem dizer, permanecem encerradas no segredo do Eterno!

²³ "Assinalaste aqui, ó Senhor, o teu servo Francisco com os estigmas da nossa redenção". (N. do A.)

* * *

Assim cheguei junto a Ti, Senhor, peregrino de amor e de paixão. De todos os amores humanos, o Teu foi que venceu. A Ti só se pode amar. Através da tempestade cheguei à Tua paz. As chamas do Teu incêndio me envolverão e não me deixarão mais. A dor me salvará. Bendita sejas, irmã dor, que nos redimes. Agora sei o que Tu querias de mim, Senhor. Não mais chora, não mais treme a minha alma, mas triunfa na Tua alegria. A paixão está superada na ressurreição. Assim como a Tua dor foi minha, assim também agora é minha a Tua felicidade.

Tu estás comigo, Senhor, e não mais me deixas. E Ele me diz: "Vai, diz aos homens que não se sofre em vão. Vai, lembra aos homens o caminho da redenção. Que saibam sofrer e, sofrendo, compreender. À medida que compreenderem, o círculo se alargará e a dor se suavizará. A luz de Deus bate as portas de sua alma e pede para entrar, mas eles a mantêm hermeticamente fechadas. Abram-nas ao amor fraterno, que Deus entrará. O homem deve aprender qual ser livre e pode, pois, aceitar ou repelir como quiser. Mas ai de quem odeia os outros, porque envenena a si mesmo. Ai de quem se encerra no cárcere de egoísmo, porque barra para si próprio o caminho das fontes da vida, isola-se e se estiola em direção à morte. Vai, ensina ao mundo esquecido, desviado por detrás de falsas miragens, os verdadeiros caminhos da alegria. Sê sacerdote do espírito e oferece também o que sabes, porque de mil ofertas nasce a nova civilização".

Eis que, enquanto me afasto do Alverne para tornar aos mesmos misteres do mundo azafamado, uma última visão se me depara. Também aqui, como lá em Assis, o drama do mundo e o drama de Cristo se conjugam. E como Cristo ressuscitou, ressurge a vida da moderna e imensa catástrofe. Outros golpes virão, porque o homem é obstinado. Mas além deles, também para o mundo, há a sua ressurreição. A fé, a lógica profunda da vida no-la indicam. E assim como me liguei à dor do mundo na hora de sua paixão, estou ligado agora à sua alegria na hora da sua ressurreição em espírito. Nela reviverei. No bem e na felicidade dos outros estará o meu paraíso. E isto será a plenitude da minha meta atingida. Um paraíso ocioso, egoísta e solitário, não é paraíso.

Adeus, santo monte do Alverne, adeus... Retorno lá em baixo ao meu árduo trabalho, no mundo azafamado. Tudo aqui embaixo é tempestade: egoísmo, ódio, agressão. A fúria das paixões devasta esta pobre terra que poderia ser um jardim. Aqui em baixo o belo sonho vivido se torna utopia, e ao canto de Deus responde um grunhido feroz e satânico. Mudo é o espírito, extinta é a chama da fé e da esperança. Vive-se em um pressentimento de catástrofe universal, sem que se saiba evitá-la. A terra está enregelada sob um manto de dor. Nem mesmo o céu se vê mais sorrir do fundo deste inferno e a terra parece prestes a abrir-se, ávida por tragar o homem que se tornou fera e criatura do mal.

Dentro de mim está a visão do real.

Sim! O velho mundo realmente está no fim. É o fim deste mundo. Mas um outro surgirá dele.

Eu vi realmente a terra florir.

XII

CRISTO AVANÇA

Depois de haver observado o fenômeno místico em um caso individual, observemos a sua dilatação no mundo da hora atual.

Todo período histórico possui a sua moda, que é a forma de manifestação de suas atitudes mentais. A corrente dominante de nosso tempo tem sido o materialismo, com todas as suas conseqüências em todo campo. E no entanto, como se explica que hoje, bem no meio a esta corrente que tudo penetrou, nasça entre nós a moda das paixões, dos milagres e, nas massas, surja uma tão imprevista e difundida paixão de sentimento religioso? Os fatos provam, pois, a tese por mim amplamente sustentada há tempo, que nós nos encontramos no ponto de mais declive da onda. involutiva, e que é justamente deste ponto que se inicia a ascensão. Essa ascensão parece hoje inacreditável para quem enxerga apenas superficialmente, mas ela invade todo o horizonte de amanhã, configurando a realização daquela idéia que parece utopia no momento e pela qual eu luto: ***“A Nova Civilização do Terceiro Milênio.”***

Como é possível que hoje, em pleno materialismo, assistamos à intensificação de movimentos religiosos de massas? É difícil provocá-los artificialmente desta maneira. Eles são espontâneos. Eles não obedecem a nenhum comando de dirigentes humanos. As leis da vida seguem um plano lógico e entram em função no momento adequado, sem se preocuparem com largas explicações visando apenas a conseguir os seus objetivos. A concepção materialista fez crer aos dirigentes que a opinião pública se pode hoje fabricar mecanicamente, em série, por meio do rádio e da imprensa. Não é verdade. Existem correntes de pensamento independentes, que escarnecem de semelhante indústria. A vida nos mostra que em momentos decisivos a alma coletiva caminha por si, independentemente de controle dos habituais dirigentes em qualquer campo.

No momento atual, efetivamente, ideologias hedonistas importadas, tendem deformação de uma ordem bem diversa de idéias, baseada no interesse e no bem-estar material. E todavia como explicar que semelhante propaganda, que devia atrair pelo seu utilitarismo, obteve exatamente o efeito oposto e na prática nos defrontamos, ao invés, com um inegável despertar religioso? Este, por sua vez, não é um produto difícil, desejado pela Igreja. Ele é qualquer coisa de mais profundo que tudo quanto poderia querer o indivíduo, uma autoridade e as próprias massas humanas que lhe obedecem. Como é que nos eventos históricos assumem de inopino uma direção tão imprevista?

Observemos um fato. Em 1939, quando eu sentia os temores da guerra desde 1932 (tudo publicado), ninguém temia essa guerra, e, por isso, a ela nos precipitamos com a inconsciência de criança. Hoje, em que o horizonte não é tão sombrio como então, todos vivemos sob o temor de uma nova guerra. Este temor provirá do sentimento de uma nova guerra ou será mais a recordação da última, tão recente? E este despertar religioso estará conexo à tão difusa psicose de guerra? A terra surge aos olhos; do homem como qualquer coisa de infernal e inabitável. Então ele procura refúgio alhures, em Deus. E ei-lo a fitar o céu, a Cristo e aos Santos e a um outro mundo. E a terra, que o materialismo apontara como paraíso imediato e seguro, e que de fato se tornou um inferno, se voltam as costas. Tal desespero impele o homem a buscar a verdadeira vida alhures. Assim é que as forças do mal colaboram para o triunfo das forças do bem.

Tudo isto é lógico, mas termina aqui? O insucesso do materialismo, com a falência das suas promes-

sas é clamoroso e atingiu em profundidade. Compreenderam-no todos. O mundo sente que o materialismo o traiu e o repudia. O mundo, precipitado na dor, viu o verdadeiro rosto de Satanás, antes oculto atrás das falsas promessas. E então? Então eis o germe da reação e o primeiro impulso para uma nova direção, uma direção oposta, a espiritual. É assim que a onda da vida, depois de uma descida tão grande, atingido o fundo, volve a subir. O mal operado pelo materialismo foi grande, mas o homem é livre e deve provar para aprender. A lição foi dura e feriu a nossa carne. Não é fácil esquecer, quando se derramou sangue. Algo de imenso e novo deve maturar, porque Deus não nos fez sofrer em vão, mas apenas para o nosso bem. As leis da vida querem que tudo aprobe enfim para o bem, que o mal se transforme em bem, nisto tudo respeitado o livre arbítrio humano.

Que sucede, pois, hoje no mundo? Verifica-se uma inversão de rota. Essa inversão se inicia nas massas, de maneira mais elementar: o sentimento religioso. Hoje isto pode nos parecer fanatismo. Mas amanhã subirá até aos mais evoluídos, até aos dirigentes, que serão atraídos. Dar-se-á, um refinamento no sentimento e na manifestação, haverá uma consolidação através da razão e da ciência e, em forma bem mais evoluída, conferirá novo aspecto a humanidade. Essa renovação não pode provir dos dirigentes de hoje, porque estes não se encontram, em todos os campos, evoluídos o bastante para poder assumir a direção de uma renovação do mundo no sentido espiritual. A renovação se inicia pelas multidões, naturalmente em forma primitiva, como primitivas são estas mesmas. Ela se comporta como a maré, como uma inundação que sobe lentamente, em silêncio, tudo invadindo, sobe sem alarido, sem propaganda: sem armas nem conflitos, mas sobe. Não provém, como habitualmente, do exterior, de coações, partidos, hierarquias, classes dirigentes, fundamentando-se em meios econômicos e orientada pela vontade humana. Provém do interior, das almas, de uma necessidade instintiva, de uma ordem de Deus, que fala tacitamente aos corações e os arrasta. Mesmo as vias e os métodos estão invertidos, são antípodas dos humanos ora vigentes.

É estranho! Essa maré crescente do bem é mantida e impelida pelos impulsos do mal! A fase materialista gerou um espírito de luta, o princípio egoístico em que se baseia, é cisão satânica que acarreta a destruição, com um crescendo contínuo implícito no sistema que irremediavelmente o leva para o desmoronamento final, única solução. O conflito humano entre idéias e interesses é hoje tão espasmódico, que a vida não pode mais suportá-lo e ele não pode deixar de explodir e, com isto, de resolver-se e exaurir-se. O homem não agüenta mais. Daqui a revolta. No fundo da atual descida involutiva da onda histórica, na um vértice negativo, um ponto crítico, de máxima tensão, em que o edifício de forças, formado segundo aquele sistema, naquela direção separatista — destrucionista, não pode deixar de esbarrondar-se e fragorosamente desmoronar. A ressurreição em direção a vida, que não pode acabar, esta implícita e é fatal. Eis aonde vai terminar este primeiro sintoma atual do despertar instintivo do sentimento religioso das massas

Homens e governos, toda a autoridade humana na terra foram até agora, em geral, prevalentemente egoístas. A luta dominante pesou sobre eles exigindo-lhes que pensassem antes na própria defesa. Em todo campo, mesmo espiritualmente, a vida teve que forçosamente basear-se na luta e na imposição. De resto, as multidões eram um verdadeiro rebanho inconsciente a quem se fazia mister, não só ensinar, mas igualmente impor aquilo que devia crer, pensar e fazer, sem o direito de juízo, porque este levaria a anarquia. A necessidade de unidade implica a sujeição de consciências em todo campo. Não se podia pretender uma ação por convicções da parte de massas incapazes de possuir outras senão a do ventre e a do sexo. Mas hoje o homem começa a procurar compreender e querer compreender por si. E o princípio de autoridade perde cada vez mais valor diante da mentalidade moderna que esta mais apta a funcionar por persuasão espontânea do que por aceitação obrigatória. Desta forma o princípio, que uma vez foi útil,

agora pode ser prejudicial. Mas quem poderá coagir os dirigentes assim instintivamente levados a repousar nas suas posições de comando, tão trabalhosamente conquistadas, senão a troante voz da vida que investe para eles falando através das multidões? Essa voz os perturba, mas como poderia falar de outra maneira a vida se as outras portas estão fechadas? Só então eles, para salvar as próprias posições, procuram as reparações, obedecem e se modernizam. Os dirigentes são assim dirigidos pela vida, que tudo dirige. E desta maneira tudo se move, e eles também chegam, ainda que por último, e a vida avança.

O homem desperta hoje através da dor para uma maturidade nova. Ai de quem não se dá conta disto! Não se resiste ao crescimento do espírito, centro da vida. O ideal dos dirigentes, em qualquer campo do passado, foi a vitória sobre outros seres humanos por meio de rivalidades, lutas e superações sem fim. O herói da raça foi o guerreiro agressivo, o ideal foi a conquista, a grandeza consistiu no domínio pela sujeição. Harmonia e cooperação no mundo eram inconcebíveis na prática, uma utopia. Estamos hoje em uma grande reviravolta, pela qual o homem, cansado de suportar os efeitos coletivos da sua universal ferocidade, conceberá um novo ideal biologicamente mais rendoso. O seu herói não será mais um imperialista como Júlio César, Carlos Magno, Napoleão, mas, o que concebe o mundo como uma unidade harmônica e cooperante e que só por isso age. Não era, todavia, possível atingir isto senão hoje, em que o mundo tende a reunir-se sob um só governo, com os meios de comunicação multiplicando as relações e permitindo uma fusão antes impossível. Também então tendia-se à unidade, mas a excessiva involução da era não a permitia senão por aproximação.

Tudo isto parece hoje irrealizável. No entanto o mundo esta reduzido a apenas duas ou três grandes unidades. Que estas se armem para destruir-se alternativamente, prova que elas não podem deixar de decidir da supremacia absoluta do mundo, em uma fatal pugna eliminatória pelo último campeonato. Esta dará a unidade e, com isto, o fim da guerra. A unidade não pode ser conseguida por pacifismos teóricos ou desarmamentos simulados, mas pela vitória final de um só, escolhido pela vida através da seleção natural que se efetua por intermédio da luta sem piedade, um, só biologicamente escolhido como o mais cotado das qualidades necessárias, e que, nas provas, demonstra ser o mais capaz. Com isto, a era dos conflitos, depois de um terrível crescendo, exaurir-se-á e então poderá nascer a nova era, a era da harmonia e colaboração, a nova era do conhecimento e do espírito.

Todas as energias do mundo, demográficas, bélicas, econômicas, giram em torno destes Princípios. Toda raça, toda nação serve a estes princípios de acordo com a própria forma. Mas a idéia fundamental, que avança em meio a tão diferentes processos e manifestações exteriores, é o retorno de Cristo e a verdadeira atuação do Evangelho na terra. Nesta até agora, tem havido mais pregação e teoria do que prática. Cristo avança. Por este motivo, as primeiras manifestações se dão como expressão religiosa das multidões. Estes movimentos religiosos populares constituem o primeiro e verdadeiro sintoma do futuro. As próprias forças do mal são utilizadas pela vida para este retorno de Cristo. Ele se encontra no centro da nova civilização; é a grande potência da nossa ascensão humana. Ele é o princípio do amor que concretizará a nova unidade, que será não apenas de diretivas sociais, de interesses; mas também de fés e de religiões. Em Cristo, meta final, exaurir-se-ão e se extinguirão todos os atuais conflitos humanos. Cristo fará ressurgir com Ele a humanidade, da tumba do materialismo, a nova luz da percepção e consciência espiritual. A grande força que fez pressão através de tantos conflitos atuais, para resolvê-los e vencê-los, é Cristo. Ele inspira alguns elementos isolados, d'Ele mais próximos, e os faz falar. Ele fala no instinto das massas, orientando-as de maneira inesperada para novas formas de consciência. A vida não pode deixar de responder ao apelo de Cristo. O mundo sabe que entre os homens não pode haver um Salvador e o espera do céu. E Cristo libertador se aproxima. O desesperado grito de dor da humanidade dilacerada O clama, igualada que está no sofrimento, sem distinção de classes, credos ou de raça. Já se

abrem as vias espirituais da presença d'Ele entre nós. Tudo é evidente e pronto nos eventos e não há quem possa pará-los. Tudo, mesmo o mal, Lhe abre o caminho. Esperemos com alegria, a final e fatal apoteose do bem.

XIII

UMA ESTÁTUA SE MOVE

(Santa Maria dos Anjos - Assis, 14 de março de 1948).

Precisemos agora melhor as nossas observações localizando-as em um caso particular²⁴. Quando acontece um fenômeno que sabe a milagroso, todos acorrem para ver e julgar. Um caso fora do comum, que parece situado além dos limites ordinários das leis da vida, nos chama a atenção para o sobrenatural. Frente ao extraordinário, somos levados a procurar a solução interpretativa que mais corresponde a nossa própria forma mental, aos instintos e necessidades, às vezes também aos interesses, não só individuais como coletivos. Nesta interpretação influem, pois, não só a natureza de cada tipo biológico, mas também a da raça e dos eventos de um particular momento histórico, os quais podem fazer pressa o sobre este juízo. Este é, por conseguinte, a resultante também de fatores psicológicos interiores.

Mas eis que ao lado do juízo dos indivíduos e da coletividade, dado pela corrente formada pela maioria existe também um outro juízo: o da ciência e o da autoridade. Há indivíduos diferenciados, que observam o fenômeno munido de cultura, de métodos racionais, de instrumentos científicos e também de autoridade espiritual. Tal observador não é instintivo ou fanático. Ele procura, por todos os meios de que dispõe, ser objetivo, querendo ser racional e prudente. É lógico, pois, que o indivíduo e a multidão apelem, em última análise, para a ciência e a autoridade. Mas isto não impede que eles o influenciem, fazendo pressão sobre estes na direção para que pende a psicologia coletiva do momento, a qual arrasta mais ou menos, a "todos".

Do lado oposto dessa tríplice ordem de espectadores, isto é, indivíduo, multidão e ciência-autoridade, está o fenômeno, seja ele a aparição de Lourdes, de Fátima, ou outra qualquer. No caso presente, trata-se da enorme mole da estátua de Santa Maria dos Anjos. Move-se ou não se move? Para muitos ela se move. Eis o que multidões vão ver para julgar, deduzir, comover-se, crer ou não, cada qual segundo o seu temperamento. Alguns realmente não vêm. Por que eles não vêm? Um movimento real da matéria, situado na matéria, todos vêm se não forem cegos. Mas quem tem olhos para ver, vê segundo precisas leis óticas. Parece, pois, que aqui deva intervir outro fato mais sutil, além do das leis óticas. Qual é ele?

²⁴ Este capítulo é extraído de um artigo do mesmo autor, publicado em "La Nazione" de Florença, em 4 de agosto de 1948. (N. do A.)

Já coligimos os vários elementos do fenômeno. Se este de um lado respeita á matéria, do outro lado concerne a cada uma e a todas conjuntamente, com recíproca influência, das três unidades psíquicas, que se encontram no extremo oposto do próprio fenômeno. Este está assim situado em parte no campo das leis físicas e dinâmicas do mundo exterior ao homem, em parte no campo das leis psíquicas e espirituais do mundo interior do mesmo homem. Daí uma consequência importante. Quem observa apenas o lado físico, ignorando o psicológico, não vê mais do que a metade do fenômeno. E nada vê, quando o fenômeno físico, segundo o exame objetivo, é inexistente.

Façamos a aplicação. Diz-se que foram colocados aparelhos sismográficos na estátua e que estes nada registraram. Esta é a primeira fase, a mais elementar e material da observação. A Igreja, em tais fenômenos de sua jurisdição, de acordo com a lógica, não recorre à hipótese do assim chamado sobrenatural e miraculoso, senão depois de excluída toda e qualquer explicação que pode ser dada pelas leis normais da física, de nós conhecidas. A precedência cabe assim à ciência e ao seu materialismo. Mas, se por tal método de indagação nada se encontra nesta primeira e mais baixa ordem de fenômenos então é evidente que, se não quisermos permanecer aéreos, impõe-se que abandonemos uma sabedoria da matéria que nada mais pode nos dar, apelando para a ciência do espírito, capaz de, com outros métodos, permitir-nos um juízo sobre uma outra ordem de fenômenos. A primeira observou, por todos os seus meios, se existe ou não uma oscilação física e se é possível dar uma explicação do fenômeno, segundo as suas fórmulas. Foram praticados controles de caráter elétrico e ótico, mas nem os eletroscópios, nem os galvanômetros, nem a imagem fotográfica nada revelaram. Excluídas as causas físicas, elétricas, óticas, refração etc., foram excluídas também as causas radiantes. Todo controle no sentido de descobrir uma causa física ou dinâmica teve resultado negativo. Logo, na realidade objetiva, situada no mundo das leis cientificamente conhecidas, a estátua não se move. Para os aparelhos de registro, desprovidos do lado espiritual, que está, na alma humana, o fenômeno não existe. Chegados a este ponto, o fenômeno foge a ciência atual, que deve retirar-se declarando a própria incompetência.

Entramos agora aqui em um campo inteiramente diverso. A ilusão ótica também está excluída, tratando-se de um fenômeno coletivo e objetivo, de movimentos parciais e intermitentes, visíveis de qualquer ponto, próximo ou distante, independentemente de fatores atmosféricos. Entramos então no campo das ciências psicológicas. Mas estas também não conhecem a técnica de funcionamento da personalidade humana. Elas permanecem no campo nervoso e central, com uma psicologia superficial, que não atinge as profundezas do espírito. Os termos **psicose**, **alucinação** etc., são mais palavras do que conceitos, mais complicações do que explicações. Chegados a este ponto, em que justamente se deveria começar a explicação científica do caso, como acima dizíamos, não se enxerga mais nada e se penetra em cheio no sobrenatural e miraculoso, no mistério inexplicável. O fenômeno, desta maneira, nos foge para o incognoscível, autorizando, desta maneira, os incrédulos a negá-lo. Ora, Deus nos deu a mente para usá-la, para raciocinar e não para renunciá-la. E pela mente a conclusão do inexplicável não é conclusão, mas fracasso. Não porque se queira contrariar o ato de fé e de sentimento com o qual as massas, por instinto e intuição, tudo resolvem de improviso, para não cair no perigo oposto, ao da incredulidade, que é o do fanatismo, criando por fantasia fatos e milagres. Não queremos, de modo nenhum, renunciar à fé. Mas queremos, não sendo nem ingênuos nem fanáticos, ser verdadeiros crentes, isto é, acreditar em plena consciência e com a solidez da razão clara.

Se o fenômeno indubitavelmente existe e se a sua objetiva realidade não está, como demonstram os controles, situada na estátua, essa realidade deve estar em alguma outra parte. Ora, o milagre não é menor, se a sua sede for transferida de um movimento físico, espiritualmente sem nenhum valor, a um movimento de almas. E aqui é o caso de crer que, se os aparelhos sismográficos tivessem sido postos na

alma das multidões, ao invés de na estátua, eles teriam registrado oscilações normais. Mas a ciência não possui sismógrafos capazes de registrar tais movimentos. Deve-se crer mesmo que, se as máquinas fotográficas tivessem podido gravar a imagem psicológica espiritual da estátua na alma dos observadores, teriam registrado imagens bem diversas das estáticas. Mas tais máquinas fotográficas não existem. É certo que se o fenômeno não é solúvel no plano físico, deve sê-lo no espiritual. É certo também que existem realidades interiores, sólidas e objetivas, poderosas e resistentes, tanto quanto as exteriores, se não mais. Não é mais fácil mudar a forma de uma montanha que a de um tipo de personalidade?

Com tudo isto, exauridas todas as hipóteses científicas, a realidade objetiva do fenômeno permanece e se apoia em fatos bem sólidos quanto os da realidade exterior, que parecem negá-lo. Deixemos a matéria entregue às suas leis. O espírito não tem precisão dela, a não ser, quando muito, como ponto de referência para fixar a atenção e as idéias. Mas a causa, o motor, não está na matéria, mas no espírito. Em um artigo não é possível expor mais do que as conclusões. Neste caso o movimento não é de caráter físico, mas está repleto de sentimento e de significação moral, qualidades ignoradas na matéria.

Observa-se na estátua um arquejar doloroso, as mãos se estendendo como por amor, enquanto a coroa e toda a matéria circunstante permanecem imóveis e indiferentes. O fenômeno, pois, projetou-se também na matéria, está e tem origem nas almas, mesmo que estas tenham a necessidade de projetá-lo em uma realidade exterior, onde pode ser reconhecido e encontrado. Toda a técnica das imagens corresponde a esta lei. O fenômeno não é menos extraordinário por isso. Ao contrário, justamente por estar situado nas almas e revestir-se de um caráter espiritual, representa a via lógica e natural da comunicação do homem com as forças superiores da divindade. O fenômeno se torna realmente miraculoso, quando pensamos que é tão poderoso este contato das massas com Deus, e de tal ordem o movimento espiritual, que invade mesmo a matéria e a arrasta consigo. Isto é o que confere a esta, no fenômeno, a parte de efeito, e não como se acreditou, a de causa.

As multidões acorrem, vêm, choram, convertem-se. A matéria da estátua, de per si muda e inerte, modela-se assim em uma forma de pensar e exprime uma idéia superior de santidade, de bondade e de fé.

Esta idéia, que é viva nas almas, torna viva a estátua inerte. Esta forma de vida fê-la mover-se, por vias interiores que podem mesmo chegar a atingir a solidez das leis físicas. Fez também com que ela fale, e a alma docemente ouve. Mas não é a estátua que fala. É a voz de Deus que se fez ouvir pelas almas, por vias interiores, através de um canal sensório aparente, necessário para firmeza e atenção dos espíritos habituados a perceber quase que só a do exterior. Então a alma das multidões ouve a Mãe de Cristo dizer-lhe: "Na hora tremenda que te aflige e que tu no teu instinto sentes aproximar-se pavorosa, Eu aqui estou para te proteger com o meu amor. Vem a mim. Crê. Vem Eu te salvarei". Isto corresponde também aos profundos instintos da vida, que nas horas apocalípticas recorre às idéias mães da estirpe e às forças biológicas salvadoras, que não são a do homem conquistador-destruidor, mas as conservadoras da mulher-mãe.

Desta maneira se iniciou o colóquio entre Deus e as multidões. Os dois interlocutores se falam e se aproximam cada vez mais. É a hora histórica tremenda, que aguça nas massas a sensibilidade para o divino. A tragédia está nas almas. O temor da aproximação dos sem Deus provoca, por natural lei biológica de reação, uma automática frente de resistência dos homens que estão ou estarão com Deus. Assim, pois, de acordo com o que se é vê-se ou não se vê. Cada um de conformidade com a própria alma. E é lógico, porque esta não é uma visão dos olhos, mas uma visão da alma. Só assim tudo se explica: a imobilidade física da estátua, o seu movimento espiritual, invisível para muitos, porque é inexistente em sua alma. Explica-se, desta maneira, como tais fenômenos, antes tão raros, agora se verificam

repetidamente, em momentos tão calamitosos. Deixemos, pois, à matéria o que da matéria é e demos ao espírito o que ao espírito pertence. E é no espírito que devemos venerar o milagre de Deus, que em momentos tão excepcionais se faz sentir tangivelmente presente.

XIV

SINAIS DOS TEMPOS²⁵

Lancemos o olhar em derredor. Hoje, em nosso mundo impera o materialismo que na prática significa racionalismo, egoísmo, força bruta, destruição, dor, estados conexos e ligados entre si numa cadeia fatal, até o fundo. Isto é natural, porque o materialismo representa a filosofia do involuído, que não sabe apelar senão para os instintos bestiais, pois que não pode compreender mais do que isso. Ao materialismo se contrapõe o espiritualismo, que possui características opostas e se pode denominar, quando elevado, a filosofia do evoluído. Essas duas atitudes do pensamento humano se defrontam hoje no mundo, em luta desesperada, uma das formas da luta entre o bem e o mal. E cada uma, consoante a própria natureza; põe-se de um ou de outro lado.

É evidente que, se num período de materialismo se fala de ideologias — e nunca como hoje se falou tanto — isto não pode ser senão por espírito de mentira, que faz parte dos métodos do involuído. Outra interpretação não se pode dar ao apregoamento de ideologias que hoje se observa, quando a substância que apoia a maior parte desses estandartes é bem diferente: é a voracidade do lobo, é o mais desapiedado egoísmo, é o espírito avassalador de domínio, quer do indivíduo, quer de família, quer de nação. O pendor para mentir hoje esta tão difundido que já não interessa mais qual seja a ideologia, tanto é verdade que o seu conteúdo mal consiste na mesma coisa: mentir, conquistar, dominar.

De tudo isto nasceu uma extraordinária recrudescência da luta pela vida. O racionalismo mal disfarça uma realidade bestial em que o lobo, não importa em que forma social, alia-se a outro lobo apenas porque a união faz a força, tornando mais fácil vencer e pilhar. Formam-se assim as associações de interesse que mantêm ligadas em compostas unidades algumas classes de indivíduos, não importando qual sejam a sua categoria e tipo biológico, nem os objetivos aparentes apregoados ou o lugar da terra onde tudo isto se passa. Essas diversas formas são aparências de um mesmo problema substancial, que é a luta, a ofensiva e a defensiva que se tornam mais fáceis se executadas em grupo. Não importa, pois, se esses agrupamentos possuem características e objetivas religiosos, econômicos, políticos etc.. Reduzamos todas essas diversas formas à sua nua realidade biológica e então compreenderemos. Atrás de todos os princípios que deveriam educar o homem, esta na realidade o homem que quer submetê-los a si mesmo, adaptá-los às suas necessidades, que antes de mais nada ao biológicos, isto é, de animal que quer viver.

²⁵ Este capítulo, e alguns dos seguintes foram, pelo mesmo autor, tratados em artigos publicados em 1948-49, em revistas italianas e estrangeiras. (N. do A.)

Nesse estado de coisas, tendente cada vez mais ao caos, do "homo homini lupus"²⁶, prepara-se em vão no mundo um poder, uma autoridade superior que restabeleça a disciplina, sem a qual não são possíveis a paz e o bem-estar. As nações procuram unir-se, como fazem os homens nas classes sociais, com o escopo da ofensiva e defensiva. Formar-se-á um espírito de grupo, não mais apenas de indivíduos, mas de nações, sólido porque é utilitário. A psicologia da alcatéia de lobos estender-se-á dos indivíduos aos povos, que se coalizarão em classes dominantes, como acontece antes no seio de qualquer nação. Os fenômenos sociais se compreendem apenas quando vistos pelo que são, isto é, particulares fenômenos biológicos. Mas ainda que as unidades em luta se tornem cada vez mais vastas, isto não basta para formar um poder superior a todos os parciais terrestres. Superior quer dizer ser melhor pela inteligência capacidade e bondade. Isto existe no super-homem, no homem de gênio no herói, no santo. Mas estes são excessivamente escassos, agem, pois, isolados, insuficientes para a formação de um grupo e, ademais, não se coadunam com a psicologia do domador, indispensável para a formação da alcatéia de lobos necessária para dominar. Mesmo que os materialistas não saibam, porque não podem compreender (dado que essa é a psicologia do involuído), esta inteligência ou poder diretor central existe, mas não reside na terra e por isso não é passível de agressão nem destruição. Ela é Deus, ainda que a esta palavra tenhamos de dar apenas um sentido científico, de mente e vontade diretoras da vida. Não há motivo para desencorajamento, se falta a diretriz humana. Se esta existe, em verdade é muito relativa. De resto, ela não faz falta e, nas mais das vezes, seria prejudicial como vemos. Nem por isto a história é destituída de senso e caminha ao acaso. Ainda que os chefes freqüentemente nada saibam do pensamento de Deus, nem por isto esse pensamento, que não se vê e que não é acessível ao involuído rebelde e destruidor, deixa de tudo guiar, mesmo em ação deletéria deste último, para os fins construtivos do bem.

Quem vê em profundidade, onde o materialismo involuído não alcança, não se alarma e diz: tende fé. O que quer que suceda, Deus tudo sabe e tudo orienta para o melhor. As iniquidade são de superfície e na superfície visíveis. Deus trabalha por baixo, na intimidade das coisas, para ressurgir sempre contra todos os assaltos e por isso é verdade que a vida sempre vence a morte. Se na profundidade esta Deus, silencioso e perene criador, na superfície esta o mal, rumoroso, destruidor e encerrado no tempo. O mal naturalmente se contradiz e nenhuma psicologia é mais contraditória do que a racionalista moderna. Hoje se acredita poder-se chegar à posse através da destruição, à alegria semeando a dor, ao bem-estar por intermédio da guerra e ódio de classe. Mas para possuir é necessário ordem, disciplina e não rebeldia; para progredir é necessária a sábia obra construtora dos melhores e não dos piores, dos pacíficos e não dos delinqüentes; é imprescindível paz e segurança. Mas como é possível enriquecer por meio de agressão e furto recíprocos? Este processo resseca as fontes de toda riqueza, que só pode nascer do trabalho pacífico e da confiança. Não é mais lógico aspirar ao bem-estar por uma elevação geral no nível econômico através de um trabalho concorde, do que esperar melhoramentos de uma destruição alternante e improdutivo? As armas preparam o deserto e a morte, não o bem-estar e a vida.

Remedeia-se, pedindo um esforço em vista de um paraíso futuro, que não é o apregoado utópico dos céus, mas real, na terra. E escarnecem do paraíso celeste, conquistado por esta realidade. Mas isto em pelo menos a vantagem de ser uma promessa sem controle, porque se mantém no outro mundo, enquanto que a outra, a do paraíso terrestre, já se via que ninguém conseguia cumprir. Por este motivo poucos são ainda os que crêem em fenômenos semelhantes. Embora a ciência e o progresso tenham caminhado, a dor, se não cresceu, pelo menos não diminuiu. Que descrédito! Se tais promessas materialistas do paraíso terrestre foram logo compreendidas e aceitas, a razão está em que elas se dirigem aos instintos animais do homem. A via, a princípio, como para todas as vias do mal, é fácil. Mas esses instintos não raciocinam e

²⁶ "O homem é o lobo do homem". (N. do T.)

exigem satisfação. Desde que esta falte, verifica-se a revolta. O animal morde se se vê maltratado e o involuído, que é presa do materialismo, é feroz.

Uma fé que origine esperança, em qualquer coisa que supere a miséria cotidiana e a humana insatisfação, e salve o homem da desesperação das mas horas, é necessária a ele. A fé possui essa função biológica de defesa, de resistência e de recuperação. É uma verdadeira força para a luta, mesmo material. Destruir essa fé é perigoso, porque então se desarma a vida dentro da dor. Que meios fornece o materialismo que possam compensar a perda de tais defesas? Que dizer então, quando a compensação oferecida, o paraíso terrestre, animalesco e vegetativo, não se realiza mais e, quando ainda se verifique, a alma, como é natural, não se encontra satisfeita com ele e procura outro? Mesmo atingindo o bem-estar material, sabe-se que não só de pão vive o homem. É difícil saciar o homem, ainda que lhe dando todo o bem-estar. Quando, pois, além disso, se dissemina a luta e, por conseguinte a dor, e isto ao lado de uma filosofia atéia, o absurdo é evidente. Sim, porque nunca é tão necessária a fé como na dor. Quem semeia a dor, ainda que seja ateu, justamente porque semeia a dor, compele a uma fé em um paraíso situado algures, porque sem uma esperança de felicidade, cá e lá, não se vive. Isto é instinto. Quem, pois, destrói Deus, para imperar com a agressão, abre as vias do céu, que conduzem a Deus. Somente a ingenuidade do involuído pode acreditar que uma fé se possa destruir com a força. Oprimindo-se, cria-se a fé, porque esta satisfaz a ânsia de pregar. Ouvi dizer: a este as coisas na terra devem ter andado mal, para que se tenha voltado com tanto fervor a Deus. Nesse erro caíram os imperadores romanos perseguindo os primeiros cristãos, e caem os perseguidores de todos os tempos. Para cada mártir caído nascem cem novos crentes.

Mas a reação das massas pode assumir a direção oposta, quando se trata de involuídos. A dor pode, ao invés de elevar, embrutecer. Neste caso costuma-se-lhes atirar um cibo de ódio e a posição de domínio se salva, instigando-os contra uma presa humana cada vez maior. É um pedaço de pão que se dá a expensas alheias, como primeira realização terrestre do paraíso prometido. Porém a via é perigosa. Como todas as vias do mal, é fácil apenas no início, transformando-se em catastrófica no fim. Ela torna necessária uma inexaurível coorte de vítimas que se devem despojar para serem dadas em pasto. O sistema da luta de classes é o mais antiprodutivo e se pode transformar em verdadeiro parasitismo. Arrisca-se, com ela, a chegar a uma reação, ou realmente pior, à destruição do trabalhador, pacífico produtor e, conseqüentemente, de todo o bem-estar. O sistema está ligado à necessidade de auxiliar cada vez mais a área de destruição em que ele trabalha. Como as guerras, esse sistema está unido à força e à necessidade de conquistas sempre novas que o justifiquem. Essa necessidade está implícita na própria natureza do sistema e por isso o tornará cada vez mais feroz e agressivo no exterior, férreo e desapiedado no interior, isto é, antisocial e antivital e, por isso, o levará a um desequilíbrio biológico que lhe acarretará, em um determinado ponto, fatalmente, uma ruptura e a ruína. A espantosa irracionalidade do racionalismo moderno não alcançou esta verdade elementar: opressão, extorsão, violência, são forças negativas que por isso se destroem e jamais poderão construir, porque essa função construtiva só se pode encontrar nas forças positivas, que são a convicção, a colaboração, a confiança. O racionalismo não compreendeu que o materialismo é um impulso negativo que tende à destruição de tudo, inclusive de quem o pratica. É verdade que ele acredita poder prescindir da alma, como o negar-lhe a existência. Mas o homem permanece um ser com alma. Ele não é um número, uma máquina de produção, um cálculo econômico. É um ser humano. As construções do racionalismo moderno são construções contra as quais a vida se rebela. E a vida esfrangalha tudo que lhe constitua obstáculo. Certas leis que representam o pensamento e a vontade de Deus não podem ser plasmadas por nenhum poder humano.

É necessário que o espiritualista veja todos os aspectos da vida e não se limite à repetição estereotipada das fórmulas da sua religião ou grupo, quaisquer sejam elas. Existem hoje males

gigantescos nesta nossa época convulsionada, são problemas formidáveis mas eles já foram denunciados, sentidos, investigados, e enfrentados com vigor e nova fé. O materialismo é um assalto que invade toda a nossa vida, opondo-se às forças do espírito. Mas esse assalto serve justamente para despertá-los e desenvolvê-los. Jamais nasce tanta fé como nos tempos de descrença e tantos mártires e heróis se formam como sob a opressão. Os dois movimentos, pois, da autodestruição do materialismo e da reação do espírito, concorrem para a mesma meta.

Não se aflijam os bons, porque são os mais fortes. Carlyle dizia no *Sintomas dos Tempos*: "A verdade é que aquele que possui uma sabedoria imensa uma verdade espiritual ainda desconhecida, é mais forte, não do que dez mil homens, porém, mais do que todos os homens que não a possuem. Ele os supera com uma força eterna, angélica, como que empunhando uma espada forjada na harmonia dos céus, uma espada à qual não poderá eficazmente resistir uma couraça ou uma torre de bronze".

É necessário que o evoluído, que é mais inteligente, observe as vias do mal e os métodos do involuído. Este, para dominar, permanece encerrado em um sistema que o torna um projétil lançado para a autodestruição. A organização dos involuídos, para manter-se com a força, que é o seu meio, atrai e deve cercar-se dos piores elementos da sociedade, destituídos de inteligência, de cultura e de piedade. Que rendimento se pode obter deles? Ela deve temer o despertar do senso de humanidade que está na alma deles, e não no embrutecimento que possa destruir a alma. O nosso tempo procura fabricar homens em série, o homem-máquina de produção, (o grande produto da moderna técnica científica), no qual não é o espírito que comanda a máquina para os seus fins superiores, mas é a máquina que a sujeita ao espírito. É necessário atentar para esse homem, que é imagem de Deus, ligado por Satanás à máquina. Seguindo Satanás, o mundo moderno conseguiria inverter um meio de libertação em um instrumento de escravidão. A vida possui limites de resistência e incríveis meios de reação. Quantas almas agonizam, asfixiadas pelo materialismo moderno. Qual é o seu limite de resistência? Quando se despedaçarão elas no desespero? E que reação nascerá deste desespero? Eis os males recentes da história, o imponderável que se negligencia, a invisível ação de Deus! As dores se somam, montanhas de mortes se acumulam, a vida ulula desesperada porque foi traída com as promessas do paraíso da ciência materialista. Quando irromperá o equilíbrio? É a vida que dirige a história e ninguém pode resistir à vontade da vida que não quer morrer. Ela não morreu no tempo e não pode morrer agora. A força bruta tenta conter cada vez mais a maré da reação. Mas esta sobe, sobe tácita e constante. Em um dado momento atravessará e romperá os diques. Será a destruição apocalíptica da fase atual. Hoje estamos na era da mitra e da bomba atômica, na era da destruição. Uma certa percentagem de destruição e de mortes justifica-se com a vitória, que pode transformar a carnificina em sacro holocausto. Mas além de um certo limite, frente a frente com a catástrofe, não há idealização de morte e martírio que valha. A morte aparece então na sua verdadeira e horrenda luz, e a vida se rebela; além de um dado limite não há vitória que possa compensar e justificar as perdas, tornar razoável e útil o sacrifício. Este então se torna assassinio ou suicídio. Ora, quando um sistema, para manter-se, coliga-se à necessidade de um sacrifício crescente, o limite da destruição deve tarde ou cedo chegar. Refazer os passos não é mais possível, porque seria necessário tragar toda a dor e morte semeadas, neutralizando-se com renovada alegria e vida. Faz-se mister, pois, avançar, e avançar sempre para o abismo. É terrível não se poder parar, não se poder retroceder. Nas vias do bem, como nas do mal, marcha-se sempre até atingir-se o fundo permitido pelo sistema e o progresso, que em tal caminho se faz cada vez mais perigoso, difícil e catastrófico. O método da função implica destruição, e a destruição chama a destruição. "Abyssus abyssum invocat"²⁷ Cada vez mais. É um afundamento satânico de tudo.

²⁷ "Um abismo atrai outro". (N. do T.)

E para que serve tudo isto? Deus o sabe e a vida o expressará. Certamente o presente serve para forjar o futuro, pois que de outro modo não poderá ter sentido. Serve para isto mesmo quando na mente dos homens o presente pareça feito unicamente para si ou para destruir o futuro. De tantas imensas construções ideológicas, sociais, econômicas, religiosas de hoje, talvez não reste senão algo de lateral, atualmente ainda não previsto na verdade. Tantos são os secretos fins da história, ignorados pelos homens. A vida revoltar-se-á contra a máquina e pretenderá viver livre no espírito. A ciência com que a orientação materialista quis trair o mundo, inverter-se-á para demonstrar a alma e Deus, e guiar-nos pelas vias do espírito, para a evolução. O atual movimento materialista, não mantido compacto por ideais e metas superiores, traído pela força e pela riqueza em que acredita, desagregar-se-á. Homens que não acreditam no sacrifício e no amor fraterno, que leva à compensação, saltarão à garganta de outros homens idênticos. O utilitarismo conduz à traição. Homens e povos criam no seu pensamento e ação um sistema de forças que depois os domina. Esse sistema é uma nêtese e esta pesa sobre o mundo moderno. Foi desejado e de então por diante é fatal, até o fundo. As religiões do ódio organizado, o método da destruição científica, uma semelhante psicologia absorvida e vivida em ação por tanto tempo, devem produzir os seus frutos, sem possibilidade de evasão.

Até quando a força bruta das almas bastará para suprir a falta de inteligência que mostra que a vida social não se pode realizar sem confiança e colaboração? Um sistema baseado na violência não pode passar de instrumento de destruição. Não vale nada como meio construtivo e deve, pois, fatalmente dissolver-se no caos. Praticamente isto significara uma perda progressiva. Por aqui se vê que a teoria do mal, levado à autodestruição fatalmente pelo próprio sistema, não é apenas filosófico, mas uma realidade prática. Satanás trabalha sempre em perda, mesmo quando opera racionalmente e cientificamente, ainda quando dispondo de todos os meios de riqueza, astúcia e força. No balanço final, a colheita dos esforços despendidos é uma traição. Satanás não paga senão em moeda falsa. Isto é dado pelo sistema. Apostar no mal é um mau negócio. Este é o calcanhar de Aquiles do mundo moderno, verdadeiro colosso de pés de barro. O complexo racionalismo do nosso tempo está sobremaneira carregado de cultura e encerrado na mecânica da sua lógica para compreender uma causa tão simples. Apoiar o próprio poder nos involuídos, apostar nos piores, nos extratos inferiores da sociedade iludindo-os que sejam os senhores, que antes deveriam ser educados para aquilo que não sabem fazer; não ter em defesa senão mandíbulas de lobo e procurar as soluções do problema no ventre aberto do próximo — isto tudo não pode acarretar senão a ruína. A salvação e o futuro só podem estar no contrário, isto é, no apoio aos evoluídos, na aposta nos melhores, nas camadas não econômicas, mas biologicamente mais avançadas, que têm consciência do duro encargo a assumir; em ter como defesa a justiça e procurar a solução dos problemas no bem do próximo. Tudo isto é assim porque nenhum homem, por mais poderoso que seja na terra, pode impedir que a vida queira, não uma solução às avessas, artificial, mas uma solução dos mais inteligentes, do mais trabalhador e produtivo, do mais apto a colaborar, confraternizando em sociedade.

Concluindo, saudamos na forma de pensamento e de ação que o materialismo nos deu, um instrumento de Deus, para nos abrir as portas da nova civilização do espírito.

O ATUAL MOMENTO HISTÓRICO

Ainda uma vez olhemos em derredor de nós. No atual momento histórico existem dois estados: um aparente, superficial, transitório, que todos vêem e que constitui a base de julgamento da maioria; outro real, profundo, dado pelo eterno desenvolvimento das coisas. O primeiro é de destruição, de miséria, de mentira e de ódio, em suma, um estado bestial, involuído. Os melhores, que sendo mais evoluídos conquistaram os valores mais elevados da vida, que não são os materiais, única meta dos involuídos, mas os espirituais, bem preciosos e poderosos — os melhores, repetimos, são hoje perseguidos e deslocados pelos piores. Hoje é exatamente a hora do mal, cuja característica é a negação e a subversão. Assim os melhores se tornaram perseguidos, quase que obrigados a esconder-se, enquanto os piores conquistaram tudo. Mas é natural que os revolvimentos necessários para passar de um estado de equilíbrio a outro, evolutivamente superior, sejam também convulsivos. É natural que para passar de um estado de ilegalidade ao de uma legalidade mais completa e perfeita, seja necessário atravessar uma fase de ilegalidade, que depois se refaz e coordena em uma nova ordem. Também durante a revolução francesa que teve os seus fins históricos e sociais, verificou-se a ascensão da escória. Mas é uma posição falsa, porque não lhe corresponde um valor intrínseco e, por conseguinte, ela não pode durar. Então, ou os filhos de qualquer revolução demonstram estar a altura da posição conquistada, ou é a própria revolução que os mata, como na França ela fez com Robespierre e companheiros. O que, inversamente, encontramos em profundidade? Toda a verdade, pela lei do dualismo universal, não está completa se não foi vista em seus dois temas antitéticos e contraditórios, dos quais ela se compõe na totalidade. No extremo do fenômeno histórico atual, como aparece na superfície, temos um estado oposto, de preparação subterrânea, de espera e maturação. Assim como se diz que sob a neve está o pão, assim também é sob a tempestade que estão amadurecendo os germes de uma nova civilização. Para compreender isto, seria necessário conhecer não só as leis históricas, mas também as leis biológicas, das quais a história humana não é mais do que uma parte. Quem compreendeu essas leis, não discute mais com os homens que em geral não sabem o que fazem nem por que o fazem. Mas discute com as leis biológicas que o movem e as quais eles, que crêem tanto como o andar, não fazem mais do que obedecer, movidos pelos instintos mais ou menos lúcidos e conscientes, instintos que são as forças por meio das quais as leis os manobram. Isto porque o caminho da história não se faz ao acaso, não está entregue ao capricho ou vontade dos povos e, muito menos, dos seus dirigentes. Quem faz a história são as correntes de pensamento coletivo, que são inconscientemente sentidas e expressas pelas massas. E os dirigentes serão tanto mais capazes, quanto melhor souberem sentir essas correntes, interpretá-las, exprimi-las, encarná-las. Mas queiram eles seguir outra via, substituindo-se as profundas impulsões biológicas para desviá-las do caminho, estas se rebelarão e se libertarão deles como de um trambolho. O poder de manter-se não pode possuir finalidades egoísticas individuais ou de classe, finalidades de domínio, mas deve representar uma função biológica, ser compreendido como uma missão a serviço da vida. De outra forma esta reage e qualquer poder humano se esboroa.

Eis, pois, que no fundo das coisas há algo de bem diferente; estão aí o pensamento e a vontade diretora de Deus, que não são apenas transcendentais nos céus, mas também imanentes em nós e em nossas coisas, presentes com a sua incessante obra criadora. Na direção da história há, portanto, uma obra bem outra do que a pobre e ignorante sapiência humana. Há a sabedoria de Deus. Que isto seja de grande conforto aos melhores, mais evoluídos, hoje expulsos e esmagados.

Quem está habituado a olhar com humildade e amor, pedindo e entregando-se a esse pensamento divino que tudo rege, constata experimentalmente a existência de uma lei de ordem e de amor que está no centro das coisas, que as alimenta e as mantém em vida, ainda que deixando que na periferia, na forma e na matéria, dominem a desordem e o mal. Assim como nas grandes tempestades oceânicas, a poucos metros abaixo da superfície das águas se observa a calma, assim também na história. Sob o grande rumor das revoluções, a queda das classes sociais e dos tronos, o desmoronamento de enormes construções políticas, se verifica a calma das grandes Leis da vida que, lentas mas seguras, vão preparando o futuro. Futuro garantido, como garantida é a primavera que **deve (deve** pelas leis da vida), trazer consigo a germinação das novas massas. Não podemos, de fato, presumir que a continuação da vida seja confiada aos homens e aos seus expedientes. E, se ela triunfa sempre, e sempre triunfou, como o demonstra o fato de que durou até aqui, isto é porque ela é protegida justamente por essa sabedoria divina que a guia, a nutre e a mantém.

Abordemos agora a parte mais importante da questão. O que é que a sabedoria das leis biológicas e, por conseguinte, também históricas e sociais, nos esta preparando para o futuro? A história jamais caminhou uniformemente, mas sempre por ações e reações, por impulsos e contrachocos, progredindo no tempo não como um rio canalizado em margens feitas pelo homem mas como um curso d'água que, deixado livremente vagar pela planície, por ela serpenteia da maneira que o seu dinamismo lhe permite. Logo, ação e reação. Logo, contrariamente ao que presume o cálculo das probabilidades, de modo que amanhã pode suceder o contrário de hoje. Essa é a lei da vida que está baseada, não na continuação indefinida de estados idênticos e constantes, mas na compensação de contrários e no seu equilíbrio. Sabemos que a oscilação entre contrários, isto é, entre um extremo positivo e extremo negativo, em que cada fenômeno se inverte no seu oposto, é a base da luta, da evolução, da própria percepção. O fato mais inverossímil e fantasista para o observador superficial, hoje dominante, é, pois, exatamente o mais verossímil e lógico ao observador profundo. Por isso nos encontramos precisamente em uma noite que precede um novo dia, pois que na vida é exatamente a noite a preparação do dia, é a morte que anuncia o renascimento, é o mal, a destruição, o martírio que anunciam o bem, a construção, o espírito. Encontramo-nos no fundo do vale da onda histórica, que deve necessariamente depois reascender, como tornam a subir todas as ondas. Conclusão: caminhamos para uma nova civilização do espírito, para a nova civilização do terceiro milênio.

Trata-se agora de saber como se conseguirá essa nova civilização. Naturalmente porque é nova, por razões de equilíbrio e compensação ela deve estar nos antípodas do que hoje denominados a nossa civilização. Trata-se, não de retoques do que é velho, de novas ordenações políticas, com a habitual substituição, com vantagem para novas figuras ou classes, não se trata de continuar, mas se trata de iniciar, com princípios diferentes. Expô-los aqui é tarefa muito grande para um capítulo. Bastam-nos alguns acenos. Os valores atuais, os que se projetam acima do nível comum, pertencem mais ao plano animal do que ao plano que deveria ser humano. O homem atual é involuído, é mais animal do que homem. Hoje vale a força e a astúcia. A honestidade e o mérito, valores superiores, têm importância mínima. A bondade e a inteligência voltadas para o bem são as qualidades menos úteis na vida social de hoje e chegam a ser mesmo nocivas. Hoje o preço é medido pela capacidade de prejudicar e pela utilidade extraída, não propriamente do valor. Isto acontece justamente porque a balança dos juízos humanos é a do animal, mais que a de um ser superior. Hoje o poder não é compreendido como uma função biológica, como missão a serviço do povo, mas é conquistado como qualquer meio com objetivos de vantagem individual. A seleção biológica de um tal tipo tido como o mais forte, corresponde a estados primitivos, involuídos. A evolução impõe a passagem para formas de luta e de seleção biológica mais elevadas, dirigidas a formação de um tipo menos inconsciente, menos egoisticamente isolado. A vida caminha para

a formação de grandes unidades coletivas humanas, em que é necessário compreensão e colaboração, e não mais subjugação e proveito. A época do senhor e do escravo já passou. Marcha-se para novas formas de liberdade que, porém, não significam como acredita o homem de hoje, abuso e licença, mas significam uma nova disciplina, mas elevada, uma ordem mais férrea e uma consciência que compreenda a utilidade disto e lhe obedeça, ainda que seja por espírito utilitário.

Hoje se crê no número. Basta uma maioria, não importa de que elementos, para formar uma verdade, um direito, para estabelecer uma norma de vida, uma lei. Ora, como pode a quantidade fazer a qualidade? Nós não podemos formar nem ao menos uma única unidade reunindo um número de zeros que seja mesmo infinito. Isto é elementar. Hoje a matéria é tudo. Ela é apenas meio e se arvorou em fim. A riqueza é o objetivo da vida. Troca-se o continente pelo conteúdo. O trabalho material vale mais do que o intelectual. O que decide na difusão de uma idéia não é o seu valor, mas a posse de meios materiais que podem difundir-las. As opiniões fabricam-se mecanicamente. Basta possuir a imprensa e o rádio. A grande floração de meios de que se enriquece a nossa pseudo-civilização mecânica e utilitária, nos fez esquecer o melhor. Eles absorveram toda a nossa atenção, sujeitaram o nosso espírito, invadiram tudo, substituindo-se a tudo e pretendendo bastar a tudo. Mas já sentimos o vazio terrível que está em nós, a carência de diretivas, porque sentimos cada vez mais que somos incapazes de dirigir esses meios sempre mais poderosos. E o perigo é grave, porque se não soubermos dirigir-los com sabedoria, eles se constituirão em nossas mãos um instrumento de destruição universal. Isto o mundo já viu e fez nestes anos. Basta continuar um pouco ainda nesta loucura e a humanidade será destruída, ou pelo menos, reduzida ao estado de barbárie. Mas dir-se-á: para alcançar isto, urge um homem novo, consciente, justo, o que foi e será sempre uma utopia. Ora, a história nos mostra com frequência que é justamente a utopia que será a verdade de amanhã. Um exemplo disso é o Cristianismo. Além do mais, há um fato positivo: a evolução. É necessário evoluir. Essa é a lei da vida, que sempre fez pressão no íntimo das coisas, não só para manifestar-se, mas também para subir a manifestações sempre mais perfeitas. Mas se luta tanto, sofre-se, experimenta-se, e tudo por esse motivo? O amanhã **deve**, por lei, superar o hoje. Ademais, o homem atual alcançou um ponto crítico em que não é possível continuar com os velhos sistemas, impondo-se uma mudança de rota. Os poderes de hoje em suas mãos são muito superiores àqueles que ele possuía no passado. Isto implica a necessidade de uma proporcional sabedoria, para saber como empregá-los bem. O homem que possui a bomba atômica não pode agir com a mesma inconsciência e psicologia de ferocidade com que agia o guerreiro medieval, que não dispunha senão de uma lança ou pouco mais. Com essa psicologia, o homem moderno destruiria a humanidade.

Como se vê, a utopia de uma nova civilização não se apoia em sentimentos de bondade e de altruísmo. Conhecemos o homem e sabemos o que se pode obter dele e quais são as molas que o movem. Faz-se, pois, apelo ao terror que lhe inspirará a perspectiva certa da autodestruição. Faz-se depois apelo ao seu senso utilitário. Pede-se somente que o novo homem seja suficientemente inteligente para poder compreender a enorme vantagem que pode advir para todos, da valorização do fator moral e espiritual na vida social, porque só assim se pode obter paz, confiança e aquela segurança que é a única garantia de qualquer fruímento do fruto das próprias fadigas. Se não se compreender isto, é inútil reconstruir. Com a psicologia do **homo homini lupus**, com o sistema do revólver em punho pode-se também fazer um inferno para os demônios e para os danados que vivem na terra e um purgatório para os justos, que assim se apressarão para procurar mundos melhores. Mas para a terra, para quem nela trabalha, nela possui e prolifera, só haverá desesperação. É necessário compreender verdades elementares como estas: se se semear violência e mal, não se pode senão recolher violência e mal, e a reconstrução não se pode operar senão recorrendo-se ao trabalho, que é o ato criador pelo qual o homem se torna operário colaborador de Deus; não convém jamais fazer mal aos outros, porque quem faz o mal, nunca o faz aos outros como

parece, mas o faz realmente a si mesmo.

Há leis na vida. Para se obter determinados resultados, como por exemplo o nosso bem-estar, é imprescindível seguir normas. Cada ato tem as suas normas, como cada fim tem o seu caminho para ser seguido. Todos nós desejaríamos viver em um jardim, porém, não deixamos de contribuir para um **campo minado**. Que poderemos esperar, pois? Mas cada um pensa: eu vencerei e me refarei à custa do vencido. Não! Os vencedores não vencem desta forma. Apenas, através da sabedoria divina desempenham uma função biológica diferente da dos vencidos. Funções opostas, que se devem compensar e equilibrar para consecuições comuns que a vida colima, **para todos**, em formas diferentes, segundo as diferentes capacidades. O homem do futuro deverá ser mais inteligente, a tal ponto que possa superar as ilusões psicológicas e não cair nos erros em que estas os induzem.

Concluimos. O materialismo, fruto dos últimos séculos, fruto espiritual e material, já deu todo o seu rendimento. Como filosofia já se esgotou e agora é posto a margem pela vida. Como técnica, deixou um produto útil que é o domínio sobre as forças naturais, postas em parte a serviço do homem. Este produto útil é o produto do nosso tempo e vai ser transferido (reduzido, porém, de fim que é hoje a meio que será amanhã), ao seio de uma nova civilização de tipo diferente. A nossa já atingiu os seus fins. A nova atingirá outros mais elevados e complexos, servindo-se dos produtos do trabalho executado pelo nosso tempo. A vida hoje diz: basta, por este lado. E acrescenta: operemos a compensação, completando o edifício de um outro lado. Um vazio tremendo se formou exatamente do lado espiritual. É uma multidão, uma atrofia perigosa para o equilíbrio, uma carência patológica que urge remediar. E as forças da vida se apressam hoje a preencher a falha, convergindo a sua ação precisamente nessa direção, semelhantemente ao que fazem na defesa orgânica. Essas forças propõem-se agora a construir o novo homem do espírito. Atualmente nos encontramos na profunda noite da matéria. O mundo está desorientado, sem guia e com muito pouco senso. O espírito parece morto. Não existe mais arte. A música é um pandemônio de rumores irritantes. Hoje a vida está tentando a construção de novos e grandes organismos coletivos, especialmente de colossais unidades biológicas, de que o indivíduo é uma célula. Este novo ser, do qual as massas constituem o corpo, ainda vaga incerto à procura da sua alma diretora, como se fora um antediluviano monstro paleontológico. Aturdido pelo rumor de quem mais grita e fere os sentidos e os seus instintos, desconfiado e crédulo, arreado e esperançoso, rebelde e fraterno; esse corpo social das massas, ainda informe, procura auscultar no seu instinto a longínqua voz da vida, seu único guia. E a vida está pronta para gritar nesse seu instinto uma palavra nova e as massas estão prontas para ouvir e a seguir. Jamais como hoje, entre tanto esfacelo e atabalhoamento os espíritos estiveram tão preparados para se incendiar sob o influxo de uma palavra ardente, feita de verdade verdadeira, sentida, vivida, dita com seriedade. E a esperamos. Virá ao certo. Disto cuidam as sapientes leis da vida.

XVI

UMA PARÁBOLA

Existiam muitos homens em uma certa terra e cada um deles, segundo a própria natureza, elaborou um plano de vida. Um se propôs a triunfar no mais baixo e primitivo plano da vida, tornando-se o rei

segundo a lei da fome e da egoísta conservação individual, isto é, vitorioso no mundo econômico dos bens e na posse da riqueza. Para isto tudo sacrificou. Não viu outra coisa, nada mais quis e de nada mais se ocupou. E nesse campo venceu. Trabalhou de corpo e alma, sem tréguas, em prol dessa única meta. Casou-se pelo dinheiro, subordinando-lhe o amor. Não teve filhos. Como fruto do seu esforço obteve extraordinário bem-estar. Chegou a ser mesmo estimado e respeitado, mas porque era rico e poderoso e só por isto. Como reflexo, ganhou igualmente autoridade honrarias e louvores. Mas foi pouco amado e na realidade foi apenas invejado. Durante a vida muitos lhe invejaram as riquezas e procuraram arrebatá-las. Na velhice muitos desejaram seu fim, para apoderar-se dos seus bens e desfrutá-los. Ele morreu sem filhos, rico e só, nem amado nem pranteado e, mercê do fruto dos seus sacrifícios, outros gozaram. Tal foi a sua vida. Mas ele não tinha possibilidade de escolha, porque esse era o seu tipo biológico, e não podia explicar-se porque era assim.

Um segundo propôs-se a triunfar em um mais elevado plano da vida, tornando-se rei segundo a lei do amor físico e da conservação da raça, isto é, o vitorioso no mundo biológico da multiplicação da carne. A proteção dos filhos e da família o compeliu ao mesmo trabalho e argúcia do primeiro homem, mas com uma finalidade que transcenderia a sua própria pessoa, dado que esta se dilatara de modo a compreender em si todo o grupo família, do qual ele era o centro. Casou-se por amor, teve muitos filhos, lutou, sacrificou-se por eles, trabalhou de corpo e alma sem descanso por essa sua única meta. E nesse campo venceu. Foi por eles amado, mas o seu patrimônio e o seu trabalho não bastaram para tanta gente e a pobreza dominou em seu lar. Teve grandes afetos, mas pouca estima e honrarias nenhuma porque não era rico e poderoso. Durante a vida não foi muito invejado. Na velhice ninguém desejava a sua morte, porque nada havia a herdar. Morreu pobre mas amado e pranteado. Tal foi a sua vida, mas ele não tinha possibilidade de escolha porque esse era o seu tipo biológico, e não podia explicar-se porque era assim.

Um terceiro homem propôs-se a triunfar em um plano ainda mais elevado da vida, tornando-se rei, não segundo as leis da fama e do amor, mas segundo a da evolução, isto é, da conservação e criação dos valores morais que regem a vida. Quis ser o vitorioso no mundo espiritual do amor fraterno do bem e da justiça. Tudo sacrificou para isto. Nada mais viu, outra coisa não quis e só disso se ocupou. Não cuidou de bens materiais e não se casou. Lutou, trabalhou de corpo e alma, sem quartel, em prol dessa única meta. E neste campo venceu. Porém, ele foi espoliado por todos e empobreceu. Não teve filhos e afetos e vagou solitário e triste. Não desfrutou nem estima ou honrarias, porque era humilde e pobre. Durante a vida foi desprezado, quando muito deplorado. Mas ele lutou pelo bem do próximo e sacrificou-se pela justiça e pela verdade. Por toda a parte difundiu luz e amor em derredor de si. A gente que em público o desprezava, intimamente o admirava. Por ocasião de sua morte não deixou mais que as próprias dores, mas acabou amado e pranteado por todos. Após a morte foi compreendido e venerado, e reviveu no amor de uma grande família, a família dos seus filhos espirituais. Tal foi a sua vida. Mas ele não tinha possibilidade de escolha, porque tal era o seu tipo biológico, e não podia explicar-se porque era assim.

Esses três homens haviam trabalhado em três níveis diferentes, cada qual segundo uma das três leis fundamentais biológicas que alicerçam o funcionamento da vida e que se exprimem pelos três instintos: 1) a fome; 2) o amor; 3) a evolução. Essas três leis, assim expressas, são os três planos ascensionais do edifício biológico do nosso mundo. Cada um dos três tipos situa-se segundo sua natureza e com uma correspondente e diferente função. O homem da primeira lei pensa na conservação individual com egoísmo. O da segunda lei pensa na conservação coletiva com a reprodução. Mas nem um nem outro cuida do progresso, do qual só se ocupa o homem da terceira lei. Aqui os vimos agir desorganicamente, como é o caso do mundo de hoje. São rivais e mantêm-se separados. Cada qual possui a sua personalidade, o seu instinto, a sua função, a sua recompensa, cada um agindo por sua própria conta. As

atividades não estão ainda coordenadas. Cada um dos três tipos se acredita tudo e é levado a operar com espírito de exclusivismo e domínio, ainda que à medida que o homem evolui, passe da primeira a segunda e desta a terceira posição, superando assim a posição precedente inferior. Por isso, cada um, permanecendo no próprio plano, aí encontra a recompensa que lhe cabe. O separatismo não impede a justiça. No primeiro caso a recompensa foi medida e restrita ao usufruto pessoal dos bens; no segundo caso dilata-se mais, polarizando-se na vida dos filhos; no terceiro caso foi ainda mais além e ampliou-se mais alcançando a vida espiritual da coletividade. Porém, quanto menos o resultado for imediato e restrito, tanto mais se expande e dura. Cada um obteve segundo o critério, segundo o tipo, plano evolutivo de ação e função biológica. As leis da vida são sempre justas, mas no mundo humano egoísta e involuído do estado de separatismo que oferece, elas não podem funcionar senão isoladamente.

Esses três homens morreram e passaram. Depois de vários milênios, retornaram ao mundo, que, entretanto, havia progredido de modo a conduzir a mente humana a ponto de compreender o Evangelho e aplicá-lo seriamente como prática individual e cooperação social, realizando aquela coordenação fraterna de toda atividade, com a qual somente se pode realizar na terra um bem-aventurado reino dos céus. Cada um dos três homens voltou ao mundo com as qualidades do seu tipo biológico e, dada que não podia manifestar-se senão como era, tornou a agir como antes, isto é, cada qual procedendo de acordo com a natureza da sua função. Porém, como se encontraram em um mundo mais evoluído, agora podiam funcionar organicamente.

Então o primeiro homem, utilizando a sua qualidade de trabalhador, e a sua capacidade técnica, torna-se um produtor útil, não apenas para si, mas também para a sociedade. As condições mais conscientes da vida do novo mundo não o constringiram mais a sacrificar tudo para poder alcançar a realização de sua personalidade, o rendimento das suas qualidades. O cumprimento de sua função pôde realizar-se plenamente em seu próprio benefício e em benefício dos outros. Ele se tornou assim o rei do mundo econômico dos bens e extraiu dele benefício para si e para todos. Foi também estimado e honrado mas não porque era rico e poderoso, e sim porque era capaz de poder formar e conservar a riqueza que não possui valor coletivo. Ele pôde assim desfrutar também o amor dos outros, porque a riqueza que antes dedicara a si, agora a dedicou também aos outros. A sua morte não foi esperada para que se apossassem dos bens, que agora, já eram de todos. Ele morreu amado e pranteado porque representava um valor útil a sociedade e porque era verdadeiramente estimado, não pelo que possuía mas pelo que valia e produzia.

O segundo homem tornou-se o rei do amor terreno, utilizando o espírito, adquirido de sacrifício e de dedicação a família, a sua capacidade de economia e parcimônia, de trabalho fecundo, não no campo diretivo, mas no executivo. Ele representou a carne honesta e pacífica, que animada do espírito de bondade ativa, fez frutificar a terra e as fabricas e multiplicar as coisas com a sua atividade abençoada por Deus. Assim a carne, ávida de multiplicar-se como quer a vida, não foi estrangida, a maldizê-la e a. resvalar para o vício e para o mal. Então produzir-se e multiplicar-se não constituiu mais um delito ou um perigo, mas a. alegria de viver. Mas tudo isto foi possível porque quem possuía a capacidade diretora, organizadora ou economicamente genética não monopolizou mais apenas para si o fruto das próprias qualidades e reservou o seu rendimento em vantagem da coletividade. Então o amor são e fecundo não se tornou uma couraça ou uma incógnita; a família não representou mais um peso insuportável e um agrupamento de lobos esfaimados, prestes a destruir os vizinhos; a classe operária não mais se arvorou em uma dinamite pronta a explodir em revoluções. Assim também esse tipo de homem pôde, recebendo o que lhe faltava, dar o que possuía. Morreu tranqüilo sabendo que o futuro dos filhos estava assegurado.

O terceiro homem se tornou, segundo o seu tipo e capacidade, ainda esta vez, o rei do mundo espiri-

tual, o vencedor segundo a lei da evolução. Assim atingiu um maior rendimento para o progresso coletivo com as suas qualidades, podendo manifestá-las, então, em um mundo fraternalmente compreensivo! Quantos atritos, mal-entendidos, dores profundas, quanto auxílio na mais facilitada possibilidade de multiplicar, por meios técnicos e econômicos, a expressão de si mesmo, para que a luz e o conselho, o amor e a bondade chegassem a todas as partes. Quanto tempo e energias ganhos para poder ele eximir-se do trabalho inadequado e ingrato de ter de se ocupar de bens materiais e, por conseguinte, quanto maior rendimento espiritual. A negligência de riqueza não produziu mais as desastrosas conseqüências de antes. Ele não foi roubado nem se empobreceu, mas pelo contrario não lhe faltou o necessário, que considerou mesmo demasiado, ele que era a negação personificada da avidez. Naturalmente era já tão rico em um nível superior, que não sentiu a necessidade de tomar na terra, do fruto do trabalho alheio, mais que o mínimo indispensável. Quem é do espírito já possui a medida das coisas. Ele não foi desprezado e aviltado, porque negligenciava a posse. O estado de mais elevada consciência do mundo estava finalmente em grau de apreciar um homem, não mais pelo critério da força ou da riqueza, mas pelos valores espirituais. Desta maneira ele foi compreendido e estimado. Não aceitou honrarias que não lhe servissem, mas com infinita alegria essa nova atmosfera de simpatia, que afetuosamente o aquecia e lhe enchia a triste solidão de antanho. O desenvolvimento da gratidão, a concreta manifestação da resposta da vida ao seu impulso na forma de confraternização com as suas criaturas espirituais, a confirmação exterior da consciência íntima da própria utilidade coletiva, proveniente de um consenso amplo, não só multiplicaram, para o bem dos outros, os recursos e rendimentos dele, mas o transformaram, não mais num peregrino ou mártir, operário da dor e sim em homem satisfeito e feliz de ser um trabalhador do espírito, em plena eficiência. Ele não foi assim obrigado a esperar pela morte para atingir nos outros a realização de si mesmo e dos seus ideais de bem.

O que é que tivera tanto poder para alterar a posição desses três homens? Apenas uma atitude da alma, um fraternal espírito de compreensão e colaboração. Essa é a chave da felicidade que esta no reino dos céus. E este espera apenas uma forma de boa vontade dos homens para descer à terra. No fundo, cada um segundo o seu tipo biológico, não pede senão para realizar-se a si mesmo. Trata-se de uma sã e fecunda lei biológica. Mas hoje essa realização, para poder efetuar-se, deve assumir formas involuídas, violentas e caóticas. Assim, o útil fornecido pelo rendimento da própria personalidade, não pode ser conseguido senão à custa de sacrifícios e danos individuais e coletivos. Assim, pois, na terra está o inferno e o reino dos céus está longe. E os homens de boa vontade são raros e esmagados. Bastaria muito pouca coisa para tudo melhorar: ao invés de combater-se, os homens deveriam auxiliar-se reciprocamente!

Por esta parábola se vê como os mesmos três tipos biológicos, segundo os quais se pode agrupar os homens, somente com a mudança da sua conduta recíproca, permanecendo os mesmos como capacidade e atividade, se transformaram de modo a poder dar um maior rendimento, para cada um e para todos. Isto significa criar a alegria, e eliminar a dor. A evolução só pode levar-nos à felicidade. E tudo isto está explicado pela presente parábola.

XVII

A DESORIENTAÇÃO DE HOJE

Continuemos a descer das místicas alturas atingidas atrás, para vagar agora no nosso mundo, observando-lhe as condições atuais já dissemos no princípio do capítulo X: “Paixão”, que aqui nos encontramos na fase descendente do fenômeno da personalidade oscilante, o que leva o autor a ver as verdades mais materiais da terra e a focalizar, com respeito a elas, a própria psicologia.

Uma das principais características do nosso tempo é a desorientação, qualidade negativa, expressão da atual fase involutiva. Enquanto a palavra de ordem do nosso tempo se mostra nas diretivas conceituais: razão e análise, a da época que se seguirá: intuição e síntese. Se se atentar para a palavra dos nossos homens de pensamento observar-se-á que ela esta carregada de erudição e ciência, sendo complexa e difícil, mas que lhe falta orientação da suprema simplicidade da sabedoria e do verdadeiro. É uma complicação crescente, que marcha para a confusão babélica, com que no fim desse século se encerrará, mesmo no cérebro do dirigente, a nossa assim chamada civilização, para que, desta decomposição possa nascer uma nova civilização, baseada em outros princípios, sustentada por outros cérebros, próprios de um tipo biológico diferente.

O corpo social desta corrente de pensamento que a exauriu o seu ciclo e completou a sua tarefa, com a atual civilização, esta se desfazendo. Nesta decomposição prosperam todos os princípios patogênicos que têm função biológica de acelerar a destruição. Em todo campo hoje tudo é destruição. Mas é na putrefação do corpo morto que a vida depõe a semente das suas novas formas. Os grandes criadores, pois, nascem e operam agora, lançando essa semente.

A civilização futura não é muito compreensível aos espíritos de hoje. Pela observação de algumas normas mentais do nosso mundo atual, verificamos que este, se é indiscutivelmente muito forte no campo da desorientação e da destruição é, de outro lado, fraquíssimo no campo da compreensão. Como é possível dirigir povos, provocar e desencadear guerras, Legislar, impor isto ou aquilo, agir em qualquer campo sem ter compreendido o que seja a vida e a morte, a finalidade de cada coisa, o próprio plano do universo? O instinto que tudo guia, basta para o bruto, e ainda que em grande parte o homem esteja embrutecido, o problema da vida se tornou, atualmente, muito complexo para que esses instintos possam bastar. No mundo político, social, econômico, religioso, cultural, movemo-nos em um mar de contradições. Falamos de matéria, espírito, eletricidade, justiça, liberdade, direitos e deveres etc., sem compreender o que exatamente sejam e sem saber colocar cada conceito no seu devido lugar, como parte integrante de um plano que logicamente tudo engloba. Na cultura somos muito fragmentários e divergentes, perdidos em particularidades e em sutilezas inconcludentes. No campo prático se mata, rouba-se, age-se para o bem ou para o mal, sem saber a exata consequência das próprias ações. Não o sabe nem quem faz o bem nem quem pratica o mal. Apenas névoas. Existe a fé mas a fé não é exata, é vaga. E a razão de muito pouco vale. Impõe-se tudo esclarecer e tudo demonstrar, para que o homem tudo possa compreender seriamente.

Estranha transformação esta sofrendo o materialismo! Escava e escava na matéria e eis que encontra o espírito que havia negado E as religiões que clamam pelo triunfo porque vêem na ciência uma confirmação, encontrarão uma alma individualizado, designada com aqueles termos e conceitos que antes lhes pareciam tão adversos e demolidores. Hoje todos se encontram divididos sem conhecer a verdade pela qual lutam. Quem realmente luta pela verdade, que é uma, simples, única, não pode estar dividido.

Quem esta dividido, está nas seitas, nos partidos, nos agrupamentos e interesses humanos, no próprio egoísmo, mas não na verdade. Quanto ainda estamos longe de a haver compreendido A unidade esta no amor recíproco, filho da compensação que ainda falta. Deus e a vida estão na unidade. No exclusivismo e separatismo esta Satanás, isto é, a involução e a morte.

O ridículo e o horror da nossa atual situação serão compreendidos pelas gerações futuras. Então se verá a imensa estupidez de matar, porque se concluía que não se mata uma pessoa destruindo-lhe o corpo. Os chamados mortos permanecem junto a nós mais vivos do que antes e, segundo foram por nós tratados, assim também nos tratarão. Aqueles que se arvoram em juizes e justiceiros, não o são mais do que por um momento, desempenham, para fins que eles mesmos o ignoram, uma dada função biológica. Eles serão, por sua vez, de acordo com o que fizeram, julgados e mesmo justificados. O papel de rico e pobre é instável, e o de vencedor e vencido, é, como nos demonstra a história, transitório para os povos. As revoluções quase sempre devoram os próprios autores e filhos. Quem utiliza a espada perecerá pela espada. Trata-se de equilíbrios de forças, equilíbrios que obedecem a leis invioláveis que se resolvem em esquemas que o homem ignora e contra os quais nada podem. Como é efêmero para quem quer que seja, em tal ordem de coisas, exclaimar vitória.

Os próprios imperialismos dissimulados sob máscaras diversas, sempre iguais, não constituem senão uma forma de obediência a Lei, que concede a palma ao vencedor, apenas para confiar-lhe o encargo de, dominando, coordenar, nutrir e permitir a evolução de outras nações menores. E estas, pela mesma lei, se deixam dominar, nutrir, guiar e instruir até se tornarem adultas, para então rebelar-se e se tornarem, como se diz, livres. É o mesmo que se dá com os novos rebentos que crescem sobre o velho tronco, nutrindo-se da sua ruína. Sempre o mesmo esquema: dualismo, centro e periferia, núcleo positivo e elétrons negativos que giram em seu derredor, pai e filhos. Crescidos os filhos, o pai nada mais tem a fazer. O mesmo se passa com as nações imperialistas. E todos, servos da mesma lei, todos enquadrados no desenvolvimento dos ciclos históricos do tempo. É fatal.

Mas hoje não estamos numa época de compreensão e sabedoria. As idéias são magras e poucas, freqüentemente erradas; há trevas nas mentes e enormes vácuos. Que terríveis provações serão necessárias para apenas chegar-se a compreender pouca coisa Mas é necessário, porque a sabedoria não se pode conquistar com a eficiência alheia, mas apenas com a própria dor.

Assim progride lentamente o caminho da história. O destino é um desenvolvimento lógico e, quando se lhe conhecem todos os elementos, visto que o efeito esta fatalmente ligado à causa, pode-se então o rever o futuro, para o indivíduo e para os povos. Então a história estará toda presente e o tempo assinala por si só a sucessão de quadros conhecidos, e então também o tempo estagna no pensamento, a intuição supera essa dimensão e tudo aparece permanentemente no presente. O problema está em se conhecer todos os elementos construtivos do sistema de forças formado pelo eu individual, como pelo coletivo de um povo.

Hoje se age ao acaso, em geral por interesses materiais e imediatos, pouco se cuidando do depois que se ignora. Ouçamos as últimas palavras de Buda aos seus discípulos:

"Semeia um pensamento e colheras uma ação.
Semeia uma ação e colheras um hábito.
Semeia um habito e colheras um caráter.
Semeia um caráter e colheras um destino.

Hoje sabe-se pouco ou nada da realidade do imponderável em que se registra tudo quanto pensamos ou fazemos e do qual tudo renasce. Mas hoje domina o involuído e este tipo biológico vive na periferia, não procurando o poder senão na matéria, na força, no dinheiro. O evoluído de amanhã viverá mais em demanda do centro e procurará o poder no espírito, no mérito, na convicção das almas. Ele será mais rico, porque estará mais vizinho da fonte da vida que esta no interior, no centro — Deus. Então a conquista imperialista pela guerra será substituída pela conquista das almas, pelo exemplo, pela iluminação, pela paz.

Que imensos continentes inexplorados serão alcançados pela ciência e pela mente de amanhã! É a descoberta feita com espírito de verdade e não com o utilitarismo de hoje, que cumprira o encargo de arrear todas as barreiras do medievalismo espiritual, que ainda nos asfixiam dentro do exíguo âmbito de suas paredes. O pensamento moderno está ainda encerrado em castelos torreados que fazem guerra entre si. O futuro forçará as portas e derrubará os muros. A vida esta a céu aberto. As arquiteturas lógicas do passado são agora prisões e não casas. Quando se houver experimentalmente provado aquilo que agora a intuição me diz, isto é, que o espírito é um organismo de forças individualizáveis por onda, frequência e potencial, e que a sua vida se exprime em oscilações dinâmicas ou vibrações de um comprimento de onda que se situa além dos raios ultravioletas, então se poderão construir aparelhos radio-receptores de tais ondas, que revelarão o pensamento incorpóreo humano e super-humano. Então se poderá fazer mecanicamente tudo aquilo que hoje poucos sensitivos o fazem, sós e incompreendidos. Para penetrar-se cientificamente no mundo do espírito, é necessário atingi-lo através da decomposição do sistema dinâmico nas zonas de máxima frequência, assim como para atingir o mundo da energia se decompôs o sistema atômico da matéria nas zonas mais evoluídas, mais velhas e mais complexas. No fundo da matéria, além da energia que já encontramos nela, encontraremos o espírito. Isto é lógico e análogo no físiódinamo-psiquismo, trino-monismo do universo. As descobertas já feitas serão comparadas, com as do amanhã, a coisas pueris. Eis o imenso futuro.

XVIII

O ERRO DE SATANÁS E AS CAUSAS DA DOR

Observemos alguns dos grandes erros do nosso tempo, devidos a sua desorientação.

Uma das graves conseqüências do pecado mortal dos nossos tempos — o orgulho, é a incompreensão do problema da dor, do seu porquê e dos seus fins. Em nossa terra hoje uma parte esta tendente a infligi-lo a uma outra parte, que vive sob a angústia dele. Assim os piores, os involuídos, mais ferozes, não se cansam de organizar aquilo que pode fazer sofrer tantos outros, que formam a outra parte da humanidade, os quais ainda, quando não cheguem a sofrer, vivem sob a psicose do terror de vir a sofrer. Tudo isto acreditou-se que poderia ser justificado por meio da teoria da seleção do mais forte. Mas

esta é a força do bruto, que se sobrepõe a todos pelo próprio egoísmo. Não se pode compreender que proveito de um tal forte possa tirar a vida em virtude da base social já atingida no nosso planeta!

Respondamos a pergunta: como é possível existir uma semelhante condenação de dor em um mundo regido por uma lei divina que é perfeita, boa e justa? Certamente nada poderemos compreender, se não houvermos concluído por aquilo que todos os fenômenos revelam, isto é, que uma lei regula tudo, e se não estabelecermos uma conexão do nosso estado presente com a série de fatos precedentes que se ocultam em nosso passado. Se antes não decifrarmos o enigma do nosso destino individual e coletivo, não poderemos decifrar o enigma da nossa dor. O princípio de seleção do mais forte abandona o vencido a dor, sem nada explicar das causas e finalidades do seu sofrimento. Mas, para quem compreendeu não é possível acreditar que isto não possua uma razão e um objetivo. Nasce assim a dúvida de que, em um regime de ordem, como é indubitavelmente o universo, o fraco esmagado, o vencido na luta pela vida, não seja na realidade um inferior derrotado, de modo a ser eliminado, porque efetivamente é um indivíduo que paga o seu débito à justiça divina, enquanto que o vencedor o é apenas momentaneamente, visto que, se não fizer bom uso da sua passageira posição, pode suceder-lhe que venha por isso a endividar-se, tendo de pagar caro amanhã, uma vitória de que abusou. Qual nada a seleção dos mais fortes! Vê-se por aí a que aberração pode conduzir a concepção materialista hodierna que regula o mundo.

Na realidade as coisas se passam muito diversamente. Aqui devemos lembrar alguns conceitos já expostos. Começamos por Deus. Se bem que seja impossível definir o infinito e na Sua essência. Ele permaneça para nós um super-concebível, a Sua lei que O exprime e que nós vemos funcionar a cada passo em todos os fenômenos, diz-nos claro que Ele é ordem, justiça, bondade, amor. Mercê da inteligência diretora e vontade construtiva dessa lei, em que se manifesta a presença de Deus em todas as coisas, nós e tudo o mais nos encontramos imersos em uma atmosfera continuamente saneadora e criadora. Na verdade, queiramos ou não, Deus está realmente presente em toda parte, a todo o instante. Esta é a potência interior que rege a vida e as coisas e, se ela cessasse, tudo desapareceria subitamente. Todos podem dizer: ela está presente no meu organismo cujo desenvolvimento regula, bem como as funções que por certo não são produtos do meu querer e da minha consciência. Está presente no desenrolar do meu destino cujos acontecimentos coordena para um fim, ainda que eu o ignore em particular. Está presente no encadeamento da história, cujos eventos guia para contínuas superações fazendo o homem progredir segundo a lei da evolução. Está presente no ritmo que caracteriza e define todo o fenômeno, do mundo físico ao mundo moral, fazendo do universo uma sinfonia. Deus está presente como disciplina de cada instante no movimento universal, disciplina da qual nasce a bandeira que no campo do espírito significa felicidade.

Quando tivermos compreendido isto, deveremos compreender que Deus está sempre tão presente e operante em nós, que de modo nenhum podemos nos separar d'Ele. Dado que Ele é amor, só Ele representa para nós a felicidade, cuja via esta, pois, escrita na divina lei e cuja consecução só é possível seguindo esta, isto é, fazendo nós o que entendemos por vontade de Deus. É difícil fazer com que o homem comum, subjugado pela ilusão dos sentidos, compreenda que a felicidade, ao invés de se encontrar na satisfação destes, consiste na adesão a vontade divina. É necessário que ele comece a observar e compreender a lei de Deus. Nós carregamos conosco o germe e o instinto da felicidade, que é também um nosso direito absoluto. Por que, pois, estamos tão longe de atingi-la? Será talvez, como poderia dizer o céptico, por um refinamento tantálico de crueldade da parte da chamada bondade divina? Não! É por um refinamento do amor de Deus para com as suas criaturas.

O universo esta baseado em dois princípios: **amor** e **liberdade**. Tudo o que existe, inclusive nós mesmos, mantêm-se a todo o instante, estando o Deus transcendente dos céus presente e ativo, isto é, imanente em toda a Sua plenitude. Ele, pois, se encontra também aqui na terra a lutar e a sofrer conosco. O amor, que tudo gerou, tudo sustém e regenera a cada momento. Mas Deus não nos ama apenas, porquanto Ele nos quer livres, e nos quer livres como Ele isto é, feitos à sua imagem e semelhança, elevados à dignidade de seres que possuem uma consciência para saber o que fazem e poderem escolher livremente a via que preferem entre o bem e o mal.

Observemos esses dois princípios.- Do princípio de Amor deriva o de dualidade, pelo qual toda individualização da existência é dada por duas metades inversas e complementares que se atraem e se completam e não se satisfazem enquanto não se fundirem na unidade. Em todo plano, desde o mais material até o mais espiritual, encontramos sempre esse mesmo princípio, que em essência é o amor. Isto se verifica desde o mínimo particular até o máximo: Deus — criação, tudo segundo o esquema dualista. Deus, e a criação em todas as suas infinitas formas, os dois termos contrários e complementares, o perfeito e o imperfeito, o absoluto e o relativo, o centro e a periferia, atraem-se e tendem irresistivelmente a unir-se e não se satisfarão, enquanto não se fundirem na unidade. Deus e criatura são, por conseguinte, feitos para amar-se. E a criatura, pela mesma lógica do sistema, não pode encontrar felicidade senão em Deus. Explicar isto ao homem atual, filho dos sentidos, fazê-lo compreender que a felicidade deve consistir em amar um super-concebível, ou pelo menos a tremenda abstração que é Deus, é empresa difícil. Isto deriva do exagero do conceito do Deus transcendente, o que conduz ao erro contrário de ter então que humanizá-Lo, reduzindo-O a uma reprodução antropomórfica, que a bondade divina nos perdoará. Deus é também imanente em todas as suas criaturas. Podemos assim nelas, que são a Sua manifestação, sempre encontrá-Lo e amá-Lo. Nelas podemos verificar como Deus pensa e age, como dirige e faz mover o funcionamento orgânico do universo. A lei pela qual Deus se exprime não é um segredo e, mesmo na terra é sensível. A própria ciência esbarra com ela a cada instante e a perscruta cada vez mais, procurando aprofundar o seu conhecimento. Toda descoberta científica só é absoluta para o homem, porquanto é uma lei eterna já feita por Deus. Não nos faltam, pois, maneiras de encontrar Deus também na terra. E para a nossa felicidade, O encontraremos, sobretudo, no mundo moral, derivando deste aspecto da lei todos os sábios preceitos. Nas relações sociais ela diz: amor, ou seja: “ama o próximo como a ti mesmo”. Eis a chave da felicidade. Eis o meio prático para fundir-se em Deus, atingindo-O através das Suas criaturas. Eis como se realizam, até as suas últimas conseqüências práticas, no nosso mundo, o princípio do amor.

Observemos agora o princípio da liberdade. Ele é princípio absoluto, inviolável, precioso dom, porém, arma de dois gumes, que, se mal aplicada, pode resolver-se em grande dor. Aqui o problema do amor se complica com o da liberdade, pois que, sendo o homem livre, pode refutar o amor e escolher o ódio, preterir o bem e preferir o mal, ainda que desta maneira recuse com Deus a felicidade e aceite a dor com Satanás. É um dom, pois, perigoso, mas necessário para que o homem não se transforme em autômato do amor, mas um ser que busca espontaneamente Deus, como assim o quer o amor, que não pode e não deve ser forçado; um ser que conquiste, livremente experimentando, essa consciência de si mesmo e a sabedoria da vida que Deus pôs na Sua lei q que o homem obedece vivendo. Deus, pois, deixa ao homem a liberdade de amá-Lo ou repudiá-Lo. Não o constringe. Ele quer ser amado espontânea e livremente, não por coação, mas por compreensão. Quer o reconheçamos como Ele é — Pai bom e providente. Como proceder então, nessas condições, para persuadir de tudo isto um ser que é livre e que quis escolher as vias do mal? A intervenção de Deus onipresente é indireta. Ele então se afasta do pecador, não se vinga ou pune como se costuma dizer: por que tais conceitos são absurdos em Deus, mas apenas se nega. Na verdade, não é bem mesmo Deus que se nega, porque Ele continua a proteger e assistir

ao rebelde, mas é este que em si mesmo negou a Deus. Ora, Deus é a fonte da vida e quem O nega de qualquer forma nega a si mesmo, expelindo-se da vida real e permanecendo então abandonado a si mesmo, fora da lei. A lei não pode manter em suas fileiras ordenadas um núcleo de desordem, um semelhante bubão pestífero e o isola, como o faz igualmente no plano orgânico para qualquer foco de infecção.

O rebelde mantém-se então sob o jugo da lei que o seu eu, que se substituiu a Deus, pretendeu criar para si, logo na miséria da sua ignorância. A consequência é desarmonia e por conseguinte, dor. Se Deus não estivesse sempre pronto a operar indiretamente a salvação do pecador, esse seria o caminho da sua destruição.

Essa revolta do homem livre e a sua conseqüente queda na dor não é um sonho, mas uma realidade. Nisto se baseia a vida humana e o destino do homem. Este destino nos é narrado, desde a pré-história, pelo mito da queda dos anjos capitaneados por Lúcifer pela narração bíblica de Adão que, tendo comido o fruto proibido da árvore do bem e do mal, foi expulso com dor do paraíso terrestre, depois pelas vicissitudes do filho pródigo que, reduzido à situação de saciar a fome com bolotas para porcos, volta arrependido ao pai que o perdoa, e assim por diante. Nos tempos modernos esse destino de revolta e de dor é uma realidade tangível que o mundo deve viver. O motivo do passado e do presente é sempre o mesmo: o ser é livre, mas quando se rebela e abusa da sua liberdade surge então a necessidade da dor. Mas não da dor pura e simples, em si mesma uma idéia estéril; e sim de uma dor que não possui, e não pode possuir outro sentido que o de instrumento de redenção, isto é, de uma dor que nos reconduza a Deus e à nossa felicidade. Eis a dor, que não é vingança ou punição ou apenas injustiça indiferente, mas que é ato de amor de um Deus cioso do nosso bem, ansioso para que nós nos decidamos por contínuas superações, e evoluídos, tornarmo-nos assim aptos à união com Ele, em seu amor como é o Seu ardente desejo. Eis que surge assim a idéia central da história do mundo: a **redenção**. Eis de como a dor se santifica e se sublima como força criadora que nos conduz a Deus. Eis o significado da paixão de Cristo. Estamos assim bem distantes e bem mais acima do conceito terreno da dor que marca o insucesso do ser vencido na luta pela vida.

Assim sendo, ainda quando a dor nos fere, Deus continua sempre bom. Nada devemos jamais temer da parte d'Ele. Mesmo no erro ele está perto de nós e nos auxilia a conquistar a nossa felicidade, ainda quando a nossa insensibilidade e ignorância clamam pelo azorrague. Tal método foi querido por nós e desaparece mal nos elevemos um pouco mais, porque então ele deixa de ser necessário. Mas, dado o nível em que vivemos, ele prova sempre o amor de Deus, ainda que assumindo essa forma severa, mas que é necessária. Ele prova o desejo de Deus de atrair-nos para unir-nos a Ele, de fazer-nos felizes em uma felicidade que não pode estar senão nele. Na dor que redime, na dor de que se compreendeu a grande função, sente-se o amor de Deus, que a mitiga e a dulçora, até torna-la o alimento do santo, sente-se Deus que envolve a alma na Sua ação salvadora, confortando a dor com o amor. Sente-se então, ainda que sofrendo, que Ele bate às portas da alma para poder entrar, trazendo vida e alegria, sente-se que Ele não pune, mas que faz pressão para erguer-nos até Ele onde, e só onde, poderemos ser felizes. Esta dor, que na primeira fase mosaica foi definida como vingança e punição, na nossa fase, mais evoluída, revela-se como um ato de amor, um dom providencial de Deus, que Ele nos envia somente para fazer-nos compreender o erro cometido e que não tem mais razão de existir, logo que se tenha completado a sua função educadora. Desta maneira o homem experimenta a vida e constrói, através dos seus ensaios e conseqüências, a própria consciência, e aprende que é necessário saber agir com justiça e disciplina, como esta escrito na lei. Quando tivermos compreendido isto, ter-nos-emos unido a Deus e felizes. Então a dor não terá mais motivo de existir e nem causa que lhe dê nascimento.

A vitória sobre a dor não se obtém, pois, atirando-a com ódio sobre o próximo, infligindo mal a outrem, mas rebatendo as suas causas com causas contrárias, isto é, irradiando bem e amor. Na terra, inversamente, acumulam-se as reações maléficas, que se fortificam por meio de um vesgo senso de justiça, pretendendo santificar a vingança. Desta maneira fez-se a vida depender apenas da força e do predomínio, quer moral quer econômico. Assim acreditamos liberarmo-nos da dor, mas, ao invés, constatamos que esta aumenta. As culpas então aumentam e a terra tornada lugar de pena, se transforma no reino do mal. Então impreca-se contra Deus, como causa deste. Mas a causa está no homem e é a fatal consequência do seu espírito de revolta e de sua ação tresloucada. Naturalmente a dor é a providência de Deus e constitui a única via de redenção e salvação. Esta tão vasta dor humana deve ecoar bem longe dos restritos: confins terrestres, chegando até criaturas colocadas muito acima, mais aprimoradas do que nós, que por amor vêm se imiscuir, auxiliando-nos por todas as formas no nosso esforço de redenção. Por intermédio delas parece que o próprio Deus padece da nossa dor e com isto se queira unir a nós, numa comunhão fraternal de amor. Por certo Ele esta presente em qualquer estado do ser, na alegria como no pesar. A paixão do Cristo e a cotidiana repetição do seu sacrifício no rito eclesiástico, não nos dizem exatamente isto? Porque, em verdade, no grande vínculo do amor, nós estamos n'Ele e Ele esta em nós.

A grande lei da vida é o Amor. Em toda manifestação jamais devemos seguir o caminho do egoísmo que divide, mas o do amor que unifica. Só este último nos conduz a Deus e à alegria. Não devemos resistir a Deus, à Sua potência onipresente; não devemos rebelar-nos com o orgulho, mas tornar nosso. a Sua vontade. Não é possível fugir de Deus. Ele é a atmosfera que todo o universo respira e de que tudo se nutre e vive. De Deus não se foge e Deus não se pode destruir. Estar com Deus significa participar da Sua potência. Estar contra Deus significa estar perdido em um deserto de trevas. Sem Deus nem mesmo o pecador pode viver, e se ele continua vivendo, isto significa que Deus ainda opera nele. O remorso, a dor, exprimem a necessidade de reencontrá-Lo. A revolta a Lei, obstáculo à atuação dele, gera um pequeno atrito na contínua obra criadora de Deus. A Lei não muda, mas algo no universo deve sofrer. Esta rebelião origina uma convulsão em alguma parte. O plano da Lei é tornar o homem livre e consciente colaborador da divina obra da perene criação, um operário, um ministro de Deus. Como podemos maldizer uma dor que nos permite voltar a ser elementos desta ordem, que nos reconduz à harmonia com a Lei, para participar da grande obra de Deus? Como temer uma dor que nos constringe permanentemente a subir? A nossa insatisfação frente a qualquer conquista humana exprime essa necessidade de ascensão.

O plano da vida é o de nos conduzir para as grandes unidades. É necessário, pois, que o egocentrismo humano se dilate no altruísmo. Está no instinto do nosso tempo a alegria da superação mecânica dos limites de esforço e tempo, superamento das desilusões da nossa atual fase de vida. Com esse superamento tudo tende a uma maior unificação. A vida social avia-se hoje, mais do que nunca, a funcionar por grandes unidades. Devemos procurar, em todo campo do pensamento e da atividade humana, tudo o que unifica, evitando tudo o que divide, insistir sobre os pontos que possam favorecer a coligação, fugindo de todos aqueles que podem determinar cisão. As vias de Deus são as que tendem à unificação. O progresso esta em uma delas. Tudo o que nos divide e nos isola, qualquer forma de separatismo, ainda que procedamos em nome de Deus e da verdade, leva-nos para a cisão, que é a obra de desagregação de Satanás. Os homens se revelam sobretudo pelos métodos que usam, mais do que pela verdade que professam. Quando o método é perseguição, terror, ódio e vingança, é certo que estamos na via de Satanás. É um grave erro acreditar que semelhante método facilite a vitória. Na realidade ele é desagregador e conduz à derrota. A rebelião na luta contra uma disciplina moral não significa tornar-nos livre para melhor vencer, mas colidir com a resistência da lei, usando uma estratégia de péssimo resultado. Deus obra pelas vias opostas da convicção, do perdão e do amor. Quem verdadeiramente é de Deus não

resiste ao mal com o mal, mas o neutraliza difundindo o bem. A universal religião do espírito, que compreende todas as outras, pede apenas que se ame a Deus amando o próximo como a si mesmo. E bastaria isto para transformar o mundo. O grande erro de Satanás e de quem o segue, consiste em acreditar em que a vida possa basear-se no egoísmo e no ódio e que o triunfo possa assentar-se na força, quando, na verdade, a vida se baseia no altruísmo e no amor, e o triunfo, finalmente, pertence à justiça. Nenhum homem, par mais poderoso que seja, pode alterar esta lei.

XIX

O ERRO MORAL

Continuemos a passar em resenha os erros modernos.

Uma das maiores conquistas do nosso tempo foi sem dúvida, a ciência. Mas, bem que mostrasse uma atitude agnóstica, que queria ser filosófica e religiosamente imparcial, esta ciência, sem filosofia e religião, visto que a alma humana não pode fazer nada sem uma orientação qualquer, na realidade possuía a sua era materialista. O seu absenteísmo no campo ético, campo que é impressionavelmente conexo à vida, significaria, efetivamente, negação dos valores morais. O maior dos erros moderno é, pois, o erro moral, que orientou e utilizou mal uma ciência de per si benéfica. Erro profundo este porque fez das conquistas da técnica um meio de destruição material, erro grave, porque, no espírito das massas que, mal sabendo pensar por si, sempre seguem a orientação da classe culta dirigente, ele resultou em espírito de revolta, desordem e destruição. Em nosso século acreditou-se, em nome da ciência, poder se libertar dos tradicionais conceitos de Deus e de Sua Lei, que regulam toda a vida, até o campo ético humano. Isto pareceu uma conquista e uma liberação. Podia sê-lo com respeito às concepções filosóficas e religiosas que, tendo sido vividas e tendo dado seus frutos, reclamariam uma superação. Mas superação quer dizer atingir um conceito de Deus e de Sua lei superior, e não a destruição desse conceito. É certo que muitas idéias haviam envelhecido e não correspondiam mais a novas formas mentais. Mas é perigoso destruir não reconstruir, produzindo apenas ruínas, perigoso sobretudo no campo ético e ideal, onde se encontram as diretivas das nossas ações. O orgulho humano exagerou na destruição e, enquanto a incumbência estava em progredir no relativo, alçou a bandeira do ateísmo e da desordem moral e, ansioso pela auto-afirmação, substituiu ao velho um novo dogmatismo, demonstrando com o mesmo espírito parcial que o homem não muda. A verdadeira ciência continuou, com os seus gênios e os seus heróis, o trabalho tenaz, rígido objetivo, que produziu as maravilhas que contemplamos. Mas um fruto tão belo caiu em um mundo negador de Deus e de Sua lei, que fez péssimo uso daquele fruto. E a ciência foi que arcou com a culpa. Em si mesma inocente tanto que hoje, continuando seu tenaz caminho, é justamente ela, que a princípio se tornara um estandarte do materialismo, progredindo sempre, que acabou por nos indicar o espírito e. levar-nos de novo a Deus e à Sua lei.

Quantas coisas esta ciência ainda nos demonstrará, é impossível suspeitar! Mas é certo que os séculos futuros, bem mais evoluídos, demolirão muitos erros do nosso tempo. E são muitos, conseqüentes

da orientação supra mencionada, cujos efeitos práticos ainda se farão sentir. Esses erros foram graves e o mundo de hoje lhes paga as acerbadas conseqüências. A Lei de Deus que guia o universo não se pode destruir. Hoje o homem é ainda tão criança que acredita poder, com o seu arbítrio e vontade, substituir-se a ela. Mas só os jovens, os ignorantes e os inconscientes são em geral presunçosos. Os evoluídos são sábios. O grande pecado do homem presente é o pecado de Lúcifer — o orgulho. O mundo atual é todo um tremendo grito de rebelião a Deus e a Sua Lei. Tentada a substituição de comando, de conseqüências terríveis, que vemos na paz como na guerra? Tal mundo se desfaz. Por que? Porque o orgulho cega, faz perder a límpida visão das coisas, destrói o poder diretor e assim acumula erros. Porque o orgulho, afirmação do eu, é negativo defronte a Deus, logo defronte a vida, de cujas fontes o homem, desta maneira se afasta. Resulta disso uma ação desequilibrada, contraditória, descendente ao invés de ascendente. O que é contra Deus e a Sua Lei só pode operar destruição. Então o espírito rebelde a ordem divina volta-se para a forma, com sensualidade e avareza, e se perde no relativo do particular. Eis o mundo de hoje feito de avidez mórbida, de rivalidade sanguinária, de mente destruidora e caótica, caindo sempre, até atingir o fundo. Todo sistema possui uma lógica de proposições em cadeia, a qual, uma vez iniciada, deve desenvolver-se elo por elo, até as últimas conseqüências.

O homem, acreditando poder desorganizar a Lei de Deus, pelo menos na terra, para depois refazê-la a seu modo, com esse orgulho, não desorganizou senão a si mesmo e ao próprio mundo. A causa não está em Deus, mas no homem. A lei é perfeita, é ordem e não falha. Ao homem, operário de Deus, foi cometido, a imagem e semelhança da obra do Criador, um trabalho de criação na terra. A Lei deixa-o livre de errar mas depois o constringe a pagar na mesma proporção do erro, para que possa compreender. A dor e o mal não estão em Deus, mas na ignorância, na vontade, no erro do homem e são eliminados através da sua dura experiência. Assim, pois, tudo isto diz respeito ao homem e é relativo a sua atual fase de evolução. O mal não está em Deus e na Sua Lei, que não se altera de modo algum, apesar de todos os erros humanos. Pelo contrario, tudo orienta maravilhosamente, não obstante eles. Por isto se vê como o homem é guiado pela sabedoria divina e protegido pela divina bondade, mesmo quando se rebela, se cega e se arrisca a perder-se. Enquanto o homem, abusando da sua liberdade, tenta na própria insipiência transtornar tudo, a Lei de Deus esta sempre intimamente presente e ativa na reconstrução. A destruição age do exterior, a reconstrução do interior. A primeira é explosiva, desordenada cega e violenta; a segunda é tenaz, metódica, sábia e boa, sempre atenta a reparar as faltas. Desta maneira o homem, sempre sofrendo, deve aprender como ser livre e consciente e, por conseguinte, responsável, a saber usar com prudência o poder que Deus lhe concedeu. Mas hoje, dada a ordem do universo e visto que nesta ordem o homem age e pensa devidamente, a sua dor é lógica e plenamente justificada. Justificada não só como conseqüência punidora mas também como condição providencial, porque com o dor se aprende a eliminar o erro e assim com a dor de hoje diminuirá a dor de amanhã, isto é, com a dor se elimina a dor visto que com ela se evolui.

Esses princípios gerais e sintéticos estão presentes na sua conseqüência até nas menores coisas de nossa vida contingente, dizendo-nos respeito muito de perto. Esta está saturada, em todos os seus particulares, de soluções falsas, que, por conseguinte, produzem o mal e a dor. Não sabemos agir ordenada e harmoniosamente e por isso, através do pensamento e ação, errados, semeamos em cada dia a nossa pena. Na procura treloucada de gozo e liberdade, tornamo-nos cada vez mais escravizados de mil necessidades artificiais. Sofre com isso a nossa saúde, os nossos interesses, a nossa paz. Para elevar nosso nível econômico, em substancia nos empobrecemos cada vez mais. A supressão da disciplina moral não é liberdade, como se acredita, mas é escravidão. Pode-se rir dos emancipados, mas as eternas leis da vida não se alteram e nela a ordem de elevação moral constitui a base do poder. O poderio se conquista harmonicamente evoluindo e não desequilibrando com a violência que tende a reequilibrar-se, retomando

o mal, excitando uma proporcionada reação oponente. O hodierno grito satânico contra Deus, expresso pelo orgulho do ser e pela adoração da força e da matéria, é servidão do espírito livre para com esses senhores. Na realidade o homem perde todo o poder de autodomínio e quem não for senhor de si não pode ser senhor das coisas; quem não possui disciplina em si, não pode determinar e não o caos em derredor de si. Não basta, como se supõe, para obter felicidade e prosperidade, apenas posse das coisas. Se nos aproximamos delas animados de egoísmo e avidez, elas virão a nós envenenadas e por isso nos envenenarão. Desta forma, ao invés de obtermos o gozo, do qual a condição precípua é a paz, chegaremos à violência, à guerra e, conseqüentemente, à miséria e à dor.

Todavia a vida está imersa em um oceano de substância e nós, com tais atitudes, impedimos que esta nos alcance. Esta substância nutridora, esta atmosfera vitalizadora em que o homem se move e por toda parte, inexaurível, pois que é a onipotente divindade de que tudo nasce. A sua vitalidade e fecundidade são dadas pela circulação, pelas trocas, pela comunicação e pela fraterna comunhão entre os seres. Quando egoisticamente nós contemos o seu livre fluxo, procurando o entesouramento exclusivista, erguemos barreiras que a tornam inerte e estagnante e então a sua potência dinamizante se extingue, Deus se nega e o homem é afastado da fonte vital. Não se enriquece, pois, com a avareza, mas com a ilimitada e benéfica generosidade. Como o mundo faz o contrario, naturalmente empobrece. A Lei de Deus colocou uma riqueza inexaurível à livre disposição dos sábios, que dela sabem fazer uso, mas a exclui dos estultos, que agem em contrário à Sua ordem. Efetivamente não vemos nós o mundo tornado miserável justamente em razão da doida procura da riqueza, enfraquecida pela loucura do poder, escravo por motivo do desejo absurdo de domínio egoísta e, como conseqüência, da procura da mais indisciplinada liberdade? A vida possui leis muita sabias, que favorecem o prudente e frustam o tolo para que aprenda.

Mesmo a prosperidade material tem as suas leis, mas quem as segue? Elas são continuamente violadas. A conseqüente e contínua constatação da geral carência, enraíza nas almas o terror da falta do necessário e se estabelece então uma psicose de carência e uma angústia perpétua. Desta maneira nos acreditamos escravos do trabalho, sem o qual não se vive, e fazemos dele uma condenação na vida. Mas o trabalho é um ato criador, que nos põe na condição de operários de Deus, colaboradores da Sua obra de criação! Ele exprime o nosso eu nas formas que Deus plasma consoante a Sua vontade e potência. Ele representa a nossa realização, e constitui o meio pelo qual adquirimos experiência para evoluir e é o sinal de fraternidade entre os seres. A potência do trabalho esta na cooperação que exprime a harmonia e a ordem do universo. Em vez disso, hoje temos um trabalho rancoroso, rebelde, rival do capital em lugar de seu colaborador, um trabalho desagregante e feito de atritos, mais destinado a destruir do que a criar. Ao contrario, a força esta na colaboração e não na desordenada concorrência. Como todas as coisas, também o trabalho, para ser fecundo e criador, deve estar saturado de amor. Ele deve assim ser executado, não para produzir de qualquer forma, qualquer seja a conseqüência, uma vantagem egoísta, pouco lhe importando o interesse alheio, mas executado de modo a ser verdadeiramente útil ao próximo e de tal sorte que seja executado da melhor maneira possível. A tendência moderna, contrariamente, é a de executá-lo mal e a palma da vitória cabe a quem melhor tenha, sabido utilizar o próximo em seu benefício. Não se baseiam sobre tais princípios a propaganda e os métodos de tanta produção moderna? O objetivo não é de fato o de criar uma legião de consumidores, e de orientar as massas neste sentido, considerando-as um meio de ganho e o homem como um elemento de usufruto, fingindo-se servi-lo? Ora, qualquer seja a meta e a astúcia, é lei que quem viola o princípio do serviço amorável deve colher o que semeou.

O mundo econômico e comercial não pode fugir à atuação da lei universal, pela qual quem faz o bem o faz a si mesmo, quem faz o mal é quem principalmente o recebe. Uma economia agnóstica, que

prescinde dos fatores morais é um outro dos erros modernos. A lei moral esta acima de todas as outras leis humanas e, por conseguinte, domina-as e penetra-as todas. O mundo de hoje não avalia nem ao menos quais sejam as verdadeiras fontes do bem-estar, mesmo material e não supõe que este derive de íntimos equilíbrios espirituais em relação à Lei de Deus.

A nossa economia moderna se baseia inteiramente sobre o "do ut des". Mas a lei do dar e do receber é mais ampla na economia da vida e não se limita a recompensar quem nos deu e na medida em que nos deu. Na divina atmosfera alimentadora de tudo, as trocas são vastas e infinitas e não nos devemos preocupar se não recebemos de quem foi por nós beneficiado e na proporção do benefício. **Dá e te será dado.** A compensação não se sabe de quem, nem como nem quando virá, mas vira. É necessário compreender que a divina economia do universo é vasta, sempre comunicante, automática e inevitavelmente compensadora. O benefício que fazemos a um anônimo, que depois não se verá mais, tanto circulará pelas vias da vida, que devera voltar a nós. Mas se nós não nos enriquecermos com tais créditos, mas pelo contrario, acumularmos débitos em face aos equilíbrios da lei de Deus, o que então pretendemos que obtenhamos de retorno?

Eis de que maneira é movido o mecanismo da assim chamada Providencia. Sem mérito como poderemos, pois, esperá-la? Então não nos resta senão a escassez de meios e contínua preocupação que, como se vê, não se elimina de modo algum, antes aumenta por se ter sabido acumular riquezas.

Por tudo isto se compreende como existe um mundo imenso que está além do nosso e que rege e penetra a nossa realidade contingente. Na nossa pequena vida cotidiana, vivemos, sem suspeitá-lo, o infinito. No relativo vivemos o absoluto, no átomo, a eternidade; nas pequenas alternativas de cada hora cumprimos o nosso destino, já por nós preparado no passado, enquanto que forjamos um novo, pois que, ainda que o não saibamos, estamos em comunhão com Deus. Bem-aventurados os que sabem e o sentem. Esses são os dominadores, que ultrapassam a ilusão humana, pela qual a maioria se conduz. Estes últimos permanecem miseravelmente encerrados na prisão feita pela própria natureza, afligidos pela necessidade em meio a uma riqueza infinita, ansiosos por tudo onde há superabundância de tudo e tudo Deus provê, escravos da matéria, quando o homem é feito para ser dela o livre senhor. Mas que mundo se abre a quem sabe sair de tal prisão Trata-se de imponderáveis que também possuem peso decisivo e podem mudar a vida. Trata-se de sentir essa contínua presença de Deus, alimentadora de tudo. Se em verdade Deus é de tal modo transcendente, que nos foge para o super-concebível, tanto que definir, isto é, encerrar no finito, tal infinito, não é possível sem mutila-lo de tal forma que a Sua definição é um absurdo — Ele está ao mesmo tempo na outra extremidade do ser, tão imanente que se encontra presente e ativamente criador em cada momento particular da Sua manifestação, que é o universo. É verdade que nós vivemos na caducidade da forma, no relativo e periférico. Mas esta zona exterior da manifestação está sempre em comunicação com a substância eterna, com o absoluto central, de que tudo deriva e permanentemente floresce, fonte vital que é, sem a qual tudo se extinguirá. Para isto também a ciência se encaminha hoje para compreender e amanhã o demonstrará. O orgulho e a revolta ao divino princípio que tudo rege, não importando a imagem que cada um, segundo o seu poder intelectual pode fazer de Deus, constituem o mais grave erro moderno, cuja consequência é que o mundo tenta isolar-se das fontes da vida e, assim, praticar o próprio suicídio. Mas a sabedoria de Deus supera a ignorância do homem e o salvará a despeito dele, através de uma dor proporcionada, a fim de que o bem triunfe.

XX

MEDICINA E FILOSOFIA

Atrás explicamos que a culpa e o erro fundamental dos nossos tempos repousam no orgulho e na rebelião a ordem divina das coisas, de que derivam muitos males e muitas dores. Aqui não falaremos desse erro moral, especialmente em relação ao trabalho e aos bens úteis da vida, mas o faremos com relação a nossa saúde física. Procuraremos precisar os efeitos da moderna psicologia de independência, quando ela penetra também esse nobre ramo da ciência, que é a medicina.

Repasemos agora as ruinosas o que uma orientação excessivamente materialista e hedonista conduziu a ciência, e encaremos a urgente necessidade de conferir a esta uma superior finalidade ética. O homem que preferiu o seu eu a Deus e acredita tornar-se senhor e centro do seu mundo, por mais que queira manter-se objetivamente apegado apenas aos fatos e, ausente e neutro em face de qualquer meta ideal, só por esta sua atitude, fixou uma afirmação axiomática e dogmática que colorirá toda a sua concepção, ainda que tal premissa esteja oculta no subconsciente. Disto não pode nascer senão uma medicina que tende a substituir-se a natureza e que prescinde do poder curativo desta, a ponto de acreditar poder e dever corrigi-la e suplantá-la. Assim, hoje, enquanto a medicina se guarda bem de possuir uma filosofia, efetivamente tem uma, da qual depende a sua orientação. Também aqui não se pode prescindir do fator moral que, sendo superior a todas as leis humanas, as penetra a todas de modo a se encontrar em todas, ainda que seja negado. Igualmente aqui se verifica a habitual cadeia — **ignorância, erro, mal, dor**, e também aqui os mesmos resultados como nos outros casos.

Encaremos o problema mais de perto. Nenhum campo como no da medicina, que intervém em nosso mundo orgânico, é tão pejado de conseqüências nocivas como esse moderno espírito rebelde às leis da vida, o qual pretende erigir-se em plena autonomia, para adaptá-la aos próprios fins hedonísticos. A saúde é fenômeno de longas e longínquas repercussões, é um equilíbrio profundo das energias da vida que o homem moderno perturba com extrema facilidade, levando uma vida contra a natureza, e que ele pretende depois restabelecer com a varinha mágica do médico e da medicina, com o milagre da descoberta científica. E acredita facilmente nisto que agrada e é cômodo, tanto mais que isto se presta à exploração industrial e individual, havendo quem tenha interesse em criar e manter tais credulidades. No entanto a vida é feita de maneira diversa, e nem a podemos alterar a nosso talante. E se tentarmos na tal empresa, as forças da vida reagirão, punindo-nos pelo erro. É certo que a imbecilidade das massas parece ilimitada e biologicamente é inevitável que os fracos sejam explorados. Como isto é rendoso para os espertos, prova-o a concorrência que existe hoje na indústria da exploração de tal imbecilidade, em todo o campo possível e imaginário. Mas é verdade também que, dada a grande compreensão da maioria, nada melhor a pode educar do que ter sido ela escarmentada com o próprio prejuízo. Em todas as esferas de ação a vida adota esse sistema para induzir-nos a compreender, isto é, a progredir.

O dano em medicina é grave, visto que se trata de uma terapêutica desorientada, que aplicada em larga escala ameaça a constituição orgânica, sobretudo das raças civilizadas, que dela fazem mais uso. É verdade que a vida é uma batalha que cada qual deve combater com as próprias armas, com as próprias características e com os meios acumulados no tempo, e isto no campo orgânico como no espiritual. É verdade também que a vida possui poderes corretivos e de recuperação, em face dos piores erros e, por

consequinte, pode resistir aos maiores assaltos. Mas nós não estamos em grau de dizer quantas dores isto custará ao homem moderno.

Hoje domina a terapêutica antimicrobiana, a qual determina uma intervenção contínua e difusa de produtos que, penetrando no organismo, tendem a modificar a própria estrutura das células, determinando um progressivo declínio orgânico e conseqüente decadência constitucional. A caça ao micróbio reduz-se a uma conturbação, pela qual se prejudicam as naturais forças defensivas e se produz crescente vulnerabilidade orgânica. Frequentemente se obterá uma vantagem imediata, mas é necessário ver o que de nos custará pelas suas conseqüências. Não obstante a floração de descobertas e de novos remédios a jato contínuo, os organismos **resistem cada vez menos**: se os auxiliamos de um lado, eles cedem de outro. É natural que eles se enfraqueçam na proporção da defesa que lhes é prestada. A multiplicação dos remédios corresponde assim uma multiplicação de males. Ademais, as enfermidades se tornam amorfas, atípicas, o que significa que se perturbou a lógica estratégia posta em prática pela inteligência da vida. Os organismos não reagem mais ou, se reagem, o fazem desordenadamente, o que significa que a natureza foi induzida à desorganização. O difundido uso dos produtos sintéticos significa o emprego de um mau sucedâneo que, se possui as características químicas, não pode ter de modo nenhum as orgânicas, dado que a vida contém forças sutis, que alcançam mesmo o campo espiritual.

Sem poder entrar aqui em particulares, este é o resultado da terapêutica moderna. Por querer ser imparcial e objetiva, ela carece da orientação geral, que só uma filosofia da vida pode conceder. Por permanecer positiva, lhe escapam muitos fundamentais imponderáveis. Não possuindo o senso da unidade cósmica, lhe fogem também o da unidade orgânica, e assim igualmente o poder de síntese, perdida como está na análise, na especialização clínica, no localismo patológico e no fracionamento sintomático. E sem esse poder de síntese não se chega a cumprir o ato individual da intuição que é o diagnóstico e o prognóstico. Não se pode compreender um momento particular da vida, se não se está antes orientado no todo, compreendendo primeiramente o funcionamento orgânico do universo. No estudo da vida não se pode prescindir da ordem espiritual em que ela se move, nem é lícito ignorá-la. Uma medicina naturalista é, pela própria natureza, **incompleta e incompetente** para julgar os fenômenos vitais. Escapa-lhe a essência destes. Não obstante ela negá-lo, possui, em realidade, uma filosofia mais negadora da substância da vida, como é o seu materialismo. Tal é a nossa medicina analista, organicista e microbiana.

Essa sua psicologia de batalha antimicrobiana lhe vem da psicologia do século, que é de revolta e não de adesão à sabedoria das leis, ou seja, psicologia do homem ainda involuído. A caça ao micróbio, se este é realidade, pode ser empirismo como orientação geral. Mas quem nos assegura que o micróbio não seja senão o efeito, ao invés da causa da moléstia, visto que ele surge quando o terreno orgânico já está preparado pelo morbo e que sobre o mesmo terreno orgânico, ainda quando seja patogênico, não exerce funções particulares? Quem nos diz que o doente não seja um ser que a vida coloca sob cuidado para curá-lo, mais do que um ser que espera a extrema-união humana para normalizar-se? Esta concepção desloca tudo, fazendo passar para um primeiro plano a sabedoria da natureza e para um segundo a do médico, visto que hoje as coisas estão invertidas. Mas a medicina consiste em seguir esta sabedoria e não substituir-se a ela para coagi-la.

O primeiro e verdadeiro grande médico é a natureza, grande concorrente da medicina oficial, médico que todos tem em si e que vigia e age continuamente. Ela representa a universal presença de Deus, sempre benéfica e restauradora. O conceito do micróbio patogênico deriva do instinto de luta do homem ainda involuído. É impossível seguir o bacilo e atingi-lo nas profundidades vivas do tecido, porque ele aí não se encontra como uma intromissão estranha, mas como em combinações de simbiose, que fazem parte dos

próprios equilíbrios da vida. Ele mesmo é nossa vida, com funções vitais e não se pode isolar nas infinitas interdependências orgânicas. A natureza o utiliza na sua estratégia defensiva. Os micróbios não são os antagonistas da vida, mas os seus colaboradores. Mesmo quando agem contra ela, excitam-lhe as reações vitais.

Quando a vida adverte o assalto, adota muitos meios entre os quais ressalta a elevação da temperatura que se chama febre. Esta representa um mais alto potencial elétrico celular, especialmente do sangue, uma posição mais enérgica para a batalha. Os medicamentos destinados a suprimir a mobilização desse dinamismo expresso pelo processo febril, vão demolir as naturais defesas orgânicas e paralisam a luta engajada pela natureza. A vida é um inteligente princípio espiritual que quer a conservação do indivíduo, porque viver tem um escopo e ela quer atingi-lo. As moléstias representam uma verdadeira estratégia com movimentos calculados em intensidade e duração conduzidos com ritmo próprio, que exprime pela sintomatologia. Elas representam, em suma, uma inteligente operação de guerra. Se tais planos forem transtornados, paralisando artificialmente a reação febril, toda a defesa se desorganizará. Então a natureza ou resiste à cura e trava a sua batalha da mesma forma ou se transfere para outra ocasião. Entrementes nós poderemos ter tornado tão difícil o seu trabalho, que poderá suceder que a batalha seja perdida e o organismo sucumba. Altera-se assim, completamente, o conceito de saúde. Esta não é dada tanto pelas boas condições do ambiente, quanto pela capacidade de resistência do indivíduo. Pelo contrário, a vida, se muito protegida, se enfraquece.

É necessário que nos exponhamos, que lutemos, para que devamos aprender a vencer. A célula só se torna passível de agressão da parte dos germes patogênicos quando o seu índice bio-físico-químico sofreu alteração. O estado de saúde não deve, por conseguinte, ser esperado de um ambiente artificialmente corrigido, mas sobretudo de nós mesmos e isto é o resultado de uma longa história individual e coletiva, história em que a vida tudo registra de bem e de mal com suma justiça e vontade de fazer o bem.

As nossas atuais concepções dependem de uma falsa orientação filosófica. Não está errada a ciência que observa objetivamente, mas está errada a psicologia com que se aplicam os seus resultados. Em nosso caso, se é perigoso ser demasiado filósofo e pouco médico, como sucedeu nos séculos passados, é perigoso também, como possivelmente por reação sucede hoje, ser demasiado médico e pouco filósofo. Um pouco de filosofia é necessário também para superar o perigo de dispersão representado pelo fragmentarismo analítico, ou perigo de perda do sentido unitário em um labirinto de fenômenos desconexos. Para resistir ao fracionamento da ciência na especialização, ocorre a síntese, unificação, orientação filosófica. A orientação materialista conferiu à nossa medicina um aspecto mecânico, frio, abstrato, em que a alma do paciente sente-se afogada.

Também a medicina, da mesma forma como o dissemos, com respeito ao trabalho e assim como deve suceder com todas as manifestações da vida, deve consistir, para ser genética e criadora, em um ato de amor. O século futuro deverá aguardar na ciência a conquista dessa nova qualidade, que pertence ao espírito e que falta inteiramente em nosso tempo.

XXI

A CIÊNCIA DA ORIENTAÇÃO

Continuemos a observar os erros do nosso tempo sobretudo com respeito a orientação do cognoscível moderno, pois que a nossa ciência, tão vasta e profunda, parece carecer exatamente do senso de orientação.

A carência de síntese é um dos males do nosso atual saber. A análise, embora se tenha demonstrado hoje tão frutífera, do ponto de vista utilitário, arrisca-se a naufragar se não for completada por uma visão sintética que a discipline e organize, conduzindo-a a metas mais elevadas. Estas são ações opostas que no entanto podem completar-se seguidamente, de modo que a ciência moderna, de escopos prevalentemente práticos e utilitários, pode casar-se com uma orientação geral que lhe falta e que não lhe pode advir senão de uma visão sintética, unitária, em que tudo se reduz a unidade, tudo esta conexo, formando um todo compacto e não pulverizado nas infinitas veredas do particular.

Volvamos ao palpitante problema da medicina. Onde se estuda a vida é necessário subir as fontes dela, que são interiores, estão no espírito e que se encontram marchando para o centro conceitual do universo. A medicina moderna seguiu a direção geral da nossa ciência e por isso se fechou na periferia, na forma. É natural que, carregada de infinitas noções, ela tenda a dispersão no particular, por falta da orientação que só um conceito unitário pode dar-lhe. O grande Hipócrates e os médicos intuitivos da antigüidade haviam concebido esta unidade e dessa maneira curavam. Ainda que a ciência nos tenha fornecido um sem-número de meios de indagação e elementos de conhecimento, é necessário que tornemos, mas agora bem melhor providos, aos métodos daqueles grandes vultos. surgirá assim a nova medicina que, sem ser empírica como a antiga, por ter aprendido a observar objetivamente, será, como a antiga, orientada em harmonia com todas as leis da vida e que, ao invés de erigir-se contra estas leis para submetê-las e dominá-las, vendo nelas uma sabedoria profunda, aceite-as e as siga seguindo-lhes os caminhos. Haverá quem diga: mas isto não é medicina, é filosofia da medicina. Pois bem, acima do conhecimento científico, é imprescindível colocar essa filosofia, se não quisermos acabar em uma torre de Babel de especialistas que não se conhecem mais reciprocamente por se haverem afastado demasiado da origem comum de todas as coisas. Este é o fim que nos espera, se não nos apressarmos a formar uma ciência de orientação, que dê coesão e consistência e, com isso, uma direção ao conhecimento científico divergente da atualidade.

Com todo o respeito que merecem as grandes conquistas já realizadas, sente-se a necessidade de enquadrá-las e coordená-las em um sistema único e universal que nos forneça a chave dos esquemas fenomênicos, chave com que poderemos melhor desvendá-los. Sente-se a necessidade de completar a medicina da matéria com uma medicina global, que inclua também o espírito e que leve em consideração, além do organismo físico, também aquela outra parte tão importante do ser humano, que vagamente ainda se exprime com o simples termo religioso de alma. Uma medicina, pois, total, mais completa e mais harmoniosa, enquadrada no funcionamento orgânico do universo e não deste isolada e a ele rebelde, uma medicina que não pretenda criar o saber e fazer leis, mas cuja maior sabedoria consista em saber pôr-se de acordo com as leis tão sabias que já existem.

Como se vê, não se trata de inovações particulares, mas de referências à formação da mente atual, de que tudo derivou. Hoje se fabricam médicos em serie, nas universidades, em que se aplica, em qualquer cérebro, um verniz de cultura. A aplicação, reforçada por um diploma que se transforma em rendimentos

e credencia a atuação profissional, autoriza assim o funcionamento da máquina cerebral dessa maneira confeccionada. A verdadeira medicina é, no entanto, um dote pessoal, uma vocação, um sacerdócio; é o produto de qualidades biológicas, intrínsecas, que não se improvisam, que não se adquirem apenas pela erudição. Não obstante, em nosso mundo hoje se tende a fazer tudo por via mecânica, enquanto o que vale é primeiramente o material — o homem, com o qual depois tudo o mais se faz e sem o qual nada se realiza. Assim, pois, para fazer o médico é necessário, fato inacreditável, fazer o homem e neste caso, mais do que um outro qualquer, um homem de tipo biológico ainda muito raro na terra, isto é, o homem orientado e intuitivo, que tenha compreendido todo o universo ao menos nas grandes linhas diretivas e que tenha alcançado, por evolução, qualidades de intuição e síntese que lhe permitam enquadrar as coisas com respeito ao todo, para depois penetrar-lhes o significado e assim compreender o estudo patológico no caso particular que ele deve tratar. É necessário o homem que, por evolução, seja mais sensível que o atual, capaz assim de adotar na indagação do método novo do futuro, o método intuitivo. Esse homem hoje é esporádico, como que uma antecipação evolutiva. Os métodos da conquista do conhecimento foram antigamente dedutivos, procedentes de edificações lógicas e racionais. Depois surgiu o método indutivo e experimental, e parecia que não existissem outros. Hoje, por evolução do instrumento homem, deve nascer o método intuitivo, que é a penetração do fenômeno por via de sintonização do dinamismo vibratório (comprimento de onda, frequência, potencial etc.) do sistema de forças do **eu**, com o dinamismo vibratório (*idem, idem*), do sistema de forças representado pelo próprio fenômeno. Mas não é aqui que se pode desenvolver tais conceitos.

A nossa medicina é um setor da nossa ciência, que é uma das manifestações do tipo de correntes do pensamento dominante na nossa fase histórica. Em cada século o homem pensa de maneira diversa e assim se orienta. Tudo, pois, com ser progressivo é relativo. Hoje a orientação materialista invadiu todas as coisas. Daí a supremacia da forma sobre a substância, o ver, o existir, o trabalhar na periferia e não na intimidade. O método objetivo, da observação o da experimentação, é um método periférico, que nos efeitos sobe, por hipóteses e depois por teorias as causas até estabelecer as leis. É método que está em voga porque é sensório, mecânico, que pode prescindir de um particular tipo evoluído de homem que hoje falta e se pode aplicar a todos ou quase todos. Em medicina também isto significa uma ciência dos efeitos e não das causas. É o mesmo que possuir um rio na desembocadura, ignorando o que se passa nas fontes e no percurso. O que sucede nas outras realidades que estão além da realidade material, a ciência o ignora.

A hodierna orientação da medicina espalha nesse campo a psicologia luciferiana da rebelião, hoje dominante e dada pela nossa fase biológica involuída, em que a seleção se opera ainda, como no animal, através da força. É uma psicologia de luta e de agressão, em que o eu afronta, armado de meios de indagação, o fenômeno como se fosse inimigo. É uma atitude egocêntrica e utilitarista que tudo pretende sujeitar a si mesmo, pondo-se como centro e lei do universo. Ora, este já possui uma lei sábia e perfeita e toda a sabedoria esta em segui-la, em harmonizar-se com ela, pois que ela exprime o pensamento de Deus. Só através dessa concórdia pode derivar a felicidade espiritual e também a saúde física. Esta vontade de erigir-se em lei própria, contra a ordem já estabelecida das coisas, esta elevação em anti-Lei, substituindo à lei a própria vontade, é patológico e se assemelha à indisciplinada multiplicação celular do câncer em um organismo são, e não pode produzir senão mal e dor. Assim se caminha seguindo um erro contínuo, que é de todo o pensamento moderno em todos os campos, pensamento que, embora seja perspicaz, por ser invertido não pode criar o bem e a alegria senão negativamente, ou seja, o mal e a dor. E assim, enquanto parece que se progride para a ascensão, verifica-se, em verdade, que só na forma é assim e que na realidade, na substância, isto é um engano porque efetivamente se anda para trás, em descida involutiva, para a barbárie e para a destruição. Eis no que acaba a nossa ciência, por ser orientada e dirigida mal! Por conseguinte, cogitar da sua filosofia, como ciência de orientação, não é, pois, coisa

ociosa e inútil.

De tudo isto nasce uma medicina aparentemente maravilhosa, mas de resultados danosos, porque não cria saúde, mas sim moléstia. Em face da sua direção, ela representa uma intervenção violadora e violenta ao invés de secundadora da sabedoria divina, com o resultado de transtornar a ordem, ao invés de facilitar-lhe as manifestações. Semeia, desta maneira, os precedentes causais de uma série de sempre novas formas patológicas amorfas, que cada vez mais nos atormentarão e aos nossos descendentes. Esta medicina de domador torna-se um elemento a mais na degeneração das raças. Mas isto não nos surpreende. Tudo hoje se encontra na via da descida involutiva, tendendo assim ao mal, dor, destruição, morte. O pensamento atual é um bulcão que a vida quer isolar para extinguir. Tudo — a arte, a música, a literatura, a filosofia, a política, a agricultura de exploração intensiva por meios químicos, a técnica e a ciência utilitária, o homem como pensamento, como organismo, como ação, as suas máquinas e todo o seu poder, tudo caminha nesta vida. Assim também a medicina, segundo o ritmo de nosso tempo. O sistema é por toda parte o mesmo: triunfos aparentes, promessas falazes, vantagens vistosas e imediatas e “après moi le deluge”²⁸.

Toda a nossa cultura é hoje divergente do centro, da unidade e, por conseguinte, desagregante, ao invés de convergente para a unidade, isto é, construtiva. Afastamo-nos, assim, das fontes da vida, que tudo alimentam, permanecendo isolados e perdidos na especialização. É urna corrida louca de todo o pensamento moderno. A humanidade assim orientada por séculos de materialismo não pode mais parar e, por inércia é fatal que ela só poderá conter-se quando colidir com a resistência das invioláveis leis da vida, constituídas por imponderáveis dinamismos de ferro. Choque apocalíptico, mas necessário. Quando esta humanidade tresloucada, que avança estupidamente em massa e por imitação, acreditando que a lei e a verdade se fazem somente com o número, talvez quebrada a cabeça então compreenderá. E assim as leis da vida a salvarão necessariamente.

O indivíduo não vê senão um meio de salvação: isolar-se em todos os campos dessa corrente, libertando-se o mais possível de todos os produtos de uma civilização transtornada. Resistência passiva em vez de misturar-se ao rebanho. Em todos os campos: cultural, político, religioso, econômico, apenas domina o interesse, pelo qual a mentalidade moderna conduz a formação de grupos para a exploração do próximo. Quem defende o indivíduo? Ninguém, e é lógico. Ele acredita em varias formas de defesa e na justiça, mas é necessário que aprenda por si a defender-se das infinitas mentiras humanas dominantes por todos os lados. E no entanto, com que beata incoerência as massas se deixam engazopar por todas as formas de propaganda!

Mesmo a terapêutica, na prática, foi transtornada por esta corrente. É a massa que hoje faz tudo e, com a sua ignorância e psicologia, estabelece o que se deve produzir para que possa ser vendido. É a procura que cria a oferta. O médico que quisesse opor-se a essa corrente seria esmagado. A culpa é do público. Mas quando foi que o povo, soberano ou não, compreendeu o que quer que seja? Calculou-se que as especialidades farmacêuticas produzidas só nas nações européias são em número mais ou menos de 50.000. E isto é ciência ou é indústria ou empirismo? O que decidiu é a propaganda, antigamente considerada charlatanismo. Ela, com o objetivo de vender, procura embair os parvoeirões com a necessidade de tomar injeções e a ingerir produtos inúteis quando não prejudiciais, prometendo milagres. Cria, desta forma, necessidades artificiais que se transformam em hábitos, para estabilizar o próprio

²⁸ "Depois de mim, o dilúvio". (N. do T.)

comércio. Isto constitui um mal, não só para o bolso, mas também para a saúde. Os medicamentos fundamentais, indispensáveis, são pouquíssimos. Serão 50, no máximo 100. E por que tão grande cópia de especialidades farmacêuticas? A razão está no interesse em produzir o que a ingenuidade procura adquirir. E assim se vê que no mundo quase tudo é mentira. Mas tal é a necessidade de confiança, a preguiça de não pensar por si mesmo e a pretensão de ser servido, que parece que a nobre raça dos simplórios jamais se pode extinguir e sempre renasça com o homem.

É bastante atentar para o tempo que duram o preço e a forma desses produtos. Reina entre eles uma moda tão mutável e caprichosa como a feminina. O valor preponderante é dado pela novidade. Isto não significa que se procede por tentativas? E o que é isto senão empirismo? E o corpo humano não é sempre o mesmo? E no entanto, as mesmas moléstias hoje se tratam com o branco e amanhã com o negro. O medicamento de início faz milagres. Depois parece que se exaure a sua carga de poder sugestivo que lhe conferira a novidade, o saber da descoberta, o nome estranho e exótico, e então deixa de curar e cai em descrédito. Por quê?

Como se vê, o fator psicológico desempenha uma função importante na terapêutica, pelo qual, em grande parte não é o remédio com os seus elementos químicos que curam, mas é "la fois qui guérit"²⁹, (Charcot). É certo que hoje se pretende fabricar esta fé com a psicoterapia, psicanálise e princípios afins. Mas a fé faz parte de movimentos de força no organismo espiritual, que obedecem a leis próprias, pelas quais não é fácil dá-la à vontade, sob a ilusão de que se poderia consegui-lo pela sugestão. Esta se verifica quando quer e a vida sabe proteger-se. A fé salutar, que cura, não se fabrica em série como os medicamentos, mas faz parte da "vis sanatrix naturae"³⁰, e é um estado de dinamismo espiritual que se processa quando as leis protetoras da vida o querem. Esta fé não se comunica mecanicamente por fórmulas estudadas e não sentidas nem vividas por quem as quer impor. Deve-se dar muito mais, a própria vida, a si mesmo, e para dar deve-se possuir algo como força biológica. Mais do que nunca, aqui o médico deveria ser um sacerdote ou um taumaturgo.

A atual patologia e terapêutica limita-se ao corpo e ignora em grande parte o espírito, de que sobretudo o homem é feito. Cura-se este como se procederia com um animal qualquer. Ora, o princípio genético da vida esta no seu íntimo, onde, por conseguinte, se encontra também o princípio regenerador e reparador. Por que o tempo cura? Por quê? Porque é no tempo que se desenvolve o ritmo do transformismo universal, e no tempo a divina potência, que esta na intimidade de todas as coisas e as anima e guia, pode aparecer e manifestar a sua vontade de bem, o seu inexaurível poder curador. Desta maneira, esta potência, através do canal de sua manifestação que é a forma, pode chegar a agir terapêuticamente até à periferia material, que o médico vê. As causas estão todas na profundidade, no espírito, de que seria necessário, pois, conhecer a história, a evolução, a patologia. Os traumas físicos são antes traumas espirituais, e a sabedoria divina, que os cicatriza, começa a operar antes nestas causas, até atingir as conseqüências orgânicas. Como é possível curar sem saber estas coisas? A medicina completa é também mística e religiosa. A patologia e a terapêutica verdadeiras deveriam abarcar séculos da vida do indivíduo, segundo as alternativas da sua longa caminhada no tempo. Que sabe a ciência daquela outra hereditariedade espiritual, que, pela universal lei de dualidade, age por um canal paralelo e complementar ao da hereditariedade psicológica, que é a única hoje conhecida? Enquanto a ciência não conhecer a biologia transcendental do espírito e a anatomia, psicologia e patologia deste organismo dinâmico ou

²⁹ "A fé que cura". (N. do T.)

³⁰ "Força curadora da natureza". (N. do T.)

sistema de forças, individualizado por comprimento de onda, frequência de rotação, potencial etc., não poderá compreender nem mesmo a patologia do organismo físico, que não é senão a última consequência de tudo quanto nós mesmos preparamos com os nossos pensamentos, com a nossa vontade e ação, no campo do imponderável. O diagnóstico hoje se faz, no entanto, à base de sintomatologia imediata, superficial, denunciado mais ou menos pelo paciente, controlado pelo médico que o vê pela primeira vez, que não o conhece, e o trata como corpo, em série, não como indivíduo que ele é, não como típico caso específico, mas como moléstia que se presume mais ou menos igual para todos. Hoje o utilitarismo prático, a lei do mínimo esforço, impõe rapidez. Tudo é em série, em massa. Os homens, como as máquinas, reparam-se em série, como se fazem as bicicletas.

Concluindo, falta aos nossos tempos e suas produções, a orientação que forneça a visão dos fins últimos a serem atingidos. É uma verificação que não tem por fim desacreditar ciência ou medicina. Existem médicos iluminados e honestos e a ciência é uma grande conquista devido ao esforço e à abnegação das grandes mentalidades que a elaboraram, porque também ela possui os seus gênios e os seus mártires. Respeitemo-la, mas saibamos também usá-la com sabedoria e só colocar o imenso poder que dela deriva em mãos de quem sabe dele fazer bom uso. Todavia se a ciência sabe fabricar tantas coisas, não sabe ainda fabricar os cérebros que possam bem usá-la. Cheios de sapiência, falta-nos ainda a sabedoria. Possuímos todas as ciências, mas nos falta a da orientação. E assim, às vezes a ciência se torna um mal, em virtude do que seria melhor que os cientistas não fizessem certas descobertas ou, pelo menos, não as tornassem conhecidas.

Quando se pensa que hoje a humanidade esta à mercê de poucos homens que possuem o segredo e os meios da bomba atômica, e que os povos inermes se encontram sob a ameaça, dada a mentalidade dominante, de ser por ela massacrados sem remissão, conclusões amargas como esta poderão parecer justificadas.

XXII

O CONCEITO DE PODER EM BIOLOGIA SOCIAL

Defrontamo-nos agora com o problema do comando, observando o mecanismo psicológico que preside ao funcionamento das forças nas quais se baseia a autoridade, seja em quem a exercita, seja em quem lhe obedece, e procurando precisar também neste campo quais são os erros modernos e a sua razão de ser. Esses são erros de provas e de tal vastidão que é muito difícil corrigirem-se. Da mesma forma o mal aqui não se encontra na perfeita Lei de Deus que tudo rege, mas no espírito humano de revolta.

Qualquer que seja o sistema político e o período histórico escolhido para exame, o comando cabe ao mais forte. Esta é a base do poder na atual fase biológica da humanidade, em que a seleção é dirigida não para o triunfo do elemento moralmente melhor, mas do tipo mais capaz de se impor egoisticamente. Uma humanidade assim involuída não pode polarizar-se senão em torno de um indivíduo ou de uma classe que a sobrepuje e vença e que possa, por conseguinte, dominá-la segundo o próprio tipo de forças que nelas prevalecem. É lógico, pois, que cada povo tenha o governo que merece e cada governo tenha os súditos

que lhe correspondam. Em toda a manifestação da vida, apenas um indivíduo ou grupos de indivíduos, por vontade e inteligência sobressaem um pouco da massa, mas não o bastante para distanciar-se completamente. Então ele se erige, segundo, o esquema universal dos fenômenos em central dinâmica autônoma, isto é, em sol ou núcleo em torno do qual, como os satélites ou os elétrons, começam a girar as unidades dinâmicas menores, de nível negativo com respeito ao dinamismo central que é positivo. Esta é uma lei própria de qualquer manifestação biológica, que se manifesta também nas relações sociais, logo que estas devam ser disciplinadas em virtude da convivência de muitos indivíduos. O conceito de autoridade se baseia assim em um princípio de dinâmica biológica, que neste caso particular é social. Em política sucede o que observamos com o galo no galinheiro, com o homem na família, na célula entre o núcleo e o protoplasma e, mais longe, na intimidade do átomo e no sistema solar etc. Formado o poder central, em seu derredor começa a rotação dos elementos satélites. Da substancial natureza e valor biológico do núcleo deriva o direito de comandar e o dever de obediência.

A sociologia não é senão um ramo da biologia e só assim pode ser compreendida. Ora, dado o atual nível evolutivo humano, é inútil procurar nela o elemento moral. A obediência dos muitos aos poucos baseia-se num princípio de fraqueza dos muitos e na necessidade de compensá-las com a força dos dirigentes. É uma lei de complementação. A vida não rende homenagem senão ao mérito efetivo e mesmo e em tal caso, tratando-se de um mundo involuído, o mérito pode consistir na força brutal expressa pela dominação. Tudo depende da estrutura dinâmica do sistema, que requer sobretudo no núcleo a potência de reger os satélites.

Pela própria estrutura faz-se necessária uma certa proximidade qualitativa, uma afinidade entre governantes e governados, pois que, se quem detém o poder é demasiado evoluído e assim se distancia demasiado da média, os pontos de contato não subsistem mais e é impossível a troca dinâmica e a compreensão. Então os governados destroem o poder, que já não corresponde mais as suas necessidades e capacidades. Desta maneira, um santo jamais poderá governar, mas apenas o indivíduo ou a classe que possui as qualidades e também os defeitos próprio. da. involução da maioria.

Quando na ilusão própria da ignorância do atual estado da humanidade, quem comanda acredita comandar por si porque ignora que na realidade é um servo que a vida utiliza para os seus fins e que é eliminado quando não desempenha mais, como potência, vontade e inteligência, a sua função social. O homem atual, muito mais carne do que espírito, menospreza o chefe que não seja um domador porque necessita de ver nele a personificação do seu ideal de supremacia material e o vencedor na luta animal pela vida. Os membros exigem direção e proteção do centro, o cumprimento, ainda que inconsciente, dos fins da vida que são de prosperar e progredir: bem-estar e progresso. O homem moralmente evoluído, o homem evangélico da bondade e do espírito, corresponde a outras funções biológicas que não são as que dependem de governar pelo domínio. Também ele servirá de núcleo que atrai satélites, mas não no campo das organizações sociais que se baseiam na força material e econômica.

Por esses princípios de dinâmica social, vê-se como os eventos históricos são determinados por impulsos interiores dos quais os atores principais não têm conhecimento. A história, pois, não avança como produto do conhecimento e da vontade humana, mas movida por um dinamismo interior de que os homens, mesmo os mais importantes, são em geral uma expressão inconsciente. Mais do que na inteligência deles esse dinamismo parece situado no subconsciente das massas, por uma espécie de alma coletiva inconsciente das massas que sabe, por intuição, sem poder dar-lhes as explicações, racionalmente, a substância da ação que a cada momento é preciso. Então esse dinamismo confia aos mais diversos indivíduos as mais diversas funções sociais, que eles cumprem segundo o próprio tipo biológico,

mas ignorando cada qual a coordenação que se verifica e que só é conhecida pela inteligência que dirige a história. Não será esta a própria sabedoria de Deus que opera com o nosso desconhecimento, quando eleva no nosso organismo o nível térmico, buscando defendê-lo pela febre, quando assaltado pela enfermidade? Não se trata sempre da mesma fraternal e benéfica onipresença da sabedoria divina? E assim não estaremos nós, quer na nossa vida individual, quer social, confiados a essa sabedoria que existe e funciona acima da nossa consciência?

É desta sabedoria e potência divina que está no funcionamento da vida, que os homens recebem o poder. São elas que o dão, mas que também o tomam. É uma espécie de direito divino, mas em sentido biológico, isto é, que permanece enquanto justificado por uma função vital no corpo social, que representa em outros termos o real cumprimento de uma missão. Um direito que cessa quando deixa de ser biologicamente útil e, portanto, justificado. Segue-se daí que assim sendo, seria rapidamente eliminado um santo posto a governar, porque se bem adaptado a funções altíssimas, essa não é a sua, assim também é eliminado o involuído que abusa do poder transformado em gozo de vantagem próprias. A vida exige uma utilidade em troca dos poderes que confere e quando essa utilidade social venha a faltar, ela os retoma.

Se as massas são involuídas, esses poderes serão exercitados de forma proporcionalmente involuída, Isto é, pela força que atinge as raias de ferocidade. Mas a função, não importa qual seja a forma que ela deva assumir de acordo com o grau evolutivo dos povos — deve estar sempre presente. Assim se explica como alguns fortes, que polarizam em torno de si os povos, tenham sido eliminados por outros mais poderosos, quando, por opressão ou abuso, tenham através da tirania traído a sua missão, não hajam por uma razão qualquer cumprido a função que lhes confiara a vida, de dirigir e proteger. Como se vê, trata-se de reações biológicas automáticas, que todas as afirmações históricas de poder por direito divino não podem conter, mal a missão e a função cessem. No dia em que um governo e uma classe dirigente comecem a viver só para si próprios e não mais para a nação, iniciam o próprio suicídio.

Quem, pois, na essência atribui e retira o poder não são os homens, não importa qual seja o sistema político, mas as forças biológicas. Elas proporcionam o grau evolutivo dos governantes ao dos governados e dispensam um servidor que tenha se tornado inútil, quaisquer sejam as defesas que a sua posição de comando lhe tenha facultado acumular e usar para permanecer artificialmente no posto. A vida não nutre mais essas formas, disseca e as enfraquece interiormente, chamando a ribalta da história os elementos adaptados que lhes dão o último golpe. Tais são as leis biológicas que regem a política de todos os tempos e lugares e a que todos estão sujeitos. Não há barreira legal que possa sustar o seu irrompimento, pois que, de uma forma ou de outra, elas prevalecem sempre.

A primeira afirmação de todo novo governo é dizer: eu represento a nação. E isto é verdade até que apareça um outro mais forte e mais adaptado que diga o mesmo. Desta forma os homens e as classes sociais vão ocupando na história uma posição de autoridade que eles afirmam por si mesmos, mas que na realidade se despersonaliza e só subsiste e tem valor como função. Mudam assim as várias verdades políticas conexas em cadeia no caminho evolutivo da sociedade humana. Elas vão e vêm, contradizem-se e se combatem, transmudam-se no oposto a cada momento e no entanto não constituem na história senão o desenvolvimento de um único pensamento, o da vida que o guia. Todo governo se declara insubstituível representante do bem público e, apesar disso, cedo ou tarde vem a ser substituído. A verdade, feita para uso e consumo de cada um deles, se inverte. E assim por ação e reação compensam-se os excessos e os erros de cada um e se desenvolve, por superações um pensamento único, continuamente progressivo, o que a história e não os homens pensa e quer. Mudam os servidores da vida escolhidos para o bem público

e, através de tantas formas e indivíduos, que acreditam combater-se e que ao invés se equilibram, o bem público é e vem a ser por todos diversamente servido. Por isso se vê como na história reina a lógica e equilíbrio não obstante as aparências opostas e que tudo nela, desde um incidente momentâneo até o grande evento da maturação e queda da civilização, é regulado inteligentemente por uma lei. A essa lei se deve que a história caminhe, não loucamente como os interesses individuais desejariam, mas para suas metas.

Este é o estado atual do nosso mundo no seu nível ainda involuído. Dado que a consciência coletiva se encontra na sua fase paleontológica, de formação, ela possui expressões exteriormente caóticas, cuja lógica só se encontra nas diretivas internas da história, as quais, pois, tudo é confiado em uma zona situada fora da consciência e da razão do homem. Mas em um nível evoluído, uma vez formada uma consciência coletiva, o homem terá conquistado o senso do dever e das funções que cabem a cada qual, dirigentes e dirigidos, no organismo social. Então todo poder não será detido por meio da força, mas pela consciência do cumprimento de função e missão e, sem uso de força, o cidadão capaz de compreender, espontaneamente a reconhecerá e respeitará. Mas esta é uma meta diferente, um ponto a ser atingido. O ponto de partida é bem diferente e o mundo atual está entre os dois.

A autoridade muito freqüentemente nasce da força e da violência, como a propriedade pode ter nascido, com freqüência, do furto. Mas com isto o poder não cessava de desempenhar a função de uma primeira ordenação e disciplinação da sociedade humana. Não é possível esperar mais de uma humanidade involuída. Em nosso ciclo histórico o princípio da autoridade está amadurecendo, de modo a passar da sua primitiva fase de violência e opressão, a fase futura de missão. Quantas lutas serão ainda necessárias para atingi-la. Através de cada forma política a vida matura alguns aspectos diversos e faz uma conquista diferente. O nosso tipo de poder ressent-se das suas origens e se apoia na força, sem a qual não se poderá manter, mas também possui o pressentimento do seu futuro. De fato, mal se tenha consolidado pela força, procura formar uma corrente favorável de opinião pública, um consenso geral, porque já admite o poderio de uma outra força, que se torna cada vez maior com a formação da consciência coletiva — a força de persuasão. Mas isto só se dá em um segundo tempo, após a estabilização pela força, seja esta bruta ou econômica ou de pensamento diretivo, mas sempre força, sem o qual não pode haver conquista, por mais que se queira mascarar sob os métodos mais diversos.

É verdade que os governantes são os servos da vida, mas aquele que hoje quisesse exercitar o poder sem uma porcentagem de egoísmo centralizador e impositivo, pretendendo empregar apenas um método evoluído da função e missão, antecipar-se-ia de muito a psicologia dominante e fracassaria. O tipo biológico atual médio, não pode compreender os deveres senão impostos pela força e pela ameaça em prejuízo próprio. O uso da espada, dada a imaturidade prevalecente, faz parte do poder. Este, como o centro e o núcleo, é de sinal positivo, isto é, é másculo. Assim sendo, elimina da sua função o espírito de amor e de sacrifício que é feminino, isto é, próprio dos elementos que giram na periferia e que possuem nível negativo. Tal não poderá ser jamais a vitalidade dos governantes, que devem ter um viril espírito de justiça. E eis que o poder ao lado da espada não exhibe um coração, mas uma balança. A ele não se pode pedir sacrifício e amor, pois que o instinto dos povos pede força e justiça. Os dirigentes, muitos temos, são hoje chamados pelos fatos a esta realidade biológica, que é a base das respostas e reações aos próprios atos da parte dos súditos. É lógico que o sistema da força a que o poder está atualmente ligado, seja um sistema que continue com uma tal ligação. A força está sempre pronta a retroceder contra quem a emprega (“quem usa a espada morrerá à espada”), e por isto quem possui o poder não tem outra defesa que uma outra força maior. Se não a possui, está perdido. É uma fatal consequência do sistema que sobre tais elementos se move. Força de qualquer gênero, mas que mostre a sua real potência e superioridade. Se

faltar, outros extratos sociais surgem, para operar a substituição. A primeira arremetida é dos mais involuídos, mais senhores da força bruta mas, ainda que eles possuam também a econômica, falta-lhes a da inteligência organizadora. Eles duram pouco. De fato em geral as revoluções devoram os próprios filhos. Estes assim exaurem a função de aplainar o caminho a elementos mais adaptados, de segunda ou terceira arremetida, que são os que resistem e, com mais gosto permanecem. Em suma, a vida deixa a função de comando a classe que é ainda muito involuída por ser afim com as massas, mas que é o suficiente evoluída para poder assumir o encargo de fazê-las evoluir.

A função está, pois, biologicamente aberta a todos, mas é reservada pela vida ao mais adaptado (e bem a desempenha ou paga com a própria vida), que é mantido na incumbência até quando pode executá-la, após o que é liquidado. Resulta disso um vai e vem de homens, um contínuo fluxo e refluxo, uma cadeia de lutas redentoras, de quedas espantosas, e de ascensões incríveis. Tudo isto não é fortuna, nem acaso. É função, é a lógica da vida. Mudam as formas, os meios, as dimensões. O motivo, até o homem, eleva-se a outros graus de evolução, é sempre o mesmo. Tudo se passa em turnos, porque segundo a própria lei igual para todos, os famélicos recém-chegados suavizam os próprios costumes e se exaurem no próprio bem-estar caindo por sua vez vítimas de outros novos que chegam. Assim como as ondas do mar, as várias formas políticas se sucedem e se sobrepõem no oceano da história. Assim se forma o tipo da atual humana seleção biológica, operante sobretudo, no plano animal; seleção ativa no campo político-social. como o é em todos os outros campos: orgânico, econômico, intelectual etc. Assim a vida martela as multidões a fim de que ativas ou passivas despendam centelhas criadoras e para que na diuturna atividade afanosa pejada de conquistas, golpes e dores, elas evoluam.

A vida é sábia e justa. Faz sempre o melhor possível com o mínimo esforço, segundo os elementos de que dispõe, dados pelo grau evolutivo de cada povo. Ela não pode dar-lhe uma forma de governo superior ao que este pode compreender. Como pode o cérebro evoluir por si só, em formas superiores, se paralelamente não evolui todo o corpo? Tudo é conexo e interdependente em uma nação. Méritos e culpas não constituem jamais um fato isolado. Só um povo de santos poderia pretender um governo de santo. A involução é de todas as partes e quem acusa usa os métodos do acusado. O egoísmo está presente em todos. Dirigentes e dependentes estão habituados a considerar-se falsos e inimigos. Todos são adestrados para combater uns contra os outros. As nações não se fabricam com poucos homens dirigentes, mas com as forças espirituais das massas. O que se pode pretender se tudo se baseia na força, no direito de conquistar e não na compreensão, disciplina e colaboração? Que admira, pois, que em um tal mundo, que haja conseguido, só Deus sabe com que esforço, conquistar um poder ou um posto qualquer de autoridade, não seja levado a pôr em primeiro plano o gozo do prêmio das próprias fadigas? A defesa de Infinitos rivais custa não pouco trabalho. A empresa é arriscada, a posição incerta. Como se pode, ao invés de procurar aproveitar-se logo, pensar no bem do povo e no exercício de uma função-missão? Isto exigiria uma estabilidade, um respeito, uma compreensão, uma consciência que o homem atual nem mesmo imagina ainda. Ao contrário só a força comanda. Se existe um poder forte, então há ordem, mas ela se chama tirania e sujeição. Se ele se desagrega todos se sentem livres e então surge a desordem, a luta, o caos. Como se pode pretender que uma disciplina social possa agir, nesta fase evolutiva, sem um absolutismo que se imponha pela força? Bela seria realmente uma ordem de seres livres!

Mas para isto o homem de hoje está ainda absolutamente imaturo. A disciplina social necessária à vida das nações, qualquer seja o seu regime de governo, não se pode obter na fase atual de civilização pelas vias da liberdade da consciência, mas somente por meio da coação. A força é um elemento necessário a educação do homem inferior, incapaz de compreender outro meio. Por isto a vida ainda a admite, mas não admite mais o amanhã, com o homem evoluído. É elemento necessário hoje, porque a

disciplina, em qualquer organização de elementos, quer se trate de homens, de átomos ou estrelas, é indispensável. Todo o universo não nos dá um exemplo patente?

XXIII

CRISE DE CIVILIZAÇÃO

Os erros humanos, e as dores que naturalmente as seguem, dependem, em toda a sua multiplicidade, de um único erro fundamental a que eles se podem reportar, erro dado por uma atitude psicológica de revolta as leis divinas que regem o mundo, a ponto mesmo de negar-lhes a existência. Instaura-se assim na terra, em qualquer campo de atividade, um regime de desordem e, conseqüentemente, de sofrimento, enquanto que a lei divina é feita somente de ordem e a ela, que é base da felicidade se propende permanentemente. Essa lei restaura a cada passo as destruições operadas pela ignorância do homem em próprio dano, e procura, através das reações que infligem dor, fazê-lo compreender que só na ordem pode estar e estará a sua felicidade. Fazê-lo compreender, como é necessário com um ser que deve permanecer livre e tornar-se consciente, não devendo ser manobrado como um autômato. O erro e a dor dependem, da liberdade, grande dom por Deus concedido ao homem, mas grave perigo enquanto o homem, por não saber utilizá-la, dela abuse. Liberdade, que nos custa grandes dores, mas sem a qual não haverá experiência própria e nem se conquista a consciência. Grande dom de Deus com o qual Ele nos eleva ao nível de seus colaboradores na divina e eterna obra de criação, nos eleva à dignidade de seus ministros. Mas quanto deverá sofrer o homem antes de conseguir tornar-se... digno d'Ele! E bendita seja a irmã dor que para o bem dele o educa e o impele, pelas vias da liberdade da consciência, a seguir os caminhos que o conduzirá à própria felicidade!

É inútil repetir hoje estas coisas em nosso mundo. A maioria que é involuída, não pode compreendê-las. Já se fizeram muitas pregações a este respeito e pouca atenção se lhes dá agora. A palavra cabe, neste momento, à irmã e mesma dor, de modo que, azorragando a adorada carne, ela consiga desatar o espírito e induzi-lo a refletir e compreender. Esta é a dura realidade. De nenhum resultado valerá ao pretender passar sobre ela com mil astutos expedientes à procura de evasão, porque ela depende das leis da vida, que ao homem não é dado alterar. Elas sabem a meta benéfica que se deve atingir e, quando o homem não quer compreender, certos desastres são necessários.

Já vimos os vários aspectos humanos desse erro fundamental feito de orgulho e de rebelião, isto é: 1.º — o erro moral de compreensão da lei divina; 2.º — o erro científico, especialmente no campo médico, do qual depende a nossa saúde física; 3.º — o erro político-social, causa de guerras e de revoluções. Vejamos agora um 4.º aspecto: — o erro intelectual, que desorienta todo o pensamento moderno. São eles quatro formas de desordem e de violência da lei, das quais derivam varias carências ou privações de bens ou seja: 1.º miséria material, 2.º aumento de moléstias, 3.º destruição bélica e revolucionária, 4.º — desorientação espiritual, que atinge as raias da loucura.

No campo intelectual o erro moderno, baseado no orgulho, assume a forma de racionalismo. Esta é a forma mental do nosso século, que nela se encerrou sem saber como sair. É uma forma que teve a sua grande função, na qual, porém, os recursos espirituais do homem não se podem esgotar. A razão representa na fase relativa e transitória da personalidade humana, um meio construtivo da consciência que deve ser abandonada depois de conseguido o objetivo. Na realidade possuímos um vir-a-ser psicológico relativo e um contínuo processo de superação, vir-a-ser de que o racionalismo não é mais que um particular momento, ao qual se pretende conferir um valor absoluto e definitivo. O racionalismo é uma forma de pensamento destinado a esgotar-se com a sua função construtiva e que não possui valor senão relacionado a esta. Ora, em nada se vê tanto o aspecto luciferiano do espírito de orgulho e de rebelião, quanto neste racionalismo que substituiu o eu a Deus, e o querer humano as leis da vida. Pretender-se-ia assim dominar a eternidade, reduzindo-a a forma do nosso presente, e o absoluto, encerrando-o e reduzindo-o aos termos do nosso relativo. O racionalismo atual não é um racionalismo sã, dirigido a compreensão da lei de Deus, harmônico e sábio, mas um racionalismo rebelde que torna o homem centro e senhor de tudo, faz da vida um fim em si mesmo e não um meio subordinado a metas superiores. A culpa não está em admitir que, se Deus nos deu uma inteligência, é justamente para que possamos usá-la no pensamento. A culpa está no pensar com exclusivismo egocêntrico e rebelde, no pensar autônomo, que não se dirige ao conhecimento sempre mais profundo das leis do ser, que exprime o pensamento de Deus, para depois segui-las com sabedoria. Esta no pretender descobrir essas leis com o fim levado por seu instinto animal de luta, que não se apercebe do espantoso erro em que recai e das terríveis conseqüências de sua atitude. A vida se transtorna por isto e os resultados, sendo movimento em direção contrária a da Lei, ao invés de abundância oferecem carência. Acredita-se construir e, contrariamente, se destrói. Já vimos os mais tremendos absurdos devido ao raciocínio. O nosso momento histórico pode-se definir em face dessas raízes intelectuais, como a face luciferiana da negação, como hora da desorganização social e da liquidação dos valores éticos, como a hora da aventura e da inconsciência, em que se antepõe o hoje ao amanhã. E um mundo fadado a ruir na desordem.

O movimento é profundo e grave. Ele possui um significado biológico de crise de civilização, de laboriosa conclusão de uma fase evolutiva. Em nosso nervoso dinamismo parece que a vida eleva a sua temperatura para poder despendar um esforço desesperado de superação. Na verdade há ânsias do enfermo que se debate na febre. Um outro erro está em acreditar que se trate de orientações particulares e de questões de detalhe, que se podem resolver com retoques no passado e com os métodos e com a psicologia do passado. Trata-se, ao invés, de uma crise da vida humana, de fim do mundo atual e do início de um novo ciclo biológico, baseado em princípio inteiramente diversos.

A atual posição da psicologia humana exauriu a sua função, não tem mais amanhã, pois que, como ela é, não pode mais evoluir. Sente-se este vazio de desconfiança e a procura de um amanhã. O racionalismo materialista suprimiu os ideais e sem estes desaparece a finalidade, falta o porvir, freia-se a evolução, e, com a evolução, a vida. O ideal do ventre e do prazer não bastam para regê-la. O "carpe diem"³¹ é a renúncia ao progresso, é a inconsciência sem esperança. Sente-se que hoje falta alguma coisa, ainda que imponderável: é a atmosfera em que o espírito respira e sem a qual sufoca. A filosofia materialista prosperou no vasto terreno dos mais baixos instintos, fazendo largo e amplo apelo à animalidade do involuído, engodou-o, iludindo-o com libertá-lo da fadiga de evoluir ou seja, com a possibilidade de construir um amanhã mais elevado e feliz sem trabalho, prometendo dar-lhe rapidamente um paraíso na terra por meio das conquistas sociais e da técnica científica. E tudo isto acabou em

³¹ "Aproveita o dia" (N do T.)

revoluções e guerras: paraíso nenhum, mas ódios e destruição infernais! O materialismo, chegado as suas últimas conseqüências, fracassou por ter mentido. Esta liquidado.

Urge mudar de rota. Esta crise não se resolve pelos velhos processos, destinando novas complicações de nacionalismos guiados pelo mesmo espírito egocêntrico. Não se trata aqui de novos sistemas racionais, mas da ruína desse tipo de sistema. É exatamente toda a orientação da faculdade humana especulativa que está em crise. As tentativas atuais são apenas as últimas aspersões de uma forma mental que se extingue. É necessário descer ainda em dor e treva. A sapiência do rebelde só pode acabar em confusão babélica. O colapso é inevitável. No fundo esperam o caos, a loucura, a desesperação. É necessário recolher e comer os frutos envenenados do egoísmo e do ódio, semeados pelo orgulho e pelo espírito de revolta, antes de poder subir de novo pelas vias construtivas da fé e do amor. É necessário lançar-se em direção oposta, da periferia ao centro, da forma à substância, retornando a Deus. O homem já experimentou nas idades pré-históricas o seu juvenil ciclo intuitivo instrutivo. Superou-o no ciclo de forma mental racionalista, em que conquistou o uso consciente do seu eu. Deve ainda superar este ciclo em um novo, intuitivo-consciente, em que o espírito volte ao contato com a divina essência das coisas mas dando-se conta disto analiticamente, por meio dos poderes conquistados de racionalidade. É um caminhar para Deus não mais apenas através da fé, mas também através da ciência. O atual antagonismo entre ciência e fé, não passa da contraposição de um momento, a qual não exprime senão o presente contraste entre Deus e o eu. Que grande coisa tornar-se-á a ciência quando este tão miserável contraste for superado e ela, não mais egocêntrica, isolado em seu realismo, entrar em contato com Deus para mostrar-nos a grandeza d'Ele e o Seu amor, penetrando com o estudo dos fenômenos na profundidade do seu pensamento diretor! Que quadro estupendo ela poderá então mostrar-nos no funcionamento orgânico do universo e, com que vantagem para nós poderá assim precisar nesse universo, a nossa posição, atividades e fins éticos, espirituais, sociais e biológicos. Os caminhos da razão analítica e separadora, na sua objetividade, são pouco aptos a levar-nos para cima até Deus, sendo mais adaptados para fazer-nos permanecer aderentes ao conceito, à forma e à prática utilitária. Só os caminhos da intuição sintética e unificadora são capazes de aproximar-nos da concepção e da sensação de Deus. Quando o homem tiver superado o processo racional tão relativo e mediato, e souber seguir com método científico e maior maturidade espiritual, as vias da intuição sintética e imediata, quanto melhor poderá compreender Deus onipotente! Não se trata de destruir, mas de completar e continuar a evolução do racionalismo com os meios da fé, que se tornará assim iluminada e consciente, fundida com a razão tornada sua escrava, a razão que é laboriosa e de preciosa conquista que não se pode desperdiçar.

Conceber Deus com uma nova aproximação de precisão e profundidade; senti-Lo presente, não mais vaga e instintivamente como na primordial fase pré-racional, mas ostentando todo o poder da fase racional, por tê-la atravessado, assimilado e superado; sentir Deus por intuição de fé confirmada e compreendida por consciência analítica e racional; usar o eu científico moderno, sem diminuí-lo, com toda a sua razão intacta, diante de Deus — esta é a grande orientação e conquista biológica do homem de amanhã.

Que laboriosa época a nossa em que, entre tantos desfazimentos, tantas novas sementes devam germinar; que profunda ansiedade hoje na vida humana entre a morte e a ressurreição! Momento histórico bifronte, híbrido, contrastante, feito de destruição e criação. Os velhos arcaibouços perderam a grande força do espírito. Não se sabe se, assim sem alma ruião ou se saberão construir uma nova estrutura. Não se sabe se o espírito emigrará deles e de que forma ira ressurgir. Desse oceano em ebulição de tantos elementos velhos e novos, de frutos em putrefação e tenros germes, que irá a vida fazer, que nova ordem de tudo isto ela quererá hoje estabelecer, como do caos primordial que construiu o nosso mundo atual —

não o sabemos! Mas é certo que algo de apocalíptico esta acontecendo. Enquanto as massas deliram, os poucos que vêem contêm, tremendo, a respiração numa expectativa ansiosa pelo resultado desta apocalíptica aventura da vida de que depende a história dos futuros milênios.

É certo que o espírito devera vencer, mas certo e também que o pecado capital do nosso século foi grave. Ele foi o orgulho de Lúcifer. O homem quis desobedecer à Lei de Deus, comer de novo o fruto proibido, isto é, tornar-se arbitro do bem e do mal, fazer-se Deus e Lei. E agora é expulso e arredado ainda a maior distância do paraíso terrestre, no inferno que desejou. Andar, não segundo a lei do eu, para Deus, mas as avessas, de Deus para o eu, é também um grande erro biológico, que se paga com a morte espiritual do eu que pretende endeusar-se.

Todo pecado traz a própria punição, voltando-se automaticamente contra quem o comete. O Evangelho de Cristo não é uma consolação para os deserdados, uma substituição às alegrias da vida, deslocadas no futuro e no céu, mas exprime uma realidade biológica, porque indica as vias da evolução. O amor fraterno não é um sonho político, mas a base das futuras organizações sociais. Antepondo-se ao tipo biológico superior, traçado como ideal humano pelo Evangelho, o nosso tempo erigiu em bandeira um tipo de super-homem que representa a luciferiana divinização do eu, e que se substitui à sabedoria e bondade de Deus, com os seus opostos instintos bestiais. É a divinização do bruto. Nietzsche acreditou matar Deus e exterminou a Alemanha. Tal moderna psicologia de domínio destruiu a Europa e gerou o crepúsculo de sua civilização.

Se o observamos de perto, em substância, esse super-homem não passa de um paupérrimo e mortal burguês, ávido de bens terrenos, que se atira contra os bens do próximo, cúvido e famélico, mas que não sabendo deles saciar-se, não pode alcançar os mais nutritivos do céu. Fica assim a meio caminho, impotente e insatisfeito. É um pobre homem ávido de evasão, mas que a procura às avessas, não suspeitando, porque não possui a força moral necessária, da possibilidade de superação. Lama e miséria. Ele odeia a terra, desejaria o céu, mas não o compreende e porque não o compreende odeia-o também, permanece onde está e de onde desejaria sair. Esta sedento de infinito, mas como seu sistema fechou-lhe as portas, permaneceu escravo a ranger os dentes, impotente para se evadir. A trágica ironia de semelhante super-homem que despreza a Deus e toda a moral, colocados além do bem e do mal, está em que, na realidade ele é um mutilado, cujo rugido leonino não passa de um lamento de desespero que invoca a vida. É um fraco e um vencido, que estadeia potência e vitória para iludir-se a si mesmo que as possui.

Eis o campeão e os resultados da civilização da matéria. A evolução foi traída. Não se pode mais subir por tal caminho. A história foi assim ligada agora a um destino de involução e de ruínas. A nossa é uma hora negativa, de inversão satânica de todos os valores, até à derrocada. A palavra de ordem é: **destruir**. Tal é o fruto da teoria do super-homem, expressão do século. O paraíso do bem-estar material, ao invés de aproximar-se, afastou-se. Usamos da liberdade para caminhar, não segundo a lei, mas contra ela. Agora esta contra nós. Nada mais resta que pagar e recomeçar pela via oposta. Hoje, de novo, a razão crucificou Cristo. Agora a vida crucifica a razão para reconduzir-nos a Cristo. Não se compreendeu que, crucificando-se a Cristo, não a carne mas o espírito, crucificamos a vida e, com a vida, a nós mesmos. Não se compreendeu que, calcando aos pés a lei e a evolução, aprisionamos o nosso futuro e a nossa felicidade, e que traindo Deus, traímos o nosso bem. Esta é a traição de Judas, rebelde ao amor divino, e ela nos perseguirá no ódio e na violência, como nossa herança atual. Ela nos perseguirá, desfazendo os nossos laços sociais, porque violamos a lei do amor fraterno; punir-nos-á com a destruição, porque acreditamos na força; com a miséria, porque adoramos a riqueza; com a servidão, porque abusamos da

liberdade. Invertamos a direção da via aberta por Deus à necessidade material de desenvolvimento e expansão, indo ao encontro do irmão, não com amor, mas com ódio. Assim o homem, apanhado nas esferas de uma ilusão satânica, para crescer e subir, encerrou-se em um cárcere erguido pelas próprias mãos. E a luta se torna cada vez mais desesperada contra as paredes de aço. Cerraram-se com ódio as portas da vida, abertas pelo amor, e cada qual ficou aprisionado em um isolamento desesperado. A vida imensa palpita vizinha e é vedado participar dela, porque o eu, isolado em egoísmo, não pode mais comunicar-se senão sob a forma negativa de ódio e agressão. Todos se repetem, agridem-se, dilaceram. A terra se transformou no inferno. Os homens, tornados demônios, debatem-se cada vez mais e, quanto mais ofendem, tanto mais se defrontam com ofensas, quanto mais odeiam, tanto mais se sentem odiados, quanto mais se agitam para libertar-se, mais sentem que se aperta o nó que lhes constringe a garganta. Quanto mais mal se difunde, tanto mais mal se encontra e se recebe. Assalta-se pela desesperada ânsia de evasão e cada assalto volta-se contra quem o realizou. A destruição contra o próximo torna-se auto-negação e suicídio. Assim cada qual acaba por ferir-se a si próprio e envenenar-se com o próprio veneno. A cada novo impulso egoísta o indivíduo se encontra mais prisioneiro de si mesmo, mais armado e feroz contra si próprio. Desta maneira o circuito de forças tende a cerrar-se mais estreitamente, para resolver-se na catástrofe de quem se fez centro e senhor de tudo. Assim se perde o eu que a si sacrificou Deus.

Não se detém um projétil lançado. Os movimentos históricos, uma vez iniciados, possuem uma trajetória e transcurso fatais. O homem que acreditou crucificar a Lei e destruir Deus, encravou-se por si mesmo em sua cruz e destruiu o seu eu. Não se pode mercadejar com o espírito. Os homens que só acreditam na força eliminar-se-ão entre si pela força; aqueles que só adoraram a riqueza, acabarão na miséria; os que crêem no orgulho, serão atirados na humildade. Penitência só depois poderão compreendê-la e dela surgirem purificados. Poder-se-á fazer que se cale os homens que assim falam, mas não se pode destruir as leis da vida que assim funcionam. O homem poderá viver na desordem, na aventura do "carpe diem", mas não o pode a vida, que sabe o que faz e prepara sempre um amanhã. Quem inverte caminha às avessas, quem se faz Deus por Deus é punido. Nas misteriosas profundezas da vida jaz uma indomável vontade de correção dos erros humanos a qualquer custo, para o nosso bem. E então a nova civilização que nos espera não pode deixar de ser a antítese da atual, um mundo novo. Não se trata de retoques, de uma civilização presente corrigida, mas de dois ciclos antagônicos, ainda que complementares, duas épocas se contrastam, a velha e a nova. Os seus representantes se medem e se batem. O fim e o princípio lutam pela vida. Naturalmente o novo, por lei de evolução, ainda que menos armado e experiente, acabara convencendo o velho. A vida comete a cada século um encargo especial. O nosso tempo cumpre a função de criar a máquina e a técnica, para conseguir amanhã a emancipação do trabalho material. Isto para que o tempo futuro possa desempenhar uma função diversa que será a de criar no espírito, com todos os meios conquistados. E o espírito é um campo ilimitado para o qual a evolução avança e no qual está o futuro do mundo.

Quisemos assim, com estes capítulos sobre os erros humanos, (capítulos nascidos como uma série de artigos para revistas), examinar o advento de uma nova civilização pelo seu lado negativo e preparatório, isto é, pela derrocada da atual. Para poder melhor compreender qual será o futuro que nos espera procuremos ainda observar os erros e perspectivas dados pela forma mental do nosso mundo presente.

XXIV

COMO FUNCIONA O IMPONDERÁVEL

O mundo hodierno, inquieto e cético, não imagina a presença do imponderável também em meio às coisas da vida cotidiana. É a esse mundo que desejamos hoje falar disso, de maneira prática, segundo a sua psicologia. Do imponderável muito se falou, especialmente durante a guerra, quase como de um elemento de vitória. Mas se falou com critério tão materialista, para finalidade tão anti-humanas, com um falseamento completo do seu verdadeiro significado espiritual, como já sucedeu para a palavra **mística** e outras, que mesmo o crédito desse imponderável, acabou por ficar confuso e alterado, tornando-se uma das muitas mentiras a que se reduzem hoje os mais preciosos valores espirituais. Foi assim que desse tão invocado imponderável não se chegou a compreender nada, não se compreendeu sobretudo o seu funcionamento, a ponto de, como vimos, depois de ter sido tão invocado em benefício próprio, ele funcionou precisamente no sentido oposto, justamente em prejuízo de quem mais o invocava. Isto mostra que com o imponderável não se brinca, que ele é uma força poderosa e terrível, que pode estar conosco ou contra nós, segundo a posição em que nos colocamos em relação a ele. Procuremos compreender do que se trata.

Quando pretendemos a realização de um objetivo qualquer, de um lado existe a nossa necessidade e o nosso desejo, e de outro um plano instintivo e racional, ambos visando a conseguir a satisfação do objetivo. Mas o que não envolverá esse plano em face ao oceano de incógnitas que nos circunda? E essas incógnitas são forças presentes, reais e ativas, de tal ordem que a cada instante podem desviar o transcurso dos nossos planos, interferir na série por nós coordenadas dos nossos atos, introduzindo-lhe novos impulsos, que provindos do ignoto, são para nós imprevisíveis. Para poder compreender e definir o imponderável é necessário penetrar esse ignoto. Os desvios que ele introduz e que nós não logramos prever, porque nos escapam os seus elementos, que são mais poderosos do que nós, assediam-nos a cada passo, nos pequenos eventos individuais de cada dia como nos grandes da história, conferindo à nossa vida um contínuo toque de incertezas. Efetivamente jamais estamos verdadeiramente seguros, quando pomos em execução um projeto qualquer, se conseguiremos chegar aonde pretendíamos ou se seremos levados a um ponto inteiramente diverso do fixado. Frequentemente uma coisa desejada com tenacidade e disputada com sagacidade não é conseguida, embora sabiamente preparada, enquanto que outras que de início parecem apresentar-se com mínima possibilidade de êxito, são às vezes imprevistamente coroadas de resultado pleno. Que na realidade os três quartos dos elementos do sucesso nos escapam, é fato que todos conhecem. Nós nos agitamos, pois, às cegas, mantendo em nosso poder apenas um quarto dos elementos de triunfo e, com tão poucos trunfos na mão, tentamos conseguir tudo. Tentamos na verdade. A maioria, que conhece essa incerteza, atira-se á aventura, agindo ao acaso, desordenadamente, fazendo o que pode e mais do que pode. Mas é evidente que a solução do problema do sucesso não está no uso arbitrário e desordenado, ainda que enérgico e decidido, daquele quarto dos elementos de que dispomos, mas está no conhecimento e, por conseguinte, na sábia manobra dos elementos contidos nos outros três quartos que nos escapam. Que é que se encerra nesses três quartos do ignorado? Isto é necessário conhecer.

Quantas coisas imprevisíveis estão emboscadas para o bem e para o mal, como alegria e como dor,

nesse imponderável, que do mistério guia grande parte da nossa vida! Ao lado da zona que enxergamos bem definida, das coisas por nós pretendidas, que vasto campo se estende em que dominam a chamada circunstância, a surpresa, a fortuna e a desventura! A maioria, ignara e simplista, atribui tudo isto conjuntamente ao acaso. Ora, quem diz acaso, confessa a própria ignorância. A quem sabe ver nas profundezas, a estrutura da vida surge bem diversa. Um tal abandono desregrado, uma semelhante falta de guia, um funcionamento fora de leis, confiado à desordem, seria absurdo. A direção, que é ato positivo, não pode ser entregue a um elemento negativo, que não se mantém por si mesmo e que só existe como contraposição. A negação da vida não pode ter a força de reger a perene afirmação criativa da vida. Assim como o nada não existe senão relativamente, como condição do ser, assim também o acaso não é concebível senão como desordem enquadrada em função de uma mais vasta ordem que o circunscreve e ordenadamente o guia em demanda de finalidades superiores. Tudo no universo, mesmo o que parece indisciplinado e causal, é regulado por normas. Toda força se move por concatenação em busca de uma precisa finalidade, segundo o princípio de causa e efeito, mesmo onde as forças surgem ainda no estado caótico, próprio das fases mais involuídas, pois que, íntimos e ocultos, o pensamento e a vontade de Deus mantém as rédeas e regem o caos. É só por este motivo que este caos não se dissolve em um redemoinho infernal de forças inimigas e não se desfaz no nada, mas gradativamente evolui disciplinando-se em uma ordem em que cada vez mais evidente se manifesta a presença de Deus. O imponderável não é, pois, o acaso ou a desordem, mas é uma lei, uma ordem que nós não conhecemos.

O problema consiste, pois, em penetrar a lei nesse funcionamento por nós ignorado. O que é a vida de um homem? Não é certamente um fenômeno estático. É um feixe de forças em movimento. Dado o princípio de causalidade, o problema reside em conhecer a natureza e características de cada uma dessas forças quais são hoje, e o caminho por elas percorrido até o presente. Só assim poderemos resolver aquilo que elas poderão ser amanhã. Trata-se de conhecer a nós mesmos, conhecer a personalidade humana em geral e depois no próprio caso particular. O homem não conhece nem uma nem outra. Trata-se de impulsos recentes, longínquos e muito distantes, de natureza e potência diferentes, sempre em continuo movimento e desenvolvimento. Trata-se de forças nossas e alheias, entrelaçadas por uma contínua interdependência de ação e reação, de forças condensadas em determinismos, fixadas por longa repetição de atos em automatismos e instintos, e de forças ainda livres, em formação, que só agora começam a entrar no feixe dinâmico que constitui a personalidade humana, forças ainda fluidas, não cristalizadas no destino que continuamente construímos para nós mesmos. Como orientar-nos? E na verdade o universo é indubitavelmente uma grande orquestração de forças, imenso concerto em que também o homem canta a sua nota mais ou menos consciente mais ou menos livre segundo a sua evolução e vontade. Cada ato, cada dia, cada vida segue e precede a outra como as ondas de um oceano intérmino. Tudo esta conexo no espaço e no tempo e tudo avança na grande marcha ascensional da evolução para Deus em demanda de fins individuais, objetivando mais vastos fins coletivos com uma hierarquia de finalidade orientada todos para o único centro: Deus!

Se o homem conhecesse todos esses elementos que estão nele e em seu derredor, por certo ele conheceria o seu futuro. O conceito de acaso, caos e desordem não pode existir senão na forma mental do involuído. Somente nos graus de evolução superior e humana pode-se possuir a capacidade de abarcar tão vastos panoramas que ao homem do presente, dados os seus baixos instintos, são providencialmente defesos. Assim hoje para ele tudo o que se encontra fora do seu reduzido campo de exercitações necessárias ao seu progresso, tudo se confunde em um inextricável emaranhado, que o deixa em trevas profundas. Para ele, pois, a palavra **imponderável** só pode assumir um significado negativo, de ignoto e incognoscível, quando na realidade ela encerra um conteúdo positivo e precisamente definível. Mas para alcançar isto é necessário ainda evoluir, distanciando-se do atual estado de animalidade. O homem atual

ainda não pode compreender isto porque ele se encontra neste estado, ele representa a sua forma mental e um estado não se pode perceber quando se esta dentro dele, mas só quando se esta fora ou quando se coloca fora por ter iniciado um movimento de afastamento. Assim, pois, o homem do presente navega num mar de incógnitas, em que a direção dos seus eventos, individuais e coletivos, não pode ser confiada a ele, que é cego, mas é mantida pela sabedoria das leis de Deus. Todavia, para que lhe seja possível evoluir através de uma livre experimentação, de maneira concreta e responsável, lhe é deixada uma pequena fresta de luz, o quanto basta para iluminar a estrada a ser percorrida. Nesta ele compreende, escolhe, semeia e colhe, erra e paga, sofre reações das forças que possui, únicas que pode mover. O resto ele ignora e não pode. Tudo é determinismo fora do seu poder e conhecimento, e por conseguinte, também responsabilidade, não lhe restando nada mais do que abandonar-se a Deus e à Sua sabedoria. Ao homem foi confiado um determinado encargo em um pequeno campo para amansar, que é o seu planeta. A direção do universo não lhe diz respeito senão na posição de obediente espectador pelo pouco que ele pode compreender. Completado o seu trabalho no âmbito estabelecido pela Lei de Deus, em favor da própria edificação, o resto pertence a Ele, que distribui incumbências infinitas a uma infinidade de seres. Cumprido o seu dever, ao homem ao resta senão entregar-se ao Pai celeste, que, demonstrando a imensa sabedoria que pôs a guiar o universo, o conduziu são e esplêndido até aqui, como hoje o vemos operando antes do homem e sem o seu concurso. E quando este erra, deve aceitar de Deus a justa correção, assim como fatalmente recebera a devida recompensa, quando souber enquadrar-se na Sua ordem.

Quando falamos de um imponderável cognoscível, devemos referir-nos às incógnitas relativas ao homem e seu ambiente, e às do universo que se refletem nestas. Se nos contentarmos em esquadrihar esse imponderável que mais nos interessa, porque esta mais próximo de nós, relacionado que esta à nossa personalidade, maior será a possibilidade de alcançar o conhecimento. Já com os cálculos das probabilidades, tentou-se estabelecer a lei que regula o decurso dos acontecimentos. Mas esse cálculo refere-se as formas mais simples e é uma abstração a que a realidade concreta esta bem longe de corresponder. Nos acontecimentos humanos os elementos constitutivos são tantos e em tão grande parte ignorados, que aquele cálculo malogra completamente no objetivo que colima. Reduzindo, todavia, o complexo feixe de forças que constitui um destino a sua mais simples expressão, em forças favoráveis e contrárias, poderemos formar uma idéia de um provável desenvolvimento em uma dada vida.

Se misturarmos 50 bolinhas brancas e 50 negras perfeitamente iguais, a probabilidade teórica de extração de cada uma é de 50%. Se misturarmos 25 bolinhas brancas, 25 negras, 25 amarelas e 25 verdes, a probabilidade de extração de cada um desses quatro tipos é de 25%. Se misturarmos 100 bolinhas de 100 tipos diversos, teremos a probabilidade de 1% para cada uma delas. Uma outra observação O cálculo de probabilidades nos permite admitir que seja a marcha do fenômeno no passado que nos autoriza a crer em sua continuação no futuro, na mesma direção. No entanto, o fato de a vida basear-se no equilíbrio, faz com que suceda exatamente o contrário. Quanto mais vezes um fato se tiver verificado, pela lei do equilíbrio menos se torna provável que ele continue a verificar-se amanhã. Segundo uma universal lei de dualidade, a vida avança não pelo acúmulo de casos, mas pela compensação dos contrários. Esta, e não aquela é a verdadeira lei dos conhecimentos humanos, e é pois a lei do nosso destino. E a lei que vai desde a grande compensação declarada por Cristo no Sermão da Montanha, ao fato de que quanto maior número de vezes a sorte nos favorecer, mais difícil se torna que continuemos a ter êxito. Estas são as leis da sorte, que de modo nenhum são cegas. O homem comum supõe, no entanto, inteiramente o oposto. Quanto mais afortunado é, tanto mais adquire ares de ufania e confiança em si e mais se sente impelido a ousar, assim é que caminha em direção do fracasso. Mas isto é exatamente consequência de uma lei a que ele inconscientemente obedece e que visa a estabelecer o equilíbrio. Assim se explica a derrocada incrível de tantos e tão grandes triunfadores.

Sem querer entrar agora na questão, se um estado relativamente originário tenha oferecido ao indivíduo uma proporção de 100% de felicidade e se deste estado ele tenha decaído a um percentual de 100% de dor, consistindo a evolução atual na recuperação dos 100% de felicidade perdida, podemos hoje considerar como relativo ponto de partida um estado de equilíbrio atual em que, segundo a justiça, o destino de todo o homem contenha 50 bolinhas brancas ou probabilidades favoráveis de alegria, e 50 bolinhas negras ou probabilidades desfavoráveis de dor. Esta posição poderia ser, no estado atual de evolução, uma posição mediana, de equilíbrio, a que a Lei tende hoje, não obstante qualquer desvio havido. Trata-se de uma ordem que, por mais variada que seja, inclina-se, automática e providencialmente, a reconstruir-se. Não pretendemos indagar aqui se a Lei pretende ainda mais, forçando a reconstituição dos 100% de felicidade. Aqui só interessa notar agora que a transformação do nível dessa percentagem e os deslocamentos de equilíbrio podem ser operados pela livre conduta do homem. Era necessário, para que o homem pudesse evoluir através da própria experiência, que lhe fosse concedida a liberdade de violação da ordem, de modo que ele pudesse conhecer as conseqüências dolorosas do erro, e aprender a precaver-se. Em suma, a evolução visa a produzir no ser consciente do bem e do mal um homem que sabe e não um autômato, por mais perfeito que seja.

Dado isto, sucede que pela liberdade que Deus lhe concedeu, de abusar e errar, para aprender ainda que pagando por isso duramente, o homem pôde distanciar-se mais ou menos do equilíbrio da justiça divina, alterando nas suas diversas vidas sucessivas a proporção básica do equilíbrio. O homem teve a liberdade de deslocar, em seu risco e perigo, esses equilíbrios que tendem, no entanto, sempre a se refazerem e aos quais a Lei visa previamente reconduzir. Sem atingir o caso limite da absorção completa, através da dor e da ascensão, de 50 bolinhas pretas, isto é, da felicidade absoluta em Deus, e sem também alcançar o caso limite oposto, da absorção completa, através do abuso e da queda, das 50 bolinhas brancas, ou seja, de um lado a plenitude da vida voluntária e conscientemente conquistada, e, do outro, a autodispersão no nada — atualmente na terra encontramos deslocamentos parciais de equilíbrio. Estes deslocamentos são desequilíbrios que se fixam, ainda que transitoriamente, no campo de forças do próprio destino, assim se transmite de vida em vida, na expectativa de correção. Formam-se assim, por nós mesmos fabricados, os destinos mais díspares, com desequilíbrios diversos, para o bem ou para o mal, e que são o resultado final de todas as operações da vida, resultado que se reflete intacto, quando com uma nova vida se inicia numa nova conta. Assim, nascendo, cada um leva consigo o seu fardo, seu porquanto foi feito por ele, e que constituirá um peso ou um auxílio, segundo o que praticou. O ponto de chegada de uma vida é o ponto de partida da que se lhe segue. As conclusões de hoje se, tornam as premissas de amanhã. As convicções com que se encerraram a anterior, formam o instinto com que, antes de se dar conta, se agirá na nova juventude Desta forma, inconscientemente, mas de acordo com o critério de justiça, plantaremos a nossa nova vida nos fundamentos já postos em plena consciência de amadurecidos, e seremos a conseqüência de nós mesmos. Teremos assim destinos felizes ou infelizes, destinos de alegria ou de dor. Quem abusou da Lei por excesso de gozo pode contar com um destino de 25 probabilidades de alegria contra 75 de dor, e assim por diante. Desta forma livremente construímos o nosso destino vez por vez, carregamo-lo junto a nós, com toda a nossa história nele inscrita a base dos nossos créditos ou débitos, enquanto que de contínuo haveremos de suportá-lo fatalmente, de contínuo também o corrigimos, a nosso bel-prazer, para o bem ou para o mal do futuro.

Eis como se pode fazer a análise do imponderável e penetrar no seu ignoto conteúdo. Tudo isto é verdadeiro para os indivíduos como para os povos. Na realidade o fenômeno não se nos apresenta assim reduzido para comodidade de observação a sua mais simples expressão. Em verdade as forças que compõem um destino não possuem apenas duas cores mas muitas outras. Não se trata somente de alegria

ou de dor, embora sejam elas fundamentais, mas também de variadíssimas qualidades adquiridas, das mais variegadas especializações e atitudes, segundo as atividades desenvolvidas e as tarefas a cumprir. É um fato que os destinos, excetuando os cinzentos da nulidade, se nos apresentam orientados, típicos, individualizados por uma cor própria dominante, por uma tendência ou um dado gênero de experiências. Em outros termos, as forças constitutivas são diversamente coordenadas, formam um organismo com uma vontade de alcançar uma dada direção. A realidade exterior, em que todos se baseiam, não é mais do que uma veste, um cenário transitório que não serve se não para dar corpo a esse desenvolvimento de forças. É natural, pois, que quem troque essa forma concreta por toda a realidade, por fim verifique defrontar-se com uma ilusão.

Para poder operar a análise do imponderável seria, pois, necessário saber penetrar a estrutura do próprio destino. Seria assim necessário conhecer a fórmula da sua composição, a natureza das varias forças componentes e a proporção em que elas participam. Seria necessário, em outros termos, saber o que preparamos em nosso longo passado. O homem atual ignora tudo isto e está a milhares de quilômetros distante de imaginar que isto se possa saber. É um bem, tanto está disposto a fazer mau uso de tudo. A divina sabedoria não nos faculta conhecer senão na proporção em que o mereçamos. Seria necessário poder pesar méritos e deméritos, medir e qualificar as forças adquiridas, os impulsos negativos e contrários das culpas, os vazios, os desvios, assim como os esforços para o alto, as conexões, registrar todo o deve e haver relativos aos desequilíbrios da divina justiça. Seria indispensável conhecer o homem em geral e o seu caso em particular. É um trabalho de profunda penetração no próprio íntimo, que cada um pode fazer por si, estudando-se, reconstruindo-se porque ele hoje é como necessariamente deve ter sido no passado, observando analiticamente aquilo que os seus instintos atuais resumem em síntese, retrazendo o caminho percorrido para atingir o ponto presente, decompondo o atual produto dos seus vários elementos constitutivos. Estabelecido tudo isto, ele poderá dizer que probabilidade terá hoje de vencer ou de perder, de gozar ou de sofrer, de ser, como se diz, feliz ou infeliz. É fundamental, para conhecer o êxito desta vida, saber os seus precedentes e assim conhecer a sua contabilidade no tempo, e com que fardos de créditos ou débitos nascemos. Trata-se de coisa bem diversa de fortuna ou de acaso ou de pura habilidade! Compreender, compreender, compreender, eis o grande problema. Mas o homem atual se ocupa de algo bem diverso. E assim a lei o guia e compele sem que ele nada compreenda.

Que imensa bagagem de impulsos trazemos conosco, como indivíduos e como povos! E isto em todo campo: moral, econômico, intelectual, orgânico e racial. Qualquer abuso, onde quer que ele ocorra, gera a inversa, correspondente e proporcionada carência. Por isto na terra todos sofrem, sentindo a falta de coisas que abundam. Todo desenvolvimento unilateral de qualidade gera a necessidade de ser completado, com desenvolvimento de capacidade oposta, através das experiências. Por este motivo na terra tantos se encontram deslocados, justamente para que possam experimentar e aprender em campos que ainda são ignorantes. Eis o motivo por que tudo parece fora do lugar, dado que este não é o lugar de repouso, mas campo de treinamento, não é o lugar de colheita mas de semeadura. As nossas deficiências morais, tantas desgraças, a pobreza, a imbecilidade, mesmo as predisposições e vulnerabilidades orgânicas, constituem outras tantas carências conseqüentes do abuso. O espetáculo do nosso mundo parece que pode ser inteiramente resumido nestas duas palavras: abuso e carência. Tudo aqui existe, mas mal distribuído. O abuso, tornando-nos saciados, nos desgasta, nos enfraquece, abrindo as portas a todos os assaltos patogênicos em qualquer campo, contra os quais não nos encontramos prevenidos pelas naturais defesas que foram por nós demolidas. O mau uso inverte os impulsos da vida que assim não estão mais conosco mas se põem contra nós. Qual é o nosso passado humano? A história nos diz que ele com frequência é horrendo. Que podemos esperar da vida com semelhante fardo às costas? E o dinamismo íntimo da própria personalidade, ademais atraindo as forças do ambiente, torna-se um núcleo em torno do

qual se configura a veste material de formas, onde a nossa observação se detém e conferem solidez e resistência concreta ao imponderável. Se este nos parece inimigo e a terra um lugar em que se pena, é também verdade que ela pode ser um purgatório, ambiente de redenção. Se à terra os involuídos podem vir mesmo para gozar e os malvados para arruinar-se imergindo cada vez mais no mal, é também verdade que os evoluídos possam vir para purificar-se ainda mais através da dor e do amor, pois que no purgatório terreno é oferecida a cada alma a possibilidade de reconstituir-se no bem e de preparar um futuro de felicidade, corrigindo, através de uma vida santa, o próprio destino.

XXV

AMOR E PROCRIAÇÃO

Passemos uma vista de olhos sobre o grande problema individual e social da sexualidade e do amor, das suas funções reprodutivas até as mais elevadas do misticismo, funções biológicas tão diversas e também tão necessárias a vida. Começemos pelo amor como procriação.

Quanto mais baixo for o grau biológico ocupado pelo ser na evolução, tanto mais o problema da proteção da prole se reduzirá a mais simples expressão. Então a natureza protege o ser, menos valorizado como qualidade, com a quantidade e se exime assim de particulares funções protetoras, mesmo para que a seleção possa melhor cumprir-se. A medida que se sobe na escala evolutiva e se alcança a formação de um tipo biológico mais perfeito, o problema da justiça se torna mais importante. Trata-se de um produto mais precioso, fruto de um longo processo evolutivo: de função mais laboriosa, e por conseguinte, mais rara nos atuais exemplares. É lógico que a natureza protege com cuidado maior um valor maior. No homem, o recém-nascido devendo desenvolver-se até alcançar funções superiores, tem necessidade de assistências ignoradas nos planos inferiores, das quais o procriador involuído se exime. Das condições de civilização se segue, pois, que a procriação não é mais aquele ato simples e instintivo como é entre os primitivos no estado animal, mas se torna um ato complexo e reflexo, pejado de conseqüências e responsabilidades.

Enquanto no animal e no homem inferior a procriação se exaure quase toda com o ato físico da geração, no homem que não vive no plano animal ela penetra no campo moral e abrange também uma longa educação destinada à formação da personalidade. No plano animal os procriadores podem logo desinteressar-se da prole e dela libertar-se, no homem, não no estado animal, os liames e serviço de assistência e de guia duram dezenas de anos. Daí a necessidade de organizar e prever.

É assim que nas sociedades civis o fenômeno da procriação se encontra estreitamente conexo e unido ao fenômeno econômico que veio assim influir no biológico da reprodução. Segue-se daí que quanto mais alto for o nível de vida de uma civilização, mais difícil se torna, por conseguinte, a manutenção de um indivíduo e mais severamente se estabelece o controle da natividade. Dada a economia da natureza, grande administradora, a qualidade se obtém a expensas da quantidade. Então as condições mais refinadas e complexas de civilização se tornam um freio à reprodução e se pagam com a pobreza demográfica. Para

voltar à quantidade, é necessário então descer na qualidade. Tudo de uma vez não se pode ter. Ou a potência ou o domínio. Se um povo for rico e dominador, será povo numeroso, com tendência a rarefazer-se cada vez mais. Se for pobre e dominado, invadirá o mundo com seus filhos. Sábios equilíbrios da lei, que nenhuma coação política pode alterar. A luta assim entre a inteligência que alcançou o predomínio econômico e a carne, expressa pela massa demográfica, reduz-se a uma distribuição de funções, até que a carne das massas amorfas, educada pela inteligência dos dominadores, subindo ao plano destes os substituirá no grau biológico e nas funções. Entrementes, a qualidade dos povos dominadores, o seu elevado nível de vida, constituem uma conquista da evolução, constituem um trabalho da vida e por isto este defende o produto do seu labor. Sabendo o que ele lhe custa, por leis da sua economia, a vida tende a mantê-la a todo custo e por isso está disposta a sacrificar a abundância da sua produção. É assim que, para proteger a qualidade, conquista preciosa, sacrifica a quantidade, que lhe constitui uma ameaça. Tudo se paga na natureza. Paga-se assim a mortalidade menor, a cultura, a segurança, a proteção social, o bem-estar, tudo enfim. Mas poder-se-ia assim atingir um nível de desenvolvimento do qual os povos mais prolíferos e numerosos estão excluídos, até que lhes tocará o seu turno de se elevar, e então, sutilizando-se, substituir os mais evoluídos, repetindo o mesmo ciclo igual para todos.

O progresso se desloca assim em vantagens dos filhos, que cada vez mais pesam sobre os genitores e a sociedade. É natural, pois, que, pelo egoísmo protetor do indivíduo, este se esquivе a uma procriação que se torna cada vez mais agravada de deveres e responsabilidades crescentes. Dadas as suas conseqüências, sempre mais pesadas, com o progresso da civilização a procriação se torna mais estreitamente controlada, fazendo-se depender de cálculos. Ela é submetida à luta pela vida, que pode gravá-la, até comprimi-la e sufocá-la. Assim o fator econômico se substitui ao biológico que, devendo ser o principal passa dessa forma a ser relegado a um segundo plano prejudicando, assim, a seleção sexual e, por conseguinte, os próprios filhos. Para uma procriação sã e selecionada, o amor deveria permanecer livre do fator econômico e de outras pressões sociais de todo gênero, para obedecer as suas próprias leis. A necessidade de disciplinar o amor cada vez mais para a proteção dos filhos, de um lado, e do outro, a luta do indivíduo para evadir-se dessa disciplina que o grava, pesam crescentemente sobre a procriação, e por conseguinte, sobre os próprios filhos, que assim, com o seu sacrifício em qualidade e quantidade vêm a pagar todos os maiores cuidados que eles custam aos pais e à sociedade. Também aqui não se pode ter tudo e tudo se paga.

Também o amor esta sujeito nas nossas sociedades civis à necessidade do cálculo e o cálculo é o primeiro passo da prostituição. Do outro lado é natural que a sociedade humana, tomando em consideração que o ato procriativo é a base de sua constituição, tenha pretendido discipliná-lo. E as religiões, antes do Estado, enquadraram e ordenaram o amor, equilibrando direitos e deveres na instituição do matrimônio. Mas isto é lei, disciplina exterior, em que o homem permanece até onde quer e sabe. E quando o homem não sabe e não quer, as mais excelentes instituições e a coação das leis não lhe podem impedir a evasão. E assim, em perfeito regime de indissolubilidade, em que a integridade da família é mantida intacta, não se pode impedir que o matrimônio possa transformar-se em um mercadejamento qualquer e constituir a mais vantajosa forma de prostituição. Divórcio, pois? A resposta é uma só: qualquer lei é inútil quando os indivíduos são corruptos; toda lei é boa quando eles são prudentes, e desde que o homem quer fugir, evade-se, e toda regra é inútil. Pior para ele, mas evade-se desde que o queira, porque é livre. Pagará, mas, apesar disso evade-se. Então compreenderá, mas por ora não compreende. O que decide é a vontade individual antes da lei! Em todo campo é sempre assim: às leis humanas, por mais providas de armas de coação, obedece quem quer. O valor das leis depende inteiramente de quem as maneja e de como são manejadas. Se a elas, exteriores, não corresponde o sentimento de uma maior lei interior, toda lei humana é inútil e de escasso efeito. Assim, a questão do

divórcio se reduz à legalização exterior de um fato que, sem divórcio, existe já de há muito. Negá-lo valerá como afirmação teórica e de princípio, mas efetivamente cada um já resolveu o problema por própria conta, segundo a sua natureza e suas convicções. A negativa será um obstáculo que tem por objetivo impedir que a atual geração de involuídos se lance desesperadamente para a anelada desordem a que dão o nome de liberdade, de modo a impedir que esta desordem seja exibida e fixada em palavra juridicamente legalizada. Mas neste caso, como em todas as coisas, a substância, o móvel, as consequências a pagar, são todas pessoais e interiores e as leis só alcançam ali até um certo ponto. A questão não é tanto jurídica quanto moral.

Observemos em dois casos típicos o que pode tornar-se na nossa sociedade o amor, quando submetido às pressões dos fatores econômicos e da luta pela vida.

Primeiro caso: uma esforçada jovem, religiosa, obediente aos sábios conselhos paternos, fiel às normas sociais, prudente calculadora e ciosa da sua posição social, que não quer perder, buscando muitos proveitos ao mesmo tempo, não consegue esposar-se senão tarde. De outro lado, isto sucede porque a moça é pobre e quer antes garantir uma posição, que consegue naturalmente depois que a juventude fenece. Ela e o marido se unem com reflexão, com todos os cálculos relativos, com plena permissão e consenso dos pais e parentes, das leis religiosas e civis, e absoluto concordância com todos e com tudo. Esposam-se, mas o amor não existe ou, em face de tantas reflexões, não se sabe onde esteja aí colocado. Mas em compensação o equilíbrio esta assegurado, os cônjuges estão tranqüilos, a proteção dos filhos garantida, posição ideal, fruto de sacrifícios previdentes, bem ganha também para os filhos. Ela foi prudente e honesta, soube esperar, sacrificar o instinto e se apresentar ilibada. Finalmente, diante de todas as exigências sociais, tudo esta em ordem. A sociedade aplaude, estima e respeita. Tudo é conforme as regras e com todas as suas vantagens. A reflexão, isto é, o calculo, triunfou. A batalha pela vida foi vencida e todos se inclinam. Há somente um pequeno fato, secundário no nosso mundo civil: as leis da idade do amor foram violadas, o frescor vital feneceu e o amor, dada a necessidade de adaptação, não se sabe o que se tenha tornado. Os corações, desiludidos pela longa espera, atiram-se aos últimos passos da juventude com voracidade inútil, os filhos ou não nascem mais, ou se nascem, são fracos, filhos de descontentes e de velhos, seres que não podem amar e gozar a vida, nascidos cansados, que não poderão afrontar e vencer a luta. Ganhou-se a batalha econômica, mas perdeu-se a batalha biológica. Esta é a história de tantos matrimônios de luxo, em que dois patrimônios se casam, não importando as pessoas que se ligam. Os filhos desvitalizados, para os quais justamente se pretendia tudo preparar, pagarão por essa excessiva preocupação. Certamente eles crescerão em meio aos confortos, protegidos pela riqueza e, em razão desta, estimados. Arredados artificialmente da luta, acabarão por enfraquecer-se e imbecilizar-se. E automaticamente perderão a riqueza que lhes proporcionou a inépcia. Assim vem-lhes custar bem caro quanto lhes foi fornecido gratuitamente. A vida deve ser um campo de exercitações e a natureza desaninha os parasitas e os protegidos. A riqueza só vale quando ela representa uma nossa atividade para conquista-la. Mas desde que se torne instrumento de ódio e de parasitismo, passa a constituir um perigo. Nos casos mais graves a natureza chega mesmo a negar a reprodução. Mas em todo caso, a vitória econômica é uma derrota biológica.

Segundo caso; uma outra jovem, rebelde aos conselhos dos pais e às normas sociais, temperamento passional, pouco pendor calculador, não se preocupando consigo e com a sua posição social, disposta a tudo sacrificar pelo amor, esquece a autodefesa, deixa-se conduzir pelo instinto e, contrariamente aos prudentes preceitos religiosos, morais e sociais, ama e concebe nova, realizando um matrimônio de amor, mas economicamente desastroso, quando não fica só e abandonada. O seu destino esta selado por uma vida dura de trabalho e sacrifício. Não possui mais direitos e deverá tudo aceitar. Nenhuma proteção está

assegurada aos filhos. Ela não soube esperar, sacrificar o instinto, ser prudente e honesta. Pais e parentes consternados e descontentes, as leis religiosas e civis violadas. Formalmente tudo está em desordem. Tudo esta contra os preceitos e dominam as desvantagens de uma posição péssima. A sociedade condena e despreza. Aqui triunfaram a sinceridade a espontaneidade do amor, mas a luta individual pela vida se perdeu e todos desaprovam. Ela não foi hábil, não soube valorizar-se, protegendo-se legalmente com contratos na vida, não soube utilizar a lei em sua defesa. É uma falida, é um refugio econômico e assim justamente todos se rebelam porque há um erro a ser pago e ele pesará sobre ela justificando a necessidade de uma sua adaptação. Somente que o erro não foi de caráter biológico, mas econômico e a sociedade parece que vê antes este do que aquele. Não obstante tudo, aqui também existe um pequeno fato, secundário em nosso meio civil e este consiste em que as leis da idade e do amor foram respeitadas. Os filhos, conseguidos no vigor da idade e sob o impulso do amor, são robustos, feitos para amar e gozar a vida, talhados para enfrentar e vencer a luta pela existência. Perdeu-se a batalha econômica, mas venceu-se a batalha biológica. Se a sociedade despreza, em compensação a vida aprova. Parece que esta pensa de modo muito diverso daquela. Os pontos de vista e os objetivos são muito diferentes. Onde um condena o outro premia. Certamente os filhos serão pobres mas bem munidos pela natureza para lutar, e a ausência de bens protetores os adestrará desde pequenos e os robustecerá ainda, de modo que lhes será depois fácil levar a melhor sobre os entibiados filhos da riqueza, arrebatando-lhes os meios de proteção. Desta forma a natureza restabelece os desequilíbrios, enfraquecendo os protegidos e fortalecendo os deserddados e assim também os filhos que parecem afortunados se tornam desventurados e os que parecem deserddados acabam vitoriosos. Assim a natureza justa restitui a esses às expensas daqueles quanto haviam recebido a mais e a derrota econômica se resolve em uma vitória biológica.

Estes não são senão dois típicos e opostos casos limites. Na pratica as combinações são inúmeras. Eles demonstram que a nossa civilização, sob o tormento econômico, que é o seu produto, tende a tornar-se um movimento antivital, e como é necessário para os fins da evolução libertar o fenômeno biológico dessa sua danosa dependência do fenômeno econômico. É um fato que hoje este último elemento influi na seleção sexual e na reprodução, nos sentimentos do amor e em todas as suas conseqüências. Sem dúvida o tormento econômico é um assalto que a luta pela vida move contra a própria vida, assalto que antes era praticado pelas feras e pelos elementos. Mas como o progresso atenuou esta forma de luta nas atuais menos cruas e bárbaras, assim também a assistência estatal devera desenvolver uma contribuição cada vez mais intensa à sociedade na defesa da sua procriação. Os casos do primeiro tipo descrito explicam-se pela pressão universal que exercem as necessidades materiais em tudo. O homem sabe bem que a natureza não brinca e se defende apegando-se a tudo que pode. Em nosso grau de evolução a luta se tornou incruenta, menos física e muito mais psíquica mas nem por isto é menos feroz. Ao homem que não enxerga senão a si mesmo e à própria família e à sua exígua vida, a natureza, que objetiva fins complexos e distantes, parece desapiedada e é por isso que ele sacrifica a remota vitória biológica da raça à mais vizinha vitória econômica individual. No amor nós vemos a vida em conflito consigo mesma, porque ela pretende alcançar duas finalidades que neste momento entram em conflito: a conservação do indivíduo e a conservação da espécie. E o egoísmo que defende o indivíduo defende-se do egoísmo da espécie e este tende a esmagar aquele.

O homem desejaria o mais possível eximir-se do grande esforço de evoluer, enquanto a natureza quer o seu trabalho para fazê-lo progredir. O progresso custa tanto trabalho, tanta dor e sacrifício de vidas que o instinto de conservação individual se retrai. O homem desejaria a vida fácil de gozador e ao invés o espera a vida dura da ascensão. A sociedade se agita para escapar a esse impulso e assume alternativamente atitudes, diversas, mas em vão. Nos períodos de bem-estar, quando dominam os regimes de ordem, a família é sã e a filiação protegida e estimulada, determina-se o incremento e a pressão

demográfica, a consciência coletiva se desperta na força e com isto o sentimento nacional, o amor pátrio, a fé, a disciplina. Esses períodos e regimes terminam todos em guerras de conquista com os objetivos de expansão. Se houver vitória, o povo que a conquistou torna-se grande às expensas de outros povos vencidos, se houver derrota, ele se reduz em vantagens de outros povos vencedores. Neste caso, despontam os regime fracos de desfazimento e de desordem, reina a miséria, a família se desgasta e se desfaz, a filiação não protegida diminui, retarda-se o desenvolvimento demográfico, a consciência coletiva se atormenta e com ela o sentimento nacional e o desejo de guerras expansionistas. Atinge-se assim a paz, mas ao preço do próprio deperecimento. A natureza colima um só fim: a vitória. É por esta via que ela lança os povos mal se verifique uma exuberância de forças e, por mais que este capital custe ao homem, não lho permite gozar, mas fá-lo despende tudo para tentar a vitória. E se perde, pior para ele. Se, no entanto, um povo se recusa a desempenhar esse jogo, então a vida o pune liquidando-o através do entibamento, da servidão e da extinção. E o indivíduo, movido pelo próprio instinto egoístico de conservação, ligado às necessidades da própria defesa pelo peso de mil necessidades, repele para longe de si, o mais que pode esta avalanche de outras necessidades biológicas, de que cuida bem pouco e desta forma sacrifica e distorce o sentimento de amor e procriação, sobre os quais a aspereza da luta pela vida vem assim a fazer incidir os seus signos funestos. De quem neste estado é a culpa? Quando não há margem, é natural que o indivíduo pense primeiro na própria conservação do que na qualidade da sua procriação, antepondo a sua vitória individual e negligenciando a biológica, menos urgente, da raça.

O amor, efetivamente, não é um sentimento somente para uso da prole, mas também o é para a satisfação dos genitores. Se é um fenômeno biológico demográfico e social, de interesse coletivo, é também um fenômeno eletromagnético, hormônico e genético, de interesse individual. A troca de radiações de sinal elétrico oposto é um excitante do dinamismo nervoso, constitui um "do ut des", em que as duas cargas opostas reciprocamente se descarregam do supérfluo e se carregam do necessário. A troca hormônica, fenômeno ainda não bem compreendido pela ciência e que aqui não é possível ilustrar, realizando-se através das mucosas, abastecendo a célula, influi como regulador e ativador do metabolismo. Tudo isto é necessário e útil à vida dos genitores, independentemente da procriação. Por último e conexo aos precedentes, aparece o fenômeno genético, pelo qual, através da nossa vida individual, uma outra vida se individualiza, até tornar-se autônoma, destacando-se dos procriadores. É impossível explicar aqui a maneira pela qual o princípio espiritual se encarna no feto e como se liga a sua, forma física, segundo determinadas leis, orientado por forças e afinidades. Entramos aqui no campo espiritual em que se maturam os fins da vida e do qual o organismo físico não passa de um instrumento de experimentação. Pode-se dizer que não é possível compreender verdadeiramente o amor, se não se compreenderem todos os problemas do universo. Considerado o mesmo apenas como fato individual, ele é um fenômeno tão vasto que alcança as raízes mesmas da vida. Aqui podemos apenas explorar a sua complexidade. O homem tem a pretensão de dominá-lo com as suas leis e nem ao menos o conhece. Ele é regulado nas suas funções e conseqüências por uma sabedoria bem diversa da humana.

A medida que o ser evolui, o seu amor se torna cada vez mais espiritual. O involuído não sabe compreender o amor senão na sua forma inferior, egoísta e carnal. A potência, a beleza, a liberdade, a alegria do amor espiritual constituem para ele um inconcebível, porque estão fora das suas possibilidades perceptivas. Só no alto, onde os seres não amam carnal e egoisticamente, pode-se ter um amor que se sobreponha à traição, à desilusão, à morte. Indiscutivelmente é trabalhoso subir, mas se se pretende possuir esses resultados, é necessário enfrentar a ascensão. É árduo ascender, mas é lei que quem sobe caminha para a alegria e quem desce caminha para a dor. Infelizes dos que, iludindo-se em poder gozar precipitam-se para baixo. Instintivamente sentimos o paraíso no alto dos céus e o inferno nas tenebrosas profundidades da terra. Hoje a humanidade é presa de um frenesi de evasão e deliberação. E acredita-se

que se possa alcançar a liberação da dor, evadindo-se de toda norma. Formou-se assim um conceito invertido de liberdade, em descida ao invés de ascensão. Mas o que não está invertido nessa era de involução? A verdadeira liberdade só se pode alcançar com a ascensão e com a luta por ela. Este é o século das palavras falsas, feitas para enganar, para que tudo se transvie e se distorça. Hoje se difunde um pendor doido para negligenciar todos os deveres, de libertar-se de todas as disciplinas, acreditando-se que com isso se aliviem todas as cargas. O resultado é um egoísmo cada vez mais feroz, semeador de danos para todos, na luta cada vez mais acirrada e, pois, na vida cada vez mais dura. E esta queda na barbárie se chama evasão e liberdade. Cada qual nega ao próximo o tributo do próprio dever e todos se empobrecem. Evadir das normas da moral, embrutecer-se no prazer, pode parecer ascensão para a alegria, mas na realidade é descida para a dor. Toda manifestação humana exprime a atual fase negativa, destruidora, involutiva, de descida. Caminha-se assim para uma dor sempre maior e, desta forma, com a ruptura a que se chama liberdade, descer-se-á cada vez mais, até um tal estado de desesperado sofrimento, que a própria desesperação imporá a reação, isto é, o retorno à fadiga da ascensão. Não se pode conter a evolução. As massas de hoje estão presas no vórtice e não podem enxergar além deste Deverão percorrer todo o ciclo da hora histórica. Cada um possui e sabe o que merece. Deus guia tudo. Poucos isolados e oprimidos seguem em dor e silêncio o caminho oposto, unindo-se a Deus em uma luta desesperada para salvar, nesta hora de destruição universal, especialmente os valores espirituais, aquilo que de mais precioso e com trabalho imenso as civilizações conquistaram. A luta é desigual e desesperada. Mas Deus, que tudo guia, está com eles. A vida, pela sua salvação, está também com eles. A evolução, que não se pode frear está igualmente com eles. São profundas as trevas, mas com eles se encontra a luz. Em uma hora de inconsciência eles possuem a consciência de ser os depositários e os guardas dos mais altos valores da vida e, por conseguinte, os senhores do futuro.

XXVI

SEXUALIDADE E MISTICISMO

Observemos agora as funções e o significado do amor nos planos biológicos mais elevados, onde tudo e também ele se transforma com a ascensão do plano vital.

Em face das graves afirmações de Freud, hoje em moda, segundo o qual a sexualidade constitui a base da personalidade e qualquer forma de amor, não passa de uma extensão direta oriunda do amor sexual, propomos as perguntas que se seguem: dado que o amor dos místicos apresenta características de afinidade com o amor sexual, do qual conserva as mais das vezes até as expressões, existirá realmente parentesco entre as duas formas e por que? Que relação haverá entre elas? Será o misticismo uma forma patológica, ou mesmo supranormal, do amor sexual? Entendemos aqui por misticismo aquele fenômeno que não pertence somente ao cristianismo, mas às religiões, ou melhor, à vida, pelo qual qualquer indivíduo isolado experimenta em si, como fenômeno vital presente, a imanência do divino, do transcendente. Queremos aqui falar do misticismo verdadeiro fenômeno biológico real, e não de certos

pseudomisticismos que podem dar razão a Freud. Esse misticismo verdadeiro é algo que a ciência deve encarar com seriedade. É ele tão sério que ao dia em que os problemas que lhes são atinentes tiverem passado do campo teológico, religioso e especulativo ao cientificamente objetivo e racional, poder-se-á dizer que o materialismo científico terá ruído.

Aceitamos a orientação dos psicanalistas freudianos que ao estudo da personalidade emprestam grande valor ao elemento sexual. Mas teremos o direito de exagerar, como eles fazem, a importância desse elemento, a ponto de definir o místico como um grande amoroso que, por involuntária ou imposta renúncia, vendo cerradas as vias normais do desafoço erótico, busca satisfazê-lo anormalmente pelos atalhos do misticismo, que assim se reduz a um sub-rogado sexual? Sem dúvida o misticismo casa-se mal com a frigidez dos sentimentos, pois que representa o desenvolvimento da potência do coração em polo oposto ao da razão. O fato de que os místicos teriam podido ser grandes amorosos também no plano sexual fez pensar que eles não ajam sido senão libidinosos frustrados. Acreditou-se então poder colocar o fator sexual na base do fenômeno místico e do seu desenvolvimento, podendo-se assim contrapor à sexualidade normal uma sexualidade mística, interpretada esta como um desvio, isto é, como uma sexualidade malograda e deformada.

O problema que nos propomos aqui é este: o caso do místico será patológico, será um desvio degenerado do normal, um sub-rogado qualquer compensatório e de valor inferior, ou realmente é uma verdadeira e própria tentativa de evolução que a natureza, em dadas circunstâncias e certos casos, cumpre para chegar, através de uma superação biológica, a formas mais evoluídas de sentir e de amar? É certo que misticismo e renúncia na realidade se associam como ligados por uma mesma lei, pois que as duas formas de amor, o sexual e o místico, parecem rivais e com tendência a se excluírem reciprocamente. Mas o problema está em estabelecer se a renúncia, ao invés de ser a causa, não seja senão o efeito do misticismo. Sem dúvida o amor é um dos impulsos fundamentais da vida, e sabemos também que a natureza, grande e econômica, não desperdiça nada e utiliza tudo. Assim como ela utiliza a própria moléstia para robustecer e imunizar, poderia também utilizar a renúncia, derivada de qualquer causa, para elevar as manifestações do amor, e assim, em temperamentos mais adaptados pela maturidade biológica, tentar uma sublime ascensão a nível superior, utilizando o desafoço não empregado no plano sexual animal para dirigir o seu impulso em demanda de vias mais elevadas. Dada a potência criadora do amor e a grande importância do fenômeno evolutivo, não é verossímil que a sabedoria da natureza se deixe tão facilmente fraudar em face do cumprimento dos seus maiores objetivos, que são: criar, conservar, evoluir. E assim não é verossímil também que antes de recair em uma distorção patológica, não tente abrir caminho a suas forças e saída aos seus impulsos maiores por vias superiores, realizando-se igualmente ao ensinar a amar em formas biológicas mais evoluídas.

Ora, entre fazer da renúncia um fato concomitante ao misticismo e dela fazer a causa deste, ocorre uma imensa distância. É verdade que a natureza pode utilizar a renúncia para auxiliar no desenvolvimento místico. Mas a renúncia apenas não basta para criar o místico. A elasticidade dos instintos, que faculta a adaptação, tornando suportável a substituição e a transposição de objetos, é limitada. Visto que os instintos têm um fim a atingir e se vêem dessa maneira fraudados na consecução deste, o desvio do impulso não pode superar um certo grau de deformação, quaisquer sejam as necessidades impostas pela adaptação. Estas formas derivadas se conhecem por características de semelhança, mas de uma semelhança tendente a degenerescência e não a superação no sublime. Não nos induz essa semelhança a erro, fazendo-nos confundir o anormal com o supranormal. A faculdade de adaptação não nos autoriza a acreditar possível um salto, como o que seria necessário para superar o abismo que separa o amante carnal do amante místico. Amar espiritual e altruisticamente a Deus e em Deus o próximo, é muito diverso de

amar sexual e egoisticamente a um semelhante. Se existem afinidades é porque o Amor no universo é uno. Mas elas não bastam para fundir os dois fenômenos. Em verdade a escala evolutiva é a mesma e tudo é unitário em um universo monista, mas demasiada distância existe entre a fase humana e a fase sobre-humana, a fim de que, para superá-la, baste apenas o impulso de um desejo insatisfeito. No misticismo não atua apenas o elemento negativo de renúncia, mas age um elemento positivo que se distancia do mundo sexual na inversão dos valores e que esta implícito em tal superação. No indivíduo há um fato evolutivo novo, uma maturidade que o eleva e potência. A renúncia poderá ser um fato concomitante colateral e mesmo uma negação inferior, necessária para que possa agir a superação. Mas daqui a ser ela a causa determinante do misticismo vai muita distância. É muito mais lógico admitir o contrário, isto é, que a renúncia se una ao misticismo no quanto este estado representa um tal esforço evolutivo, que por si absorve todas as possibilidades do indivíduo. No gênio, como no santo, que tanto se assemelham ao místico, vemos que a vida que neles cumpre um trabalho excepcional supranormal, propõe os fins da reprodução e da sexualidade aos seus maiores objetivos criadores.

Para poder julgar um ser é necessário compreendê-lo, e para compreendê-lo, é necessário saber viver no seu grau de evolução. Ora, a ciência e o pensamento humano da atualidade têm como tipo biológico modelo o involuído de hoje, possuidor de insensibilidade ilimitada e animado por instintos animais. A moderna orientação materialista e utilitária não pode conceber outro super-homem que não seja o de Nietzsche, isto é, o superbruto, egoísta, violento e antisocial. Tudo depende da forma mental e da medida com que se julga. É natural que o materialismo freudiano não possa ver no homem senão o animal. É certo também que num mundo assim o super-homem do espírito não possa deixar de aparecer como um anormal um degenerado. Para julgar faz-se mister ter compreendido o pensamento da lei que rege o universo e os fins da vida. Que o escopo desta seja evoluir, é também uma hipótese que corresponde a observação e satisfaz a lógica das coisas e a razão humana. É lógico que, se existem seres que se movem em fase animal no campo das leis da fome e do amor, ocupando-se somente das funções vegetativas da conservação individual e coletiva, podem existir igualmente indivíduos que se movem no campo das leis da evolução, ocupando-se da função de progredir. Eis o herói, o gênio, o mártir, o santo, o místico, o super-homem do espírito, e precursor da evolução, o pioneiro do progresso, tipo biológico que não é o produto de um tempo, de um lugar, de um povo ou de uma religião, mas é universal, como produto da vida.

Tudo depende, pois, do ponto de observação e conseqüente perspectiva. Para o homem involuído atual, que se coloca como modelo da vida, a sublimação das próprias qualidades não parece ter muita importância, enquanto que tem muitíssima para o homem que dele começa a destacar-se por evolução. Pode existir um modo de ver as coisas observando-se da terra, Isto é, evolutivamente de baixo para cima; assim como um modo de ver as coisas observando-se do céu, isto é, de cima para baixo. No primeiro caso seremos levados a desprezar, relegando o fenômeno ao campo patológico e anormal. No segundo caso se admirará o grau de sublimação a que o misticismo conseguiu levar, fazendo-os evoluir, os primitivos impulsos biológicos do instinto bestial. É natural que a visão egocêntrica que coloca o homem atual como produto e modelo de vida, lhe faça considerar um afastamento desse tipo, ainda que determinado pela evolução, como um desvio que é encarado com desconfiança, sem interesse, quando não o seja com menosprezo. É natural também que da posição biológica do mais evoluído as coisas pareçam bem diversas e se olhe o homem atual com piedade, como a um pobre ser inferior que não suspeita ainda que infinitas possibilidades contém o seu futuro desenvolvimento. Por isso, os problemas do místico, para ele fundamentais, não podem interessar à maioria, que se aflige com a explicação do futuro e da evolução, coisas para ela distantes, em face do homem atual. Este, todavia, não poderia negar que à vida também deve interessar a evolução, pois que, se ela efetivamente produz indivíduos com tal função precípua, quer

dizer isto que esses indivíduos são igualmente indispensáveis ao trabalho do conjunto.

Mas muito longe nos levaria o desenvolvimento desses conceitos. Devemos aqui, pois, concluir o aspecto atual. Se o Amor universal é o fenômeno que liga sexualidade e misticismo e nos permite estabelecer as relações que vigoram entre eles, com isto se estabelece a imensa distância evolutiva que os separa. Se é certo que eles sejam duas formas do mesmo Amor universal, importa no entanto reconhecer em que grau diverso estejam pela pureza, alegria e potência. Isto nos diz também que os dois fenômenos podem ser comunicantes e entre si se influenciarem, mas também que esse parentesco distante, que de resto existe em todas as formas da vida, não basta para passar do amar sexual ao amor místico. Para se chegar a este faz-se mister uma maturação evolutiva, a manifestação de qualidades novas, na verdadeira catarse biológica, uma superação de si mesmo. No misticismo, se existem lembranças da sexualidade, há infinitamente algo mais. Isto verificado, a orientação freudiana é absolutamente inadequada para explicar um semelhante nascimento fazendo que o mais surja do menos. Somente o fenômeno sexual, não é causa suficiente para determinar o verdadeiro fenômeno místico. Se só bastasse uma forte sexualidade, por mais contrariada que fosse, para gerar e explicar o fenômeno místico, os casos de misticismo seriam muito mais freqüentes. A maior parte dos que renunciam forçadamente encontram uma compensação bem diversa, desviando-se para o patológico e para o anormal. O verdadeiro misticismo só é atingido pelas almas eleitas. Milhões que renunciam isolam-se nos conventos ou alhures no mundo, mas quantos deles se tornam verdadeiros místicos? A maior parte dos exuberantes nem ao menos pensa nisto. O tipo biológico normal imaturo, em tal caso, ou se rebela destroçando os freios, ou se adapta à deformação do instinto, ou enlouquece e se suicida. Para poder atingir o sublime, para tornar-se um santo, devem interferir elementos bem diferentes que de modo nenhum pertencem à sexualidade própria do plano animal humano. Para biologicamente atingir-se tão alto, faz-se mister coisa bem diferente que uma deformação do tipo biológico normal! Para se conseguir viver a vida do tipo biológico supranormal, não são suficientes exuberância e renúncia, mas é necessário ter-se percorrido a longa via que conduz à própria maturação. E necessário ser evoluído, e não involuído.

XXVII

POR QUE AMOR É ALEGRIA

Que significado tem a alegria na vida? O que é o amor e por que ele em qualquer grau evolução, desde a forma sexual até à mais elevada, a do misticismo, é prazer? Que relação há entre as duas formas? Pode esta pergunta levar-nos à descoberta do seu denominador comum, se é que este existe? Será o amor talvez o grande motor da vida? E, em grau evolutivo mais ou menos elevado, trata-se sempre do mesmo Amor? E como evolve e ao que tende esse Amor universal que alcança a Deus? E como pode ele permanecer em prazer quando ainda se nos apresenta como renúncia a qualquer alegria terrena, como dor e negação da vida animal normal? Como pode ele permanecer criação e sublimação, ainda quando humanamente pareça destruição e insucesso?

Respondamos a estas interrogações. É indiscutível que a vida procure a alegria. Por que? Porque ela foi criada para isto, indicando a alegria onde esta o bem. O bem é caracterizado pelo nível da alegria, o mal pelo indício da dor. Alegrias momentâneas e fictícias poderão induzir-nos a erros, mas se elas mascaram o mal, logo descobrem a dor de que são feitas. Alegria existe em tudo o que evolui, que caminha para Deus, que é o supremo bem. A vida é feita para evoluir, ainda que o faça através da dor, para uma alegria cada vez maior. Todas as vezes que seguimos a Lei de Deus, semeamos a alegria, ainda quando dela nos separe um abismo de provas e de dores. Todas as vezes que agimos contra a Lei de Deus, semeamos para nós mesmos a dor, ainda que dela estejamos separados por um mar de vantagens e de prazeres. Assim, há o prazer da mesa que nos diz que se deve nutrir o corpo porque ele deve viver. Um pouco mais acima está o prazer sexual, que nos diz que é necessária a reprodução, porque a espécie deve viver. Mas há ainda, muito mais acima, o gozo do trabalho e do pensamento que criam, o gozo do espírito e da ascese, para indicar-nos que se deve progredir, porque o homem não necessita apenas de viver e multiplicar-se, mas também de evoluir. A cada fim a ser atingido, a Lei propõe um gozo adequado. Cada coisa em seu lugar, segundo uma hierarquia funcional, que guia as nossas ações. Mas observemos ainda. Se o homem possui uma consciência relativa, racional, refletida, transitória, limitada e adaptada aos escopos da vida e á evolução, é um fato que o universo funciona regido por um outro pensamento que o homem mal conhece, lei absoluta, eterna, iluminada, divina. A mente humana de fato não guia o universo, que sabe muito bem funcionar por si mesmo. Ao contrário, a mente do universo guia o homem, sem que este o sinta e está de tal forma inculcada em cada ser, esta é tão onisciente e onipresente, que sem ela nada viveria. É um fato que a mais simples das células do nosso corpo sabe executar, á nossa revelia, tais milagres de bioquímica, que nós não apenas somos incapazes de reproduzir, mas nem ao menos conseguimos conhecer e compreender. Uma pequena célula é mais sábia do que o maior dos cientistas. Essa consciência do universo aparece no homem sob forma instintiva, não refletida, intuitiva, não racional. A consciência humana está ligada aos sentidos e constitui um sistema, um esquema lógico, uma forma mental em que o homem se encontra encerrado. É o seu corpo mental. Ora quando, por maturação evolutiva, o eu consegue ultrapassar esses confins, penetrando, ainda que por pouco, a consciência universal, isto é, enquanto constituir superação, distensão e expansão em uma vida maior, constitui também alegria. Esta, repetimos, é índice de bem e de ascensão. Tudo na vida é uma contínua luta entre a necessidade de conservação, a que preside o instinto do egoísmo, e a necessidade de expansão, a que preside o instinto altruísta do amor. Poder libertar-se da acanhada consciência individual, para entrar no imenso consciente universal, que para o homem se encontra no inconsciente, poder senti-lo e atingi-lo, representa tocar o sobre-humano, avizinando-se de Deus. Correspondendo isto aos mais elevados fins da Lei, que é o de progredir para o Alto, constitui também a maior alegria do ser.

Isto só se consegue por meio do Amor. Mas compreendamos bem, amor com A maiúsculo, o amor universal, que caminha da forma sexual a mística, até atingir Deus. Não é o racional cálculo egoísta, mas é o abandono cego a Deus, a submissão a vida, que nos abrem as portas a esses contatos com o infinito e as alegrias que dele deriva. O fundo do supremo gozo místico como de qualquer amante terreno, reside em deixar-se absorver além de qualquer lógica de interesse individual, está em submergir-se no abismo divino, por mais irracional que possa parecer um tal naufrágio do egoísmo. Mas por que motivo, se é o eu que preside à conservação, é tão doce renegá-lo e por que é tão agradável à mente humana perder-se na contradição, no irracional? Em todo grau de amor, será tanto maior o gozo, quanto maior for a renúncia ao egoísmo. Eis que no fundo de todo amor, do sexual ao místico, existe o mesmo motivo de renúncia. A razão está no fato de que a alegria é dada pelo evoluir, subindo para Deus, que é amor, e isto não se pode obter senão pelas vias do amor, que, se de um lado é jubilosa expansão altruísta, de outro e também o oposto do egoísmo, negação de si mesmo, renúncia. Todas as vezes que nos entregamos, superando as

barreiras do egoísmo, a lei de Deus nos aprova e no-lo diz, compensando-nos com uma alegria íntima. Isto é verdade para qualquer nível, o do amor sexual como o do amor místico. Então o eu se perde e a vida triunfa. O eu acredita então morrer mas na verdade renasce na sua expansão, nos filhos ou no espírito, pois que Deus dá a quem dá, e nega a quem nega. Ao sacrifício e ao gozo segue-se a criação, multiplicação material ou espiritual, que é manifestação de Deus. O princípio é único. Eis o denominador comum dos dois fenômenos entre si tão distantes: Amor. Em um como em outro caso, a alegria é dada pela mesma expansão, ainda que em forma e graus diversos, da mesma adesão a lei divina de amor, que é base da vida. Então fala, além da consciência humana a divina consciência universal e, sem que o homem o saiba, ela se constitui na sua própria consciência, indo além da razão, do cálculo egoísta e aos interesses da sua conservação, e mesmo se opõe a estes. Essa superação, esse abandono a um inconsciente instintivo, em que opera uma outra consciência mais elevada que nos escapa, esse extravasamento além dos confins do egoísmo, para viver no todo e para o todo, representa o sacrifício que está conexo ao amor com o qual cria em qualquer nível e sem o qual não existe nem verdadeiro amor, nem gênese. É isto que provoca o delíquio da alma. Eis também por que motivos encontramos nos dois fenômenos, no da sexualidade e do misticismo, os mesmos elementos, ou seja, amor, sacrifício e gozo.

Enquanto o egoísmo contrai e diseca, o amor dilata e cria. O primeiro, se impelido além da função conservadora, inverte-se em forma destruidora. Assim se compreende como o Amor determina a inversão dos valores estabelecidos pelo egoísmo, e como o amante possa esquecer a si mesmo em favor do ente amado e o místico possa viver de renúncia. Então a perda se torna ganho, ordenar se transforma em obedecer e o inconsciente triunfa. A vida passa a uma fase evolutiva mais alta e a lei de conservação do eu se sacrifica para que vença a lei do ensimesmamento em um outro ser. Deus é unidade e tudo que irmana e unifica conduz a Ele e d'Ele se aproxima. Dado que o amor é prazer, o homem pode abusar dele, eliminando o sacrifício que o eleva e o torna criador; e faz dele um estéril instrumento de gozo. Não resta então senão ruína, um amor egoísta e ainda como alegria, amor mutilado, infecundo e traidor dos fins da vida. E no entanto, entre todas as culpas, as que menos se distanciam de Deus são as culpas de amor, já que o Amor é sempre a Sua lei suprema. As piores são as do egoísmo, do ódio, da destruição. Dante coloca os luxuriosos sempre distantes de Lúcifer, que constitui o centro do ódio e do mal e que é a negação de Deus ou seja, do amor, para colocá-los junto às portas do inferno e no ponto mais alto do purgatório, na saída deste, próximo ao Paraíso.

Tudo isto nos permite melhor definir as relações entre sexualidade e misticismo. Se, dada a unidade da vida, não se pode desconhecer uma necessária semelhança entre estas suas manifestações, isto nada impede a superioridade espiritual do fenômeno místico, que assim nos aparece bem diversa de uma simples sublimação dos instintos sexuais, bem diversa de uma espécie de sucedâneo determinado por derivação compensadora, como quiseram que o fosse os psicanalistas freudianos. Não obstante a grande distância entre as duas formas, o seu elemento comum e fundamental — o amor, faz com que em ambos os casos se encontre o sentimento do pudor. Cuidemos o seu significado. Este estado próprio do ato sexual estado que significa proteção do mesmo e de modo nenhum consciência de pecado, encontra-se também no artista no momento da concepção, em quem quer que cumpra com consciência um ato nobre e altruísta e, por conseguinte, sobretudo no místico, nos seus contatos espirituais. O pudor se manifesta na vida todas as vezes que se desempenhe um ato importante que é **defeso**, quase sacro, aos olhares dos profanos. Isto nos conduz ao seguinte: quanto mais se sente a fé que se carrega viva, menos se é levado a exibí-la, mais repugnando as exterioridades, e vice-versa. É raro que gostemos de pôr à mostra o mais precioso tesouro, e quando o exibimos isto significa, geralmente, que pouco o amamos. É sobretudo no caso do verdadeiro misticismo que a natureza procura pudicamente proteger, ocultando-lhes as manifestações aos normais involuídos, destruidores, e o misterioso processo da gênese do super-homem

do espírito. Então é a vida que protege o indivíduo que se lhe entrega, porque o eu abandona as próprias defesas e, esquecido de si, permanece inerte. Tanto no fenômeno sexual, como no místico, a consciência refletida fica em suspenso para perder-se na consciência cósmica com o qual se funde. A individualização do ser se anula na fusão com o objeto do próprio amor, seja ele criatura ou Criador. A vida permanece arrebatada por esse fato, tanto mais quanto mais ausente estiver a vontade individualista e egoísta do eu. O amor, em qualquer nível, é uma exultação da vida cósmica porque representa o cumprimento da sua primeira lei. Deus é amor e cria no amor, em qualquer nível, desde o amor da carne, quando compreendido com pureza, elevando-se sempre, até ao amor do espírito. O próprio cristianismo fez do primeiro um sacramento colocando-o na base da família, com missão social.

O amor é o estado sublime em que aparece e age a divina vontade que está em todas as coisas, como onisciente e secreta alma do cosmo. Então ela se substitui ao eu e à sua razão e, à sua revelia, manobra-o para os próprios fins, submete-o ao seu comando, absorvendo-o na sua oceânica potência. O eu, sentindo o extravio, percebe o perigo que envolve a sua segurança de indivíduo ao entregar-se sem refletir e desejaria calcular, defender-se, retirar-se. Mas o fruimento de um supremo gozo o fascina e o arrasta para o sorvedouro, em que é tão doce deixar-se naufragar, que o egoísmo se esfrangalha desfeito pelo amor. Então, quer no amante terreno, quer no místico amante sobre-humano, um fato se apodera do ser, que não pode mais resistir e é assim arrebatado. Desta forma assim como o enamorado da criatura terrena afronta qualquer risco e sacrifício por ela, assim também o enamorado de Deus, tresloucadamente ousa a inversão evangélica dos valores humanos na renúncia. E assim o místico, que não cria na carne mas no espírito, funde-se, sem reservas, na vontade de Deus. A divina potência criadora se manifesta neste impulso evolutivo do amor que nos constrange a esfrangalhar com perigo da nossa própria segurança as barreiras do egoísmo feitas para a proteção do eu. Este luta e se defende a fim de permanecer no campo seguro da sua pequena consciência racional. Mas a um certo ponto, o inconsciente instintivo e irracional, anelando os próprios fins, que o indivíduo ignora, e metas superiores bem diversas, emergindo com imensa sabedoria e potência da profundidade do cosmo, para revelar o pensamento e a vontade de Deus, se arroja sobre a criatura e a arrebatada. Esta se debate ignara e desorientada, desejaria resistir, mas não sabe como, cede por fim, triunfando mais acima, no sacrifício de si mesma que é a derrota do seu egoísmo. Essa derrota do eu egoísta dá nascedouro a uma vida nova, que é um dom que Deus concede a quem obedece ao Amor.

Esta é a hora criadora, em que a vida triunfa sobre a morte e o bem sobre o mal, a hora em que o indivíduo mortal se torna imortal e a vida se santifica, posta em contato com Deus. Hora sublime esta de Amor, em que a natureza, tão parcimoniosa, se torna pródiga, porque então ela se sente tanto mais rica, porque se abre nela a potência geradora de Deus. Então a vida se exalta no triunfo da sua maior festa, os sentidos comumente usados para a luta embotam-se como em um **transe**, a luz perturba e a palavra emudece. Nisto se assemelham tanto as manifestações sexuais, como os estados de inspiração artística, os mediúnicos e os místicos. Parece que o fenômeno de transe verifica-se todas as vezes que ocorra uma transmutação, mais ou menos acentuada, da consciência racional à cósmica, isto é, toda vez que se saia de si mesmo para confundir-se, entregando-se, no que há de maior, ao que está acima de si. Nota dominante é a de desinteresse, a abnegação, a renúncia de si mesmo, a expansão do humano ao divino. Assim se compreende como as mais elevadas atividades do ser se cumprem além da vontade da consciência, por instinto e intuição. Atingem-se então planos de consciência superindividual e super-racional, como é a divina consciência cósmica. Se em verdade isto contrasta com o egoísmo que nos defende e, por isso, parece trair-nos, se nos parece um perigoso abandono, é, no entanto, a maior e mais irresistível alegria da vida. Então a consciência normal permanece atrás, impotente para medir com a sua exígua unidade, e deve curvar-se ao que não compreende. E é assim que se vence na derrota e se torna rico na miséria,

poderoso na obediência e doudo na loucura, porque o centro da vida se deslocou, alterando com o ponto de vista todas as perspectivas enquanto que a consciência dá um salto em direção a Deus.

Eis, pois, porque Amor é alegria Isto é verdade em qualquer nível, mas será tanto mais, quanto mais elevado ele for. Porque ele é superação de egoísmo separatista, é fraterna unificação com o todo através da unificação com o próprio semelhante, é a essência daquela evolução que nos aproxima de Deus. Amor, alegria suprema do ser, porém continuamente negada e contrastada pela dor que se origina do esfrangalhamento do nosso egoísmo. O universo está divinamente invadido e transbordante dessa alegria pela qual todos anseiam. Ela está sempre pronta a nos alcançar com a mesma ânsia com que nós queremos alcançá-la. Mas este é exatamente o grande drama da vida: uma barreira de dor nos separa dela e esta mesma barreira é dada pelo despedaçamento de nosso egoísmo. Daqui a trágica ilusão do mundo e o seu erro na procura da alegria. A verdadeira felicidade não está no prazer, mas além da dor, que é necessário atravessar e superar. Este é o significado da inversão evangélica dos valores do mundo, da conseqüente e fatal necessidade de que a redenção de Cristo só poderá ser cumprida através da dor. Para se transpor o fatal linde além do qual está a felicidade, é necessário inverter o egoísmo, desfazê-lo no amor, dilató-lo e expandi-lo no altruísmo pelas criaturas, até Deus. Isto pode parecer uma perda, mas não o é, pois que não é destruição, mas sim dilatação e evolução do egoísmo. O universo, que é egocêntrico em Deus, é, segundo um mesmo e único esquema, fundamentalmente egoísta em qualquer das suas formas e criaturas. Esta é a lei pela qual tudo se conserva e se protege. Quando o egoísmo evolui nós o chamamos altruísmo, mas aquele nada mais fez que dilatar o seu círculo. O egoísmo permanece sempre. Só que agora ele é um egoísmo mais amplo que se dilatou até abraçar um maior número de seres. É a evolução que leva o egoísmo a expandir-se em seu egoísmo relativamente mais extenso e que em relação ao primeiro chama-se altruísmo. Esta expansão toma o nome de amor e ela nos faz subir. Evolver é, pois, dilatar o nesse eu, progressivamente, cada vez mais próximo de Deus. Quanto mais nos avizinhamos d'Ele, tanto maior será a unidade coletiva em cujo seio saberemos harmonizar-nos, tanto mais vasto e profundo será o irmanamento que saberemos realizar. É necessário, em suma, sacrificar o eu ao Amor, não importando e que isto possa custar-nos. E sempre nos custa! Mas só são verdadeiras as alegrias determinadas pela fadiga da ascensão. As comodidades de descida constituem uma miragem... E é lógico que e seja. Deus, que é justo, não pode conceder felicidade não merecida. O homem desejaria a via mais fácil. Mas, queira ou não, não existe outro caminho que a vereda estreita e difícil, para alcançar a verdadeira alegria.

Hoje o mundo prefere as vias do ódio às do amor. E isto se dá pelos bens materiais. Odiai, odiai, mas sereis infelizes, porque o ódio é dor. Sem amor, por mais rica que seja a vida, ela é estúpida, sem objetivo, destituída de sentido. Não há bem estar material que nos possa compensar da dor que o ódio nos acarreta. Não é com o ódio, mas com amor que se cria o bem estar. Na terra não nos resta senão o amor venal, prostituído pelo interesse. Esse fato nos torna desesperados, porque o amor não é apenas uma necessidade da carne, mas é sobretudo uma exigência do espírito. Hoje procura-se matar este, sufocar-lhe o grito no prazer da carne. Mas o homem, ainda que involuído, não é apenas o bruto, a libido satisfeita não basta para saciá-lo. Além da carne está a alma que clama pelo amor. E a alma, que não se sacia apenas com o prazer, que pede mais e que se debate quando não lho damos. Ela se ergue do leito de prazer, cheia de náusea e de asco e chora anelando pelo Alto. É sede de Amor, isto é, de qualquer coisa de santo e de sacro, daquela conjunção mística que é a única centelha que vibra entre as almas. É a necessidade do divino que nos falta e que é necessário à vida. O materialismo acreditou poder libertar-se de fastidiosos e supérfluos liames e pretendeu nos arredar das fontes da vida. O mundo, hoje saturado de ódio, procura afogar o tormento dessa sua insatisfação no prazer. Mas isto é ilusão, porque sem o verdadeiro amor não pode haver alegria.

XXVIII

O PROBLEMA DA CASTIDADE

No sistema do nosso mundo biológico, em que a sexualidade possui fundamentais funções de continuidade de vida, a castidade representa certamente uma posição negativa. E assim é de fato nos casos de frigidez, patológicos, nos casos aberrantes em que a natureza excepcionalmente falha em seu objetivo. Mas não é desses particulares casos da falha no plano animal que aqui queremos falar. Ocupar-nos-emos de uma outra castidade, daquela praticada pelo santo, pelo gênio, pelo herói da caridade, pelo místico, com sacrifício necessário em vista de maiores realizações. Ora, essa castidade não se pode mais considerar como falha e negação de vida, visto que esta conexas a uma superação, a uma afirmação mais alta e poderosa. Cumpre-nos, no entanto, indagar como é possível que ela possa deixar de ser negativa, frente aos fins da vida, como renúncia que mutila esta na sua fundamental necessidade de continuar-se e saber como pode ela justificar-se em organismos físico-psíquicos normais, em que a sexualidade é representada por todo um sistema orgânico nervoso, base da personalidade.

Respondemos que, antes de mais nada, semelhante renúncia não diz respeito senão a tipos de exceção e que, por conseguinte, não compromete de modo algum os fins da vida, pois que esta alcança esses fins, plenamente íntegra, na grande maioria dos casos. Tudo isto faz, ao contrário, parte do seu plano, pois que ela assim não fez mais que inteligentemente distribuir encargos e funções, confiando as massas a incumbência de multiplicar-se na carne e a poucos eleitos, o trabalho de formá-las e guiá-las espiritualmente. Esses eleitos, verdadeiros evoluídos, só podem sentir o amor de uma forma supersensível, universal, base de uma fecundidade toda espiritual e de especial missão que lhes confiou a vida. Esta não se esgota inteiramente no plano animal humano a que se limita hoje a observação científica. Outras formas de existências há acima desse plano animal. E é no ingresso do ser em superiores fases de evolução que a natureza transforma, com o tipo biológico, também o fenômeno da sexualidade. Tudo isto corresponde perfeitamente a economia da vida, que não renuncia a algumas das suas atividades e manifestações, senão para que essas cedam o lugar a outras que colimam fins que pela importância superam os precedentes.

O que já dissemos com respeito ao Amor pode ajudar-nos muito a compreender o que diz respeito ao super-homem, para o qual, se no plano animal humano domina a renúncia, na castidade, no plano espiritual sobre-humano, triunfa a maior afirmação no Amor universal. A castidade que o caracteriza é algo bem diverso de simples negação e renúncia. Ela é, ao contrário, condição de afirmação e superação, é um abandono do inferior, visando a conquistas em níveis superiores. Na harmônica distribuição das atividades vitais, uma exígua minoria pode e deve subtrair-se à lei da maioria, para cumprimento de missões que esta não poderia assumir. Não se pode, pois, confundir a castidade negativa, verdadeira mutilação, quando ela se aplica ao involuído destinado a viver no plano animal, com essa castidade

positiva do super-homem, que se liberta das penas animais de sexualidade, para conquistar novas formas. Não falecem na história exemplos eleitos de semelhante castidade positiva, que não é morte, mas triunfo do Amor, casos de seres que ardem, não nas paixões animais da carne, mas na sobre-humana do espírito. Eles, evoluindo, passaram além das alegrias e obrigações, desejos e lutas do comum amor sexual e familiar. O egocentrismo do amor humano, que não supera em amplitude um egoísmo dilatado, ao máximo, ao grupo familiar, abraça aqui toda a humanidade, todas as criaturas, todo o universo. O Amor desses seres é demasiado elevado e vasto para que possa caber nas formas limitadas e egoístas do amor humano.

Ate aqui tudo vai bem: cada um palmilhando o seu caminho, com o seu tipo de amor e proporcionada função biológica, segundo a natureza que lhe é própria. No entanto, sucedeu que o tipo biológico supranormal foi tomado como modelo e proposto à imitação, especialmente no campo religioso. E também isto é em parte justo, visto que a educação só pode provir do melhor. Porém sucedeu que, para tornar tal imitação possível, tentou-se impor de fora um processo de assimilação da perfeição, e de forçada evolução, e, com isto uma disciplina de castidade, adaptada somente a temperamentos de exceção e jamais a tipos biológicos muito afastados do supranormal. Ora, cabe então aqui perguntar em que se tornará essa disciplina e quais serão os seus efeitos quando aplicada em tipos imaturos, em tipos involuídos normais, desprovidos até de uma maturidade inicial, despidos mesmo de um positivo instinto ou germe do superação biológica? O que haverá se tamanha carga se aplicar, artificialmente, quaisquer sejam os motivos invocados, sobre os ombros de semelhante tipo biológico, incapaz de suspeitar no seu íntimo, diga-se o que se disser, sequer a existência da vida espiritual? Evidentemente criar-se-á assim um ergástulo em plena vida, gerar-se-á uma opressão própria para gerar tipos aberrantes e as paixões mais baixas. É um grave erro acreditar, como às vezes se acredita, que a virtude atinja os seus limites extremos **somente** com o seu aspecto negativo de renúncia e que uma tal vontade assim aplicada possa criar o bem. Assim encarada ela se transforma numa fonte de dor inútil e prejudicial. Quanta infelicidade surgirá, se lhe faltar o seu complemento afirmativo criador de conquista e de amor! Infeliz daquele que tenta suicidar-se no plano animal se é incapaz de ressuscitar no plano espiritual! Virtude dessa ordem é prejudicial. Qualquer negação da vida só é lícita em vista de uma afirmação mais elevada. Deus não quer a vontade que disseca e mata, mas a virtude fecunda, que caminha para a vida. Os super-homens, os verdadeiros eleitos são poucos e que sucederá então? Os indivíduos que no monaquismo de todas as religiões se isolam na castidade dos conventos em comunidades monosexuais, serão todos eles seres superiores, capazes de utilizar tal mutilação em vista de uma superação no amor universal? Ou em verdade esse tipo biológico será absolutamente incapaz de atingir, pela própria altura, a essa compensação de ordem superior e então a que distorções, contradições e mentiras será ele obrigado pela própria disciplina que pretendia melhorá-lo? E assim esta, ao invés de elevá-lo, inutilizá-lo-á. A evolução não se força e não se precipita. Impondo um ímpeto evolutivo com esforço desproporcionado ao grau e possibilidades existentes, provoca-se, como reação, a involução e não a evolução. E então presenciaremos o triste espetáculo de seres destinados somente a mutilar-se e a diminuir-se, a sufocar a vida e a descer, forçados a submeter-se a tristes adaptações e a viver em compensações.

Bem diferentemente sucede com o indivíduo biologicamente adaptado, de qualquer modo pelo menos preparado. Então a castidade pode desempenhar a função de obrigá-lo a procurar desafogo em nível superior, uma vez que lhe estejam cerradas as portas de baixo. A paixão sexual representa normalmente no plano animal a manifestação de uma força e a descarga de um impulso, e através do qual a vida se exprime e busca atingir determinados fins. Quando artificialmente é imposto um dique à natural manifestação dessa energia, dá-se com ela como que uma compressão, uma concentração que implica um aumento de potencial, levando o nível de suas manifestações a formas biológicas mais evoluídas. Passa-se

o mesmo que em um recipiente que recebe água, à qual é impedida a saída por baixo. O nível tende a subir para sair por cima. Eis para o que pode servir a castidade: elevar o nível da água, isto é, do potencial nervoso, de maneira a determinar a gênese de manifestações de vida e formas de paixões mais elevadas.

Esse é o problema, mas estará a maioria dos indivíduos modernos que praticam esta disciplina, amadurecida para semelhante evolução? Nisto reside a dificuldade. Se o indivíduo não estiver amadurecido, isto é, apto a subir, poderemos verificar, ao invés de um aumento de pressão que eleva, um aumento que oprime e comprime, tendendo, não a se escapar por cima, mas a romper impetuosamente por baixo. Assim se vê como é difícil o uso sábio de tais virtudes. Quando o indivíduo atinge, por evolução, a uma nova criação e conquista, ele se depara logo com uma bifurcação ou seja, com a possibilidade de encontrar-se de um lado com o *são* e, de outro, com o reverso patológico. Arrisca-se assim a descer, ao contrário de subir, a criar o vício em lugar da virtude, a contrair a vida, em vez de expandi-la para Deus. A cada indivíduo é aplicada a lei do respectivo plano evolutivo e a regra a altura de sua compressão. Para os não chamados, que constituem a imensa maioria, já é muito que possam seguir o amor carnal disciplinado no matrimônio e nobilitado pela família.

Abordemos agora um outro aspecto da questão. Esta diz respeito a conduta do evoluído para o qual a castidade terá um significado, quando posto em contato com a massa dos involuídos, cuja psicologia é bem diversa. Aqui, no plano animal do amor sexual encontramos-nos em pleno regime de luta e rivalidade. O princípio vital anseia por individualizar-se na carne. Mas existe a concorrência, pela qual todo indivíduo desejaria inteiramente a expansão criadora para si, sobrepujando os demais, de modo que, se uma única espécie, por ser melhor dotada pudesse vencer, logo invadiria tudo, suplantando os outros. Ciúme e domínio fazem parte do amor animal. O conceito da virtude, na prática, ressent-se de tais instintos. O involuído pode, por isto, facilitar as limitações terrenas do evoluído, porque estas significam um rival de menos, em vantagem da própria satisfação e expansão vital. O involuído pode estimar o evoluído por que este vivendo em um outro plano de vida, não pode ser o seu natural inimigo. É verdade que, no consenso coletivo de veneração pelos seres superiores, que vivem de sacrifício, existe no instinto das massas também algo de origem diversa, que é uma intuição instintiva do seu valor e da sua função biológica. Mas isto não impede que o senso utilitário leve em apreciação a ausência do rival. E não se tem nunca motivo de odiar senão o rival. O nosso mundo está mais apto a compreender, no santo, o lado negativo da renúncia a terra e é levado quase a compensá-lo por isto, dado que lhe é útil, com louvores pela sua virtude. Tal exaltação residiria no universal "do ut des" da vida, como uma compensação que o homem dá a quem não o molesta na qualidade de antagonista e lhe poupa um pouco do árduo trabalho de lutar. O místico é sempre um inimigo a menos e por isto, é inofensivo. Um inconsciente cálculo utilitário preside a todos os juízos humanos, assim quem é da terra, está predisposto a um tributo de consolação que pouco custa, e que por conseguinte é um bom negócio, dado o baixo preço que lhe paga pelo que parece a outrem pesada renúncia. Mas o santo se compensa com algo bem diverso. No egoísmo, porém, o involuído sente-se então em pleno direito de exigir virtude no evoluído, isto é, qualquer forma de sacrifício que lhe limite a expansão vital do plano humano-animal e procura sempre enxotá-lo fora deste, porque é nesse que se encontram os seus tesouros, dos quais é cioso. Assim é que, enquanto o santo vive, o indivíduo normal suspeito de orgulho e de qualquer afirmação, só se decidindo a render-lhe pleno tributo de honra quando morre, porque só um morto o torna seguro de que não haja mais um rival na terra.

Como se vê, tudo se baseia em um mal entendido derivado do ponto de vista do involuído, inteiramente diverso do evoluído. O primeiro acredita que este último se sacrifique por ele, em sua vantagem e esta é uma das primeiras condições para que ele o aprove, pois que lhe serve o egoísmo. Pragmático, não vai além. Porém um altruísmo absoluto, todo ele absurdo num universo que é

egocêntrico em Deus e a quem o desfruta, é um desperdício antivitai, é um absurdo num universo que é egocêntrico em Deus e em tudo que se assemelha a esse princípio. O santo, mesmo quando se torna um mártir, não renuncia de modo nenhum ao próprio eu, não o desperdiça, mas é no próprio eu cada vez maior, que ele compreende e abraça fraternalmente homens e criaturas. O santo vive em um outro plano biológico, sob leis que o normal não compreende, e, se cede muitas coisas a este, é porque delas não tem mais precisão. Isto mostra como nas concepções dos ideais existe na terra, por utilitarismo egoísta, uma certa percentagem de inquinamento, até o ponto de considerar instintivamente a virtude no próximo como meio de sufocar-lhes as manifestações vitais no plano humano-animal.

Após haver considerado a função evolutivo da castidade e a psicologia com que o homem comum a julga no evoluído, segundo o seu ponto de vista terreno, abordemos agora, para concluir, um aspecto que a evolução do fenômeno sexual pode assumir em indivíduos em processo de maturação mística. Vimos já as relações entre sexualidade e misticismo. O momento de mais intensa manifestação da vida do místico está no êxtase. Trata-se de um arrebatamento, de um particular estado que é afim com o transe mediúnicos, mas do qual se distingue nitidamente, porque o grande transe dos médiuns é inconsciente e passivo, enquanto que o rápido transe dos sensitivos deixa intacta a personalidade e desperta a consciência. Isto deriva em parte do conteúdo teológico e transcendental divino que o transe do místico pode assumir no êxtase. Ora, no momento culminante do êxtase místico, pode verificar-se o fenômeno do angor místico, que parece relacionar-se ao fenômeno sexual. Já observamos o significado profundo do Amor e as fortes razões pelas quais ele é alegria. A ciência nos diz que o angor místico é um fato pseudo-anginoso-cardíaco, um espasmo das artérias coronárias como sucede nos casos patológicos de **angina pectoris** lúética ou artério-esclerótica. Ele não difere dos outros espasmos fisiológicos que se acompanham de prazer como o orgasmo sexual, se não pelo móvel e pela sede anatômica. Em um temperamento espasmo-fílico. em caso de libido insatisfeita, pode-se sensibilizar o plexo simpático cardíaco por hormônios genitais espasmogênicos, que em tal caso agem como excitantes sobre os nervos e fibras cardíacas. Tudo, pois, é devido à projeção de tais hormônios no mecanismo cardíaco. É um fato, pois, natural, ainda que supranormal. Fato debuxado alegoricamente pela "Kundalini Yoga" hindu, em que a serpente "Kundalini" (libido) se desperta e, do períneo, ascende sublimando-se através dos diversos Chacras (gânglios do simpático, centros nervosos medulares), que se sensibilizam até alcançar o supremo Chakra no cérebro. Ora, se a ascensão do fogo "Kundalini" e o angor místico se explicam fisiologicamente, a intuição, a fé e a experiência mística nos dizem que em tal fenômeno concorreram também certos elementos de caráter transcendental, embora esses escapem à perquirição da ciência. Esses especiais estados orgânicos e nervosos estão conexos a particulares estados psíquicos, em que **sentimos** a presença espiritual de correntes de pensamento e de afetividade, as quais admitimos que sejam provenientes de seres extraterrenos com os quais, em tais sublimes momentos, o místico conseguiria por-se em sintonia e, por conseguinte, em condições de ressonância e comunicações espirituais. Assim o fenômeno do Amor se nos apresenta com um aspecto bem diverso do sexual, alcançando os mais excelsos estados espirituais. Eis que transformações orgânicas e nervosas podem se unir a evolução da sexualidade, que alturas pode a vida alcançar, enquanto no interior plano animal ela parece mutilar-se na castidade. Então, enquanto tudo emudece no plano passional humano, ascende-se no plano espiritual, ardência de um Amor diverso, sublime, agindo em formas diferentes, em mais altos níveis de vida. E assim o fenômeno orgânico parece que se torna amortecido pelo fenômeno místico e que o espírito domine tudo. E então também aquilo que, visto pela fase biológica atual, pode parecer anormal e patológico, observado de uma fase de evolução mais elevada, pode parecer uma tentativa de estabilização e fixação nas formas da vida humana, um novo tipo de Amor supersexual, ativo somente em seu nível e não mais naquele humano animal do presente. O lançamento de hormônios no mecanismo cardíaco não seria, assim, um desvio patológico, mas apenas um meio e repercussão no plano orgânico, paralelamente à transformação do fenômeno do Amor, por

evolução. Eis qual pode ser, em alguns casos, a justificação e o significado biológico da castidade. Do contraste entre o psicologia normal e a do evoluído, vimos de quanta incompreensão é circundada a laboriosa ascensão biológica do místico, que, vivendo em um plano diverso, defronta-se com leis de vida diferentes. É assim uma renúncia que para a maioria não é adequada e se imposta por força, pode ser prejudicial, no homem superior constitui a primeira condição para o saciamento de paixões mais elevadas e para manifestação de um Amor divino, mais amplo e poderoso.

CONCLUSÃO³²

Detenhamo-nos ainda um pouco antes de deixar este volume, ao fim desta sétima etapa, e primeira da III Trilogia. Este novo trajeto também esta cumprido. Assisto a este meu caminhar fatal que calma e constantemente avança em direção à meta proposta Quando antes se escolheu espontaneamente e se decidiu livremente, o caminho é depois fatal. Mais como espectador do que como ator observo esse desenvolvimento de forças que, uma vez postas em ação, querem, como que possuídas de uma vontade própria alcançar a meta prefixada. E a maturação continua em mim, nos escritos, no mundo. Já por estas três vias o meu olhar, do caminho percorrido, projeta-se para a sua continuação. É a ânsia de subir e a cada etapa a alma se lança para diante em direção à seguinte, escruta o horizonte de amanhã, ávida de explorar ainda o ignoto, que esta sua apocalíptica aventura no infinito sempre lhe reserva.

O corpo segue a sua trajetória em descida, o espírito segue a sua marcha em subida. Neste ascende-se cada vez mais uma juvenil alegria de viver, que o envelhecimento de um invólucro físico perturba cada vez menos, porque a distinção e o destaque entre os dois acentuam-se cada vez mais. Pelas vias da ascensão espiritual a independência do corpo se faz sempre mais acentuada do seu invólucro, de sua morte. Os sentidos físicos se embotam. Estas portas da alma abertas ao mundo da matéria se atravancam de detritos que obstruem a rápida passagem das vibrações. Os sentidos intensivos, porém, mais aguçados, estremecem de todo lado da prisão corpórea, produzem novas passagens nos muros deste e se lançam ávidos para outros mundos que começam a provar Uma das minhas maiores alegrias, confesso, esta em repousar do duro labor de viver na matéria e entrar em comunicação com o mundo do espírito, sentir e infinito, auscultar em nosso contingente, tão vivida e próxima, real e tangível, a imanência de Deus, tão distante para nós na Sua transcendência, e então mirar fascinado esse universo tão saturado de pensamento, a fim de que eu ouça alguma coisa de tudo que ele diz e que sabe o que eu não sei, a fim de que me ensine a resolver tantos problemas que Ele resolve a cada momento por vias que eu não sei compreender. Então não posso deixar de ouvir a voz tonitruante de Deus, que fala da profundidade de todas as coisas. E então vejo que todos os seres têm a face voltada para Deus e que quem a volta ao contrario, morre. E assim desperto e ressurto em uma consciência maior, em uma vida que é eterna. É uma lenta ressurreição, viva e sensória, mas em outra parte, mais distante, quem o sabe onde e como, no infinito. É como que um abrir-se da alma para novas realidades inexploradas. Ela, com outros olhos, fixa estupefata as novas maravilhas e por elas é arrebatada, porque em sua nova audição ouve cantar o divino, música indefinida, feita de silêncio. Assim de fadiga em fadiga, mas de alegria em alegria continua a sua marcha

³² A presente conclusão refere-se a este volume e ao anterior: **Problemas do Futuro. (N. do A.)**

que não pode ser contida.

Neste novo trajeto, que vai da Páscoa de 1945 (fim do volume precedente), a Páscoa de 1950 (fim do atual), a minha experimentação evangélica me demonstrou cada vez mais, no laboratório da minha vida, em que analiso os fenômenos espirituais e aplico experimentalmente as teorias expostas, a verdade da doutrina do Cristo, tida por loucura pela maior parte do mundo. Verifiquei que quando a inversão evangélica dos valores é realmente aplicada, então funciona a economia do evoluído, a Providência, como descrito no 3.º volume da II trilogia, isto é, funciona até em nosso contingente esta nova técnica a que nós, porque não a compreendemos, chamamos milagre. Neste período, desde que terminei o referido volume ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio*** — submeti os princípios aí afirmados a controle experimental, obtendo resultados plenamente satisfatórios que me encorajaram crescentemente na difícil via de aplicação integral do Evangelho. Em uma estrada que humanamente parece desastrosa, o prodígio da salvação se deu regularmente no momento mais oportuno. Jamais poderei desmentir esta confirmação experimental por mim obtida, até hoje, na realidade do contingente. Em face de tais provas o meu mais precioso e agudo espírito de observação e de autocrítica, que me é tão necessário para controle lado a lado a fé mais ardente, teve que se render. O risco do momento, como a todos, também a mim pareceu mui grave, às vezes terrificante. Mas a coragem conferida pela fé apaixonada em Cristo desfez todas as barreiras que, uma vez afrontadas, esbarrondaram-se. Cristo, com O qual eu me encontro sempre em contato, salvou-me a todo o instante. Tudo quanto foi afirmado no mencionado volume, é, pois, realmente verídico e o tempo nada mais fez do que confirmar. Cada vez se torna mais verdadeiro tudo quanto pretendi explicar analítica e racionalmente sobre a técnica de tais salvações, a fim de que outros pudessem experimentá-los. Os princípios do Evangelho são leis biológicas de planos mais elevados de existência. Essas leis são realmente atuantes quando nós as pomos em funcionamento pela aplicação. De outra forma, não sendo aplicadas ou sendo mal aplicadas, como sucede no mundo, é natural que elas permaneçam no campo do utópico. É compreensível que todo o mecanismo de forças, para por-se em movimento, tenha que ser tocado nos pontos motores, a fim de que funcione. É lógico que nas mãos do involuído ignorante isto não possa suceder.

Fortalecido pelos resultados experimentais por mim obtidos, não somente no campo moral, mas também no psicológico, quis expor nesses volumes estas novas realidades para que o leitor as descobrisse depois a seu modo, de si e por si, como eu as descobri de mim e por mim. Descoberta é esta que, se feita em larga escala, poderia revolucionar o mundo. Guiar o homem em larga escala, poderia revolucionar o mundo. Guiar o homem para elas creio que seja a maior contribuição que se possa dar para a ascensão, em demanda da nova civilização do espírito. São descobertas práticas, porque de resultados úteis, uma vez que facilitam o convívio humano, isto é, a coletivização da vida, que é a sua atual tendência. São úteis também no sentido de que elas não fazem apelo senão ao natural desejo humano de um proveito. Trata-se daquelas idéias-mães, extremamente genéticas, porque representam uma centelha criadora da grandeza do pensamento. Elas têm o poder de gerar uma nova civilização, porque já estão escritas no livro da vida e fazem parte do divino plano da sua ascensão. Eu quis fixar as profundezas para lê-las ensinar os outros a lê-las por si mesmos nas profundezas. Como estas verdades se revelaram a mim porque busquei, podem revelar-se a todos os demais que queiram realmente buscá-las. Cada volume representa para mim um dado trajeto psicológico no caminho de minha vida. Este último que se completa em 1950³³, teve, ademais, por seu particular conteúdo, também esta característica: que o meu pensamento quis aproximar-se dos problemas do espírito pela via de uma diversa experimentação de caráter abstrato, especulativo,

³³ **Aqui o Autor também se refere ao volume anterior: Problemas do Futuro. (N. do A.)**

resultante das conclusões de processos lógicos da mais moderna físico-matemática. Essas conclusões, aceitas pela ciência, forneceram-me uma base sólida, um elevado ponto de referência e de partida sobre o qual se pudessem construir as teorias do espírito que depois se encontram no Evangelho. Com alegria constatamos que mesmo a ciência, antes materialista, esta despertando e se prepara para fornecer uma séria contribuição à nova civilização do Espírito. Esta nova ciência me impressionou e nela vi a nossa melhor aliada. Os próprios cientistas que a divulgaram não puderam compreender a importância do grito que eles, imersos nos cálculos, deixaram escapar, como também não atinaram ainda com as suas conseqüências no campo espiritual. O mundo não compreendeu esses grandes sintomas que nos dizem que o caminho da vida está mudado de direção, mudança pela qual as mentalidades de vanguarda são levadas a dirigir-se da matéria para o espírito.

Assim, com o volume **Problemas do Futuro**, desenvolvemos e aprofundamos a parte abstrata e científica de **A Grande Síntese**, como no precedente a ele o fizemos no que tange à parte prática e humana. Desta maneira, aquele pensamento que poderia parecer não ortodoxo, esclareceu-se e tornou-se sempre melhor demonstrado como científica e racionalmente corresponde à realidade dos fatos. Destes novos volumes, **A Grande Síntese** sai sempre mais reforçada. Eu mesmo, penetrando-lhe cada vez mais o pensamento em profundidade, encontro novas provas na vida e confirmações por todos os lados, quer experimentando no campo moral, quer aprofundando-me no campo científico. Compreendo assim o que antes havia intuitivamente escrito, mas que não havia racionalmente compreendido. Se o volume **A Nova Civilização do Terceiro Milênio** confirmou **A Grande Síntese**, no plano moral e social, os volumes **Problemas do Futuro e Ascensões Humanas** a confirmam no plano psicológico e científico.

Podemos assim agora dizer, no fim deste novo volume, que foram aplicadas as palavras de **A Grande Síntese** (capítulo XLII): "A minha meta é a compreensão de uma lei mais elevada, de amor e colaboração, que a todos vos una num grande organismo animado por uma nova consciência universal e unitária. Não se trata, fundamentalmente, de uma sabedoria nova, pois apenas repito a boa-nova que já foi trazida há milênios aos homens de boa vontade. Repeti-la-ei toda idêntica na substância, mais ampliada para se ajustar ao campo mais vasto de vossa mente mais amadurecida, a fim de que finalmente vos abale, vos ilumine, vos salve. Eis o meu objetivo: a palavra eterna, a alimentação que satisfaz, a solução de todos os problemas. "E chegarei ao Evangelho de Cristo pelas veredas da ciência, isto é, chegarei ao Evangelho pelas mesmas sendas do materialismo para fundir os dois pretensos inimigos: ciência e fé; para vos demonstrar não existir caminho que ao Evangelho não conduza; para impô-lo a todos os seres racionais, tornando-o obrigatório, como o é todo processo lógico. Ele é a nova lei super-humana, a superação biológica que a evolução da humanidade impõe neste momento histórico, em que está para surgir a civilização nova do III milênio. Soou a hora em que estes conceitos, olvidados e incompreendidos, pregados e não vividos, explodem, pelo seu próprio poder, no momento decisivo da hora do mundo, fora do âmbito fechado das religiões, na vida onde o interesse luta, a dor sangra, a paixão dementa".

Os presentes volumes continuam a confirmar essa promessa que eu havia registrado e que não havia avaliado, ignorando que ela pudesse ter conduzido aos desenvolvimentos atuais. Depois de uma semelhante acumulação contínua de confirmações, é evidente que se torne sempre mais absurdo renegar esta **A Grande Síntese**, cuja verdade desde há tantos anos estou controlando a cada instante na vida cotidiana do mundo físico e espiritual e que, cada experiência da vida confirma no plano prático, como moral, lógico e científico. Jamais logrei encontrar, na mais desapiedada crítica, um fato sequer que desmintas esse livro. Quanto mais procuro os pontos fracos, tanto mais ele se fortalece. **A Grande Síntese** fez-me compreender tudo, deu-me forças para superar muitas provas, sustentou-me na dor, inculcou-me esperança e fé, iluminou-me a mente e aqueceu-me o coração Centenas de cartas, repletas de gratidão,

chegam-me de todas as partes do mundo, repetindo-me essas mesmas afirmações. Não se podem negar tais fatos. A minha vida, assim como a vida de muitos outros, é um deserto de espinhos e agora possui oásis floridos, refúgios de paz. Pervagamos por tantos problemas, todos se orientam e encontram a sua solução em Cristo... que é a luz de **A Grande Síntese**, e para O qual esta está sempre apontada, em ascensão.

Uma outra prova da verdade vem-me da sua automática divulgação no mundo, com a minha quase nenhuma disponibilidade de meios. Ademais, sem nenhum plano de preparação cultural científica, tenho em mãos um organismo conceitual, que progrediu compacto até hoje, já ao décimo volume³⁴, que se encontra no nascedouro, em seguida a este. Tenho a sensação de uma coisa que quer avançar quase que por vontade própria, porque o destino assim o quer, porque ela esta engastada como força em um sistema de forças que se encontra em pleno desenvolvimento e que por conseguinte deve fatalmente caminhar para a meta proposta. Então tudo parece caminhar por si mesmo, tudo tende automaticamente ao êxito. Conheço por experiência uma outra ordem e coisas que, por mais queridas e estudadas que sejam, procuradas e impelidas, não conseguem atingir o objetivo e, por mais que se faça com todo o empenho, irresistivelmente tendem a imergir em um mar de obstáculos. Se **A Grande Síntese** parece querer avançar por si mesma, devo supor que a força que a mantém não esteja em nada mais que no fato de que ela é segundo a Lei e não contra esta, isto é, esta conforme a verdade e não em erro.

Tenho a sensação como que de uma maturação do momento histórico, que fez com que ele esteja faminto de soluções universais e apto a compreendê-las e, por isso, eu me encontro na posição de ter sido inconscientemente o intérprete de uma necessidade da mente moderna e de ter oferecido, sem querer e saber, precisamente o alimento necessário a vida e por ela exigido. O que foi que falou em mim, tão experiente de tudo isto e como pude sentir a forma mental da hora histórica? Não há processo lógico que possa dizer porque hoje domina uma corrente de idéias e amanhã uma outra, e qual seja a corrente que vá dominar. Isto obedece a razões profundas, só conhecidas do pensamento que guia a vida. Ninguém sabe por que hoje se pensa de modo diverso de ontem e ninguém poderá saber como se pensará amanhã. Cada tempo tem a sua linguagem. O pensamento dos vários períodos históricos parece assim funcionar no subconsciente coletivo e o homem parece sofrer mais do que provoca os resultados. Há certamente na vida um outro pensamento situado algures, mas não na consciência humana, que dele nada conhece. Há um desenvolvimento automático e fatal no pensamento coletivo, com seus períodos, formas e leis, de que o homem, que o cumpre, não se dá conta e cujos resultados ele aceita. Há uma maturação que não está na vontade humana determinar e guiar.

A compreensão destes escritos tendentes a ritualidade, demonstra uma mudança da forma mental, é um sintoma da real aproximação do novo modo de conceber a vida, na nova civilização do Espirito. Isto sucede em meio ao desfazimento dos valores da atual civilização da matéria. Nesta, todos os princípios foram falseados e, por isso, cada vez mais estão perdendo as suas significações precisas. A força de mentir a respeito de tudo para daí extrair vantagens na luta pela vida, a avalanche dos valores falsos postos em circulação em todos os campos esta poluindo a atmosfera de todos. As idéias mais santas são aproveitadas para camuflar os seus baixos valores. A delinquência e o vício apresentam os seus mártires, arvorados em vítimas do ideal. Tudo se adota apenas com um objetivo utilitário de aproveitamento. Estes escritos correspondem à necessidade vital da reposição dos mais altos, que na inversão verificada passaram a situar-se no fundo.

³⁴ **Aqui o Autor refere-se ao volume Deus e Universo. (N. do T.)**

Entre tantas cisões e partidos, mentiras e interesses, a palavra imparcial e universal, sincera e desinteressada, reconstrutora de valores elevados, conexas a verdade eterna, ainda que pareça fora da psicologia do tempo, justamente porque cada vez mais rara, torna-se sempre mais procurada. Quanto mais se difunde a injustiça, mais se tem fome de justiça; tanto mais o ódio campeia, mais se tem sede de amor; quanto mais a malvadez nos atormenta, tanto mais se valoriza a bondade. Especialmente os jovens, que ainda devem viver uma vida na terra e, mais do que todos os outros, têm necessidade de um amanhã — sentem-se asfixiados pelo vácuo resultante mais pela destruição moral do que pela material e econômica, da última guerra, e assim procuram reconstruir a alma devastada. Eis aqui um alimento de verdades eternas que nenhuma derrocada humana poderá destruir.

É verdade que estes escritos, pela sua imparcialidade, podem ser olhados com desconfiança por quantos não se vêem por eles particularmente representados, dado que esses se encontram encerrados nos castelos das próprias verdades particulares. Quem não representa nenhum grupo humano, não sendo o expoente de nenhum interesse, não é mantido e impelido por ninguém e deve progredir sem auxílios terrenos. Está só. Mas somente assim pode-se alcançar uma verdade universal com a que requerem as grandes unificações sociais do nosso tempo, as quais não se pode atingir por meio de extensões imperialistas de centros particulares. Esta só. Mas justamente por isto pode dizer a verdade de todos e não apenas a do grupo, da classe social ou do partido ao qual se encontre exclusivamente ligado. Está só. Desta forma, ele pode, melhor do que um conjunto de homens, representar a vida, as suas leis, traduzir-lhe a voz, ter para sua sustentação e defesa, mais que as forças de um grupo humano, as mais poderosas da evolução. Em nosso caso tudo o que parece produto da inspiração de uma inteligência não humana deve também difundir-se por forças e meios que não são os dos homens. Estranho método de conceber e de operar! E no entanto, é aquele que vemos em plena ação. Estranho, porque está nos antípodas do método adotado pelo mundo. Este age de fora, reputa de primeira necessidade a publicidade e os meios econômicos, operando por vias exteriores, sensórias, superficiais. Aqui, inversamente, se age de dentro por vias interiores, de modo que publicidade e dinheiro de nada servem. E o método de Cristo.

Tudo o que vem de Cristo parece estar impresso nesse método, que repudia os meios humanos. Mas por que — poder-se-ia objetar — sente-se justamente hoje a necessidade de uma demonstração racional do Evangelho, como a que aqui se oferece, isto é, a necessidade de um diverso método de divulgação, quando Cristo, ao Seu tempo, não sentiu necessidade de recorrer a ele? Ele com isto nos demonstrou que para conquistar o mundo não há nenhuma necessidade de demonstração racional. O mundo de hoje, porém, não é o mundo de então e esse novo meio é agora adotado porque possui na atualidade maior eficiência. Se o Evangelho é hoje assim apresentado, idêntico na substância mas diferente nas palavras, é para que permaneça vivo na alma moderna, transformada por evolução, e isto é uma concessão à forma mental dos nossos tempos. Assim, oferecido a esta o alimento espiritual na forma que ela exige, não terá ela mais o direito de recusa-lo. É uma concessão que implica uma grande responsabilidade para o mundo, porque se ele não quiser aceitar o Evangelho racionalmente demonstrado, não poderá valer-se de pretexto que mascare a sua má vontade. A vida abre hoje à humanidade as portas de uma nova grande civilização. As tremendas conseqüências de uma recusa, que já não pode ser senão conscientemente querida, terão que fatalmente ser sofridas.

O produto oferecido por estes escritos é global, unitário, como é o desenvolvimento sempre orientado para o mesmo centro. Unitário, porque os mais variados problemas, díspares e distantes permanecem ligados por esta constante centralização, que os funde em uma única lei. Tudo aqui é regido por um universal senso unitário, pelo qual toda particularidade é sempre reconduzida ao mesmo centro.

Unitário também porque se oferecem juntamente prática e teoria, o princípio e a experimentação, sendo a lei exposta, vivida por quem a expõe, uma vez que todo verdadeiro filósofo deve crer na própria filosofia e vivê-la. Aqui, pensar e escrever significam viver. E assim como para o autor, também para o leitor a palavra deve possuir um mesmo significado de vida, e não pode ser compreendida, senão transformada em vida. Ler sem viver significa poder compreender bem pouco. Isto porque a compreensão é dada pela confirmação exterior da experiência e interior da voz da vida, que deve dizer ao leitor no seu íntimo: **Sim, é verdadeiro!** Estes livros requerem, pois, esse novo modo de ler que não é comum. Ler para compreender não significa aqui apenas uma penetração do pensamento, um árido processo racional, como é hábito no mundo cultural, mas significa compenetrar-se desde as profundezas, assimilar e viver os conceitos, fazer deles a própria vida, para desenvolver em si uma maturação biológica, a mesma que eles produziam em quem os escreveu. A dialética, as investigações, a potência de argumentação lógica e polêmica, pertencem a outros planos. Aqui a luta, no sentido humano de supremacia ainda que intelectual, é destituída de senso.

O grau de evolução do indivíduo revela-se rapidamente pelo método. **O involuído** polemiza, o evoluído organiza. O primeiro é levado a firmar-se dominando, o segundo construindo. Um é particular, egocêntrico, separatista; o outro é universal, harmônico, altruísta. O primeiro compreende apenas pequenas verdades parciais, em função de si mesmo; o outro abarca verdades universais, em função de todos. O primeiro é exclusivista e não admite senão as próprias verdades, declarando falsas todas as outras. O segundo sente a possibilidade de uma infinidade de outras verdades, todas verdadeiras no universal, quais aspectos do absoluto. O evoluído pode compreender o involuído. Este pode agredir aquele, mas não o compreende. A dialética é corrosiva, divide e não convence. A fé e o amor, a bondade e o exemplo convencem. Mais do que com a razão e a discussão, a verdade se conquista com impulso da mente e do coração. Semelhante conquista é sobretudo um abandono em Deus. Assim como nós não criamos a vida, mas se a vivemos é porque a vida vive em nós, assim também se nós compreendemos não é porque nós tenhamos criado e descoberto a verdade, mas é porque a verdade entrou em nós.

Chegamos assim ao termo deste novo labor. Eis uma nova série de experiências morais e materiais, vividas e realizadas nas vicissitudes cotidianas, alinhadas ao longo do caminho da vida. Elas formam uma nova série de conceitos expostos neste volume. Pode-se agora frear este pensamento? No passado, cada ponto de chegada precedentemente atingido, tornava-se para mim um ponto de partida para novos empreendimentos. Diz-se muita coisa e no entanto nada se diz. É verdade que o passado se distancia cada vez mais, mas o futuro permanece no infinito. Olho, com uma sensação de temor, esse vertiginoso infinito que nos espera a todos.

Como não se pode frear a vida, para a qual existe sempre um amanhã, como não se pode frear uma maturação biológica, assim também não se poderá frear esse pensamento que em mim continuamente nasce. E ele continuará a nascer assim como a vida continuará sempre a nascer em mim e em todos. Sinto a atmosfera do meu aposento carregada de vibrações conceituais, ali já impressas de maneira imponderável, não perceptível senão aos sentidos da alma. E esta, depois de ter feito suas essas vibrações, assimilando-as ao próprio sistema de forças, deve transmiti-las ao cérebro para que as registre em formas racional e analítica, depois as configure em palavras e, por fim, por meio da mão comandada pelo cérebro e sistema nervoso periférico, materialize-as em forma escrita. Eis o meu trabalho! Assim este pensamento continuará a desenvolver-se em novos volumes, carreando-me para novos horizontes, na direção em que sou impelido, isto é, desenvolvendo cada vez mais o processo de sublimação, que é o conteúdo desta III trilogia. Esta sublimação opera o que pode parecer também uma estranha transformação da personalidade. Antes de tudo transformou-se em mim o método de registro conceitual e é natural que o progresso

evolutivo conduza a essas transformações. Enquanto que nos meus primeiros escritos como *Mensagens Espirituais* e *A Grande Síntese*, tratava-se de recepção direta, por via inspiratória, de uma fonte de pensamento da qual eu era puro instrumento ainda que em plena consciência, isto é, tratava-se do registro de um pensamento já **formulado**, que eu simplesmente **recebia** (não era mediunidade ou ultrafania passiva em transe), agora, progredindo, tendo-me assenhoreado da técnica do método da intuição, a recepção sucede não apenas como simples recepção, mas pela livre observação da substância das coisas, pela leitura do pensamento diretor dos fenômenos, por visão direta, com uma nova capacidade visual interior, dos conceitos que presidem ao funcionamento orgânico do todo. É assim que os quadros dos últimos volumes se apresentam, não em forma inspirativa, mas como **visões** em que simplesmente descrevo as minhas observações hipersensórias. Assim se explica a substituição da linguagem dos meus primeiros escritos, que não era minha, mas de natureza transcendental, por uma linguagem racional e normal. Assim poderá parecer que a segunda parte, mais recente, da minha produção, não passe de uma explicação racional da primeira. Não. Nenhum dos meus escritos é produção minha pessoal ou criação da minha mente. Apenas se dilatou e aperfeiçoou a via da minha percepção. Se antes eu era instrumento, agora sou espectador quando muito observador, mas jamais criador da minha obra, que é de Deus e somente de Deus.

Mas a sublimação opera no meu caso também uma outra transformação. Efetivamente devo atravessar, com a minha sensação, a grande revolução biológica representada pela demolição do próprio eu como unidade egocêntrica. O altruísmo e o sacrifício de si mesmo, além da lei de vida, em plano moral, o é também no biológico. A vida é uma transformação e querer paralisá-la em uma existência separada, encerrando-se no próprio egoísmo conservador, ao invés de abrir-se em um altruísmo inovador, isolar-se na corrente, o ser acarreta punição com o estiolamento até à extinção. A vida é feita de tal maneira que enquanto tende egoisticamente a conservar-se, compensa essa tendência com a oposta, pela qual ela se empobrece ao desejar conservar-se e se enriquece ao dar-se. O egoísmo mata, o altruísmo é genético. O Evangelho diz que quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á e quem tiver perdido a sua vida (por causa do Evangelho que é amor), a encontrará. A vida, fonte de tudo, nega-se a quem se nega a ela, entrega-se a quem se lhe entrega. Ela é uma troca. Tudo isto nos é dito pela célula que nos mostra que a vida que dura é a impessoal. Isto nos revela uma grande lei do ser que nos diz que para sobreviver é necessário não isolar-se com o fito de conservar-se, mas perder-se lançando-se na grande corrente da vida. E necessário assim, desindividualizar-se, despersonalizar-se. como sucede no amor que se dá. Quem se coloca como centro, separa-se e morre. Poderemos, pois tanto mais usufruir da vida, quanto menos pensarmos em nós mesmos.

Sendo o universo construído em esquema de um único tipo, encontramos essa lei verdadeira, quer no reprodução como no amor evangélico pelo próximo. Em ambos os casos a vida se recusara a nós, se nós nos recusarmos a ela e não revivermos, quer no primeiro como carne, quer no segundo como espírito. Em biologia é o não-indivíduo que permanece e não o isolado. O amor é a voz da vida total; que exige altruísmo para substituir em um eu mais vasto, do qual o ser vivente é uma célula e a sua vida um momento, de modo que, como indivíduo separado, como eu isolado o ser parece mais uma negação, um limite à vida toda, que é eterna e universal.

Eis o conteúdo da sublimação. A um certo grau de evolução o eu se despersonaliza e se funde na humanidade. É na imensa dilatação de si mesmo em todos, um egoísmo que se torna tão amplo, que abarca a todos. Parece que se perde, mas na verdade conquista-se uma vida maior, que é dada pelo eu impessoal, o qual não pode perecer. Não se concebe mais. o eu agressivo, que combate para vencer e esmagar, porque os outros se tornaram ele mesmo. Só se conceberá inversamente o eu que ama, luta e

sofre para ajudar os outros, porque ele se tornou eles mesmos. Então o eu separado morre, desaparece e passa-se a sentir como própria a dor, a responsabilidade e o dever de ascensão do mundo. É inútil rebelar-se contra essa lei de vida, que a um dado ponto do nosso caminho nos prende, como jovens são presos pelo amor. É a vida que assim quer. Tudo é biologicamente lógico. Então a existência só pode ser missão.

GUBBIO, PÁSCOA DE 1950